

OS MITOS AFRICANOS
NO BRASIL

2022

SOUZA CARNEIRO

OS MITOS AFRICANOS NO BRASIL

CIENCIA DO FOLK-LORE

Ilustrado com 30 gravuras e as fontes etimologicas
de mais de 500 termos afro-brasileiros

ILUSTRAÇÕES DE CICERO VALLADARES



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo Rio de Janeiro — Recife

DO MESMO AUTOR

O numero de obras publicadas pelo Prof. Dr. Souza Carneiro entre 1905 e 1934 aproxima-se de uma centena, motivo porque indicamos aos interessados em estudos e assuntos do Folk-lore do Brasil as seguintes:

Mamíferos, Aves, Reptis, Batráquios, Peixes, Insetos, Miriapodos, Crustáceos, Moluscos, todas premiadas e sobre o Estado da Bahia.

Riquezas Minerais do Estado da Bahia, também premiada.

Plantas textiles e vimineas, Plantas taníferas, Plantas que produzem cêras, gomas e resinas, Plantas lactescentes, Plantas forrageiras, Materias corantes vegetais, Plantas oleíferas, Plantas medicinais, Madeiras de construção, todas premiadas e sobre o Estado da Bahia.

A *Nova Orientação das Monografias Descritivas Regionais*, julgada por unanimidade do V. Congresso Brasileiro de Geografia como tipica e modelar para trabalhos desse genero.

A *Pesca da Bacia, A Sêca, A Bacia do São Francisco, O Mórro e o Santuario da Lapz, A Cachoeira de Paulo Afonso, Aguas subterraneas da Bacia do São Francisco, O Norte de Minas Gerais, Riquezas do Brasil*.

A *Borracha no Estado da Bahia, A Industria da Borracha no Brasil e Rubber in Brazil*, esta ultima em inglês, todas publicadas e premiadas pelo Governo da Republica.

Mineral Resources of the State of Bahia, Manganese in Brazil, Copper in Brazil, em inglês, e *Chanaan*, em francês.

Meu Menino e Firandungo, romances da Biblioteca Brasileira de Tradições, ambos tendo negros por principais personagens e o ultimo com um Elucidario de mais de 800 termos em uso no vale do Itapicuru e nas margens do São Francisco.

A obra a seguir será, em continuação a esta:
BRASILIA — (Linguagem e Tradições Amerindias)

P a r a

GEORGINA,

AMERINA,

ADILIA e

IRIA

de Souza Carneiro.

TABOA DAS MATERIAS

Notas do Autor	15
--------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

A LINGUAGEM POPULAR E O FOLK-LORE

Capitulo I. Nucleos da Linguagem Popular	21
--	----

Os três elementos de formação da Linguagem Popular Brasileira. Os três grandes centros de formação do Norte do Brasil. A linguagem erudita do Norte. A influência do Quimbanda. A influência do T. U. e a linguagem desta língua. O Galão Maranhense. O Galão Pernambucano. Os campos de investigação que a Bela Arte oferece. Divisão e distribuição de seus gêneros. O Galão do Recôncavo Baiano no estudo da evolução da Língua Portuguesa no Brasil.

Capitulo II. Fichas Folk-lóricas Brasileiras	37
--	----

A dupla feição, universal e nacional, do Folk-lore. Nem "escolas", nem "mestres". O contacto com os meios e a formação dos Folk-lóricas. As fichas folk-lóricas Brasileiras. Areas da civilização. Meio cíclico. Ambiente cíclico. Título. Gênero. Personagens. O lóbo, o gualungo e o birho-pontuê. Feição e seus característicos. Alguns casos no Folk-lore Brasileiro. Argumento. Ciclo temático universal. Ciclo nacional e suas subdivisões. Ciclopes, réguas e ciclamanas. Ciclos ciclopiras, universais e nacionais. Ciclo dos torens e tabus. Expositos. Meio de expansão. O Folk-lóricista Brasileiro e seus enigmas. Ciclos literários. A evolução científica.

Capitulo III. A Feição Brasileira	74
---	----

Tipos da exposição. Feição Folk-lórica. A Feição Colonial. A Pedra e o Tubarão. A Feição Americana. O conto do Tupi.

nome Feição Americana paula. — *O 1º e o 2º*. Três
 lições de Feição Americana. — O *Desenho do Colômbio*. A Feição
 Afro-negra. *Oleto negro*. Uma noção dos *Mexes*. Uma peça
 em forma indeterminada. A Feição *Luz*. O *Dispositivo*. Feição
 moderna. *I. História*. A Feição *Colômbio*. O *Sino* e a *Guirlanda*.
 A Feição *Grande*. Feição *Colômbio*. *P. Rajada*. *Teatro*. *Moldura*.
A arte da Bolinha Bala. *Festa* contemporânea. *Olho* e *bolha*
dela. A Feição *Mexica*. O "estabelecimento" dos negros. *En. cêso*
da obra. A *Musculatura* e a *Extensão* do Rio de Janeiro. A *Con-*
dição e a *Coexistência*. O grupo dos "isolados" de *Pajoca*.

Capítulo IV. Os Problemas do Indianismo 96

Como se manifestam e não se ligam. A dispersão dos Indianistas
 com o auxílio dos *Alcorões*. A *plumbea* e no *Indiário*.
 Os *problemas* que a *Índia* não *resolvia*. *Cora* *caia* e *caia* e
 sua *condição*. *Cópia* e *Cópia*. A *Índia* do *1º*
 A *Cooperação* de *M. Moraes*. *Falho*. *Cooperação* com
Yucatan. *Quem é e onde vive*.

Capítulo V. A Feição Afro-negra 125

O *estilo*. Como se penetra e a *secreção* da *Mitologia* Afro-negra.
 A *riqueza* da *Folclora* Afro-negra. A *influência* *francesa* no
Resumo *Bahiano*. A *Poesia* *Popular* *Norte-Brasileira*. A *Moldura*
 A *Dança* *Popular* do *Norte* e sua *proveniência* *no* *1º*. O *Colô-*
mbio e a Feição *Afro-negra*. O *Quilombo* *Brasileiro*. *Bras* e
 a *comparação* *afro-negra*. O *estilo* *característico* da Feição *Afro-*
negra.

Capítulo VI. As Quiméras Afro-negras 139

A *Língua* *Brasil* *Africana* e a *Língua* *Brasil* *Brasileira*. *Trovações* da
Língua *Brasil* *Africana* no *Brasil*. *Portugal* do *1º*. "Brasil"
afro-negra no *Mito* *Brasileiro* — algumas *versões* de *Mito*. A
previsão das *previsões* *no* *1º*. *Permanência* e *alteração* *dos*
previsões. *Símbolos* dos *previsões*. O *Quilombo*. O *Kazulo* e a
Festa. *la* *colaboração* *Six* *o* *após*. *Qual* *folclora*. *Classifi-*
cação de *Mexico* *Mexico* e a *Feição*. *Necessidade* de *com-*
paração de *algumas* *previsões* do *Folclora* *Brasileiro*.

Capítulo VII. O Sacrifício e a Divinização dos Totens Afro-negros 158

Folclora, *teatro* de *arte* — *tabús*. A *mitologia* do *Folclorista*
 nos *previsões* *afro-negros*. *Os* *leis* do *Ofício*. A *caixa* de *100* dos
sacrifícios. A *expressão* do *previsões* e as *manifestações* do *júbilo*.
 A *mitologia* da *arte* dos *previsões* *Sacrifícios* e *arte* *no* *estilo* dos
previsões *públicas*. *Sacrifícios* *no* *estilo*. *Sacrifícios* de *pac* e
bravura. O *estilo* *no* *1º* de *Apresentação* *no* *1º*. O
estilo de *previsões* *afro-negros*. *Cega* *algum*. A *teatra* dos *estilos*.

Mandar para as Gambúas. Botar Exú no caminho. Botar Exú na enxada. Meter o diabo. A parte de Exú. Os sacrifícios no Cristianismo. Os personagens folclóricos reflexos das sociedades e religiões antigas. "Totens e tabús no bicho dos fetichistas". Caso da cabóia. Art. 1.º Ramos analisa o porquê da verificação dos totens e tabús.

Capítulo VII. Mitos Brasileiros 174

Necessidade de uma revista nos principais Mitos Brasileiros. *Exú*, *Exu*, *Mulungu-Cabeça* e *Povo-Mágico*. Os Nactérios típicos dos Folcloristas. O *Saci*, *Saci*, *Saci*, *Saci* e *Chibambá*, *Fogo-fausto*, *Minhoca*, *Mãe-d'água*, *Tutu*, *Bich* e *Mandú*, *Curupira*, *Itupeté*, *Itapaná*, *Mangueira*, *Quibungo*, *Mãe-do-Cabêlo*, *Vale Cabral* e *Clayton*, *Mãe-Pelada*, *Côpo-Sôco*. *Leões* e *leilas*. Uma "biblioteca" e as verdades de que trata. Um estado que não se justifica. A Mítica Americana. As diferenças dos Mitos. Respostas valiosas e resultados positivos.

Capítulo IX. Ciência Brasileira 185

Mitologia Africana na Mitologia Brasileira. A Arte do Folclore Brasileiro. O "Estado" em relação com o "Mito". Mitos e Mitologia.

SEGUNDA PARTE MITOS AFRO-NEGROS

Capítulo X. Gongá (Quigongo ou Gungá) 195

A destruição inconsciente da culta gôa atribuída pelos homens a outras cultas. A Mitologia Africana oferece quadros surpreendentes e concepções e de bellos. Gongá. Noventa. A lenda de Gongá e seus conceitos. Particularidade de seus aspectos afro-americanos. As peças lusas. O Naxo de Pedro. A formação das coças.

Capítulo XI. Chibamba (Quibamba ou Sassú) 206

O col dos Mitos Afro-americanos. Características. *Bamba*, *Confança*, *Chibamba* na alegria popular. O *Beija-flor*, da coltânea Silva Campos. Tradução do quinto. O *Chibambá*, da mesma coltânea. A caracterização de *Chibambá* neste conto. Repertório e particularidades. *Quibambá*, Argumento. Nova caracterização. O *Buzaco* que vivia *Beirão*, da coltânea Silva Campos. O cura, *delegado* pelo *Quibambá*. - *Chibamba*, *Tutu-Babú*. Argumento. Particularidades sobre o *Chibambá*, *Nronza*. Episódio paródico. Sua interpretação. A *Bamba* *Quixote*. O quinto e último elemento da *Criação* na Mitologia Afro-negra.

- Capítulo XII. Aquilão-Grilo (Quilangrilo ou Mestre Aquilão)** 235
- Apostogucamento dos nomes ameríndios e afro-negros. Uma feição lusitana. Aquilão-Grilo. Argumento. O retrato da Humanidade. Uma quadrilha popular.
- Capítulo XIII. Gunocô (Alma-de-Ogun ou Arigófe)** 242
- Dudu e Mandú. Gunocô e sua caracterização. O mito das almas-gêmeas sem a caracterização dos Mitos. Gunocô. Caricões = Bahianos. Gunocô feito Arigófe.*
- Capítulo XIV. Dudú-Calunga (O Homem da Cova ou o Caperga)** 252
- Mistérios que se desvendam. A lenda do Biriba-Humbert. A lenda do Pé-de-Carrado. A lenda de Calunga. A lenda do São-Peregrino. Dudú-Calunga. Argumento.
- Capítulo XV. Calunga-ngombe (Calunga-ê ou Tutú-Gombê)** 259
- A confusão dos mitos feita pelos Políglotas. Caracterizações de *Calunga-ngombe*. O grão da lenda. *Calunga-ê* nos dois dos ramos. *Calunga-ê* nos seguintes d'O Inham e o *Canarioto*. Os castelões Sítia Campos. A lenda de separação. O mesmo Mito e os diversos nomes no Brasil. As denominações e o Tutú-Gombê. Passagem da Magalhães sendo *Calunga-ê*. As denominações de Sítia Campos. Um conto reduzido a suas proporções. Lenda de Boi. Não há confusão. Necessidade de reconstituição dos Mitos.
- Capítulo XVI. Manhangombe (Mãe-de-Boi ou Tutú-Mulher)** 267
- Doas plantas com o mesmo nome. *Manhangomito* e sua caracterização. A lenda da Mãe-de-Boi. As "histórias" da Mãe-de-Boi. *Nazabá-ngombe*. O *Rancho do Boi*. A *Dança do Boi* no Sertão.
- Capítulo XVII. Os três Mandús (Mandús Zambê, Cambê e Manê)** 273
- Dudús, tutús e mandús afro-negros. As festas de Iemanjá em Itaparica, no século passado. Antatés e os pais-de-terreiro de agôra. Os três Mandús. A confusão dos mitos.*
- Capítulo XVIII. Tutú-Zerê (Tutú-Lagartixa ou Tutú-Quita)** 280
- Caracterização. O escaravêlho na Mítica Conguista. Tutú-Zerê.

Capítulo XIX. Tutù-Moringa (Bicho do Mato ou Tutù-Roncador) 283

A "história" de Tutù-Moringa Vair Catal e os mitos Tutù-Moringa.

Capítulo XX. Quibungo (Bicho-Mongongo ou Bôca-nas-Côstas) 287

O primeiro relato de Quibungo por Nina Rodrigues. Quibungo, como de discreta entre molândes e luanos. O Quibungo e o Homem, de Nina Rodrigues. O Quibungo e a Cachorra, de Nina Rodrigues. O Quibungo e a Filha Longão, de Basílio de Magalhães: este quibungo e o Negro Felão. Estudos na caracterização de Quibungo. As variações de Quibungo. Capelôbo... Investigações nos textos e legendas por Silva Campos. A coletânea Silva Campos. A obra de Basílio de Magalhães. Em *A Ilha da Carneira para o Quibungo* o Mato é o Quibungo luaniano e não o Quibungo apollô. Em *o Quibungo e o Mito do Mato da Ponta*, conto de luanos molândes, ainda se trata do Quibungo e não o Quibungo, do momento que se trata do luanos. A Menina e o Quibungo. Paralelos. Em *O Bicho Comum* há um outro Mito Afro-oculto diferente de Quibungo — o Comum-Cambô ou Bicho das Fitas e o Bicho-Cambô também não há Quibungo — é uma das modalidades da Mãe-parece-me, *Bicho-Cambô e Bicho-Cambô*. Tuti-Moringa e não um de afro-oculto. *Relatos para os pesquisadores de São-Paulo* conta a Fábula do Quibungo reduzida a três partes. *Contos de Minas Afro-ocultas no Brasil. O Quibungo na Festa da Aranha. Aspectos Característicos de feição afro-oculta. Ações "Incomuns" característicos dos mitos. A obra das costas. Os Mitos e as suas variações. Modelos de identidade. Quibungo-Rei. O episódio "A História do mito". A origem. Quibungo-Molândes. A involução de Quibungo. molândes e outros negros versus Molândes. Cobiêdo.*

Capítulo XXI. Misêso de Itambi (Contos de Exéquias) 317

O estudo de parâmetros. "Noite de amor". O Cavalo de Jumento. Quibungo. Reportagens sobre Chomamama. Quibungo. *O Sapo Negro*. *Contos de Minas Campos. O Bicho-Pingão*, de Lindolfo Gomes. *Quibungo. Zambô-oculto. Nana-Cambô. Zambô-oculto. Luanos-oculto. Contos de Minas Afro-ocultas e Cobiêdo. Cobiêdo-Rei. Cobiêdo-Rei. Cobiêdo-Rei. A Cobiêdo e o Luanos. Anansi e o Mimbombô. Anansi e o Filho de Anansi.*

Capítulo XXII. Contos Haussás 347

Os Haussás transmigrantes e senocultores da Folklore Afro-oculto. A Mãe-da-Guerra. A Trapa da Serpente. *Serpente. O Carruagem-Voador. Polvo de Basmilha. Otigão. A Lira Invenção. O segredo nos humanos. Em Bahia e no Norte de Minas Gerais. Para-Quibungo. Rota primitiva. O Príncipe Negro-oculto. Anansi. As Adições da*

Rei. Comentários. Os Contos Haussás nas Festas dos Gandoabliés. Os Haussás, os seus costumes e do mesmo Folk-lore. Um conto a mãe sobre Quilungo. A Mãe e o Filho. A Mãe e a Luchorra. Os Contos Afro-negros. Um conto do negro sobre o Chibamba. A Cantiga da Jardineira. Contos e Aes de la terra de Angola. Traduzidos Haussás.

TERCEIRA PARTE

ELUCIDARIO

Nota	389
I. Nucleos da Linguagem Popular	393
II. Fichas Folk-lóricas Brasileiras	396
III. A Feição Brasileira	399
IV. Os Problemas do Indianismo	403
V. A Feição Afro-negra	407
VI. As Quinéras Afro-negras	409
VII. O Sacrificio e a Divinização dos Totens Afro-negros	407
VIII. Mitos Brasileiros	409
IX. Ciencia Brasileira	410
X. Gongá	419
XI. Chibamba	412
XII. Aquilão-Grião	453
XIII. Gunocó	461
XIV. Dudú-Calunga	464
XV. Calunga-ngombe	465
XVI. Manhagombe	466
XVII. Os três Mandús	468
XVIII. Tutú-Zeré	472
XIX. Tutú-Moringa	473
XX. Quibungo	474
XXI. Misêsos de Iambi	476
XXII. Contos Haussás	482
Elementos para a Etnia Brasileira	485
Conclusão	506

ILLUSTRAÇÕES

Posição das figuras em paginas do texto:

FIG. 1. Gongá. Vem-se as pedras rindo-se, o matombo e a floresta em fogo	195
--	-----

- FIG. 2. A dança do pato (Bamba) com a mulher que traz o filhinho amarrado ás costas (Bambum) 210
- FIG. 3. Chibamba, tecendo puita com as azas e garganteando uma maconga, dança lundú com as mutambes 219
- FIG. 4. Chibamba, tutú congguês. "Bamba, Chibamba, Bambê, Bamberê-o" 224
- FIG. 5. Aquilão-Grilo conforme o rabisco de um acalô. Cicero Valadares figurou os demais personagens do conto 237
- FIG. 6. Gunocô, conforme o rabisco das paredes do candomblé da Cruz do Cosme. Muito semelhante ao Duk-duk, espirito do castigo no arquipelago da Nova Breanha. Muito retinimentar deante do Juggernaut hindú 245
- FIG. 7. Arigófe. "Não tem barriga, não tem tripas, não tem bôfes". Tal como se suppunha Gurocô antes de ser mondongo ou calunga ou de ser elevado a Oxalá 248
- FIG. 8. Arigófe tornado mondongo ou calunga no seculo XX 250
- FIG. 9. Dudú-Calunga (Osonhe) e sua maravilhosa cára. No fundo a montaria, a Galinga (antilope) 256
- FIG. 10. Calunga-ngombe, Calunga-ê ou Tutú-Gombê. O mesmo Negro-Velho, de Minas Gerais, Leva-Meninos, de Sergipe, Velho Catimbozeiro, de Alagoas, & 261
- FIG. 11. Manhangombe, — a "váca" na bôca das mulheres. Toma-lhes os maridos, os arcantes, os noivos, os namorados e até dá nos homens 269
- FIG. 12. Os três Mandús: — zambê, cambê e manê 278
- FIG. 13. Tutú-Zerê, congguês, que descompõe as "dormideiras" quando não o deixam papar as crianças 281
- FIG. 14. Tutú-Moringa correndo á toda pressa em busca do veleiro em que seus filhos foram embarcados 284
- FIG. 15. Quibungo numa de suas façanhas em Angôla 313

FIG. 16.	O Itambi de Pai Alaké. "Negro nagô quando morre, vai na tumba do banguê" . . .	319
FIG. 17.	Eleré coçado e queji do culto gege-iornbarô	321
FIG. 18.	Jannina montada no Hipsocampo. Os afro-negros tinham a certeza de ser o Cavalão-Marinho pequeno só á vista dos homens. Jannina tornou-se "branca" no século XX. Também no culto dos brancos há São Benedito e Santa Efigenia	321
FIG. 19.	Iemanjá montada em Logosé. Na Africa, ha tartarugas de mais de dois metros de comprimento	326
FIG. 20.	Chimuamua apertando um ser humano. Quitungo, a Morte	328
FIG. 21.	A alma do Denbo metamorfozou-se num Quizezê e o Cubê que a guardava numa grande Munganga	330
FIG. 22.	Quipongo. Ao fazer pulo para saltar o rio, vomita a sua vítima. A lenda de Jonas é menos interessante	332
FIG. 23.	Cassarungongo e Iasi-Calunga-iba, símbolos do amor feliz	339
FIG. 24.	A infancia de Calunga-tubia	342
FIG. 25.	A Cambinda e o Luango. Muito amor, muitas ilusões	344
FIG. 26.	A Aranha espreita o Marimbondo enlinhar-se no quicóingue de sua toca	346
FIG. 27.	Mãe-do-Murdo surpreende o caçador e o impede de aproximar-se da Mãe-de-Ouro	359
FIG. 28.	O Caranguejo-Voador apostando com a hahe	351
FIG. 29.	A Cachorra assombrando a Mulher Per-versa	376
FIG. 30.	Chibamba, o Príncipe Jar-gineiro e a Princesa	381

NOTA DO AUTOR

Ha mais ou menos quarent'anos que nos resolvemos a registrar peças folk-lóricas e termos da Linguagem Popular como qualquer desses que os juntam a título de divertimento ou de curiosidade.

O tempo e a experiencia nos surpreenderam revelando os caminhos necessarios de serem palmilhados com o auxilio das principais linguas afro-negras, que não conheciamos, e da lingua geral amerindia, que já vinhamos estudando, além do trato diréto com africanos e indios e seus descendentes mais proximos, — condição indispensavel á soluçáo de problemas cujo vulto se esclareceu posteriormente, obrigando-nos a destruir, sem saudades, tudo que, por nós coligido, já era ou apparecia publicado por outrem.

Trinta e que anos de magisterio superior, de viagens impóstas pela profissáo, de recreio em terras distantes, associaram-se a esse passatempo, — grande companheiro dos dias amargos e tristes e das surprêsas e investidas do destino, em que, não raro, nosso espirito alentou-se, esquecido dessas máguas, na barafunda dos mitos infestados por outros e das transformações dos vocabulos anotados para estudo.

Nada escapou a esse exame, cuja necessidade de trazê-lo a publico o tempo sabiamente dilatou, evitando assim que se pudesse penetrar nesse longo e demorado trabalho de muitos anos

que sempre nos pareceu falho, incompleto e adiável.

Os cabelos brancos, sobrevindo com a idade, e a intelligencia, cedendo ao pêso dos males que levam á improdutividade e ao descanso, nos convenceram chegada a occasião de trasermos a lume esses estudos que tem o defeito capital dos estilos diferentes, que revelam epochas diferentes de suas redações, das nôtas intercaladas de acôrdo com as oportunidades, dos assuntos às vezes repetidos e mais desenvolvidos nuns do que em outros capitulos, nos quais a critica instante por outro se exalta no reprimir habitos que nos pareceram inveterados ou contrarios á evoluçào a que atingiram as Ciencias, as Letras e as Artes no Brasil.

Este livro é, pois, o resultado de estudos proprios, de pesquisas proprias, de conclusões proprias, — alguma coisa de diferente sobre o que se ha dito e escrito sobre Mitos Brasileiros, sobre Folk-lore do nosso Paiz, sobre o Fabulario Afro-negro, — inicial de outros que possivelmente virão, cada um a seu tempo, focalizando novos assuntos, novas revelações e novas idéas.

* * *

Aqui, — e é justo, — registamos nossos melhores agradecimentos a Cicero Valadãres, um dos redatores artisticos d' "O Tico-Tico" e d' "O Malho", que tão interessadamente se prontificou a ilustrar alguns contos, dando assim idéa de Mitos que ele tambem conhece do Recôncavo Bahiano, de onde é filho.

AVISO

Este livro foi programado na BRASILIANA, 5.^a série da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, antes de aparecer a obra de Edison (de Souza) Carneiro, filho do Autor. — RELIGIÕES NEGRAS, da *Biblioteca de Divulgação Científica*. — não conhecendo um os escritos do outro, achando-se Edison na Bahia e seu Pai, desde maio de 1934, no Rio de Janeiro.

Apezar dos assuntos tratados nessas obras serem diferentes, o Leitor encontrará pontos de contacto entre ellas, sem que nestes haja colisão de observações nem de registos, mas, ao contrario, assuntos que pedem leitura, pois Edison os encara e ilustra sob outros aspectos.

PRIMEIRA PARTE

A LINGUAGEM POPULAR E O
FOLK-LORE

CAPITULO I

NUCLEOS DA LINGUAGEM POPULAR

Os três elementos primordiais da formação dos Ternos Brasileiros foram:

a) a *Português* dos seculos anteriores aos da Independência;

b) a *Lingua Geral Africana* citada pelos Portuguezes desde antes do descobrimento do Brasil, baseada no Quimbundo e por êes levada a Mossamédes, Benguéla, Congo e Ilas de São Thomé e Príncipe;

c) a *Lingua Geral Brasileira* eleita pelos Portuguezes para o trato com os amerindios do seculo XVI e subseqüentes, baseada no Tupi da Práia ou Tupi da Bahía, lingua geral dos Tupiuambás e outras nações com as quais entraram em contacto.

A ação e a fusão dessas três linguas desenvolveram-se, no Norte do Brasil, em três grandes centros de erudição dos catequistas, de catequese das massas selvagens e de penetração do paiz: —

1.º — BAHIA. — *a cidade mais velha de toda a America*, — centro de civilização e de governo da Colonia, ou para onde affluia durante trez seculos a náta da erudição que veio á America Portuguesa, feito, nos seculos XVII e XVIII, não só pôrto obrigado de escola

das náuts portuguezas que iam e viuham da Africa como tambem de distribuição de escravos, — foi onde mais se desenvolvem a eultúra e a adopção dos termos da Língua Brasileira e mais cresceram, em numero, os recebidos da Língua Geral Africana, sinão tambem, pelo concurso dos letrados e dos mest'ços, mais se accentuaram as construções de termos n'ovos com elementos proprios á Língua Portugueza.

2.º — PERNAMBUCO, — centro de civilisação do Nordéste, onde primeiro penetrou o escravo n'egro e onde os Termos Tapúias do interior assoberbados pelos Termos Tupis do litoral permitiram que estes invadissem os sertões onde, com o concurso dos afro-negrismos e do Português dos Colonisadores, se foram construindo Termos Brasileiros mais ou menos semelhantes ou iguais aos do outros centros, sinão mesmo n'ovos e ainda correntes em nossos vocabularios sertanejos.

3.º — MARANHÃO, o menos revelado até agora e por isso havido como de menor importancia, — centro de civilisação do extremo Norte, onde o Nheengatú ao lado do Ananheenga, linguas que em seus territorios se falavam, deixaram, na linguagem popular, vocabulos quase intactos de transformação e onde os afro-negrismos não sofreram grandes modificações, predominando assim o Português dos Colonisadores ao lado das Linguas amerindias, bantas e sudanêsas em Termos Brasileiros na maioria não referidos nem dicionarizados.

O Português falado nos seculos XVI, XVII e XVIII ficou (e ainda está) nessas trez cidades-centros e irradiou-se mais edstrito ao do seculo XV e anteriores do que ao dos tempos que succederam ao descobrimento.

É isso que se nota na linguagem do povo do Norte e Centro do Brasil, embora que os escritores não correntes na evolução da Língua primem no desprezarem esse factor historico e divaguem no vilículo da "linguagem errada", justificando-a com razões obtusas e impróprias.

O Quimbundo, como principal das linguas bantas da Língua Geral Africana, chamada geralmente LINGUA DA ESCRAVATURA ou LINGUA DA ESCRAVIDÃO, repercute em muitas centenas de vocabulos, na maioria corruptos e alterados, ou desviados das pronuncias primitivas, o que não o impediu de ser, das linguas afro-negras, a que mais concorreu para formar Termos Brasileiros.

Depois d'ele, e com firmesa invejavel, o Nagô ou Iorubês, mais conhecido por Língua Iorubana ou Iorubá, que, ao inverso do que pensaram os Portuguezes tornando Geral a Língua de Angóla, fez-se, na sêde da Colonia, em harmonia com o Gêge, o dominador dos Termos dos cultos fétiches, e sem perder a preponderancia nos Termos da culinaria, dest'arte farton-se, com essa Língua, de vencer o Quimbundo e intervir na adopção quase integral de seus vocabulos.

Infelizmente, afóra a contribuição valiosa de Nina Rodrigues e Arthur Ramos e as revelações de Manoel Querino, da Bahia, e os estudos mais modernos de Jacques Raimundo e Renato Mendonça, do Rio de Janeiro, mesmo os de Macedo Soares, incompletos, e outros apparecidos até agora, perdem de importancia nesses trez centros norte-brasileiros onde, nestes ultimos tempos, a obra de mais interesse seria, para completar a notavel de Gilberto Freire, de Pernambuco, a que demonstrasse a infancia da adopção dos vocabulos afro-negros no Bra-

sil, desviando-a tanto quanto possível da corrupção dos Termos no Rio de Janeiro, onde mais se pervertem suas acepções e suas pronanças e onde mais se os adultera e até se os inventa para satisfação de v.ia. fêbre de sambas e de maculebas sem quase mais nada de afro-nêgros.

O Tupi é o cavallo de batalha de nossos chamados Indianistas.

De fato essa Língua concorreu, como era natural, com um certo vocabulario, mas, — não necessitamos mentir, — somente José de Anchieta e Gonçalves Dias penetraram que havia sutilezas que deviam ser vistas por prismas diferentes dos de até então, — o que ninguem fêz até agóra.

No Tupi dos Indianistas Brasileiros, o que se vê é mais Guarani, — língua desconhecida no Norte, — ou sinão mistura de ambas, razão porque não pequenos e em parte judiciosos são os protestos dos que viajam e vivem nas terras equatoriais, ora se insurgindo contra a Língua Geral Brasileira, justamente a que deu o maior numero de vocabulos em uso no Brasil inteiro e a que chamem *Língua Artificial dos Jesuitas*, *Tupi da Praia*, *Tupi da Bahia* e *Tupi da Costa Bahia-Maranhão*, ora querendo se adóte o Nheengatú como regulador na correção dos Termos Brasileiros por ser a língua mais falada nas sélvias da Amazonia.

Apesar do muito que se ha conhecido, o Tupi ainda é uma interrogação nos estudos linguísticos e será enquanto não se desvendarem ou não se descobrirem *chaves* que illuminem o que de belêsas ella é na formação dos vocabríos telegraficamente interpretados e em muitos casos sem nexo pelo empenho tão só de se relegarem no esquecimento, como se nunca houvessem existido, os Dicionarios feitos no seculo passado na Bahia e no Ma-

ranhão, onde também, como no Pará, as Grammaticas da Língua Geral e do Nheengatú foram sepultadas.

Não poucas vezes temos nos insurgido contra semelhantes processos de interpretação de alguns de nossos Indianistas e trazido a lume estudos sobre segredos do Tupi, pois estamos certos de que a missão principal desses homens seria: —

a) revelar que muitos vocábulos havidos como portuguezes são identicos ou parecidos com os tupis e que estes são os ditos e proferidos pelos sertanejos habitantes das zonas outrora povoadas pelos amerindios que estiveram sob a pénea colonisadora dos governos de Pernambuco e da Bahia, — isso porque nada podemos afirmar quanto ao Maranhão;

b) revelar *chaves*, pelo menos em nada iguais as de Bertoni, — pois temos certeza absoluta de que as nossas excederão a qualquer expectativa, — no sentido de demonstrarem ser o Tupi a lingua de menor numero de vocábulos *parecia*, como dizia Azevedo, mais perfeita de que o Grego, — embora que isso motivasse uma verdadeira revolução na obra dos Indianistas.

Depois dessas palavras se poderá dizer, sem erro nem temor, que os nossos Linguistas estão a dever muito a si mesmos e ainda mais a nós seus patrios, pois o formidavel trabalho de colêta e interpretação dos vocabulos coloniais está muito aquém do que devera ser pelo abandono em que ficou durante anos.

O Maranhão, que pode apresentar milhares de *achegas* ao estudo do **CAIÃO BRASILEIRO**, transportou-as em parte para a Amazonia, de onde reapparecem em outro vocabulario, geralmente de terras de várzea no Pará.

pois os do Acre, Amazonas e de grande parte do Pará são ricos de Termos do *Calão* geralmente chamado *Nordestino* e também do *Calão Sergipano* mais do que de outro qualquer, — o que não embarça ter a Amazonia os seus *Calões* próprios, si bem que não distribuídos nem classificados, como também não são os de outros Estados.

O *Calão Maranhense*, si bem que muito pouco divulgado e até, apesar de sua grande importancia, quase esquecido dos coligidores de Termos Brasileiros, mostra, em muitos casos, identidade com os de Pernambuco e de Bahia.

Pernambuco, pelo que já se conhece, é riquissimo de achêgas ao estudo do CALÃO BRASILEIRO.

O primitivo *Calão Pernambucano* desdobrou-se nesse genericamente chamado *Calão Nordestino*, ou da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e de uma parte do Piauí, proprio á zona semi-árida e a uma parte da zona pastoril, — e ainda na formação de muitos Termos Serfanejos de uso corrente em todo Brasil, mas o seu *Calão Praieiro* não é nem propriamente pernambucano, nem alagoano, nem paraibano, nem potiguar, nem cearense, nem piauíense, mas, como o de toda a côsta, desde o Pará até São Paulo, uma adulteração ou uma repetição do *Calão Praieiro Bahiano*, especialmente o do Recôncavo, sem igual nem semelhante na côsta maritima de nosso paiz.

O *Calão Alagoano* quase não apresenta sensíveis variantes do *Calão Pernambucano*, mas o extraordinario é que ambos não influam nos *Calões do São Francisco*, mas só na quase deserta região das cachoeiras ou na parte não navegavel do rio, cabendo ao *Calão Sergipano* o dominio do Baixo e ao *Calão Bahiano* o do Medio

São Francisco, isto é, das partes navegáveis do antigo Y-APÓ-ARA (*y-apó*, águas que inundam, inundação, *ara*, em vez de *guara* ou *uára*, o que se alimenta. — o que se alimenta de muitas águas) que os velhos cronistas chamaram OPÁRA e os modernos escriptores temendo os Indianistas, não os corrigiram com YAPOÁRA, como deviam ter ouvido os primeiros Colonisadores, pois assim ainda chamam os índios e seus descendentes, desde Rodélas, no territorio da Bahia, até Colégio, em Alagôas, sinão também os Cariris, espantados lá para as bandas do Maranhão, e mesmo os povos ameríndios da Amazonia.

O *Calão Pernambucano* em nada perdeu de sua opulencia e certamente é o que mais figura nesses ultimos anos em quantos glossarios e vocabularios vem apenas a obras relativas ao Nordeste e ao extremo Norte, — não se podendo esquecer que, apesar das contribuições valiosas e vultuosas de Rodolfo Garcia, Campos Junior, Theotônio Ribeiro, Alfredo de Carvalho, Rodrigues de Carvalho e outros, muito e muito se ha a conhecer por não d'isto nem escrito que chegue ao conhecimento de nós outros.

A Bahia oferece ao investigador um campo mais vasto de ação e de surpresas, pois, á semelhança do que de seu territorio dizem os naturalistas, que o consideram centro de concorrencia da maioria das plantas, dos animais, dos mineraes, dos terrenos e dos climas do Brasil, todo o Reconheço da Bahia de Todos os Santos foi o centro em que se elaborou a criação da mór parte dos Termos do CALÃO BRASILEIRO.

Embora conheçamos os *Calões* de alguns Estados não nos aventuramos a classifica-los nem distribui-los, motivo porque os subordinamos ás trez grandes divisões,

— *Maranhense, Pernambucano e Bahiano*, referindo as sub-divisões aos nomes das grandes circunscricões administrativas ou provincias, pois só nos cabe fazer em relação á Bahia e acidentalmente a Sergipe, sem contudo precisar ou limitar os chamações *Calões Regionais Sergipanos*.

Os Sub-Calões, Calões de Concorrência, Calões de Bacias, Calões Praieiros ou simplesmente *Calões Regionais* que formam o CALÃO BAHIANO são os seguintes: —

Primeiro. CALÃO PRAIEIRO, de Caravélas para o sul.

Segundo. CALÃO PRAIEIRO, de Caravélas para o norte até a Bahia de Camamú.

Tercero. CALÃO PRAIEIRO, da Bahia de Camamú até a fóz do São Francisco, ou melhor, *Calão Bahiano-Sergipano*, — a fonte mais abundante de Termos Brasileiros que se estende até o maximo de cento e vinte quilometros para o interior, — com algumas *Calões Particulares*, como os de Estancia, São Christovam e Marim-Larangeiras, em Sergipe, e um *Calão-Mestre* que é o do Recôncavo Bahiano.

O primeiro vi se misturando com o *Calão Capizába* e tambos com o *Calão Fluminense*.

O segundo oferece *vagas* nas regiões de matas e nas encançeras de Be monte, Canavieiras, Ilhéus-Itabuna e Tacaré-Itapira, sendo que na de Ilhéus-Itabuna vem se operando a inersão do *Calão Sergipano* e, em pequena parte, do *Calão Nordestino*.

O terceiro apresenta os maiores tesouros de antiguidades, de variedades e adiplaçcs, no qual predomina o *Calão do Recôncavo Bahiano*.

Quarto. CALÃO DO RECONCAVO BAHIANO, *Calão Mestre* ou *Calão Básico do CALÃO BRASILEIRO*.

Quinto. CALÃO DO ITAPICURÚ, *Calão-Mestre dos Calões Sertanejos*, adeante enumerados, incluindo o *Calão dos Mineradores*, o *Calão dos Criadores* e o *Calão dos Lavradores*, — que é parte do *Calão Sergipano*.

...Sexto. CALÃO DO VASA-BARRIS, incluindo o *Calão dos Criadores* e *Lavradores do Vasa-Barris*; — que também é parte do *Calão Sergipano*.

Sétimo. CALÃO DOS SERTÕES DE CURAÇÁ, que se estende até as divisas Bahia-Sergipe, do Xingú às cabeceiras do rio Real, incluindo o *Calão dos Criadores*; — que também faz parte de *Calão Sergipano*.

Oitavo. CALÃO DO MEDIO SÃO FRANCISCO, isto é, da bacia do São Francisco, exceptuadas as bacias do grande e do Corrente.

Nono. CALÃO DOS TRIBUTARIOS NAVEGAVEIS DO MEDIO SÃO FRANCISCO, que influe no *Calão Goiano* e em pequena parte do *Calão Paraense* e do *Calão Maranhense* e modifica o *Calão Piauiense*, e o *Calão Norte Mineiro*, concorrendo para enriquecer estes e mais o *oitavo*.

Decimo. CALÃO DO PARAGUASSÚ, — incluindo o *Calão Pastoral do Centro* e o *Calão das Lavras Diamantinas*.

Undécimo. CALÃO DO NOVO HORIZONTE, — ou das bacias que ficam entre as do Paraguassú e do Rio de Contas as vezes até as margens destes rios.

Duodécimo. CALÃO DO RIO DE CONTAS, — que recebe a influencia do *Calão Norte Mineiro* nas proximidades das extremas de Bahia-Minas Gerais.

Decimo terceiro. CALÃO DO PARDO, — que recebe a influencia do *Calão Norte Mineiro* nas proximidades das extremas de Bahia-Minas Gerais.

Decimo quarto. CALÃO DO JEQUITINHONIA, que recebe a influencia do *Calão Norte Mineiro* nas proximidades das extremas de Bahia Minas Gerais

Decimo quinto. CALÃO DOS ALTOS DE JOÃO DE TIBA — ALTOS DO ITANHAEM, — que influencia o *Calão Norte Mineiro* e digere com estes Termos Aimorés das tribus mais ou menos selvagens.

Decimo sexto. CALÃO DAS EXTREMAS SUL ou *Calão dos Altos de Itanhacm — Altos do Mucuri.*

O quinto é, de todos os *Calões Seretanejos*, o mais interessante, o mais copioso e o mais rico e, junto ao quarto, apresenta grande numero de matrizes do *Calão Primitivo* sendo o que, alem de se revestir de fontes mais antigas e quase nada alteradas, guarda a maior copia de Termos Tupis cuja pronuncia e cujas accepções escaparam aos coligidores de achêgas, impedindo assim que se podesse avaliar a riqueza e a abundancia do *Calão Bahiano* e do *Calão Sergipano*.

O sexto é o laboratório em que se intêgra e se decompõe o setimo, oferecendo ora os mesmos ora Termos proximos ou diferentes, com as mesmas, outras ou diversas accepções do quinto.

O setimo é mistura dos Termos dos *Colões Pernambucano, Alagoano, Sergipano, Paraibano, Potiguar, Clarencense, Piauiense* e até *Moranbense* e mais do sexto e do oitavo *Bahianos*, tornando-se e mais difficil de interpretação embora estes dois ultimos ofereçam reacções e modifiquem a maioria dos vocabulos importados.

O oitavo sobre ser uma variante do sexto, de que mais se tornou, e que se estende em area maior no Brasil, penetra, enriquece e modifica os *Calões Mineiros*, *Piauiense* e *Pernambucano* e abranda a ríeza do setimo, tornando-se riquissimo pelo concurso do novo e pelos Termos que recebe caqueles, para constituir, com os novos e abundantes elementos do *Calão Mineiro*, o chamado CALÃO DO SÃO FRANCISCO, aliado por mais de um quarto dos Brasileiros, que já se estende ao interior de São Paulo como a linguagem popular de todos os Estados situados desde 19° Lat. S. até o Equador.

O novo é o oitavo que se estende aos tributarios navegaveis do São Francisco, rios Grande e Corrente, domina grandes faixas goianas e tambem zonas paraenses e maranhenses proximas á Chapada das Mangabeiras, em cujo seio nascem em comum aguas do Tocantins-Araraia e do Soro-Sapão, das bacias do Araguaia e do São Francisco. — influencia assim no *Calão Goiano*, no *Calão Paraense*, no *Calão Maranhense* e ainda no *Calão Mineiro* e no *Calão Piauiense*, de cujo Termos se enriquece para trazer-los ao oitavo.

O decimo salienta-se por tender mais para a preferencia pelos Termos originados do Português ou apresenta feição mais proxima da erudita, sem que isso impeça a penetração e a importancia do onito que é o dominador dos sertões entre a Bacia do São Francisco e a Faixa Literaria calculada em cento e vinte quilometros de largura.

O undecimo é o mesmo *Calão do Recôncavo Bahiano* ou o quarto que, aliado ao segundo e ao terceiro, sofre as influencias do quinto e apresenta grande cópia de Termos do decimo, do duodécimo, do décimo terceiro e do décimo quarto e do *Calão Norte-Mineiro*.

O duodécimo, não resistindo como todos os outros não resistem á acção do quinto, caracteriza-se por seus Termos próprios, algumas mesmo de feição erudita.

O decimo terceiro, apesar de um tanto perturbado nas zonas próximas á faixa litoranea, é rico de Termos Ameríndios e de outros do *Calão Norte-Mineiro*.

O decimo quarta apresenta maior abundancia de Termos do *Calão Norte-Mineiro* e de Termos Ameríndios do que o decimo terceiro, sendo de notar que esse *Calão Norte-Mineiro* em parte se estende por uma grande area interior pertencente á Bahia que foi interdita aos Brâhmanos nos tempos da Colonia e aggregada a Minas Gerais.

O decimo quinto, ou das bacias do sul do Estado nos sertões de Belmonte até Alcobaga, é o mesmo primeiro que se estende á zona das matas e aí se enriquece em comum com o *Calão Norte-Mineiro* e em parte o mollicia, exercendo ambos função de elaboradores da adaptação dos Termos Aímorés á linguagem popular.

O decimo sexto é ainda o mesmo primeiro que se vêste no quarto e invade e modifica o *Calão Capirôba* e o *Calão Norte-Mineiro*, tomando termos de ambos e tambem do *Calão Fluminense* e do *Calão Cariúca* para leva-los ás zonas limitrofes Bahia-Espirito-Santo-Minas-Gerais e ainda a uma parte do Norte de Minas Gerais.

Essa classificação, que é fructo de mais de trinta annos de estudos e pesquisas pacientes, obedece como todas da Linguagem Popular, aos *meios* e não aos *tipos raciaes* que não nos interessam distinguir sinão de cada peça a examinar.

O CALÃO DO RECONGAVO BAHIANO, — ou a linguagem popular dos antigos focos de povoamento da

Bahia de Todos os Santos e seus arredores. — Salvadôr, Vila de São Francisco, Jaguaripe, Santo Amaro, Cachoeira, Itaparica, Abrantes, Catú, Alagoinhas, Pojuca, Mata, Maragogipe, São Felix, Muritiba, Cruz das Almas, São Gonçalo, Feira, Nazareth, Aratupe. — cidades e vilas essas, citem de centenas de povoações dentro, proximas ou afastadas dos antigos engenhos, dos logarejos á beira do mar e dos rios e dos arraúdos das ilhas e das praias. — uns prósperos e outros na maioria decadentes. — o CALÃO DO RECONCAVO BAHIANO está pedindo a consideração e o estudo dos filólogos.

A formação de seus Termos obedeceu no geral a regras etimologicas, na maioria possíveis de exame, pois a graduação das transformações se conserva aqui e ali ou simão teve causas que não se perderam todas na tradição e assim também capazes de restabelecimento.

Concorreram para elle:

- a) — termos trazidos pelos Colonos;
- b) — termos amerindios;
- c) — termos afro-negros;
- d) — termos de criação local;
- e) — termos recebidos de fóra.

O CALÃO DO RECONCAVO BAHIANO oferece elementos abundantissimos para o estudo da *Evolução da Lingua Portuguesa no Brasil* aos interessados em qualquer delles:—

Aspecto historico:—

- a) — termos que em úso ou desúso vem desde o seculo XVI até agora;

b) — termos praeiros exclusivamente marítimos, exclusive os da navegação a vapor;

c) — termos que perderam as applicações e, alterados ou não, receberam outras.

Aspecto atual: —

a) — termos que não perderam a antiguidade e continuam com as mesmas ou outras accepções;

b) — termos que se vem modificando ou modificando as accepções através do tempo;

c) — termos novos ou de menos de um século.

Aspecto crúdito: —

a) — termos compostos de outros portuguezes com ou sem auxilio de fontes heleas e latinas;

b) — termos exclusivamente formados de fontes latinas e heleas;

c) — termos exclusivamente formados de fontes amerindias;

d) — termos exclusivamente formados de fontes afro-negras;

e) — termos híbridos luso-amerindios, luso-afro-negras e amerindios afro-negros;

f) — termos de outras linguas e seus híbridos

A nós outra não cabe sinão essa tarefa de sugerir, mesmo porque a idade só permite o concurso das achôgas para tais estudos e a edição delas para que outros as ordenem, analisem, corrijam e disponham os Termos nas classes convenientes e em ordem alfabética.

Ninguém extraihe e chamamos CALÃO, em vez de Língua, Dialéto, &c. ao conjunto de Termos próprios a uma região, nem TERMOS ao que distintamente se conhece por vocabulos, expressões, locuções, frases, &c.

Seguimos, nesse particular, a alemães, ingleses e americanos e, como eles, entendemos que esses Termos são tão bons quanto os já incorporados á Língua desde que se conheçam suas origens, estejam ou não dicionarizados.

Como eles admitimos que duas fontes concorrem para o estudo do CALÃO: —

a) — a *Linguagem Popular*, na qual se incluem as gírias;

b) — o *Folk-Lore*, outróra chamado “antiguidades etnograficas” ou “antiguidades populares”.

Quanto a Linguagem Popular, limitamo-nos tão só a esboçar a distribuição dos *Calões Regionais* constitutivos do CALÃO BAHIANO e a apresentar as fontes de classificação do CALÃO SERGIPANO. Isso porque:

1.º — a cada um de nós sabe circunscrever suas atenções para os fatos e fenomenos de mais immediata verificação;

2.º — á função do investigador se opõe todo criterio de esboço de classificações gerais, ou particulares, quando lhe falham os meios de verificação necessários a justificação das conclusões a que chega;

3.º — não pretendiamos distribuir nem classificar, sentão em suas divisões historico-culturais e em suas subdivisões territoriais, o CALÃO NORTE-BRASILEIRO, no sentido de fomentar, em cada Estado, o mesmo ou melhor criterio do que o seguido por nós para o CALÃO

BAHIANO, pois seria aventura a tentativa de fazermos o mesmo para Alagoas, Pernambuco, &c., e ainda mais loucura o estabelecermos uma classificação de detalhe que abrangesse o Norte do Brasil e ainda piór outra que abrangesse o paiz inteiro. O que nos exporia a contestações razoaveis e de todo justas.

Quanto ao Folk-lore, procuramos interpreta-lo como sendo um mixto de conhecimentos filologicos, historicos, psicologicos, etnograficos, &c., cabendo-nos dizer ainda:

1.º — não somos sequaz, nem filio-lo, nem partidario de qualquer das chamadas e pretensas *escolas brasileiras*, nem nos obrigamos a acompanhar "escola europeá" em assuntos de Folk-lore Brasileiro;

2.º — num campo muito mais vasto de tradições, cujos véus foram apenas levantados. — e isso mesmo er pouco, por Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Silva Campos, — considerar, como primeiro e mais necessario problema, a *recomposição e a reconstituição do Mitos Brasileiros*, para que se tenha, de um lado, a *Ciencia Brasileira*, e do outro, a *Arte Brasileira do Folk-lore*, independentes de paradigmas, de regras e de idéas geralmente improprias e absurdas.

CAPITULO II

FICHAS FOLK-LORICAS BRASILEIRAS

Os estudos folk-lóricos devem atender á dupla feição de interesses nacionais e universais, para o que, admitida a *theoria mathematica dos ciclos*, é necessario se a modifique ao ponto de tornar-se util ao conhecimento simultaneo do povo e dos elementos raciaes de cada Paiz, conhecimento esse baseado na Pre-historia, na Historia, na Geographia, na Etnographia, na Etnologia, nas Ciencias Naturais, &c. de modo a se poder imprimir um caracter de balanco sistematisado e inteligente que torne tais estudos capazes de oferecerem a exame todos os aspectos da invenção, da inspiração e da imitação humanas.

A Ciencia e a Arte do Folk-lore Brasileiro ainda estão na fase rudimentar e acanhada, ora dando lugar a lutas estereis em torno de questões ridiculas, ora a infelizes e irrisorias delusões de "escolas" e de "mestres", ora a divagações e exhibições que não se applicam ao nosso meio, — havendo e assim o Brasileiro na incapacidade de ser o orientador, com os elementos que tem diante dos olhos, da *Ciencia* e da *Arte* do seu proprio *Folk-lore*.

Infelizmente, — por defeito de educação scientifica, — nunca se abraça a incontestavel e verdadeira necessidade de se restringir a autoridade de cada Folk-lorista a seu proprio meio, isto é, ao territorio em que viveu e em que se familiarisou com o conhecimento vulgar da

naturais e sociais. — pois a illustração não supre este contacto com as massas, nem dá o direito de impor *classificações* fundadas em informes alheios e material muitas vezes duvidoso e até, não raro, attribuido a fontes diversas das reais.

Para evitar essas explosões de "sapiencia" dos *Folk-Loristas de Biblioteca*, estabelecamos, — revigorando assim os ramos que a Ciencia necessita, — que a autoridade de cada um limita-se a seu circulo, á região em que suas atividades se manifestarem pessoalmente, sendo que as conclusões, as doutrinas, as classificações e as determinações só se deverão restringir a esse ambiente, embora que os estudos se estendam. — como sempre e aconselhavel, — a territorios envolventes, semelhantes ou iguais no sentido de se estabelecerem causas e efeitos e se poder auxiliar os que se entregarem a mesma ordem de observações, de pesquisas e de estudos.

Depois disso é bom tempo de nossos Folk-Loristas se convencerem da inutilidade e da improficuidade de seus excessos de "cultura" buscando paradigmas e variantes aqui e ali das peças folk-loreicas, como si fossem alheios á realidade de serem os motivos folk-loreicos possiveis de erupção independente em pontos até geograficamente antipodas, pois a *arte popular* nasce de causas accidentais comuns a todas as terras e a todos os povos.



As deduições que tiramos da *teoria dos ciclos* são tão simples que passaremos a applica-las ao Brasil, notadamente ao Norte e especialmente á Bahia, pelos caracteristicos das *fichas* que devem acompanhar as peças folk-loreicas.

As *FICHAS FOLK-LÓRICAS BRASILEIRAS*, pelo menos as *Varte-Brasileiras* e especialmente as *Bahianas*, — devem, salvo alguma ampliação ou restrição, ser assim classificadas e dispostas:

1 — 2. ÁREAS DE CIVILISAÇÃO:

1. Histórica	1
2. Contemporânea	2
3. MEIO CÍCLICO	3
4. AMBIENTE CÍCLICO	4
5. TÍTULO	5
6. GÊNERO	0

7 — 8. PERSONAGENS:

7. Primários ou principais	7
8. Secundários	8

9 — 10. FICÇÃO:	9
Integral, primitiva ou perfeita?	10
Mitica?	
Inversa?	
Por extensão?	10
Com dispersão?	
Com aplicação?	
11. ARGUMENTO: — Sim ou não?	11
11. CICLO TEMÁTICO UNIVERSAL	12

13 — 14. CICLO NACIONAL:

13. De relação	13
14. De formação	14

15 — 17. CICLO CICLOPICO:

15. Brasileiro-Ameríndio	15
------------------------------------	----

16.	Brasileiro-Afro-negro	16
17.	Brasileiro-Estrangeiro	17
18 — 21. CICLO DOS TOTENS E TABÓS:		
18.	Ameríndios	18
19.	Afro-negros	19
20.	Brasileiros	20
21.	Estrangeiros	21
22. CICLO LITERÁRIO:		
22.	Ciclo Sub-ciclo	22
23.	EXPOSITOR	23
24.	Meio de expansão	24
25.	Coletado por	25

É com tais *lições* que o estudo do Folk-lore pode ser tentado, cientificamente, não só para renovação do grande pacto do trabalho já feito e interpretado as mais das vezes por simples dedução, como também para dirigir a mentalidade nacional ao mesmo ou em maior nível da europeia e da norte-americana no tocante a assuntos de *Arte Popular*.

• • •

AREAS DE CIVILIZAÇÃO.

As *areas de civilização* de qualquer país são, presumidamente, *pre-históricas*, *históricas* e *contemporâneas*.

Nos países americanos, a *civilização histórica* é a mesma colonial e a *contemporânea*, a post-independência.

No Norte do Brasil há três *areas históricas*, ou as mesmas já expostas quando falamos do *Calvo Brasileiro*:

I. Maranhão.

II. Pernambuco.

III. Bahia

E, completando para todo país:

IV. Rio de Janeiro.

V. São Paulo.

A subdivisão das *arcas históricas* em *arcas contemporâneas* não fez destas as verdadeiras *arcas cíclicas*, denominação que se poderá dar a qualquer Estado Marítimo, exceto o Maranhão e o Pará, e dos Centrais, somente a Minas Gerais, pois os tirados desse rol apresentam mais de uma *arca cíclica*, ou por não haver a civilização atingido todas as selvas ameríndias, ou porque, mesmo atingindo a maior parte delas, ainda imperam duas civilizações, — uma quase colonial e outra contemporânea de catequese.

As *arcas contemporâneas* são, pois, as grandes divisões políticas ou territoriais compreendidas nas *arcas históricas* e em delimitadas por seus *círculos regionais de linguagem popular e de Pol-Jere*.

Essas *arcas contemporâneas* tem as mesmas denominações dos Estados.

MEIO CÍCLICO.

Em Antropologia, como no *Estudo do Calão Regional*, a regra de Alexandre Rodrigues Ferreira (aliás já exaltada por B. Roquette-Pinto) dá o *meio cíclico*, entretanto as centralizações dos governos coloniais estabeleceram outros *meios cíclicos* além das *bacias fluviais*, ou antes, *vagos cíclicos*, *núcleos cíclicos* e *fuixas cíclicas*.

I. Assim temos, como *meios cíclicos*:

J) *Bacias fluviais*, ou simplesmente *Bacias*, da faixa litoranea para o interior, podendo ser, conforme os caracteristicos do *Catão Regional*:

a) *bacias isoladas dos grandes tributarios do Amazonas*, tal como teli sido consideradas até agora pelos Antropologistas;

b) *bacias isoladas*, com os nomes dos cursos d'agua, mesmo que os rios sejam comuns a mais de um Estado;

c) *grupos de bacias*, com uma só denominação comum a todas (como no caso bahiano de *Nova Horizonte*), ou com a denominação de *altos das bacias limitas* (como tambem nos casos bahianos de *altos de João de Tibu-altos de Itanhem e altos de Itanhem-altos do Mucuri*).

A exceção dos amerindios, os "caboclos" dessas bacias devem ter nomes tupis caracteristicos em toda provincia circica. Em regra, só necessitamos de quatro denominações:

— *tapiás*, no Maranhão, na Amazonia, no Mato Grosso e do meridiano 50 para os de graus maiores dentro de Goiás;

— *tabaráus*, desde o Piau até o Rio de Janeiro, incluindo parte de Goiás e a região de Minas Gerais servida pela navegação a vapor do S. Francisco;

— *coípiras*, em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina;

— *guáscaas*, no Rio Grande do Sul.

II. *Faixa litoranea* ou simplesmente *Litoral*, na costa até onde chegaram os limites primitivos das Capitania ou Domínios no interior, isto é, onde mais se acentuaram as influencias e o cruzamento de portugue-

ses, ameríndios, afro-negros e, acidentalmente, espanhóis, holandeses e franceses.

Nessa faixa *cíclica* ha uma grande variedade de *ambientes cíclicos* virgens de qualquer referencia dos estudiosos da linguagem Popular e do Folk-Lore.

(Nas antigas capitâneas de Ilheus e Porto-Seguro essa faixa era de dez leguas).

III. *Nucleo de Civilização*, isto é, uma bahia ou uma região coberta por um grande numero de *vagas* e de *ambientes cíclicos históricos*, mas todos proximos da *cidade-centro* de uma *area historica*, — sendo *vagas cíclicas* as antigas cidades, vilas e povoações que ainda guardam costumes e aspectos coloniais.

O *nucleo de civilização* é registado com uma denominação característica nacional, como por exemplo: — Recôncavo, Guanabara, &

IV. *Nucleos cíclicos*, ou as capitais antigas e atuais dos Estados ou Territorios:

a) — *Nucleos perenes*: — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, &

b) — *Nucleos modernos*: — Fortaleza, Aracajú, Belo Horizonte, &

c) — *Nucleos extintos*: — S. Cristovam, em Sergipe, Alagôas, em Alagôas, &

O regista, neste caso, limitar-se-á ao do nome da capital antiga ou moderna como sendo o *meio cíclico*.

AMBIENTE CICLICO.

O lugar (cidade, vila, povoado, &,) em que se ouve a peça folk-lorica se pressupõe centro de reflexão de muitos *cielos folk-loricos*, pelo que tem o nome de *ambiente cíclico*.

Esse registo é muito importante para se precisar as influencias e variações do Cão e das Gírias, como tambem as dos Termos do *mão cyclico*.

Silvio Roméra quase nunca se esqueceu de registrar o *luga, da versão*, ao que, infelizmente, não é seguido pela maioria dos Folkloristas.

TITULO.

Particularizada a *area* sob pontos de vista de interesse historico, geografico &c., o titulo da peça folklorica é o que se chama a *tradição*, pois é com esse nome ou *titulo* que ela é conhecida.

Redundante seria dar-se, como titulo, *Historia do Cão e do Gato*, quando a "historia" já é, em tal caso, *tradição*. Assim basta que se registre: — *O Cão e o Gato*.

GENERO.

O genero de *Arte Popular*, lançado depois do *titulo*, indicará si a peça folklorica é em prosa, em verso, em musica, ou si trata de dança ou si é mixta.

Em verso, *Canto Popular* e *Poesia Popular*: — rimado, Cesario, a-b-c, trióva, canção, himno, reisado, apólogo, áuto, porandí'a, m'vinha, chezyva, serenata, &c.

Em prosa, *Conto Popular*: — parábola, conto, lenda, ditado, adágio, rifa, provérbio, cronica, &c.

Em musica, *Musica Popular*, não só applicada ao *Canto* como á *Dança*, e tambem independente.

A *Dança Popular* é as vezes mais evidente e péde o concurso da prosa, da poesia e da musica: — sanba, coati, catereté, jaene,mbé, chegança, &c.

O Folk-lorista nada perde em registrar o que poderá sobre a *Dança Popular*, mesmo que seu registo não seja completo.

PERSONAGENS.

Os *personagens*, principais e secundários, fornecem, pelo conhecimento que o Folk-lorista deve ter de seus hábitos, usos, costumes e atributos, um caminho para, estando eles claros ou mascarados, determinar, previamente, a *fonte cíclica* mais provável (européa, americana, afro-negra ou brasileira) da peça em exame.

O Folk-Lorista deve ser como o físico e como o químico no campo da observação e da experimentação, da síntese e da análise, da composição e da decomposição da matéria. Os personagens vier para ele, a mesma função dos elementos componentes dos corpos. Não é somente necessário contentar-se em achar os grupos a que se subordinam por suas afinidades. Isolá-los é o trabalho mais seguro do homem de ciência.

É por esse trabalho de *identificação dos personagens* que muitas vezes se chega, sem mais exame, á "patria" ou "patrias" da peça folk-lórica.

Infelizmente os nossos Folk-Loristas no geral se alheiam aos característicos dos personagens e fazem "escala" avançando proposições nefastas e demonstrando ignorância absoluta de *Assuntos Brasileiros*.

Assim por exemplo, ha Folk-Loristas que dizem não haver *lobos* no Brasil e, para eles, sempre que numa qualquer "historia" apparecer lobo, a peça folk-lórica é uma *variante* de outra portuguesa, ou mesmo européa, ou asiatica, pois, entre nós, *o lobo virou lobishomem*

e (na região bahiana) o lobo é substituído pelo *quibungo*, e (na mineira) pelo *bicho pongoú*.

Queremos por a Fúmo esse caso do lobo, destruindo assim o erro desses Poit-Loristas e suas conclusões sobre o *quibungo* e o *bicho pongoú*.

Deante do *guará*, o português não teve outro nome para lhe dar sinão o de *lôbo*, e, quase restrito ao Recôncavo Bahiano, o afro-negro outro nome não achou sinão o de *quibungo*, todos trez ainda em uso, predominando mais o de *lobo* e menos o termo da Língua Geral Africana, este quase só empregado para indicar a remanescente da mitologia angolêsa no Brasil.

No mato ha a *fruta de lôbo*, (*Solanum leocarpum*), registada pela maioria dos Botânicos do seculo passado em todo o habitat do *guará*, desde as divisas com o Paraguai até o litoral Norte-Brasileiro, mas essa mesma planta é, na sinonímia popular, *fruta de guará* em muitos pontos do Brasil Meridional.

Por sua vez os naturalistas registaram esse *lôbo*, sob o nome de *guará*, dizendo-o tão grande como alguns europêus, mas ao inverso deles na valentia e na afôltêsa, sendo assim tímido e cobarde, fugindo até dos cães quando o percebem roubando galinhas nos poleiros, mas si, corrido e perseguido pelo homem, chega a acuar, investe furioso contra os cães que fazem exceção no velho habito de não perseguirem e contra o perseguidor. — o que, sem mesmo isso, faz a *lôbo* parida.

Os caçadores e compradores de peles quase não dizem *guará*, mas *lôbo*, e por este nome é mais conhecido do que por *guará* em todo o interior do Brasil, como tambem no litoral.

Na maioria de nossas produções populares é o *lôbo*, ou antes o *guará* que se apresenta, ora expondo a sua

pusilanidade, ora levando seus attributos a muitos contos que poderão se confundir com os do *quilungo*, mas deixando logo a certeza de não se tratar do *lôbo europeu*, nem do *lôbo africano*, mas do *lôbo brasileiro*, tanto que em muitos sãntes, quando não ha clareza no texto da negra folk-loreica, se ridiculariza ou se intenta traduzir o uvo *náú-núá* com que o *guará* procura espantar o feio, de que sofre muito, especialmente á madrugada.

Os moradores dos municípios ribeirinhos e proximos do Médio São Francisco, — Pernambucanos, Baianos, Piauiense, Goianos e Mineiros, — não cessam de repetir, allumando certos cães que não se tornam indifferentes a presença, nem a perseguição do lóbo:

Dizem que lóbo tem feitiço,
Foi-se o tempo de engraiado
Tem Chibante, tem Campina,
E tem Petisco e mais Fruchado.

Nessa mesma região não é raro se ter o nome desse lóbo: — *aguarassá*, *goará*, *nguará*, *quará*, o comedor, o bebedor, o devorador, o vivente, (*uara*).

Porque motivo se preferiu *lôbo* a *guará*? — seria a pergunta dos Folk-Lorists, empenhados em acertar.

Os mestres que (no seculo passado) ensinavam Portuguez e entendiam um pouco da lingua Geral Brasileira esmerçavam-se por estabelecer distincões entre esse *guará*, lóbo, (*Canis jubatus*, Desm., *Canis Azarae*, Cuv.), e a *garya* vermelha *guará*, (*Ibis rubra*, C.), impondo, para aquelle, *guaraz*, em opposição a outros mais antigos que assim chamaram a ave e não o quadrupede. A igualdade dos nomes os obriga a essa tentativa

infeliz sob os pontos de vista literario e linguistico, justificando cada um a seu modo a rasão do acrescimo do z sem atinarem que transferiam palavra amerindia para o rol das hibridas.

Guará, ave, disse-am os mais velhos, tem *azas*. Chame-se *guará* para distinguir (pois é masculino) do *guará*, lobo. Plural — *guarazes*. Os que os succederam achavam que o z deveria pertencer ao *guará*, lobo, por ter, no pêlo, *uma só* mancha branca. (*Um só e uma só* equivaliam, em Portuguez, a *az*).

O tempo vem desfazendo tudo isso. O *guará*, lobo, e o z imposto ao *guará* que nasce branco para se tornar vermelho vem desaparecendo a galópe da Linguagem Popular.

Lôbo, em vez de *guará*, vem triunfando na boca de todos os sertanejos, — pelo que reproduzimos o que ha de mais *chárro*, de mais á tôn, de mais vulgar e de mais repetido nas divisas Bahia-Minas Gerais no vale do São Francisco e transportado até o interior de São Paulo e de Goiás:

No sitio do Rio Vêrde
 Passou-se um caso engraçado:
 Lobo foi comer galinha
 Passou a noite enganchado

— Lobo ficando enganchado
 Que bonito bicho é!
 — Lobo só dorme enganchado
 Pelas praga das muié.

Quando foi de madrugada
 Os cachôrrro barrucou:
 De tanto que o lobo deu
 Até as mão destroncou.

Pedro Gomes s'levantou
 Dum pulo, muit'assustado:
 — Janinha me dá o machado
 Pra matá lob'enganchado.

Manésinho quando soube
 Passou a mão na lazarina:
 Voa agora matá o lóbo
 Que comeu minhas galinha.

O galo só tava cantando
 Danado de ficá só:
 — A morte tá t'esperando
 Comêdo de carijó.

Sahiu o bicho correndo
 Pra beira do cerradão:
 Pu! Dois tiro de páu quente,
 Tâque, — o safado no chão.

Isso, pois, de dizerem que não temos lóbos está muito fora da verdade.

Em materia de *quibungo* e *bicho pangué* alguns Folk-Loristas estão se metendo em camisas de onze varas, ora ercando hipóteses, ora chegando a conclusões passmosas, sinão tambem querendo fazer o *Quibungo* da Bahia, primeiro revelacão por Nina Rodrigues, como "*variante*" do *Bicho Pangué* de Lindolfo Gomes.

O exemplo é tipico e vai mostrar o valor do exame dos *personagens*.

Na Bahia, os afro-negros crearam, -- (dizemos *crearam* e não *substituíram pelos dos seus deuses e santos*), nomes para alguns deuses e santos da Igreja

Catolica (*Ozolufan, Orala, Ianson, &c.*) e também não misturaram com os seus muitos Mitos Ameríndios, mas procuraram dar os mesmos nomes que tinham em suas linguas aos animais semelhantes aos de suas terras.

Assim entraram no mesmo campo, na Língua Popular, *quibungo, guará e lobo* designando o mesmo animal que, figuradamente, significava comilão, papão, euea.

O Folk-lore do Recôncavo Bahiano, senão do Brasil inteiro, apresenta, para muitos Folk-loristas, a colisão, aliás errônea, desse *lobo* com o *lobishomem* por dizer sempre e *cutubá* com ares de quem sabe — *o maranco virá lobishomem ou negro virá velho virá quibungo, ou cutubá cubuela raím virá guará*. Esse *lobishomem*, esse *quibungo* e esse *guará* correspondem a papão, euea, ser fantástico.

Como se vê, nada autoriza a equivalência atribuída por esses "mestres" do *quibungo* ao *lobishomem*, mas é com essas e outras fantasias, a falta de investigação e de estudos científicos, a ninguém de trabalho inteligente do exame dos attributos dos personagens folk-loreicos, que a maioria deles se apresenta.

A parte o que ainda temos de fazer sobre esse *quibungo*, — aliás não só o único nem o mais importante dos Mitos Afro-negros já nacionalizados — *cubunos d.az* que, admitido seja mesmo de o *quibunguê* ou *bicho-punguê* de um conto bahiano vindo até Minas Gerais, — os Folk-loristas não viram os característicos do verdadeiro personagem todos definidos e não compreenderam que a preferência dada por Nina Rodrigues e Silva Campos a *quibungo* foi para, seguindo as regras da Língua Geral Africana, não dar-lhe significação pejorativa, merecida pela cobardia do lobo — *chibungo*

ou *chibunge* em ambundo, nome que não aparece mais para designar o lobo da lenda afro-negra. E foram além, na falta de estabelecerem mais confusões no Folklore Brasileiro — “O *quípougué*, ora é *quibungo*, lobo, ora é gato do mato”...

Assim, pois, a instituição do estudo dos personagens vem resolver importantes problemas no *Estudo do Folklore Brasileiro*.

FEIÇÃO

O Folklorista não se deve preocupar com essa questão de *origens* e de *fontes* que tem dado *origem* aos maiores disparates e *seu*ido de *fonte* das maiores e mais infelizes distorções.

A análise dos *personagens* leva à *identificação da peça folk-lórica*, isto é, à *feição*, ao que justamente corresponde ao arranjo ou arquitetura da peça de acordo com a índole, os hábitos e os costumes de um determinado povo.

Devemos consagrar a divisão de Sílvio Romero e dar proviso antes às *feições* (que vem substituir as *origens* e as *fontes*) de denominações correspondentes à do nosso e dos povos que concorreram para a formação de nós: *egípcia* — *huna* ou *europeia*, *brasílica* ou *ameríndia*, *afro-negra*, *cubaela*, *cicoula* e *mesliça*, sem que, por isso, fique o Folklorista privado de, encontrando *feição* árabe, escandinava, mexicana &c., partir: nizar *feição* árabe, &c., ou precisar *feição* americana, &c. (Vide *Elementario* III).

As *feições* que mais nos interessam são as do *Folk-Lore Colonial*, pois deste é que podemos partir para todas as *feições do Folk-Lore Moderno*. Naquellas predominam todos os elementos necessários á identificação das peças folk-lóricas.

Assim, as *feições* podem ser:

- a) — integral, primitiva ou perfeita;
- b) — mimética;
- c) — inversa;
- d) — por extensão;
- e) — com dispersão;
- f) — com aplicação.

Diz-se *integral*, *primitiva* ou *perfeita*, si conserva todos os característicos da *feição identificada* isto é, si:

1.^o — (*integral*) — a peça é *integralmente* exposta em termos afro-negros ou em termos ameríndios;

2.^o — (*primitiva*) — a peça é exposta com alguns termos afro-negros ou com alguns termos ameríndios (não correntes na Linguagem Popular ou não fundidos definitivamente nela), dando assim idéa de primitiva vulgarisação;

3.^o — (*perfeita*) — a peça é toda exposta e para todo o mundo entender, ou pelo menos para ser entendida numa *area cética*, isto é, conservando termos afro-negros ou termos ameríndios do Calão Brasileiro.

A *feição* pode ser *mimética*, podendo a *mimése* dos personagens ser dupla, tripla, quadrupla, &c., embora que os casos de triplicidade, &c., sejam raros.

Tomemos um exemplo: — *O Lobo e a Menina*, europeu, *O Guará e a Capivara*, ameríndio, e *O Quibungo e a Aranha*, afro-negro, oferecem os seguintes casos:

1.º — *feição européa com mimêse ameríndia simples ou dupla* (o lobo pode ser substituído pelo guará com ou sem o nome de lobo e a menina por um animal);

2.º — *feição européa com mimêse afro-negra simples ou dupla* (o lobo pelo quibungo, a menina pela aranha);

3.º — *feição ameríndia com mimêse européa simples ou dupla* (o guará pelo lobo, o animal pela menina);

4.º — *feição ameríndia com mimêse afro-negra simples ou dupla* (o guará pelo quibungo, o animal pela aranha);

5.º — *feição afro-negra com mimêse européa simples ou dupla* (o quibungo pelo lobo, a aranha pela menina);

6.º — *feição afro-negra com mimêse ameríndia simples ou dupla* (o quibungo pelo guará, a aranha por um animal);

7.º — *feição brasileira com mimêse européa, ameríndia, ou afro-negra*, ou combinação de duas ou mais por substituição dos personagens principais ou secundários por outros lusos, ameríndios ou afro-negros.

No conto *A Aranha Caranguejeira e o Quibungo* coligido por Silva Campos ao Reconheço Bahiano, a feição é aparentemente afro-negra, pois a aranha e o quibungo pertencem afro-negros (sendo caranguejeira um sinónimo de grande como vau), substituídos os demais figurantes afro-negros por outros ameríndios (o urubú, o jacaré, a juriti) e pelo cupim (que é exótico) julgado por muita gente como brasileiro.

Esse conto apresenta *feiçãõ afro-negra com mimêse tripla ameríndia e simples européa*. (Isso no estado atual da *Ciência do Folk-Lore no Brasil*).

O Beija-Flor, da coletanea Silva Campos, será havido como de *feiçãõ européa*, ou de *feiçãõ brasileira*, e, pelos *maiz* utilizados, como de *feiçãõ afro-negra com mimêse total brasileiro*. Analisando-se o personagem, — o beija-flôr, — a peça é de *feiçãõ afro-negra perfeita*, pois aí se trata do *Chibomba*, cujo correspondente ameríndio, em certos casos, é o *Taiá maruá*.

Na *feiçãõ inversa* dá-se a inversão do agente pelo paciente ou do paciente pelo agente.

O conto *O negro que quiz ser príncipe*, da coletanea Silva Campos, é uma inversão das funções dos dois principais personagens do conto *O negro que virou príncipe*, sendo assim aquelle de *feiçãõ brasileira com inversão afro-negra*, ao passo que o dos negros é de *feiçãõ afro-negra com mimêse árabe*, pois, na Africa, esses contos de ascensão e queda das dignidades humanas são havidos como de imitação do árabe.

Os nossos Folk-loristas desprezavam a intromissão afro-negra, desprezavam assim o *ciclo de transição do Folk-Lore de pára a pára* e a *fonte* de que recebemos a peça que invertemos, *fonte* correspondente a elemento componente de nossa raça. E' esse *ciclo de transição* que, proprio a essa *fonte*, se reflecte nos *ciclos de reprodução* que são nacionais e nos permitem a pesquisa folk-lorica.

Verifica-se a *feiçãõ por extensão* quando a peça de qualquer procedencia acomoda-se a qualquer ambiente

da *arca cíclica* sem perturbação do sentido, embora com os mesmos ou outros personagens, com a mesma ou outra letra.

Neste caso apontamos *O Quibungo e a Menina*, da coletânea Silva Campos, *O Quipongué e a Menina*, também da Recolhação Bahiano e que aparece na coletânea de Lindolfo Gomes como mineiro, e a outra "história" coligida por Silva Campos, *Macaco do Matto-Grosso*. Todos três são o mesmo conto vestido com outras roupas e outros personagens, mas todos não se referem somente ao *Quibungo*, o quibungo que perdeu todo o poder que Ogun lhe deu e tornou-se mortal para os nossos "Contadores de Histórias".

Jesus e os Lavradores, das margens do Parnaíba, colhido por Silva Campos, e *O Lavrador e o Ermitão*, português, citado por Theopliho Braga, são, respectivamente, contos de *feição brasileira e europeia*, sendo o primeiro com *extensão instructiva* e o segundo com *feição moral*.

II. *dispersão* quando a peça está fóra do alcance do entendimento popular por apresentar *feição erudita*, como acontece com alguns contos feitos de *matérias* peculiares a alguns países, logrando assim pouco entendidos.

Diz-se que há *aplicação* quando a peça pode ser interpretada por dentro, ou pelo terceiro sentido de *Pitágoras*. Os fatos são substituídos por outros e também os personagens.

Na celebre *História do Cão e da Gata*, da Recolhação Bahiano, alusiva a luta entre o Vice Rei e Governador Geral D. Fernando de Portugal, representado pelo cão.

e as justiças reais encarnadas no desembargador Sodré, o ambiente é uma festa de casamento em que todos os personagens são animais.

O Reconavo Bahiano é fértil em casos desses.

ARGUMENTO

As *feições*, — que aliás são tratadas ainda em capítulos adiante, — levam a necessidades dignas de registro: — o *argumento* ou resumo da peça, que deve ser feito sempre que esta dêva ou possa transferir-se para o Folk-lore nacional, continental ou universal.

Em nosso novelario ha “historias” em prosa, ou em verso, ou mixtas, dignas de apparecerem com *argumentos*, ou para trasmissão em outros meios, ou para se tornarem *motiva. literarios* e se transportarem ao futuro, ou mesmo para facilitarem a comparação de um mesmo mito ou o registro de novo no mesmo ou em outro paiz.

O *argumento* oferece a vantagem de valorizar a peça, mas nem todas as peças devem ser valorizadas si as *feições* não attingem um certo gráo de unidade ou si não apresentam a perfeição requerida á harmonia propria a obras equivalentes da produção universal.

Os *argumentos* pedem linguagem simples, ao alcance de todas as intelligencias, e como se os fatos se desenrolem á vista de quem escreve, — o que está bem de acôrdo com a Critica e a Filosofia da Historia que trazem tudo ao *presente*, para que as analyses se façam no *presente*, sem idéas do passado senão o da influencia da invenção, da inspiração e da imitação humanas.

O *argumento* torna-se, em tal caso, a *Critica e a Filosofia do Folk-lore*.

Algumas de nossas "histórias" poderiam e deveriam ser propagadas por meio de argumentos, o que facilitaria sobretudo a sua difusão. — tanto mais quanto eles de certo modo anulam a feição local e a forma rudimentar de exposição, poindo-as e tornando-as ao alcance de qualquer povo e de qualquer lingua.

E' isso que os nossos Folkloristas necessitam fazer.

CICLO TEMATICO UNIVERSAL

E' pelos *ciclos tematicos* que se juntam as peças para análise, confronto e comparação do Folk-lore, mesmo porque é pela análise, pela comparação e pelo confronto de como um mesmo tema se apresenta exposto que se pode concluir do grau de invenção de imitação e de imitação dos povos.

O *ciclo tematico*, tal qual foi estabelecido tendo em mira o estado comparativo e analitico dos povos é e não pode deixar de ser de caracter UNIVERSAL. Toda a peça, seja ela qual for, popular, literaria ou científica, refléte um assunto que é propriamente o *tema* em condições de ser desenvolvido em muitas outras peças que podem ser de diferentes generos, ornadas e mentalidades diversas de regiões até geograficamente opostas e de graus ou de tipos tambem desiguais.

O termo ou os termos representativos do *ciclo tematico* nas peças de qualquer natureza, especialmente as folk-loreicas, devem ser sempre *universais*, abstratos para que se busque o seu exame no dominio de qualquer ciencia ou arte, embora que esses *termos expoentes* permitam e as vezes exijam a generalisação em *substantivos*

totalisadores ou a particularização em *expressões especializadas* que facilitam o estudo dos entendidos.

Assim, por exemplo:

I. *Ciclos temáticos com termos abstratos*: — astúcia, regressão, heroísmo.

II. *Ciclos temáticos com substantivos totalisadores*: — medicina, candomblé.

III. *Ciclos temáticos com expressões especializadas*: — origem da Bahia, de suas montanhas e de seus primitivos povos.

Não há dúvida que a matéria dos nossos Folk-Loristas sabe que esses são verdadeiramente *ciclos temáticos*, mas vive a esquece-los sempre, adotando *temas* que são *personagens*, isto é, *ciclos de personagens* em vez de *ciclos temáticos*.

CICLO NACIONAL

O *ciclo temático* pode restringir-se à especialização ou a generalização científica, artística ou literária, e aos característicos de invenção, imaginação e imitação de certos grupos ou classes sociais regionais.

No primeiro caso, isto é, no em que se acham, a par da tradição, documentos, fatos, fenômenos e provas que permitem ao Folk-Lorista a consulta e os meios de reconstituição, ou de análise, ou de visão científica, artística ou literária, tem-se o *ciclo nacional de relação* que, além de outros, pode ser elucida lo:

a) — *heroico*: — bandeirantes paulistas, sertanistas bahianos, &

m) — *historico*: — donatarias, holandêses, &

c) — *literario*: — romantismo, simbolismo, futurismo, &

d) — *social* — catequese, escravidão, &

No segundo caso, isto é, no em que dominam os característicos de invenção, imaginação e imitação de certos grupos ou classes sociais regionais, tem-se o *ciclo* propriamente *nacional*, que também permite subdivisões.

Esso é, no estudo do Folk-Lore, o mais importante dos ciclos. Nêle, o *ciclo tematico* apresenta efeitos que permanecem como efeitos e que se transformam ou não em novas causas, — em causas que persistem como causas e que se modificam produzindo efeitos diferentes.

Cada subdivisão do *ciclo nacional* é um conjunto de *ciclos regionais de um mesmo personagem social*, ou de *temas comuns* á matéria ou a todos os personagens sociais regionais.

Enquanto não se definirem os *ciclos regionais*, não se deve pensar em *classificação* precisa dos componentes do *ciclo nacional de formação das peças folk-loreicas*, — o que não embargo se adote, e título de coordenação futura, denominações que pareçam apropriadas a cada *personagem social* ou a cada *tema comum* a todos os personagens regionais.

A verdade é que a Ciência do Folk-lore no Brasil tem o seu retrato no cáipira que, na idade de sair da academia, é mandado á escola para aprender a silabar e, por vadio, deixa a cartilha e, olhos especados no teto da sala, “castêla” arrolando as “mêizinhas” que, ao ser doutor, applicará ao seu Fulano.

Todos os Folkloristas sabem perfeitamente que lhes faltam os alicerces para a *classificação* e que apenas dispõem de alguns elementos valiosos e bem definidos, elementos esses a que dão ás vezes denominações fóra de proposito ou que não se adaptam bem a todos os Estados.

O mal vem do erro de cada qual ser mais poeta ou mais prosaico e, por isso, ou vêm estreito, dentro de suas provincias para o Brasil inteiro, ou vêm errado, do Rio de Janeiro para o Brasil que não conhecem.

Nem tanto é praia, nem tanto ao mar. Nem á praia, porque as ondas, mesmo mansas, quebram a bareta. Nem ao mar, porque a tempestade a afunda.

O ciclo a ser registado como *acional* deve ser, pois, a título de *coordenação futura*, mas sem poesia e sem preconceitos de escolas: — *ciclo*, ... sendo preferível *sub-ciclo* por mais próprio a essa coordenação, — *sub-ciclo* dos vaqueiros, dos pescadores, etc. A título de illustração se poderá chamar atenção para a *area cíclica* historica, cultural, ou social *regional*: pastoril, agricola, mineira, &c., e até mesmo particulariza-la em cafeeira, algodoeira, e outras.

A denominação generica deve preferir á puramente local. Porque se ha de registar *Sub-ciclo dos Assombração* em vez de *Cangaceiros*?

CICLO CICLOPICO

Os *ciclos ciclopicos* resistiram de algum modo á seleção em termos dos motivos folkloricos e assim permaneceram na linguagem literaria e na linguagem historica pelo nome do *ciclope*, ora com os seus caracteristicos

invariáveis ou próprios, ora em coleções de tudo relativo a esse ciclope.

Os Folk-Loristas da Escola Antropológica ofereceram guerra tenaz a esse remanescente da Escola Simbólica e da Escola Astronômica, limitando o *ciclope* a sua verdadeira função de gigante —, ou de antropofobo com, ou sem fórmulas semelhantes — a natureza e com ou sem defeitos físicos, morais e sociais, mas dotado de *poder sobrenatural* inventado desde o princípio do mundo.

Isso veio corrigir os defeitos da interpretação do novelário popular então subordinado ao critério das Ciências Naturais, mas, por não se querer ver, no Folk-Lore, interesse para a Linguística, nem como indagação antropológica e sociológica dos povos que o criaram, apareceram os redutores dos *ciclopes mitológicos* sem aquela condição primordial de *gigantescos*.

Os tempos vieram mostrar o acerto da Escola Antropológica.

O Folk-Lore Brasileiro nos apresenta como *ciclopes*:

- a) animais verdadeiramente gigantescos, com ou sem: o poder de se tornarem maiores ou menores;
- b) animais verdadeiramente gigantescos havidos como iguais em tamanho aos que existem atualmente na face da terra;
- c) animais verdadeiramente gigantescos havidos como iguais ou superiores em tamanho aos que lhes podem servir de comparação e existem hoje na superfície da terra.

Dada a infância dos estudos científicos da mitologia dos elementos coarctantes da herança de nossa raça, — afro-negros e ameríndios, — ainda podemos incluir:

- d) animais-genios.

É' bem de ver que só nos referimos ao Folk-Lore e nos limitamos, por enquanto, a distribuir os *Ciclopes Brasileiros*.

Embora que o nosso Folk-Lore não ofereça, — (pelo menos é o que se deduz do já conhecido), — *mitos ciclópicos* independentes, pois uma vez e está sendo varrejada por influências católicas e fétiches, entretanto os *Ciclopes Brasileiros* podem ser distribuídos em três grupos:

I. — Ciclopes simplesmente *Ciclopes*.

II. — Ciclopes que também são *Cúcas*.

III. — Ciclopes que, sendo Ciclopes e sendo Cúcas, são ainda *Ciclams*:

De origem, todos os *Ciclopes* pertenceram somente ao primeiro grupo e só por influências diversas, especialmente religiosas, que serão expostas em ocasião oportuna, caíram nos dois inferiores.

O *Ciclo Ciclopico* é ao mesmo tempo *Nacional e Universal*, mas é indubitável que, por isso mesmo, antes do estudo dos *Ciclopes Brasileiros*, o problema de sua caracterisação depende:

a) do conhecimento de algumas particularidades da feição afro-negra até agora não expostas e que ter dado motivo a sérias discussões e muitos erros dos Folkloristas;

b) do conhecimento de certas particularidades das línguas bantas e salômicas que apresentam os ciclopes sem outro exame sinão a bitura ou a auto-icção dos temas particularidades e línguas essas necessárias aos estudos da Linguística e do Folk-Lore Brasileiros.

c) do conhecimento dos principais Mitos Brasileiros até agora arrolados pelos Folkloristas.

A falta e o desprezo desses e doutros elementos vem impossibilitando a maioria de nossos Folk-Loristas de iniciarem regularmente o *Estudo Científico do Folk-Lore Brasileiro*.

CICLOS DOS TOTENS E TABÚS

É' outro *Ciclo* ao mesmo tempo *Nacional* e *Universal*.

O *Ciclo dos Totens e Tabús* é uma necessidade imposta pela Ciencia Moderna a que o Folk-Lorista não se poderá furtar, embora virgido a definições rudimentares:

— *Totem*, — animal, vegetal, mineral, corpo celeste ou sideral, phenomeno atmosferico, lugar, &c., havido como sinál, emblema, asen lonte, protetor, defensor, simbolo, &c., da tribo, da familia da comunidade, &c.

— *Tabú*, — animal, vegetal, mineral, idolo, divino ou sagrado que não se pode injuriar ou tocar sob pena de grandes castigos ou de grandes males publicos.

No Folk-Lore Brasileiro, especialmente tratando-se de *Ciclopes*, os *Totens* estão quase sempre a descoberto.

O Catolicismo nos oferece exemplos admiraveis da transferencia do *Totem* a *Tabú* e, como ele, o Fetichismo Afro-negro e a Mitologia Amerindia.

(Antes de expormos os exemplos, conveni assinalar que muitos dos nossos intellectuais que primeiro trataram desses assuntos no Brasil estabeleceram que, no Catolicismo, no Fetichismo e na Mitologia Amerindia,

Totem correspondia a *Santo e Tabú a Deus*. Isso, porém, reflecte a idéa primeira de *Totem e de Tabú*).

No dia de São Lazaro. — elevado a *tobú* —, era uso no Ceará os juizes da festa oferecerem um banquete aos cães da vizinhança. — *totens*. Depois, São Lazaro passava a *totem*, por ser Jesus *tabú*, e o cão deixava de ser *totem*. Tambem Jesus era *totem* deante do Deus-Pai e São Lazaro perdia sua missão de *totem*.

Na Bahia, no dia de *Oxun-Mari*, o arco-iris, *Oxun* a deusa das aguas que usa saia de pelhas secas de breu-neira, é *tabú*. *Oxun* é *totem* em relação a qualquer das grandes orixás, *Obatalá*, *Xangô* e *Ifô*, mas qualquer destes não é *totem* em relação a *Obatalá*, o deus protetor da Africa, nem em relação a *Oburum*, o deus do universo que não desce a intervir em coisas terrenas.

Boi-assú, de *mhoi-assú*, cobra grande, nome que é conhecida no Amazonas a constelação do Serpentario, é um *totem* em relação a Jacy-tá, de *jacu-tabú*, a lua de fogo, ou Venus, por sua vez um *totem* em relação a Tupan.

Admitido que todo *totem* é protegido por um *tabú*, — o fato do Folk-Lorista não descobrir um ou ambos não lhe deve preoccupar, especialmente tratando-se de Mitologia Amerindia pois esse trabalho será conseguido posteriormente, por ele ou por outro, e talvez nunca por já se haver perdido tanto nesse terreno com o desaparecimento ou a dispersão das tribus que tinham tais ou quais animais por *totens* consagrados a tais ou quais *tabús*.

Numa mesma peça folk-lorica pode existir um *totem* e um *tabú*, não sendo este protetor daquele, ou mais de

um *totem* e mais de um *tabú* nas mesmas condições. A argúcia do Folk-Lorista não está em descobrir o oculto, mas em limitar-se ao claro, tendo o cuidado de:

1.ª — não deduzir qual seja o *totem* si a peça folclórica não o apresenta a descoberto ou com outro nome;

2.ª — alienar todo e qualquer *totem* que figure na peça folclórica mesmo que não tenha relação nela;

3.ª — penetrar no sentido e na causa da peça folclórica para, — conseguindo descobrir o meio de formação ou a que a peça se refere, — precisar o *totem*.

Seria muito conveniente que os novos Folk-Loristas identificassem os *totems* das atuais tribus ameríndias e das populações sertanejas, pois são muito poucos os conhecidos: — a veado e a arara para os Borôros, a lúá para os Nae-Nanuk (Baía e Minas Gerais), a arara para os Camacans (Galilé); o caracará para os Guacurús; a cobra pintada para os Ba-dé; a lua para os Cheentes, o jacú (*ó-cariengo*) para os Canela Fina do Macaúba; a formiga para os Maenhis do Rio Negro (Amazonas), a lagarta (*toricaco*) para os Carajahis do Araguaia, e alguns outros, inclusive o bôto vermelho (*tocachy*) o jacaré e outros animais para a parte das tribus amazônicas.

Os astros e constelações ora são *totems* ora *tabús* para os nossos ameríndios e têm nomes gerais no Amazonas e particulares em cada tribo.

Geraes: — *Couraci*, o sol; *Jaci*, a lua; *Jaci-tatá*, Vênus; *Pirapantua*, Mercúrio; *Cuiacê*, as Pleiades; *Pi-caragura* (o pescador), o Cruzeiro; *Cacuri*, o Touro; *Borassá*, o Serpente; *Mocantaba*, Cão; *Arapari*, Orion; *Miacunga*, Cabeça-de-gente, &

Os nomes particulares variam muito e seria muito longa a relação, pelo que nos limitamos aos de alguns, denses dos ameríndios.

Audeconomé, deus do céu, e *Juaiconomé*, deus das florestas, dos Yaruros, sendo *aude*, alma; *juaí*, fogo, *ina*, mãe. E ainda: — *Dabuconomé*, deus da terra, *Siriconomé*, deus dos campos, *Viconomé*, deus das águas e dos rios.

Os Tamanaeos têm uma lenda interessante: — “Nos tempos de nossos antepassados a água enguliu a terra ficando um casal no alto do monte Tamanaeú e esse casal gerou a nossa tribo”. São deuses dos Tamanaeos: — *Inaman-ari*, o creador, ou *Ama-nené*, o creador do mundo, *Japitú-ari*, deus da mandioca, *Paitun-arc*, o deus malefico das águas, *Paranamirarc*, ser supremo, sendo *puru*, ventre, flôr, diabo, &c., em diversas outras linguas de tribos vizinhas.

Os Carayás têm o *Quinac-chivé*, senhor lá de cima. Senhor dos Céus, em torno do qual giram uma teogonia e uma cosmogonia admiráveis.

Desde que falamos em ameríndios, conviria tambem que fossem esclarecidos os *clans*, ou, mais praticamente, quais as palavras representativas dos “truncos de nasença”. Geralmente correspondem a avô: — *ariya*, em tupi *yurii*, em guarani, *arü*, em ukeengatü.

Entre os Sipibos, um dos termos é *bo*, que se transforma em *bu*, *po*, *pi* e *pu* em outras linguas, sufixo para indicar coletividade ou pluralisação, sendo os termos *nâcs* homem e mulher, *-suc-bo*, homem, *-ai-bo*, mulher.

Entre os Bacairis, encontram-se dentre outros: — *iri*, primo da mulher, *ena*, por *yena*, irmã, *oto*, avô, amo, dono.

Estamos apenas indicando termos correspondentes a "troncos de nasença", em linguas ameríndias, na certeza de que nessas mesmas e em outras é consideravel o numero de vocabulos formadores dos nomes de *clans*, ou de familias, tribus, parentes, povos, gentes, &c.

Voltando aos assuntos de que nos viuhamos occupando, devemos dizer que outro de grande interesse para o Folk-Lorista Brasileiro é o conhecimento das *plantas sagradas* ou dos *totens* vegetais, a começar pelos antigos, aliás admiravelmente descritos por Kretzer, um dos exponents da escola simbólico-astronómica do seculo passado, e reproduzidos pelo Dr. Caminhoá em sua *Botanica*.

Os minerais, as rochas e os fósseis pedem a mesma atenção e os mesmos cuidados. No culto afro-negro, as *pedras de Xangô* são machados, facas, bastões, &c., dos tempos da Pedra Polida, especialmente da serpentina, motivo porque todos os artefactos de pedra ameríndios são havidos pelos fetichistas como desse deus litolátrico, "pedras de raio".

O céu dos Totens e Tabús, por esses motivos, subdivide-se em dois sub-cielos de alto interesse científico:

I — dos Curandeiros.

II — dos Feiticeiros.

Não necessitamos demonstrar a importancia deles no Brasil.

EXPOSITOR

A mesma peça folk-lórica exposta por um vaqueiro do alto sertão, por um pescador do littoral e por um

caixeiro-viajante apresenta diferenças, mesmo que o sentido não se deturpe. Si o assunto não é familiar a qualquer destes, as diferenças poderão alterar o sentido e até o motivo, gerando assim uma peça nova para o mesmo esqueleto, isto é, para o que resta, na lembrança, da audição, da leitura ou da interpretação de uma peça folclórica. O acalô veste-se a seu modo, ou adaptando uma qualquer roupa velha, ou inventando a molde e o enfeite.

MEIO DE EXPANSÃO

As peças folk-lóricas não se expandem nem se reproduzem do mesmo modo, nem nas mesmas épocas, seja em público, seja em particular.

Esses meios são diferentes: — as festividades, a família, o bordél, o candomblé, a oficina, a escola, &c.

O FOLK-LORISTA

Folk-Lorista não é simplesmente o coligidor de peças, o que vai buscar as "origens" das produções, o que as interpreta de acordo com a Linguagem Popular, nem o homem de biblioteca, mas, o que "pessoalmente" coleta, analisa, compára., distribúe, interpreta e classifica peças folk-lóricas de uma região por ele percorrida e conhecida, trazendo-as a lume com alcance científico bastante para que outros prossigam ou modifiquem as suas determinações.

Varrida a "mania brasileira" de tudo que aparece ser de algum modo "variante" de outra ou de outras peças folk-lóricas, — o Folk-Lorista terá muito a ganhar

e muito a produzir si compreender que deve chamar em seu favor todos os conhecimentos humanos e encarcera-los no âmbito nacional, e ainda melhor, no âmbito regional, certo de ser *o espírito humano capaz de crear, em diferentes pontos do globo, as mesmas idéas e os mesmos pensamentos, fundi-los, modifica-los, expandi-los e tê-los como próprios*, ficando a obra de comparação para os que sob tal convicção, se armarem de conhecimentos profundos e capazes de descobrirem, nas peças iguais, semelhantes e correlatas, a psicologia popular progredindo ou regredindo em cada ponto do globo.

Essa "mania brasileira" das "variantes" tem servido apenas e só para exprimir a mentalidade do proprio Fôlk-Lorista que, a título de ciencia, mas exhibindo falta de capacidade para interpretar a finalidade da "comparação", axila o valo" do que ele mesmo acha que se deve coligir, como si devêsse ser um mandrião a caçar perolas para os parasitas descomerem.

Já é tempo do Fôlk-Lore Brasileiro seguir outro rumo.

Assim, a respeito dos ciclos do coelho, da onça, do jaboti e de tantos outros, inclusive os de Pai João, do Diabo e de Nossa Senhora, já é chegada a vez de os regularmos, ou porque sejam *ciclos literarios*, ou porque em absoluto não se rematarem nos *ciclos ciclopicos* tais os da tartaruga, do elefante, da aranha e de outros animais africanos havidos como "heróis" ou "totens" e "cabeças de geração".

CICLOS LITERARIOS

Os *Ciclos Literarios* oferecem aos Fôlk-Loristas a facilidade dos agrupamentos pelos personagens ou pelos

simbolos, mas é necessario que, em tais casos se tenha em mira a universalidade do mito ou o simbolo nacional ou regional e *nunca* as particularidades que impedem a vulgarização.

Em nosso Folk-lore apparecem o *lôbo* (português), o *guará* (amerindio) e o *quibungo* (afro-negro). O *ciclo é do lôbo*. Os do *guará* e do *quibungo* devem ser proscritos: — são méras particularizações, uma nacional e a outra regional, de um *ciclo universal*. Digamos: — *ciclo do lôbo, sub-ciclo do guará, ou do quibungo*.

Chibamba transmuda-se. Como borbolôta, seu *ciclo é o da borbolôta*. Como escaravêlho, seu *ciclo é o do escaravêlho*. E assim por diante. Não ha *ciclo de Chibamba*, mas *sub-ciclo*.

Pai João é um simbolo de saudade, de dôr, de opressão, de martírio, de alegria, de virtude, de miseria, de tudo que o escravo africano foi e do que a raça negra representou em nossa historia e em nossa vida. Trate-se de *Pai José* ou de *Tio Francisco*, da preta *Genovêva* ou da mucamba *Felicia*, o *ciclo de Pai João* é sempre o mesmo: — *Brasileiro*, — *o ciclo da raça negra*.

Não sabemos porque se ha de distinguir o *ciclo de Nossa Senhora*. A admitirmos esse, o nosso Folk-lore tornar-se-ia em departamento de propaganda da Igreja Catolica, pois, em igualdade de importancia estão os apóstolos, os santos e os anjos na nossa novelistica. Esse, como os de *Santa Helena*, *Santo Antonio*, &c., são *sub-ciclos do ciclo christão*.

Não queiram ir os Folk-loristas nas aguas dos que não se conformam com o *ciclo de Pai João*, os *ciclos de animais distintos* e os *sub-ciclos de santo distintos*. *Pai João* é um simbolo de determinados aspectos sociais: — o humilhado pai-prêto da formação ethnica brasileira

que ressuscita glorificado. Tem, pois, o seu *ciclo*, o ciclo de trezentos e que anos de labúta e de sacrificios, um premio da posteridade ás lambadas que levou, ás injurias que recebeu, á paciência com que se sujeitou á escravidão, ao amor que dedicou aos nossos antepassados e a nós, mesmos. Agora quanto aos animais e aos santos. A Natureza, conjunto de todos os ciclos perfeitos e imperfeitos, nos oferece o espetaculo primario dos ciclos independentes: — cada Religião é um ciclo completo ou incompleto de sub-ciclos concorrentes. Qualquer que esta seja não é universal. Tem seu *ciclo simbolico*, ou do creador de sua doutrina, de sua filosofia, de seu *ciclo*. Ao contrario de Pai João, cujo *ciclo* não permite subdivisões, o Catolicismo disputa ás mãos dos Folk-loristas, o *ciclo de Nossa Senhora*. . . O *ciclo* é *christão*, como poderia ser *húrico*, *fétiche*, etc. O *sub-ciclo*, sim, é *de Nossa Senhora*, como poderia ser *de Ogum*, de qualquer santo em evidencia no Folk-lore regional ou mesmo nacional.

Nada de excessos nem de entusiasmos nos *ciclos literarios*.

Quando a Religião vem ao campo da Ciencia não tem privilegios. E' como qualquer mineral que, indo ao laboratorio, se submete a um processo comum de determinação dos componentes por grupos successivos.

Dizemos que os *ciclos* brasileiros da onça, do coelho, &c., são *literarios* e não *ciclopicos* e podemos mesmo dizer que, na realidade, os *ciclos folk-loricos* da aranha, da tartaruga, do lobo e de outros animais africanos de que têm falado os nossos Folk-loristas, relacionam-se com *ciclos*, animais quiméricos, pré-historicos, gigantescos, havidos como "pais de geração": — e é justamente por isso que estamos condescendendo, isto é, nos harmonizando com esses *ciclos*, ajustando-os em *sub-ciclos* e

mesmo em *vícios*, pois temos a certeza absoluta de se haver *degoço* neste particular, a possibilidade de um acerto ou de uma convenção necessária ao nosso Folk-lore.

Os capítulos adiante evadidos são o suficiente para a justificação dos *vícios literários* a que nos referimos.

A evolução científica está exigindo do Folk-Lorista um preparo profissional em que ele demonstre conhecimentos e prudência, pois o Folk-Lore, que a primeira vista tem por objeto de interesse puramente *pariava*, é, em grande parte *universal* e sobe-se do domínio de determinada raça ou de determinado povo para todas as raças e todos os povos.

Sem conhecer a técnica de idéias folk-lóricas das raças e dos povos componentes da região em que o Folk-Lorista se exerce não há um só que se recomende, mesmo que:

1.º — exalta, deixando para exame posterior, as idéias de símbolos astronômicos, siderais e outros, varisimos e mesmo imprecisos em nosso Folk-Lore;

2.º — exalte o *ego*, mais comum do que o *libido*, e não exalta o *libido* para ter a interpretação dos símbolos sexuais que ás vezes aparecem e permitent se analise a psicologia de cada raça ou povo;

3.º — prefira, sobretudo, a forma popular de exposição á erudita ou á estética, pois a forma popular induz os erros que a Filologia necessita.

Nem retórica, nem exposições de "sabedoria" estrangeira, nem pipócos de nomes difíceis e arrevezados nem "mestres", nem "escolas", resolveram alguma coisa

de apreciável pa a evitar a decapção que é e tem sido o estudo científico do nosso Folk-Lore.

Infelizmente es que pensam em lhe dar nova orientação jurmam pelo excesso de citações, ou mesmo por elas, incapacitando-se desde logo no esp.arem o homem como o es-yruto duplamente formado pelo estudo e pela experiência para pensar e agir por si próprio, analisando, confrontando, criando, destruindo, &c. com os conhecimentos que fez seus e os expôr em qua' seja a linguagem ao alcance do público sem meios de decifrar os tais "enigmas doctorais".

Folk-lore Brasileiro subordinado á orientação de tais ou quais autoridades da Alemanha, da França, &c. não demonstra cultura nem assimilação de quem escreve, antes concebe não só para espantar muita gente capaz de cuidar abundantemente do assunto como para crear a idéa de superioridade da intelligencia estrangeira em comparação com a nossa de logo aponta-la como incapaz de produzir alguma coisa nulo ender e dos paradigmas europêns.

Parentes os Folk-loristas na preocupação de se misturarem lidos e zorridos em coisas de que não souberam ou não fizeram tirar proveitoso ensino e entreguem se mais, de corpo e alma, á causa brasileira, para que suas obras não sejam verdadeiras "variantes" (termo de que tanta gostam) das caveiras de boi que os sertanejos fuzcam em varas muito compridas dentro das rocinhas de "legames" e chamam, com muita propriedade, "mamótás".

CAPÍTULO III

A FEIÇÃO BRASILEIRA

A *feição expositiva* das peças folclóricas brasileiras pode ser:

a) *crudita*: quando, além da linguagem correta, sobressaê, na estética do conjunto, a elegância do estilo;

b) *polida*: quando, além da linguagem correta, sobressaê, na arte do conjunto, a linguagem popular nãa de erros de construção e de erros de pronuncia;

c) *simples*: quando a linguagem nãa se despe de naturalidade nem do modo por que foi expressa.

Essas feições ou *tipos de exposiçãõ* acompanham a evoluçãõ historico-cultural de cada *arca-ciclica* e subordinam-se a *epocos nacionais*:

a) *colonial*, que se deve filiar a toda a vida brasileira até a Independência (1822);

b) *moderna*, do Império até quando a cultura classica influia na vida nacional dando-lhe, por paradigmas, paradigmas portugueses e estrangeiros. —variando seus limites, no século XX, com a acentuaçãõ da independência literaria em cada *meio ciclico*;

c) *contemporanea*, que assinala a orientaçãõ nova, pratica e peculiar aos intelectuais de cada *ambiente ciclico*.

É' necessario que, sobretudo, se chegue a esclarecer, nesses *tipos*, as fontes da Linguagem em que brotam as

peças de acôrdo com a realidade brasileira, fontes que, de certo modo encaradas, também são *feições folk-lóricas*:

a) *ameríndia* ou *brasílica*, que não perdeu sua função pre-histórica na vida da Colônia, nem o valor na formação da Linguagem Popular, nem o característico de ainda existente em nossas sêlvãs;

b) *afro-negra*, que não perdeu sua função histórica, nem o valor na formação da Linguagem Popular, nem a possibilidade de indagação, embora imperfeita ou incompleta, de suas tradições e de suas linguas;

c) *luzã*, quando assim puder ser caracterizada, ou *sinão estrangeira*, quando não puder ser particularizada. — que não perdeu, na evolução da Linguagem Popular, nem a possibilidade de investigação, pelos registos existentes, nem a possibilidade de determinação, pelas feições que apresentam;

d) *cabócla*, expressão da inteligência que resultou da fusão do luzo com o ameríndio, cu manifestação da inteligência do ameríndio civilizado ou de seus descendentes, chamem-se estes caipiras, tapuias, tabaréus, etc.;

e) *creoula*, expressão da inteligência resultante da fusão de indivíduos de "nações" afro-negras entre si, ou da manifestação de qualquer de uma delas, umas e outras já fundidas na vida nacional;

f) *mestiça*, pluralidade de duas ou mais dessas fontes que se entrózam e se distendem para uma ou outra direção, confundindo se ou demarcando limites maiores ou menores á ação de qualquer, estabelecendo assim problemas fáceis ou difíceis á Filologia, á Linguística e ao Folk-lore, sinão, em resumo, a Ciência do Homem.

A *feição colonial* é muitíssimo comum no Folk-lore Brasileiro, seja no modo de construção das frases, seja nos Termos e até nas idéas, seja na linguagem dos ser-

tões, impropriamente havida como "errada", quando se deveria dizer a *dos primeiros colonisadores*.

No Recôncavo Bahiano, nos autos de Natal, nas histórias rimadas e na quase total produção popular que ainda persiste no vale do Jequiá, entre-costa de Itaparicá e povoações em que se mantém o aspecto colonial, essa *feição* vive.

A título de amostra e para não reproduzirmos a extensa *A Conspiração dos Bárrios*, de Cuiabá, da Gama, vejamos uma peça atribuída a Embaixada Camacão em que se parece a *feição colonial palida*:

A PETTINGA E O TUBARÃO

Uma pobre pettinga
Encontrou um tubarão,
Fez-se nobre como os nobres
Cã da terra do carvão:

— "Nasci na ponta da lã,
A' sombra dum pé de pau,
Sou filho de guaricema,
Solrinhe de carvão,

Sou nota de budão
É prima de aratubãia,
Noiva de carapicó,
Cunhada de miraguaia.

É você, amiga espétta,
Diga lá sua gerção,
Pois me parece fidalga,
Do mal lavrado biazão".

Nos olhos da tubarã
Relampejou fulgimento,
Começa a falar manhosa
Como o cã num convento:

— "Nasci na beira do mangue
Cementado lama e vizalha,
Minha mãe não sei quem foi,
Minha meu pai foi ben canalha.

Minha mãe, Dona Gatinha,
 E meu pai senhor Tuyassú
 Me deram um nome triste
 Semelhante a Cangrus, ú.

Minha família? E' comprida,
 Tem relação pelo mar,
 S'eu lhe falar dela toda
 Você vai s'arrenegar.

Sou afilhada d'um bôto,
 Madrinha d'um balacú,
 Irmã dum pena-paná,
 Vizinha d'um piatibú.

Cresci, casei, — pobre vida! —
 Meu marido Tubarão
 Assim que me fez esposa
 Morreu de mal d'arnação.

Fiquei viuva, — que sina! —
 Mesmo sem filhos, — que sorte!
 Si o mar não fosse t'ão grande! —
 Talvez me valesse a Mórte.

Por fim, gostei d'um elicharro.
 Que andava de barra á fóra: —
 Todo safado, o santinho
 Amante d'uma alvacóra!

Comi os dois de pancada!
 Tragueti mais outros bem perto.
 Perdi-me nas farolêtas
 D'um famoso rab'-aberto.

Já estou falando muito:
 — Minha boca é muito leve.
 Cã no mar também ha gente
 Que fala mais do que deve".

*A infeliz petitiaga
 Perceheu a cordenação...
 Foi guardar o segredo
 No bixo do tubarão.*

A *feição antierindia* ou brasileira, pode ser *crudita*, natural, como nas *Porandúbas*, ou artificial, como em Anchieta:

O CANTO DO TUPINAMBÁ

Xe Tupinambá guassú
 pai guassú yru díba
 opacatú caraiba
 xe mombaté catú
 xe auma erimboce
 toco ipyramo cecôu
 y xupé raibe Abaré
 oro Tupá oquetá
 ipupe orenheboebo
 Tupá rerobia retebo
 toco puero neobopa
 Ageirira yniye rebo
 Santa Maria cupe
 O mi by porangueté
 tomoye tecoab orebo

Oração

Paraná guassú reçape
 ajur nde reprá pota.
 Teicatú nde cuapá
 xe raba Tupinambá.

E também pode ser *polida*, como neste conto coligido por Silvio Romero em *Sergipe*:

“Uma vez a onça ouviu o jaboti tocar a sua gaita debicando outra onça e veio têr com o jaboti e perguntou-lhe:

— Como tocas tão bem na tua gaita?

O jaboti respondeu: — “Eu toco assim a minha gaita: o ôsso do veado é a minha gaita; ih! ih!”.

A onça tornou: “A mólt que não foi assim que eu te vi tocar!”.

O jaboti respondeu: "Arreda-te mais para lá um pouco; de longe te ha de parecer mais bonito".

O jaboti procurou um buraco, poz-se na soleira da porta e tocou na gaita: "o ósso da onça é a minha gaita. ih! ih!"

Quando a onça ouviu, correu para o pegar.

O jaboti meteu-se pelo buraco a dentro. A onça meteu a mão pelo buraco, e apenas lhe azarrou a perna. O jaboti deu uma risada e disse: — "Pensavas que agarraste a minha perna e agarraste a raiz de um páu!" A onça disse-lhe: — "Deixa-te estar!" Largou então a perna do jaboti. O jaboti ria-se a segunda vez e disse: "De fato era a minha propria perna". A grande tóla da onça esperou ali, tanto esperou até que morreu".

Por aí se vê que o Felx'orista despreza a *feiçào* de mais interesse para os estudiosos da Linguagem Popular e prefere a *feiçào simples* ou a *feiçào polida* a pretexto de educar as massas nos modos de escrever ou de dizer.

Sejamos nós mesmos o coligidor e o transmissor de um mesmo conto ouvido de um velho indio outrora aldeiado cna Collegio, Alagôas, que se mudára para Traipú, no mesmo Estado e tambem á margem do São Francisco.

Primitiva, ou tal qual ouvimos:

— "Surubi tava metendo fucinho in caissára de sacaf que cabêco fez pra pegá peixe in cheia de rio. Aí ubarana puxou rabo dele:

— Tá teárn, surubi? Cabêco teôma fez isso praquê tá tuiôé.

Pirãa veiu logo. Rodeou caissára. Tin tin iqui, ranheranhe aup. Saiu pelo rio putirum, putirum. Lá ven pirãa-

ribeira. Vamo pra muncocá tapuçá com quicé qui pirúa tev
in yurú. Ai pirúa-ia chamou surubí:

— Vá. Póca caissara que acanga-iba *fazêu*.

Moanhanha, moanhanha. Curutê, curutê.

Lá vem paraná-ique toda noite. Cabôco ficou arazê,
têema-têema!

Literalmente, ou fazendo a *feiçào perfeita*, com a preocupação da necessidade do estudo da Linguagem Popular:

— “O surubim estava metendo o focinho num cercado de varinhas que um cabôco fez para pegar peixe na enchente do rio. Nisso, a ubarana puxou o pelo rabo:

— Está gulôso, surubim. Cabôco fez isso porque o piçá (rêde de pescar) está velho.

A piranha apareceu nesse instante. Rodeou o cercado, meteu o focinho (*lúu*) aqui, os dentes (*ranhe*) acolá. Foi pelo rio a chamar as companheiras para o trabalho (*putiram*, - chamar para o trabalho). Chegando o carangue de piranhas, vamos para cortar os tapuçás (ripás que amarram as varas) com os quicés (faquinhas) que as piranhas tem na boca. Concluindo o trabalho, a piranha-chefe (*iiú*) chamou o surubim:

Vá arreôntar a caissára que um doido fez.

— Empurra, empurra. Depressa, depressa.

A enchente não cessou durante toda noite. O cabôco ficou triste e ainda mais preguiçoso”.

Agora vejamos o mesmo conto em *feiçào simples* ou mais provavel de se tornar *popular*:

— “Um cabôco muito preguiçoso, tendo a sua rêde de pescaria muito velha, fez uma caissára de sacais à beira do rio para que a enchente à noite a cobrisse e os peixes, enganados, ficassem dentro dela.

O surubim, que é um peixe muito bôbo, começou a meter o focinho nas varinhas do cercado e estava vai não vai para a prisão quando a ubarana, que é mais sabida, puxou-o pelo rabo:

— Deixe de ser *gulotão*, seu surubim. Cabôelo é preguiçoso. Em vez de concertar o *puçã* que de tão velho se arromba quando se pega nele, faz cercado para nos pegar, no que gasta mais tempo.

A piranha, que estava ouvindo tudo, rodou o cercado, batendo nas varas com o focinho, — *tin-tin*, — e com os dentes, — *rahe-rahe*, — experimentando os *sapós*. (Dente de piranha corta anzol quanto mais tapuçã). — E ela saiu de d'eu com d'eu, rio acima e rio abaixo, chamando as companheiras: — *Putiram, putiram*. E foi aquilo que se viu. As queésinhas trabalhavam, *tráco-tráco*. Quando foi no fim, a *chêfa* das piranhas chamou o bôbo do surubim:

— Ande, vá p'icar aquela *cobage* que um cabôelo matou fez.

O tamanhão *tonou* coragem e arramou o corpo de *coço joço*, mil a veze, nos panos da caissara. As piranhas não avam gritando:

• Empurre arêbê. Empurre. Deprêssa. Deprêssa.

A enchente já vinha e não parou toda noite.

Manbãsinha, quando o cabôelo acordou e não viu o pequiê, ficou muito triste, porém, como era preguiçoso até para pensar, não atinou que foi a piranha que cortou as tapuçãs nem o surubim que ajudou o rio a destruir o que tanto trabalho lhe dera".

A *feição simples* é a que nos vem da boca dos "contadores de histórias" e que faz, da coletânea Silva Campos, um precioso manual de atrações para o Político-rista. Supre a ignorância dos fatos menores e, não raro, exhibe o *Calão Régio* à colêta e ao estudo dos entendidos. Tal não acontece quando a peça apresenta *feição que, pelo polimento, degráda a sua finalidade popular e também a outra de necessária ao conhecimento de Língua*.

Tentemos a *feição polida*, para confirmação, sem exageros, deste último caso:

O surubim metia o focinho num pesqueiro de varas quando a ubarana, pressentindo o perigo, agarrou-o pela cauda, livrando-o de cair na prisão:

— A gúla te faz perder a vida. Sai-te d'aí. Pois não sabes que o pescador, com preguiça de tapar os lombos de sua rêde, preferiu ter mais trabalho fazendo este cercado?

A piranha, que passava perto, ouvindo a censura da ubarana, rodeou o pesqueiro a bater com o nariz nas varinhas. — *tin-tin*, — e a ranger os dentes, — *ruac, ranhe*. — Largou-se, rio acima e abaixo reunindo as companheiras:

— *Putirum, putirum*, vamos para o trabalho.

Assim que o cardume chegou, as navalhas de seus dentes entraram em ação e todos os sipós dos panes do cercado foram cortados quase de repente. Terminada a tarefa, a piranha que se chamava Iúá, convidou o surubim:

— Vamos arrebentar aquela cadêja que o homem fez para castigar a nossa ingenuidade.

E empurra de um lado, sacóde do outro, mas sempre deprêssa, as varinhas iam se deslocando e logo arrastadas pela corrente.

Quando o pescador chegou e viu perdido todo seu trabalho, entristeceu e nem quiz pensar como aquilo podia ter acontecido.

A *feiçõ polidu*, si aperfeiçõa ou aformoseia a pega fazendo-a nacional ou universal, entretanto rouba-lhe característicos necessários ao estilo do Folk-Jore Regional e da Linguagem Popular que sempre conceivem para o enriquecimento da Língua.

Esses três modos de exposição de um mesmo conto deixam bem patente a multiplicidade de versões que ãe comporta para que o Folk-lorista, na preocupação de reconstituir os Mitos Brasileiros, não se ateha a frases, que sãe a vestimenta e o enfeite, mas ao *esqueleto*, que raramente se perde na bõca dos acaalõs.

A *feiçõ afro-negra* é um dos mais sérios problemas com q' e se defronta o Folk-lorista.

Apezar do grande e paciente esforço de reconstrução dos caracteres etnográficos e etnológicos dos escravos que vieram para as terras da America Portuguesa, tudo está a dizer que o esquecimento vêla o passado no presente da raça que entrou com uma parcela de seu sangue para a formação étnica brasileira.

E' sobre os restos de umas tantas tradições na maioria apagadas ou adulteradas que as feições se apresentam sem, muitas vezes, se lhes precisar, mas presumir, em que *tipos* se enquadram, pois, mesmo no periodo colonial, -- embora os Nagós e os Malês fossem conservadores de seus cultos e de suas línguas, -- nem-uma "nação" escapou da incursão mansa ou violenta de cultos e tradições de outras também afro-negras.

E' em conjecturas, interrogações e reservas que se encontram os estudiosos deante das peças afro-negras, pois, na propria Africa, desde que se iniciou o trafico de escravos, as palavras do quimbundo, do ambundo, do gôge, do nagô, &c., têm se alterado tanto que as de hoje quase não são as mesmas que nos chegaram e ainda as conservamos ou temos alteradas. As tribus de que tais negros provieram, todas com línguas afins ou proximas, vivendo em guerras umas sobre as outras, escravizando-se, desterrando-se ou sendo expatriadas, fundindo-se entre si por efeito de conquista ou de aliaça, sofrendo, além disso, o dominio do colonizador europêu e a consequente intromissão de novas línguas no continente, -- tornaram-se diferentes do que permanecem nos registos escassos do passado e na bôca dos africanos e de seus descendentes brasileiros.

A peça que se vai ler, coligida e citada por Nina Rodrigues, apresenta o nagô *presumidamente* falado nos tempos coloniais:

ORIN ORISÁ NLA

E' igbinerô ekolô baba, owo éro lo fiwa
 Épa eru wariô á lá koriko

A segunda peça, coligida e citada por M. Querino, é uma oração dos Malês em arabe tetrapada, que vem mostrar como o fato de ser ouvida de boca dos negros não justifica feição africana:

Cula-ús Bira binance
 Malé ui nance
 Illa — y — nance
 Arnan — cilazi
 Iú a nuiisso
 Fi-sudunance
 Mina alijamante
 O-nanei.

Essa oração em "arabe" deve corresponder ás Laldainhas de Nossa Senhora que se ouvem, "em latim" pelos nossos sertões afóra:

Cairéleison. Christéleison.
 Patia de céli Deus. (etc.)
 Santa Trinita, ãi-nús Deus.
 Santa Maria,
 Santa Decena,
 Santa Virge viginú.
 Mátem Christié.
 Matem diviné graci. (etc.)
 Matem notemberada.
 Matem é amabilé.
 Matem indimirave, (etc.)
 Virga ó venerandía,
 Virga pédicandra,
 Virga ó póte,
 Virga ó creme,
 Virga ó Fidelio,
 Espéque na justiça. & . & .

A terceira peça é em lingua afro-negra *indeterminada*: — um canto da Sereia do Mar que a gente dos *candomblés* de Santo Amaro diz já ter ouvido de seus maiores como chula de um sambinha de terreiro de engenho, cuja tradução ainda hoje enche de alegria os barqueiros que, varejando, descem o Sergi até poderem levantar os pantos em busca da Villa de São Francisco:

Onin, ô-lô-lô-ô
Onium, oninim lá,
Onium, onitim lá.

Ele saíra dentro d'agua
Dança de gente do mar.
Olha a sereia, menino,
A sereia do mar.

A *feição luza*, como qualquer *estrangeira*, não ilúde o Folklorista mais desavisado, entretanto vai aqui uma *fabula* de Evaristo Ferreira da Veiga:

Vivia Papa-ratos mui contente
Em casa de seu dono, e sem cuidados,
Só por guardar os dentes afiados
Branda guerra fazia a rata gente:

Quando o Fado cruel, que não consente
Gozem da santa paz doces agrados
Aqueles, cujos nomes desgraçados
De negro poz no livro, que não mente,

Ordena, que assanhado Cão raivoso
No lombo lhe prespegue aroz dentada:
Então logo que cão! um pobre, um gózo!

Temem-se a mordedura envenenada,
E foi mandado o misero queixoço
Banho eterno tomar d'agua, salgada.

A *feição é erudita*, mas *luza*. O *tipo é colonial* (1818). A peça é brasileira, obra de Brasileiro, feita

no Brasil. Serve como *recitativo* dos "homens de maior" de nossos sertões. Comparemo-la com a seguinte, de que não se poderá dizer o mesmo quanto á idade, embora os nomes tupis que nela apparecem já estivessem incorporados á Lingua:

A MUTUCA

Hoje eu fui por um caminho
e topei um gavião
com a mutuca no chapéu,
murissóca no balão.
Encontrei um persevejo
montado num caranguejo
caranguejo de bairêto
murissóca de calção.
Homem velho sem *cilcuras*
não s'atrépe em bananeira;
mulher velha alcoviteira
gosta toda de *fonção*.
Arripia sapucaia,
sambambuia;
Manoel Pereira
macaxeira
manipeira
o teu pai era ferreiro,
o meu não era;
tua mãe tocava fôles
meu amor
para tocar alvorada
na porta do trovador.

A *feição cabocla* é vulgarissima e não pediria este paragrafo si alguns Folkloristas não a confundissem com a *feição amerindia* por apparecerem, especialmente nos contos, animais de nossas selvas sem a assistencia ou presenca de outros domesticos ou de outros que existindo fora do Brasil, têm nomes diferentes dos nossos.

O sapo e a caranga
 Começaram a namorar
 Um e outro solteirinhos
 O remedio foi casar.

Depois deles casados
 Não puderam combinar;
 O sapo deu para o brejo,
 A caranga pra voar.

Vai d'aí houve uma briga
 Que virou tenderepá:
 O sapo pegou a dar pulos
 E a caranga a bicar.

O sapo juntou com a gíá
 Foi morar no murundú,
 Carianga pra se vingar
 Amigou c'um urubú.

O tipo moderno e a *feição pobida* não exigem a fonte cobocla d'O Sapo e a Carianga dos vales dos afluentes navegaveis do Médio São Francisco e de Goiás.

A *feição* *erconta* que não se tem querido distinguir, mas simplesmente incorporar á *mestiça*, apresenta-se clara e definitivamente nesses três periodos.

Aqui vai a letra dum *rasgadinho* em que se ouvem o "tirador" e o côro:

Pé-Rapado nasceu póbrc,
 (Côro) Na senzala dos nagôs
 Sem enxada e sem cobérta.
 (Côro) Como nós não é iôio.
 Pé rapado acaba nôire
 (Côro) Nesso reino s'acabou
 Igualzinho á Porta-Aberta.
 (Côro) Nas unhas de Gunocô.

Porta-Aberta éra um avarento sem pais conhecidos que requerêra fóros de nobreza á Corôa de Portugal.

Um dos desembargadores do Paço, chamado a pronunciar-se, classificou o homenzinho de Pê-Rapado. As justiças da Bahia, obrigadas a falar, ridicularizaram o pedido, coincindo por acharem excessivo se desse tanta importância a um "sujeito tão aparrado às praiças" que nem sequer fechava a badôra nos dias de jejum nem nos domingos, sendo conhecido pela alameda de Porta-Aberta, — o que não se ajustava com a fidalguia, tanto mais quanto "isso" não passava de "arrôjo", pois o infeliz, embora nascesse fôrro, em um prêto que, "jé talado, foi atacado de uma doença de pé'e que o tornou branco, mas deixou o cabelo tal um' ora". O pedido foi mandado arquivar até que o requerente provasse sua "linhagem fidalga".

Nos tempos do Imperio, as crianças iam, nas senzálas a uns maximos de "quentura" que os senhores gostavam e sambavam com as creoulas:

A côr da rolinha béla
E' a cor do tafetá.
Tem o bico verdézinho
A rolinha de Sinhá

Côro: Bravo da rôla,
Senhorazinha,
Porque razão
Está zangadinha?

Moço me deixe,
Não seja imprudente,
O senhor o que quér
E' enganar a gente.

Côro: Bravo da rôla, etc.

Nos ranchos, é que se pode ver a *foição creoulle* substituído a *afro-negra*, pois os brancos, — que trouxeram os *talens afro-negros* a participar dos folguedos

populares, — são hoje independentes dos *cuadros* e tomaram por símbolos o *Becorráu*, a *Garcá*, o *Beijellór*, a *Secáua*, o *Urubá*, &c., que se tornaram *totens* de determinados grupos de famílias.

Aqui vê uma peça da segunda fase do *Pinicopêu*, nome que, na gíria dos creoulos, substitui o de *Pinico-pau* dado pelo povo ao Pica-páu:

Olem a belêsa déla
Que nos faz estontica:
E' da Dona Janaina
Nas profundezas do mar.

Tem os cabelos de ouro
E os peitos pr'a amarrar
As camarinhas benditas
Onde o querer faz amar

Olem a belêsa déla, etc.

Seu corpo se cõbra inteiro
Ao prazer cabriazante:
E' todo prateado de estrelas
Feito de escamas brilhantes

Olem a belêsa déla, etc.

Gaguêja a santa Iemanjá
Nos braços que Exú lhe déu,
Fantando o mangangará
Nas azas de Pinicopêu.

Olem a belêsa déla, etc.

E' poesia barbara para musica barbara em que se nota a libertação do creoulo da obediencia aos *orixás* do culto gèze iorubano. A Mãe-d'Agua, *Janaina*, *Iemanjá*, que none tenha, não é a deozêla que se erê depois que os vólhos africanos chegaram na Bahia, mas: que desposou o proprio irmão, *Iganjú*, e dele terêo um filho

Orungan, o ar, por este foi violada, o que a levou a fugir e, perseguida pelo "fruto maldito de seu ventre", cair morta de gravidez, tanto que seu corpo cresceu e de seus grandes seios jorraram dous grandes rios de leite que encheram um lago e logo arrebentou-se-lhe a "barriga", de onde saíram "quinze" filhos duma vez só, todos deuses.

A *feiçõo mestiça* não é nem pode mais ser responsável por toda produção brasileira não ameríndia, não africana ou não ariana (?) na boca dos que falam sobre Folk-lore no Brasil.

Não se crêia, por isso, admitamos venha a *feiçõo mestiça*, somente do mestiço, dono, por indole, de uma intelligencia multifôrme que se revolta sempre e nutre-se cança de crear uma serie de complicações e de conexões em torno de um mesmo assunto como exercicio para o aguçamento de seus instintos e de suas faculdades. — mas, sim, que éa promare dos meios mais ou menos civilizados que tudo fuzionam e tudo confundem na faina de crear, de multiplicar, de produzir, de mutilar, de ressuscitar, de revelar, de persuadir, &c.

As *pegas de feiçõo mestiça* variam em sutilêzas, em critica, enfim em tudo, assumem todos os aspectos e todos os caracteres de outras perfeitamente definidas, sem muitas vezes se distinguirem estas que tambem podem se mascarar naquela, nem aquella que de algum modo tem a facilidade de vestir-se com as roupaz destas.

Nos tempos do Imperio attribuiu-se aos mulatos o "rebaixamento" dos negros, pois a produção folk-lorica refrata, em alguns casos, a critica dos mestiços aos seus pais portuguezes:

Eu cõrro da negra,
A negra me vem:
Nãõ quẽro uma negra
Para ser meu bem.

Quardo uma negra sai
Para ir a festa,
Pentia o cabelo
E rejõxa a testa.

Amãrra o caõlo
E arõia o cacho:
Fica parecendo
Mucaro macho.

Fecha os õlhos,
Aparecem os dentes:
Cabelo de nẽgro
E' quõra-pente.

Arrezala os õlhos,
Arreõanha os dentes:
Cabelo de nẽgro
Nãõ ã ce gente.

Trabalha muito
Aparece pouco:
O cabelo ã curto
Como de pãrco.

Olhar de negra
Nãõ me avassãla: —
Vai-te, ã negra
Para a senzãla

Catinga de negra
Tem dois lugares:
Debaixo dos braõos
E nos calcãnhãres.

Nãõ gõsto das negras,
As negras me amam:
Eu cõrro das negras,
As negras me chamãam.

Mestiças são as duas maiores instituições populares do Rio de Janeiro: — a *Mocumba* e o *Carnaval*, a cara e a corôa do unico mil réis valorizado no Brasil que é a alegria cariôca.

Mestiças como definida intimidade e correlação das religiões que nos vieram da Africa, do Catolicismo que os Portuguezes nos impuzeram e do Espiritismo que, chegando mais tarde, completou a triade mais antagonica em toda parte, porem a mais unida e fraternal do Brasil, — resultante da fusão do negro com o amerindio e o luso, que tiveram a virtude de caldear as suas linguas numa que hoje querem se chamar Brasileiro. De misturar a chula com a catira e o fado, de fazer penchar a dança religiosa e a musica barbara na dança ritmada e na musica ligeira creadas pela Arte, de levar a Poesia Popular de outr'ora a mastigar-se no verso estropeado de hoje, de imitar e transfundir ceremonias de liturgias seculares dos cultos, na loucura afrodisiaca do Carnaval.

Mestiços são, realmente, a *Mocumba* e o *Carnaval* do Rio de Janeiro, — nascidos e alimentados em revoltas contra os artificialismos de uma sociedade hipocrita como eles, — em surpresas com que o Progresso ameaçava de sepultamento todo que era do Passado e agonizava no Povo, nascidos e renascidos de todas as mortallas que cobriam o "matrimonio" das tres regras fortes componentes da formação ethnica nacional. Mestiços, ou antes evoluídos para uma realidade que escarnéce da outra, a que passou, ferrenha no manter os ensinios e as praticas de seus rofineiros avoengos e incapaz de ressurgir de suas cinzas na alegria, que tambem soube gozar, de um mundo grande e soberbo de mitos e de nasões transientes.

Mestiças são ainda, no Brasil, a *Linguagem* e a *Civilização*: — aquélla, como Iena já assaltada por seu filho Orungan, preenche de termos de todas as linguas modernas, de regras de todas as syntaxes estrangeiras, de aparquias na composição, na expressão, na pronuncia e em tudo — e esta que, por incontinente espirito de imitação, de cada país distante ou proximo assimilou um habito ou uma nova mania, e, de cada povo, nos trouxe uma propensão, um tique, uma elegancia, um desejo, para fazer exaltar ou regridir este ou aquelle hem ou este ou aquelle mal.

A produçõ folk-lorica jamais cessa no Recôncavo Baiano, fosse nos tempos da Colonia, nos do Reino, nos do Imperio, seja nos da Republica. Nestes, em substituição aos Camacans, aos Chichorros, aos Muricis e a outros muitos, illustres ou não, que tiveram o dom de viverem com o povo e comparem para o povo, ha certos espalhados em todas as freguezias, em todas as sociedades e em todas as occasões.

Um desses grupos é o de compradores de galiubas em Pojua, onde se encontram ás sextas para as feiras dos sabados, quando voltam á Capital. Gente de todas as côres, de todos os aspectos, desiludida em grande parte. Negociantes de grosso trato que fallaram, indo á miséria; Cavadores da vida que já experimentaram todas as vicissitudes e todas as necessidades. E outros que tiveram posições, grandes e pequenas, e berços felizes, mais ricos ou mais pobres, arrastados á ingratição desse commercio.

Reunidos, — desviando o segredo do atravessamento nos negocios e procurando esquecer as margas da existencia, — esses honens divertem-se em compor "historias". São auctores inconscientes da *feição mestiça* no

Folk-lore moderno. Cada qual inventa uma parte, critica uma ilusão humana, despe uma "verdade" dogmática, arranca um deus de seu trono, e assim, de ironia em ironia, de revolta em revolta, é a explosão do que antes acreditou e do que agora lhe parece fútil e irrisório.

Em cada "conto", — não de réis, que já possuíram e perderam. — é necessário que todos se deleitem e não tenham seus autores anônimos por vencidos e humilhados. E assim um, o "acérta-pedaços", se inventa da "redação-final" e a submete, polida de angústias, aos "aviadores" de capoeiras e mais capoeiras de aves domésticas. Nela se escreve, a não ser no "côco", e ninguém pôde se chamar dono de uma obra comum, exclusivamente destinada á transmissão oral.

Geralmente, o que sai dessa colaboração de tantos espiritos diferentes traz, no fundo, a fantasia e a imaginação a destruírem o que elas mesmas criaram em outras épocas e outras bôças.

De qualquer modo é a *feiçãõ mestiça* que está em campo.

CAPITULO IV

OS PROBLEMAS DO INDIANISMO

Não raro aparece quem diga e escreva haver Nina Rodrigues, estudando o *Negro Brasileiro*, seguido o canibó antes perustrado pelo General Couto de Magalhães.

Isso é tão pueril e tão inexato que nem-um homem de ciência pode admitir como verdade.

Couto de Magalhães penetrou numa scára vista bem ou mal por outros, deu-lhe feições que a epoca recebeu como interessantes e tão eruditas que inda não perderam o brilho nem a tradição nos meios intellectuais.

Nina Rodrigues não encontrou quem, de qualquer merito, o precedesse. Lutando com os restos de uma civilisação que se apagava na dispersão e no desaparecimento de seus tipos e, mais do que tudo, com a dificuldade de iniciação nos misterios afro-negros que lhe abriam campo vasto a suas pesquisas, ele as supriu, graças a Ciência, conseguindo vencer óbices a outros insuperáveis, sinão indefinidos, e legar contribuições em que se assentaram todos os estudos posteriores sobre o *Negro Brasileiro*.

De comparação em comparação, de surpresa em surpresa, de pesquisa em pesquisa, a obra de Nina Rodrigues, notavel no fundo e soberba de revelações, pode não ser, como não é, brillante na exposição, nem moderna sob certos aspectos atuais, mas avulta pela riqueza de precisão de seus luminosos capitulos só possiveis de

imitação pelos maiores mestres de seu tempo que os escrevessem com o mesmo desatino e a assombrosa intensidade com que ele o fez.

Não ha quem se arrisque a dizer o mesmo de Couto Magalhães. Sua obra surgiu de uma serie de "necessidades" reconhecida desde os tempos do Ato Adicional, — de idéas patrióticas e literarias mascaradas de ciência que se multiplicavam e difundiam á voz dos maiores intelectuais da epoca, — e, — como ella e como elle, — muitos outros, cada qual para seu lado, enveredaram a seus proprios geitos e de todas as maneiras pelos mesmos campos, buscando o passado no presente que vivia na sêlvas e nos vocabularios e escritos sobre a raça amerindia.

Era a febre de "Americanismo" ou do "Indianismo" a atilar espiritos sem os crear e sem os dirigir, deixando-os entregues á nomeada ou á consideração de que gosassem, — caedais esses com que se mediam os valores e mais tarde foram abala los pelos exploradores que devassaram os mesmos territorios, as mesmas tribus, as mesmas e outras bibliotecas, os mesmos e outros arquivos.

Nina Rodrigues não foi arrastado por outro geito senão o seu, por outra necessidade senão a de recuperar, pelo trabalho pessoal e paciente, o quanto possivel de seculos de esquecimento. Em tudo faltava-lhe o registo, a contribuição, o esforço e o auxilio de lexicografos e de etnografos. Era necessario penetrar num ambiente em que só a Ciência serviria de escudo: — havia certamente hipoteses a destruir e fatos cujas causas deveriam ser determinadas.

O trabalho de Nina Rodrigues coroou-se de louros tempos adiante: — extravasou as fronteiras nacionais tornando-se patrimonio tambem dos sabios.

Couto de Magalhães, seduzido pela teoria dos mitos solares, obrigando assim o "Indianismo" a comportar-se nesse meio novo, não poderia se libertar, tempos depois, sitiado que estava por uns tantos que se fizeram iluminados pagés do "Indianismo" e que não consentiam se destruíssem proposições e erros, mas se os contornasse ou ladeasse por outras proposições, mesmo deducionais, e por outras deduções, mesmo hipotéticas.

A Ciência do seu tempo, ainda vacilante nos meios brasileiros, empírica fóra dos domínios da matemática e das ciências físicas e naturais, mas subordinada ao mal dos retóricos e das prolixidades exaustivas da erudição e escravizada ao temor das retumbantes excomunhões religiosas, bordava-se de conceitos filosóficos e dos artificialismos de uma lógica apoiada em fatos no geral impróprios ou de todo estranhos à nossa realidade.

Esses entorpecentes e esses tóxicos não se veicularam na mentalidade de Nina Rodrigues, nem poderiam ter óco em sua atividade de observador e de pesquisador alheio à poesia do patriotismo que tudo endêusa, entregue, por suas propensões e por sua profissão, ao diagnóstico das causas e à evidência dos efeitos.

Não se compare, pois, nem se admita parábolos nem obediências da obra científica de Nina Rodrigues, que a edificou em bases então seguras à vista de seus contemporâneos e de seus discípulos e ao alcance dos estudiosos, à obra de Couto de Magalhães, tradição ou registro que os etnógrafos de ofício quase nem consultam nem citam.

Dissipando com tais e tão ineisivas palavras a heresia dos críticos e a gabolice dos metidos a orientadores de opinião, comparemos a situação real do Indianismo

e do Africanismo no Brasil como preliminar a exposição deste Capítulo.

O Indianismo não consegue remir seus arautos, seus obreiros e seus expoentes. A lita que se travou, ainda no século passado, em tórno da "impropriedade" e da "bastardia" da *Lingua Geral Brasílica* estabeleceu a dissensão que veio até nossos dias. Cada qual arvorou-se em *magnus-inter-partes* como entidade á parte, a buscár, sem a necessaria cultura ou sem a decencia que se exigia, a admiração popular, sempre falha em suas escolhas, em vez da consagração científica, mais rigorosa no critério das apreciações.

O Africanismo, não. E' a obra de Nina Rodrigues que se estende, que se aperfeiçoa e mais se engrandecer. Todos os obreiros voltam-se para o mesmo sól quando a hora do trabalho vem e, como num só laboratorio, tomam os seus lugares até que, terminada a labúta, se abraçam irmanados pela mesma causa científica.

No Indianismo, como num circo em que os palhaços rient-se intimamente da multidão que os aplaude, os "vencedores" são como Gatos de Botas e engolem os que lhes pedem luz, os que gritam ou lhes apontam os erros. Também, sobre suas memorias, corvejam os plagiadores e os fantasistas e execeram-nas á gorção inconciente em que vivem.

No Africanismo, cada qual mais se honra da verdade que o outro descobre, ou mais se amina quanto mais se difunde a obra de um na obra do outro. — e prosségue contente a sua tarefa, imprimindo mais vigor a suas pesquisas.

Enquanto, em poucos anos, o Africanismo conseguiu esclarecer pontos basicos necessarios ao seu estudo,

o Indianismo ficou-se na pasmaceira de uns tantos e velhos problemas linguísticos.

Parece não haver justificativas para um tal estarreimento por parte dos cultores das *fontes ameríndias* de nossa Língua, — sejam tupis, nheengatús, abacenergas ou guaranis. Qualquer dessas variações proximas é o mesmo tesouro, a mesma preciosidade providencialmente dotada do menor numero de vocabulos e de flexões, ou antes, a Língua Brasileira, a mais perfeita de todas sobre a Terra, que apresenta, na decomposição e na interpretação dos Termos, uma pasmosa flexibilidade para que se penetre nos seus segredos e nas suas raras belézas estruturais.

Isso não embarga que os seus grandes amadores se fizessem profissionais das simplificações, como feitiço mais *proprio a satisfazer a curiosidade exigente e immediata do publico e meio mais pratico de crearem, por esse artificio, limites beta cmodos e estreitos ás suas responsabilidades.*

A verdade é que tais doutos não enfrentam, preferindo fugir sempre, os casos que se apresentam fora dessa escola "primeira" dos etimologistas que não tiveram a sorte de conhecer os multiblos sentidos das letras e dos termos hebraicos e como se deu a formação de seus vocabulos e de suas "chaves", — ou não se dedicaram a outros assuntos linguísticos, mesmo os do Português, senão esses de que se occupam e nos quais não podem penetrar profundamente.

Não exceptuamos quem seja, embora, — e como nós o Brasil inteiro. — possamos apontar Teodoro Sampaio, bahiano de nascimento e na Bahia feito, desde o seculo passado, cultor da Língua Geral Brasileira, como sendo o maior nome e tambem o Mestre de mais realce nos

tempos de agora, que aliás, não errou discipulos e não enveréda, senão acidentalmente, na solução de casos linguísticos fóra dos toponimicos.

Aos Indianismo, como um pesadão para seus apóstolos, são atribuidos dois *dótes* de muita valia nos annis de sua historia secular:

1.º — a avidez com que chamou aos seus vocabularios termos portuguezes, afro-negros e hibridos, e leu de grande numero dos fornecidos pelo Galião Brasileiro:

2.º — a incapacidade, — pela falta de contacto de seus sequazes com as populações selvagens, ou já incorporadas á Civiisação, — de destruir as duvidas crevas por elles mesmos e por outros em torno da origem e da significação dos termos já disseminados por todo Brasil.

No primeiro caso, para não irnos alem das necessidades do Folk-lore Brasileiro, basta citarmos *CUCA*.

No segundo, realcemos a necessidade já muito protelada de se penetrar nos segredos da etimologia amerindia da trindade *CAUPIRA-CAIPORA-CURUPIRA* fóra do ambito da interpretação "telegrafica" pela decomposição "cadavérica" de dois ou mais componentes de cada Termo.

Vejamos *cúca*. A mudança do *u* em *o* e vice-versa misturou, na Linguagem Popular, *cúca*, *côca* e *cóca*, para que os distingam os que tratam de tais vocabulos no Brasil e em Portugal.

Cóca, — *Erythroxilon cóca*, — o vegetal do Perú que dá a cocaína. Os espanhóis que viram os peruanos tiuguijar os veixes com a *cóca*, empregaram o termo

com felicidade aplicando-o ao capuz dos jesuitas que levavam os heréticos aos celebres Tribunais de Santa Inquisição. Esse capuz, em forma de cone alto, ajustava-se ao rosto e cobria a cabeça do "irmão-terrível", tendo só dois furos para os olhos. O officio desse *serro de Jesus* foi o que definiu *cóca*: — fingir-se afeiçoado á vítima, procurando iludi-la, e acabar estonteando-a (na presença dos juizes do Santo Officio).

Dalí apparecer, com o nome de *cóca*, um papão feito com uma abobora ôca, com uns furos correspondentes a olho, nariz e boca, iluminada interiormente. (No Bras. um mamão verde). Nos desses collegios, — (por ser uso nas senzalas), — quando o menino se tornava por demais incorrigível ou com fias falta gravissima, era condemnado á *cóca*: — numa caveira humana iluminada por dentro por uma velinha e posta num canto da cella).

Na Galizia, além da abobora e que os espanhóis chamam em *cóca*, havia tambem a serpente da proeissão de Corpus Christ, com esse nome. Uma figura de papelão com a boca iluminada por dentro, alusão ao Santo Officio que só appareceu depois que os jesuitas foram expulsos de toda a península ibérica. *Cóca*, na Espanha, passou a ser sinonimo de indole de inquisitor.

Á parte accepções outras de *cóca*, naturalmente creadas com o tempo, inclusive *cocar*, — estar á *cóca*, estar á espreita, esperar a chegada de alguém ou de alguma coisa, — *cóca* é justamente o papão de Minas Gerais da quadrilha de Lindolfo Gomes (*Cantos populares e quadrinhas de aborrecer* — Juiz de Fóra), aliás citada por Amalva Amaral:

Vai te, C6ca, sai cáqui
 Para cima do telhado:
 Deixa dormir o menino
 O seu sono socogado.

Voltemos áquele *cocar* portuguez. Não é o *cocar* brasileiro, mas o nosso *mócar*.

Passemos a *côco*.

Côca entrou a confundir-se com *côco* nas citações mineiras, embora não nas relativas a Portugal, São Paulo, Bahia e Pernambuco. A razão disso é que, naturalmente, em Minas Gerais *côca* espanhól dominou contra *côco* portuguez, na inovação de *farricôco*, *farricôca* e *farricunco*. (*Côco* havia assumido, em Portugal, sentido maior do que o espanhól de *côca*: -- a mascara da Inquisição, o terror, o medo, o fantasma) *Farricôca*, -- o fantasma do Faro, isto é, das ruínas de Estoy, edificios, aqueductos, &c., da supôsta Ossonóbia, cidade dos tempos romanos. *Farricôca*, substituindo *farricôco*, encontrou logo quem o fizesse oriundo de *ferre*, levar, e *côco*, o habito que fazia terror. *Farricunco* é uma variação adotada pelo povo de Portugal. No Brasil a voz corrente foi *farricôco*.

Vestido tal qual o jesuita que fazia o papel de "irmão terrível" nos Tribunais do Santo Officio, o *farricôco*, em Portugal como no Brasil, podia não se fantasiar de preto, mas de cêr de rapé escuro ou de cinzento, conforme a sua missão. De preto quando, empunhando uma tócha, acompanhava, ou antes, carregava a tumba da Misericórdia, que era um coisão que servia para levar ao cemiterio os indigentes que deixavam esta vida. Em alguns lugares de cêr de rapé. De cinzento quando acompanhava as procissões, como em penitencia, flagelando-se á vista de todos. (Isso não impedia que os *farricôcos* da Misericórdia tomassem parte nas procissões e fizessem o mesmo vestidos com seus *côcos* habituais). Em ambos os casos, *farricôcos* de officio e *farricôcos* de ocasião, além da tocha, muitas vezes carregavam uma trombêta com que anunciavam a passagem

do "enterro do Senhor" ou das procissões durante a quaresma. O tempo foi arrancando a máscara, mas conservando o capuz. Por fim, o capuz appareceu caído ás costas como os dos frades. O povo chamava os *farricôcos* de *galos pingados* porque as capas em que se vestiam tornavam-se pardas e cheias de pingos de cêra. *Galão pingado* passou a definir homem sem prestimo, embora que hoje homem sem ter onde cair morto.

Na cita de Gonçalves Vianna das *Orações Academicas* de frei Simão

O melhor poeta um côco,
O melhor râte um papão,

estão estabelecidas as diferenças entre *côco* e *côca*,

Na cita de Amadeu Amaral do *Auto da Barca do Purgatorio* de Gil Vicente

Mãe, e o côco está ni

trata-se simplesmente de *côco* portuguez e não de *côca* espanhol.

Tratemos agora de *cúca*.

Cúca, em uma de suas accepções, vem de *cuccagna*, italiano, composição de *cucêo*, cozinheiro, que por sua vez é o *coquus* latino, e de *guia*, tão bem latino, de terra, do paiz.

Cucania, em portuguez *Cucanha*, foi uma novela que appareceu no seculo XIII e que o mundo inteiro leu e comentou seculos alevanto, chegando mesmo os poetas do seculo XVI a traduzi-la *Lubberland*. A ação corria em torro de um paiz fabuloso e jas casas eram feitas de pasteis e de doces e as ruas calçadas com pedaços

de queije. Havia tudo em abal daueia, nessa admiravel ilha do Oriente: — até os rios eram de vinho e os pomares de frutas perfumadas. O personagem principal, o cosinheiro *Cucanha*, desfrutava a paz e a felicidade absolutas. Ninguém mais diíoso do que ele nem, no mundo, outra melhor do que essa terra encantada poderia haver.

A novêla das casas de epicuros e glutões teve em mira ridicularisar Avalon, o paraizo terrestre da mitologia celtica ou a Ilha das Alvas situada nos mares orientais. Ynys yr Avallon, a ilha de cristal, onde as uvas e maçãs abundavam, era a alegria. *Cucanha* veio mostrar que a Humanidade sofria as negações das delicias do amor e da mēsa não podendo ser sensual nem encher a barriga em Avalon. Daí a *cucanha* portugueza, festas, regabofes, prazeres. O brasileiro não interpretou a novêla desse modo, mas noutro, definindo *cúca*: — misterioso, negações, fantasmas, illusões, maravilhas, feitiçarias. Daí, *cúca*: — misteriosa, negociador, maravilhoso, feitiçeiro e, conseqüentemente, *cucucanto*, adjetivo, e *cucuc*, verbo.

O nosso *cúca*, cosinheiro, que deu *Sen Cúca*, *Senhá Cúca*, não teve, como se pensa, ligações com *Mister Cool*. Nem mesmo se poderá attribuir de logo a outro fato, sinão a esse da novêla, a creação do *cúca* no Brasil, muito embora cosinheiro, em quasi todas as linguas européas não latinas, se pronuncie *cóque* ou *cúque*. (Os colonos quasi não tiveram trato com d. n. arqueses, alemães, ingleses, etc., e repeliam muito os ternos dessas origens).

Utilisemo-nos ainda das eitas de Amadeu Amaral.

Carvalho Ramos. (*Contos e Boiadas, Rio*) e Rodolfo Garcia (*Vocabulário de Brasilanismos — Peculiaridades Pernambucanas*) não saem do sentido brasileiro de *cúca*, correspondente em São Paulo e no Brasil todo ao *negro*

velho de Minas Geraes e no bicho *tutú*, ou simplesmente *tutú* de muitos estados.

Ticúca e *quecúca* de Pernambuco, citações em Rodolfo Garcia e transformados por alórese em *cúca* e na acepção de rôlo de mato, vem respectivamente de *yiné*, braço, e *cúca*, abareante, que os braços alarcam ligeiro (*yí-cúca*), e de *caú-cúca*, mato que se abarea. — rôlo de mato.

As variantes *corica*, *curúca* e *corumba*, registadas por Beaurepaire Roha? na *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, e correspondem a *cúca* brasileira embora que a nossa *cúca* seja ao mesmo tempo a *cóca* espanhola, o *cóca* por uguez, seja a rapas da Inquisição, e tambem alguma coisa de mais terripleto do que a *cóca* e o *cóca*.

Corica e *curuca* são simplesmente *corúca*, de *curó*, tupi, velha muito feia e amaleuada, geralmente mendiga ou alóida, carregada de traças, com que se amedrontam as crianças (*cóca* por uguez). *Corumba*, e tal velho casqueto que os meninos se reditam comer creatureas e, por isso, fogem dele, é geralmente um catimbozeiro ou um necessitado que vive a pedir esmolas e promete carregar com os coitadinhos quando os pais pedem. De *curúca*, sarnas, brotoejas, borbulhas? Nada. Vide Capitulo XV.

Resumamos:

— *Cúca*, — o papão, — a caveira iluminada, a indole do mal, do malvado;

— *Cóca*, — a mascara da Inquisição, o terror, o mêdo o fantasma, o gáto pingado;

— *Cúca*, — o cosmeheiro da abundancia, misterios, negações, maravilhas, feitiçarias, e adjetivos correspondentes a esses substantivos.

Cúca de Minas Gerais (Carvalho Ramos) e *cúca* de Pernambuco (Rodolfo Garcia) correspondentes a *negro velho*, *bicho tutú*, &c., estão certos. *Cúca*, *ticúca* e *quetúca* de Pernambuco (Rodolfo Garcia) vêm do tupi e nem-uma ligação têm com *cúca*, de Cucumba, nem com *cóca* espanhola, nem com *côco* portuguez, e significam distintamente rôlo de mato.

Coríca, *coróca* e *corumba* (Beaurepaire Rohan) correspondem a *negro velho*, *bicho mamãe*, *tutú*, &c., mas absolutamente não ilustram nem interferem na formação de *cúca* brasileira, como também não interferem outros correspondentes vindos do tupi: *angóca*, *caipóra*, *saci*, *curupira*, &c.

Agora a outra formação de *cúca* brasileira.

Farricunco trouxe para nossa lingua *conca* e *cunca* em vez de *cóca* e de *côco*. Em verdade, *conca* e *cunca* sempre foram em Portugal a mesma coisa. De *concha* latino vieram *concha* e *conca*, ou melhor, *concha* com h e sem h. *Conca* entrou em lugar de *concavo*, cavado. Ainda hoje se diz, em portuguez fino, a *conca* da orêlha. Em Portugal, *conca* era tijéla, sopeira.

O Brasileiro revoltou-se. Chamou *conca* á espatula da palmeira. Também não chamou á lingua falada em Gôa e costas do Malábar de *concaa*, *concani*, *concanim*, mas simplesmente *conca*.

Daquela *conca*, cavado, bahianos, sergipanos, alagoanos e pernambucanos fizeram *cunca*, a caixa de madeira, com tampa, em que se guardam ou se transportam comidas, mas antes disso já haviam dado esse nome aos tuberculos que apparecem na raiz do umbuziro e que são refrigerantes nos tempos do calor e da secc.

Dessa accepçõe de *cunca* no sertão, appareceu a de *cúca* tal qual a do *negro velho* e outros espantelhos das

creanças que as carregam na *cunca* ou as devoram como a *cunca* deliciosa do umbuseiro. Na *cúca* sertaneja, que é muitas vezes a que aparece nos estados do sul na boca dos emigrados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, não ha ligações de origem com a *cúca* e Cucanha.

Ainda ha o *Cuca*, Mito Amerindio que o leitor conhecerá a seu tempo.

Caipira passou como conhecido ou como adiado nas investigações dos Indianistas, mas, infelizmente, o *statu-quo* em que se paralisaram as pesquisas e os estudos não é admissivel serão por falta de contacto pessoal com os meios que ainda guardam remanescentes das formações dos Termos Brasileiros.

E' lastimavel, pois de todos os vocabulos regionalistas que definem *homem*, pode-se afirmar ser *caipira* o unico possível de ser applicado pelo Brasil inteiro, quer se trate de amerindio que foi, mesmo em parte, absorvido pela Civilização, quer se refira, no sentido proprio ou no sentido figurado, ao Brasileiro que não atingiu, pela cultura ou pela educação, um lugar melhor na sociedade.

A sinonimia de *caipira* é extensa. Limitemo-nos a alguns correspondentes de maior curso. *Tapuia* na Amazonia. *Casúca* no Piauí. *Cabra* e *matuto* no Ceará. *Catingueiro*, *mandioqueiro*, *rocciro* e *matúto* em Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. *Tabacúdo* em Alagoas. *Tabaréu* em Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro. *Catingueiro*, *rocciro*, *matúto*, *caipira*, *saltamôita*, *tabaréu* e *caboré* no Médio São Francisco. *Mandioqueiro*, *restingueiro*, *matuto* e *rocciro* no Espirito Santo. *Caboré* em Goiás. *Guácho* e *guásca* no Rio Grande do Sul. *Caipira*, designação adotada por mais

da metade da população brasileira, em Minas Gerais, São Paulo e Pará.

O termo generico em portuguez é *sertanejo*. Em tupi, ou na lingua geral da catequese dos jesuitas, é *tabaréu*. De *taba*, aldeia, arribal, *rana*, por cima com inferior por um qualquer nativo a. *Tabarana*, a aldeia, a casa, que se parece com a dos indios. *Tabaréu*, o nascido na *tabarana*, é termo brasileiro obedent ás regras portuguezas: — *tabarôu*, *tabarêus*, *tabarêas*. Segue assim *ilhêu*, *ilhôu*. Houve, em Portugal e mesmo no Brasil, um esforço tremendo de filólogos agarrados ao Latium para se impingir *tabaréu* como originario de *tabardo* ou *tabarra* que os portuguezes tambem diziam *tabórdo*. Esse *tabardo* era uma capa curta com mangas e capuz usada por uns certos soldados de ordenanças mal vestidos e mal exercitados que tomam o nome de *tabarêus*, como podiam tomar o de *matrôlos* no sentido de plebeus e mal casinados. *Tabaréu* é genuinamente brasileiro.

Caipira é termo mais lato do que *tabaréu* e, sobre ser menos restrito, é sinonimo de triste, de ignorante, de ana'fabeto, &. Ninguem que tenha ido a um escola diz: — *sou caipira!* Deshonra-se isso. Mas dirá com orgulho: — *Eu sou gaesco!* *Sou gaucha!* *Sou tabaréu!* *Sou sertanejo!*

Em tôrno de *caipira* tem havido uma cêluma dos peccados. O termo não foi, e não podia ser, creado pelos colonisadores de Minas Gerais, tanto que, — e se verã adeante, — em Minas Gerais mesmo, *caipira* é um termo que generaliza, isto é, que abrange todos os *matrôlos* e os define, mas ha tambem outro que está na bôca do povo e os escriptores não consignam.

Deante dessa confusão de qual a origem de *caipira*, Amadeu Amaral chega a perguntar e responder inuito a propósito:

"Qual a origem? Como todas as palavras de aspecto indígena, real ou aparente, tem fornecido largo pasto á imaginação dos etimologistas. Uns derivam na de *caupira* sem se dar o trabalho de explicar a transformação; outros de *cau-pôra*, o que é ainda mais extravagante, si é possível. Couto de Magalhães entendia que era ligeira alteração de *cau-pira*, mondador do mato".

Macedo Soares revolta-se contra Batista Caetano por taver traduzido *caipira*, — *caí*, queimado, *pira*, péle ou outão, *caí*, abatido, submetido. — mas ele mesmo não consegue melhor levado pela ilusão: — *caí*, mato, *ipir*, principio, base, primitivo, oriundo, filho do mato, originario da roça.

Theodoro Sampaio aguça o sentido de *pira* que esse, não haviam considerado e diz que o termo é corruptela de *caí-pira*, o ei vergouzado, e timido.

Por aí chegamos á conclusão de haver duas correntes: — uma em favor de *caí*, mato, e outra em favor de *caí*, queimar. E para o caso de *pira*, trez. Batista Caetano quer *pira*, péle. Macedo Soares, *ipir*, principio, base. (*Ipi* é cabeça de geração). Batista Caetano e Theodoro Sampaio adotam o sufixo *pira*, mas o verbo *caí* e não o substantivo *caá*.

Ficaria a celebração acabada si não apparecesse *caipira* como formado de *caí* e *pira*, dastro, lépra, casco, pele, escama. Essa, talvez, melhor interpretação do que todas as anteriores, fosse o termo creado ou não pelos colonisadores de Minas Gerais. Ven naturalmente da regra geral de decomposição das palavras tupis e está mais conforme ao que, no passado, se pudesse admitir fosse o

homem rustico visto pelos cabôelos ou diminuido pelos que moravam nas cidades.

Continuemos a ilustrar a questão. Lembre-se o Leitor de que partimos de *caá* e não envolvemos ainda *caí*.

Pira, bíra, pora, bora, pura e bura são o mesmo sufixo em tupi. Como — (estamos avançando o que ali da era cedo para vir à luz) — os prefixos, os sufixos, &c., não perdem as accepções que tinham nert as correlatas e afins na formação das palavras brasileiras... Vamos ao Norte de Minas Gerais. Vamos descobrir o que é esse encantado *pira*. Também esse encantado *caí*.

Theophilo Ottoni. Arassnabi. Salinas. Trowedal.

Lá estão o *caipiáu*, (cuja pronuncia os viajantes obliteram em *capiaú* pela mania do *caá*), e o *caipira*.

E agora?

Admitamos *caá*. *Caa-piaú*: - o peixinho *piáu* do mato, o acarú do mato. *Caa-pirá*: - o peixe qualquer do mato. O Leitor ha de convir que isso é muita ingenuidade e redundã em iguais vindas até agora. Não importa que *piáu* seja um peixinho e que *pirá*, (ou *piu* que é a pronuncia mais comum), seja do mar ou do rio, o que ainda não sabemos e nem cabe averiguar. O que importa é que se interprete o sentido real de *caipira* pela entrada que nos oferece *caipiáu*.

Piaú é peixe determinado. *Pira* é mais generico. O *caipiáu* é o *piáu* que tem horizontes mais limitados e não assume habitos e costumes diferentes ou iguais aos de outros *pira*, desde a balêia (?), *pirapoan*, até o *pirapetilinga*. É um isolado do mundo, metido na sua roça e difficilmente conhece *casa Brasil me no.* isto é, o municipio em que vive. O *caipira*, não. Anda por todos

os lugares, adapta-se a todos os meios, muda de condição, prospêra, desenvolve-se, está em contacto mais directo com a civilisação de que o *caipiáu* foge.

Si não se pudesse ir adiante, tudo estaria bem, mas um novo caminho surge aberto para as pesquisas dos origens de *caipira* e agora também de *caipiáu*.

Deixem os *caí*. Temos a certeza absoluta de que entram na formação dos dois vocabulos.

Porque esse irritante é que dá lugar a se dizer que é *caí* e que é *caí*? Certo que não ha de ser o verbo. Nem se justifica mais o verbo *caí* deante de *pira* e de *piáu*. Ha de ser, forçosamente, um substantivo. Ou melhor, um genitivo.

Caí-i, — o rio do mato. No Rio Grande do Sul ha o rio *Cahy*. Esse *caí* é também genérico: — *caatinga*, *caá-pim*, *caá-piã*, *caá-pocra*, &c., *atinga*, *capim*, *capão*, *apocira*, &c. (I é uma vogal que se muda algumas vezes, donde as alterações que se dão na pronuncia das palavras e as mudanças de grafias que originam casos como esse de *caipira* e de *caipiáu* em que o *I* torna-se quase mudo para fazer prevalecer a acentuação posterior).

Caipiáu: — o piáu da agua do mato, o que vive á beira da agua do mato isto é, o que tem um campo restrito de ação.

Caipira: o peixe da agua do mato, o que vive á beira da agua do mato, isto é, o que tem o campo lato de ação: — o mundo. Era *tapi*, o mundo é *arabica*, *arabira*, *urapura*...

Caipira entrou na linguagem vulgar portugueza significando avaro, covarde, — o que o nosso *caipira* não é. Mesmo investindo contra a paradeira na terra natal, contra as necessidades maiores e contra todas as

desilusões da vida, o *caipóra* não sabe ajantar nem negar um real, como também não é capaz de consentir, estando, que mesmo o desconhecido merra á fome.

Até agora se procura saber por que cargas d'agua se está escrevendo *caá-póra* e não *caipóra* como sempre se disse e sempre se escreveu.

E' uma das "belêzas" do Indianismo que, negando as regras da Lingua Portuguesa, ressuscitou as vogais duplas que não representam dois termos mas um só, — erro erro de Etimologia Brasileira vestida na adopção desse intempestivo *caa*, — *mato*.

Não nasceu, como se pretende, de haver Euclides da Cunha restituído n'Os *Sertões*, as origens de *caatinga*, pois ele não se arriçou a dar vida a *caa-pim*, *caa-apêba*, *caa-clé*, *caa-mbuca*, *caa-roá*, *caa-rimua* e outros vocabulos compostos de *caa*, — folha, planta, herba, fruto, arvore, lenho, &c.

Caipóra é apenas um remanescente animico e doctio das fantasias etimologicas de alguns arvorados a Indianistas.

Caipóra, — genio do mato...

Encontramo-lo ora masculino, o *caipóra*, ora feminino, a *caipóra*. (O mesmo acontece com *sabiá* e outros noras).

Conto de Magalhães nos descreve o masculino: — um homem colossal, peludo, montado num porco do mato. Quem o visse tornar-se ia para sempre desditoso. E' o genio protetor dos animais silvestres que o homem caça para se alimentar.

Agora o feminino: — uma mulher sem uma das pernas, vestida de branco. E' perdida por um pedaço de fumo. Não perdôa quem passe e não lhe dê tabaco para o pitimbáú (cachimbo). Posta-se nos caminhos, nas encruzilhadas, á beira das cereas. Não faz mais do que assombrar.

Os nossos Indianistas e literatos montaram no *caitelú*: — *caa-pôra*, o habitante do mato, o que se fez mato, agréste...

Caa-pôra, *caa-pôra* e *caa-pira* se ouvem frequentemente na Amazonia, mas absolutamente não se confundem com *caipôra*, — (Lá se diz mesmo *caipôra*).

Caipôra nunca teve na tec. conía tupi a importancia que se lhe empresta.

Ninguém melhor do que o americano sabia e sabe que *mbactatá*, *macáia*, *caipora*, &c. eram santeimo, ôgofátuo, fosforescencia, mas entretanto apparecem como espiritos malignos que o perseguia pelas estradas. E com essas mesmas accepções, os Portuguezes nos transmitiram esses Termos que, depois, se tornaram em papões de homens grandes que ainda os perseguem como almas do outro mundo ou genios simplesmente *caipôras*.

Os nossos Indianistas que traduziram tão bem *mbacé-tatá*, — o que é só e todo fogo, — e *macáia*, — o que se queima por si mesmo, — foram, sem necessidade, a *caí*, — queimar, — a busca de origens de *caipira*, e "estreparam-se" na "besteira" de *caipôra*.

Caipôra: — *caí*, queimar, e o sufixo *pôra*. *Pôra* (como *bôra*, *pira*, *hira*, que são a mesma coisa) fórma, com a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos, o que se chamava o participio passado adjetivo. (E essa foi a regra utilizada pelos primeiros que tentaram traduzir *caipira*).

— *I-cai-póra*, — o queimador, o que queima. Por extensão: — o que é fôgo, o santélmo, o fogo fátuo, *mbac-tatá, macaieira*.

Na credence dos caçadores, esse fôgo-fátuo móra na caitejú, — *cai-(tejú)-póra*. — porque a *caipóra* ou a *caipóra* anda a soltar baforadas de fumaça.

Isso prova que iam ser extranho, de mesma ou de outra teogonia o possúc e lhe empresta atributos que os amerindios não referiram e os colonisadores não descobriram.

E' cêdo para encontrarmos esse ser extranho. Li-mi'ernos, por enquanto, nossa curiosidade a ouvir o poeta que, ao tempo em que falou na *Caipóra*, tinha ela por marido ou companheiro, na terra fluminense, ao *Saci-Pererê*, então ave noturna, tambem de um pé só, que andava pelas estradas cantando: — *Saci-Pererê, minha perna me dóe*.

E' caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas
Se põe a esconjorar.

E' alma de um tapuio
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o queirada mais bravo
Transpõe vales e rios
Com o cachimbo na mão!

Assombro das manadas,
Enrêda a onça em matos de sipó;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quase que voando,
Suspense num pé só!

Ao pobre viandante
 Assombra e ataca em meio do caminho;
 E pede fumo e fôgo, e sem demora
 Lhe mostra a Caipira
 Seu rego cachimbinho.

Servido no que peço,
 A contás justas, safa-se a correr...
 Do contrario, se fica descontente,
 De cócega a gente
 Faz rir até morrer.

E' cahoclinho feio,
 Alta noite na mata a arsoviar;
 No norte, diz o povo convencido:
 — Não indo prevenido
 Não é bom viajar.

O ultimo e talvez mais interessante do lote é *Curupira*, cujos sócios modernos são o degenerado *Sacy* de Minas Gerais e o "atuado" *Caipóra* que os Indianistas e Folkloristas se incumbiram de transformar, fazendo-o *mito amerindio*, quando é apenas *brasileiro*.

Nas valera a *Curupira* os atributos de *Jurupari* dados pelos Padres da catequese e que ainda se conservam na boca ignorante do povo e até mesmo dos ameríndios, nem a submissão desses Indianistas desavindos á sanha desses Missionarios que fizeram, do *Anhangá* do sul, um correspondente (?) do *Jurupari* do norte.

A brevidade com que foram interpretados os vocabulos tupís, não se levando em conta o que disseram Anchieta e Gonçalves Dias (este infelizmente havido por visionario e fantasista), e o vézo de se acompanhar a opinião, nem sempre exata, da maioria levaram os nossos homens ao interesse de cada um, como o poeta,

.....conquistar um nome
que não consome o perpassar das éras.

Não fossem alguns filólogos de freguezia que irritam os nervos da gente com a mania dos termos cultos e dos termos classicos, — nus já imprestaveis e outros arcaicos, nus nobres e outros devidósos, — e não teriamos, da eurtida erudição de tais arranha-céus, outro encanto sinão esse de os vermos sabedores da supposta lingua pura de Portugal, que éles, Brasileiros, falam.

E os admiramos por haverem buscado o termo *latim reumatico* das Artinhas de seu tempo, no *curripus*, da quarta declinação e no *pura, ae*, da primeira, ridiculizando-se assim a si mesmos na ineptida loucura de enaltecerem a “hurragem” do Brasileiro e de exaltarem a interminavel “erudição” do pãvo que, por suas glorias, se fez e maior dentre os que vivem no nosso passadô.

Esse fôgo da vitoria e essa destruição da vitoria que a gente éles esses senhores descolharam em *Curupira*, os aleijou para sempre na investida contra Mortoya, Martius, Batista Caetano, Coato de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theodoro Sampaio e outros por eles havidos como os “drendes” da lingua. Querem as palavras escorridas para a singelosa barbara do *Gram loquitur* sem o *Geo ponderat* nem o *Mus canit*, e hérram, ev melhor, blatéram, — por mais e piores escritores e estilistas que são, — contra o que não supõem ser.

Os *Curupiras* da Lingua, carregando ás costas o sacco dos vocabulos nascidos e creados no Brasil Colonia, são, para tais doutos-ignorantes de Linguistica, simplesmente grandes destruidores de obra grandiosa de messas excelsos e inimitaveis... maiores.

O Brasil enriqueceu o vocabulário lizo de milhares de termos novos e perfeitos de uma língua que só "se compara em perfeição á grêga" — que também era e, — embora em parte um tanto nobilitada, — ainda é e será também de nossos maiores, "sem gramaticos, oradores, poetas e historiadores que a illustrassem". (ANCHIETA-FIGUEIRA).

Não pesa, pois, a Brasileiros, a honra de *Curupiras* sempre que tratam de assuntos de Filologia (Brasilica, Afr.-Brasileira, Iaz.-Brasileira e simplesmente Brasileira), mesmo porque são nescios os que os cõrçam nomes cuja significação ignoram.

Alguns escriptores vivem da confusão, que sempre se fez de *Yurupari* e *curupira*. Aquele porque os catequistas de outróra e os christãos que nada analysam acharam de chama-lo o Diabo. Este porque não é realmente o Diabo na mythologia brasileira.

Yurupari teria sido um Solor ou um Licurgo si a America Portuguesa fõsse a Grécia antiga. Le esclador dos selvagens, instituindo os usos e costumes das tribus de uma grande parte da America do Sul, *Yurupari* não poderia dar outro curso á raça que espontou no seu *arahira* no mundo em que vivem, si não o da civilização primitiva. A obra de *Yurupari*, encarada por mesquinhez das crengas religiosas, (que cogam a justiça no apreciar a função social dos reformadores da Humanidade), havia de cair sobre sua memoria mais desapiedadamente por ser um óbice ao portento e ao imperio do Catholicismo. E assim, *Yurupari* passou a ser o Demônio e *Curupira*, o deus do sonho e do pesadêlo.

Consagraram-lhe:

a) a palmeira *Yurupari-áhu*, *Bactris carpoles*, B. R., — que se chamou logo *flêcha do diabo*;

b) a centopêia *Yurupari-quiribába*, *pente do diabo*;

c) o peixinho *Yurupari-pindá*, *Geophagus Jurupari*, Heck., — *anzol do Diabo*;

d) o peixinho *Yurupari-puampé*, *Geophagus daemon*, Heck., — *unha do Diabo*;

e) a tartaruga *Yurupari-pixua*, *Emys trijuga*, Schweig. — *boca preta do Diabo*.

As festas que ainda se celebram no Jurupari mostram que, apesar disso, o fogo da Cruz não abateu *Yurupari*. São as mais pomposas dos selvícolas do Continente. *Yurú* é boca. *Parí* é máscara. Nestas de mascarados vinte e mais dias. Dizem os ignorantes que é bebedice, que é orgia. O homem geralmente aplica as palavras sem saber o que elas definem. Nem o auflão dos egípcios nem a mandrágora de que Aniba' se serviu para vencer os africanos produzem os efeitos do sonho, do extase, da visão do maravilhoso e do extraordinário que se notam nas homenagens á memoria de *Yurupari*.

E assim, em vez de fazerem *Yurupari*, o deus do sonho, &c., isto é, das visões dos católicos santos, fizeram-no D'abo e deram a Curupira, o Diabo quase, o lugar de *Yurupari*. Ganhou nisso a Religião, mas perdeu a Verdade. Porque não buscaram a planta que substituo a mandrágora e a papoula? Teriam se certificado de que o éter, a cocaína e outros entorpecentes e narcóticos estão muito longe de se compararem com esse usado no Jurupari, cujo nome se encontrará no curso deste parágrafo: — *yaguú* ou *yagué*.

Curupira, e não *currupira*, (pois não ha r forte no tupi), é o ponto. O corpo morto (*pira*) de um ser imaterial que se metamorfoza em lagarto (*curú*), em menino (*curumim*), em sapo (*cururú*), em aranha que

mora no chão (*curunúé*), em formiga de cabeça chata (*curapé*), em jacaré (*curiá*), em gavião branco (*curacuri*), em serpente (*curarúboya*), em rato de espinho (*curarú-roré*) &. Aparece de surpresa (*curú*) e é ligeiro.

Quando acontece estar epifânico, cheio de borbulhas, sarnas, empigens, &, (*curúbu*), *Curupira* é perigosa. Distribue asperidades, erupções, &, (*curuá*), soprando ma pó invisível que ha dentro de sua *caracatana*: — reumatismos, comichões, pruridos, sarnas, boubas, gálicos, quebrantos, fadigas, &, (*curuára*). (*Caracatana* é, no geral, um tubo feito de *pachiúba-mirim*, comprido e côcoo, em que os caçadores atiram uns ponteiros aguçados. Tmos e envenenados ás caças. Porque, — respondam-nos três filólogos arranha-céus, — admitimos *zaratana* em vez de *caracatana*?)

Curupira prefere as *curuás* ás outras palmeiras. Dorme desde o desceimbo do sol até a meia noite (*curúca*). Sabe roncar e respirar bem alto (*cururá*).

Si o Leitor não tem medo de ficar reduzido a migalhas (*curá*) ou de entrar pela guêla (*curucába*) do Diabo, vamos ver *Curupira*. Os padres nunca mostraram *Yruporé* enquanto que podemos ver *Curupira*, mesmo fóra da Amazonia.

Numa dia de inverno, em que o sol não brilhe, a chuva não caia e o vento nem sequer agite as fôllhas, vamos á fardinha para perto de uma das palmeiras dos generos *Attalá* ou *Orbignia*. Nas *curuás*, que são *Attaléas*, *Curupira* dá tudo de si até 12^o Lat. Sul, comprehendendo assim, a'ém do Nordeste, os estados de Pernambuco, Alagôas e Sergipe, uma grande parte da Bahia e de Goyaz, e, daí para baixo menos, muito menos.

De em torno do palmito sai uma fumaça terue, esbranquiçada, como de uma lâminá. A' proporção que a noite vai escurecendo, a luz vai se tornando mais alva, porém a luz que emite é fraca e nada ilumina. Ouve-se um sôpro como um "ronco", — donde talvez *yurú*, de *choró*, *churú*, *jurú*, *yurú*, vozes onomatopaicas em condições de permitirem a confusão de *yurupiri* e *curupira*, embora que as duas ultimas silabas distingam esses termos muito bem.

O Leitor viu-se do *Curupira*. Os poetas que descobriram a respiração das plantas e como se resolviam as equações do sétimo grau ficaram a dever nos nossos indígenas. Já estes poderiam rir-se da Etologia e da parábola da *Kabála* que depois se chamou algebra.

A não ser nas *curuás* não conseguimos ver o senso da *Curupira*, mas os crentes desse fantasma não deixam de ir buscar palhas e tudo que necessitam onde justamente ele mora:

— *Curú piranga* (A. *spectabilis*, M.). Desde a Amazonia e Mato Grosso até o interior dos estados de Bahia, Piauí e Goiás.

— *Curú pixuna* (A. *pixuna*, B. R.). Amazonia.

— *Curú tinga* (A. *monosperma*, B. R.). Amazonia.

— *Catolú, Côco de catarro* (A. *Humilis*, M.). Desde Parahiba até Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

— *Iaguá* (A. *Humboldtiana*, M.). Limites do Brasil com a Venezuela.

— *Indaiá* (A. *indaia*, Dred.). Bacia do São Francisco e estados que a contem, além outros do sul.

— *Indaia rasteiro* (A. exigua, Drud.). Goiás. Mato Grosso.

— *Maripá* (A. Maripa, M.). Amazonia. Mato Grosso.

— *Piassava* (A. funifera, M.). Bahia. Espirito Santo.

— *Piassava* (O. racemosa, Drud.). Amazonia.

— *Piassava* (O. Eichleri, Drud.). Goiás, Piauí e Estados do S. E.

— *Pindóba* (A. compta, M.). Estados do Norte até o Rio de Janeiro.

— *Urucari* (A. excelsa, M.). Amazonia até o vale do rio Preto, afluente bahiano de São Francisco, do qual tributários têm rios parentes comuns ou proximas ás de confluente de rios amazonicos.

— *Uruassú* (A. speciosa, M.). Amazonia até o vale do rio Preto, afluente bahiano do São Francisco.

(Sabemos que o *habitat* dessas especies é muito mais dilatado do que aí deixamos, mas nos valemos tão só dos botanicos).

O piór está vencido, dirá o leitor.

As origens dos termos brasileiros nem sempre se acham por simples decomposições.

Curupira já tomou feição muito diferente de *cai-pora* e de *caipira*. De inicio se descreve não haver parentescos entre esses vocabulos, embora so uma coisa os ligue, *arabira*, — este mundo, — como liga tudo que existe e tudo que é imaginario.

Já se sabe morar *Curupira* nas *curuás*, isto é, dentro de palmeiras Attaléa e Orbignia, pois, de um modo geral, todas são chamadas *curuás*.

Pira é sufixo mestre: — *para, bora, pura, bura, pira, bira*. Indica a existência de um sêr ou de um objeto em outro, ou que esse sêr ou esse objeto em outro se contém.

A interpretação tornou-se agora clara: — ha um sêr e um objeto, ou dois sêres, ou dois objetos, em *curú*. (*Pira*, — si bem que reflicta o verbo *para*, morar, — já é como si não existisse).

Não se espantem os filólogos do classico. Tais belezas não se encontrarão na lingua portuguesa e talvez em poucas sobre a terra.

Curúás são palmeiras. *Caranáás*, tambem, Caseudas, cheias de asperidades, de brotoejas. *Carauás* são bromeliaceas.

Palmeiras e gravatás, — o alimento, o vinho, as fibras, a lenha, tudo o que é necessario á caça, á pesca, á habitação, á vida em srua.

A creença do selvicola é que esse deus *Curupira* é o protetor das palmeiras todas e dos gravatás todos, sem excepção de um só.

Esse *curú* é simplesmente idéa de *curú-caraná-carauá*, sendo que se poderá reduzir a *curú*, palmeiras, e *carauá*, bromeliaceas, ou a *curú-carauá*, ou a menores termos, para chegarmos á regra exposta acima:

— *Curú-cará*.

Cará é tubara, alimento, mas *Curupira* é um sêr. Logo, *cará* ha de significar um sêr.

Cará, — senhor guerreiro, dono, poderoso, invasor, conquistador.

Curú, em *Curupira*, corresponde á fusão *curú cará*: — o senhor, o guerreiro, o dono, o conquistador, o gnrcha,

o protector, o defensor das palmeiras e dos gravatás. *Por* não dizer que mor. nas palmeiras e nos gravatás.

Curupira está bem com a lenda: o corpo como as palmeiras e os gravatás, escamoso, cheio de espinhos, liso, machucado, ferido, &c. conforme o aspecto que assume: — Mecânico como o *curonam* (8 a 15 annos) e ligeiro, *curaté*, dá guinchos como o *caraya*, macaco grande, ou grila e vêa como o *carucuró*, gavião. Sua voz é como a do *caranari*, busina de tabóca, quando não é a do *carachú*, sabá, ou da *caranand*, pernillongo ou maurissóca.

Curupira é justamente o Diabo. Faz tudo está em toda parte, por todos os lugares. Por ser menino, *curumim*, não envelhece. Este mundo, *arabira*, é dele. Nunca foi a máscara, *pari*, do S. Lourenço dos gentios que os portuguezes exterminaram e batisaram aos mil por ano. Não é nem tem parentescos nem afiñidades com o genio *caipira*, nem com o legítimo *caipira* de Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Curupira é um deus perfeito. Volátil, informe, invisível: — capaz de ser loment, jacaré, aranha, formiga, tudo. Vê o mundo como é o mundo. Insufia-o com as laforadas de sua respiração. Resmungo. Parece estorante. Faz tudo ás pressas, de repente.

Nada como se ser *Curupira* na Língua Portuguesa!

Estimaglia e engoje filólogos que levam o Brasil na tipica den'co da mão direita, — que é a do lado do coração, — mas entregam a cabeça á mão esquerda, — que é a das letras... classicas.

Risquem pois os dertos, de seus lexicos e escritos, — "por atôas e erradas", — as origens de *Caipira*, *Caipira* e *Curupira* e especem verdades tuís claras em nosso futuro livro BRASÍLIA.

Nesses casos de *Caipira*, *Caipóra* e *Curupira* poder-se-á ver como a Língua Geral Brasileira repêlé o que não lhe pertence e como restitue atributos que a decomposição múltipla de suas palavras explicita.

Dada a instrução que todos tentos da língua falada em Portugal e no Brasil, tão grande nem tão extraordinário será o desejado esforço que os Folkloristas necessitam dispendêr para penetrarem nos segredos da reconstrução dos Mitos Afro-negros e Ameríndios penetrando nas Línguas Gerais Africana e Brasileira póstas em vóga pelos Colonisadores nos seus domínios da África e da América.

CAPÍTULO V

A FEIÇÃO AFRO-NEGRA

Quem entrar em contacto com um açalô — *a'palô*, em iorubano, — ha de reconhecer nêle uma enciclopedia viva: — descreve a historia de seu povo e relata, sempre com as mesmas palavras, os mesmos gústos, a mesma voz, a mesma entonação e os mesmos passos e que lhe foi transmitido por seus maiores e por outros açalôs.

Nes *condoblés*, encontram-se desses homens de prodigiosa memoria, alguns outrora e hoje quase todos Brasileiros, de pequenos creoulos como si houvessem nascido na África, falando a lingua paterna, conhecendo misterios do Fetichismo, iniciados pela *Ogboni*, que parece haver perdido muito do que foi, até havidos como *eqejis-orixás* ou grandes veneraveis do culto gêgê-iorubano.

Mais raros agora, os açalôs, antes de chegarem ao supremo governo de sua Religião, passam por diversos estagios ou grãos de iniciação como *eqejis* ou sacerdotes dos deuses naxôs: — *Obatalá*, da pureza e da fecundidade, *Xangô*, do trovão, da abundancia, *Ifá*, do amor em todas as suas fases, do passado, do presente e do futuro, *Ochani*, *Ayé-Chaluyá*, *Azá*, da medicina, *Odu-dua*, da fecundidade, da terra-mater, *Iemanjá*, das aguas.

Antes, a iniciação se faz nos misterios dos deuses menores: — *Ogua*, dos mineraes e da guerra, *Dadá*, dos vegetais, *Okô*, da agricultura, *Ochôsse*, dos caçadores,

Oké, das montanhas. *Olucon*, do mar. *Oluzá*, dos lagos. *Orungan*, do ar. *Aganjú*, da terra firme.

Redundante seria advertir o Folklorista Brasileiro alheio a essa primeira e necessaria etapa de conhecimento do acaló. — (de que tão bem se souberam valer Nina Rodrigues e Arthur Ramos), — que não têm procurado determinar a *feiçãõ afr-o-egypt* por nem uma regra ou por outra dedução mais viva senão a presença de alguns símbolos geralmente inexpressivos ou intraduzíveis, ou de alguns termos bantos ou sudanêses, isolados ou misturados, compreensíveis ou não, que não "autorizam" a "descebrir" *origem, fonte ou influencia africana*.

O Folk-lore da Africa Negra é mais rico entre as "nações" sudanesas do que entre as bantas, isso porque sendo comum e de séculos idos o uso da escrita e da lingua arabe no Sudão. — onde muito se espalhou a civilização oriental. — os sudanêses menos "ingenuos" do que os bantos, enriqueceram muito e sempre mais procuraram enriquecer o seu novelario e o seu rimario com um numero consideravel de minúscos, de inversões, de extensões, todas dificeis de precisarmos, ora ligando-as a *totens e tabús* seus e alheios, ora indifferentes a essas ligacoes em virtude de crencas e cissensões religiosas, de que resultavam a abundancia e a variedade de suas peças folk-loreas.

Entre as "nações" bantas, a novelistica é mais ligada á natureza, á vida, aos habitos e aos costumes afro-negros, mais intensamente fecundada de "heróis" que se exibem no alegre, no jovoso nas elulas brejeiras, no libido, que se vencem mas aos outros, registrando assim

épocas da história de seus povos, sem que isso conte, mas excita a inveja, a imaginação e a adaptação muito próprias a todas as raças.

Nos contos sudanêses, exceto haussás, os "heróis" bantos são geralmente mortos á lança ou á cacetete, surrados, postos em fuga, precipitados em abismos ou no fogo, enfim caracterizados pela cobardia, pela estupidez e por tudo que deprime o moral humano. E isso é, na Bahia, o reflexo da rivalidade que se estabeleceu entre sudanêses, sempre privilegiados pelo senhorio dos latos e dos engenhos, contra os bantos, havidos como piores eslavões e trabalhadores.

A influência sudanêsa maior no Recôncavo Bahiano por terem sido os mistérios do culto e dos serviços domésticos entregues a filhos do Sudão, retratou, no *quibungo*, o negro de Angóla e lhe deu todos os atributos de pusillanímia, de infelicidade e de instintos baixos, servindo-se de dois termos ambíguos: *qui-ubungo*, o lobo, alusivo ao cirlopico ou que tem a bôca nas costas, e *qui-bungo*, clefaca, sentina, latrina, urinól, bispóte, alusivo ao que carregava, de suas inteiras, o "balde de despêjo" para o mar, individuo que, pelos Brasileiros, era chamado *cubungo*, nome que tambem tinha o balde.

Assim, os sudanêses entraram a ridicularizar os bantos, especialmente os angolêses, sufocando os seus mitos com outros sudanêses, ou transfundindo-os nos ameríndios, pervertendo uns e outros, mas a grama se conservaram fóra de transformação.

A raça negra que se multiplicava nos engenhos foi expandindo os termos bantos, na maioria integrados na Língua Geral Africana. — (do que não se lembraram os nossos Africanistas). — e, com elles, os contos, de modo que estes, bem ou mal, perderam ao lado dos sudanêses,

conservando *feições primitivas* mais ou menos adulteradas, provavelmente influenciado na novelística americana por mimêse de personagens, com ou sem saônêtes que, em alguns casos, apresentam ao mesmo tempo vocabulário ameríndios, afro-negros e portugueses.

Não estamos de acôrdo com os que sustentam não fosse consideravel, em relação á dos sudanêses, especialmente da Nigéria, a corrente de escravos bantos entrados na Bahia: — bastaria que se consultassem as "relações" do trafico negro nos seculos XVII e XVIII existentes nos Arquivos de Marinha e Ultramar, de Lisboa, si, para estar a par do conoseço, não bastassem os termos em uso corrente no Recôncavo Bahiano, muitos deles em abundo e quimabundo primitivos e em muito maior copia do que os sudanêses.

A influencia afro-negra exerceitou-se, pelo menos desde o seculo XVIII, na Poesia Popular Bahiana. Dos *candomblés* e das senzâlas saem as ebúlas que, brasileiras, apresentam ritmo, rima e gramatica que os atuais inventores e creadores de modernas "tradições brasileiras" arrepeçadas no Rio de Janeiro dizem nunca haver existido.

Não só a Bahia de dois seculos idos substituiu o peso do classicismo lizo — (que se exhibia até nas quadras populares e nos festejos em honra dos reinantes e príncipes portugueses), — pela belêsa dos rimarios que a musica e a dança afro-negras inspiraram. Pernambuco tambem: — o nordêste inteiro é a civilização pernambucana que se estendeu das margens do São Francisco aos limites com a antiga Capitania do Maranhão. — a terra do *maracatú*, onde tambem o povo preferiu o que o negro fazia ao que o Português lhe dava.

Os anais da época ainda registaram o que foi a festa de 6 de outubro de 1760, na praça do Palácio da cidade da Bahia, em honra aos *felicíssimos desposórios* do infante D. Pedro das Astúrias com a sereníssima infanta D. Maria, filha d'el-rei D. José de Portugal. Aí vai, com o *presente* de dois milhões e duzentos mil cruzados para uma parte do dote, uma das peças que não perde pela linguagem, pela pontuação, nem pela dificuldade com que, certamente, foi cantada:

Hoje Senhor que a luz Magestade
 Vê-se em auroo himinêu reproduzida
 Vossa glória hade ser muito estendida
 Passando além da mesma eternidade
 Tem o visigo a maior felicidade
 As rupelas da princeza esclarecida
 Porque a monarchia fica tida
 De continua feliz tranquillidade
 O ditoso himinêu consorcio augusto
 Para enjo festêjo, e eterno braco
 Depende hoje o Brasil todo o seu ouro
 Sendo a-sim razão he, he mais que justo
 Que os ourives primeiro em vosso agrado
 Das festas abirão liberal tesouro.

Si bem que os Portuguezes explorassem todos os versos, especialmente os de sete sílabas nos rimarios populares, entretanto os raros exemplos que nos deixaram com umas poucas quadras não doem entam superioridade.

O Brasileiro dessa época ja era muito mais dotado de invenção, de rima, de harmonia, do que os Colonizadores: — a musica nêgra, o canto nêgro, a dança nêgra e a vivacidade escaudante do nêgro influíram poderosamente nessa modificação.

A chãba de um sambinha "violento" que appareceu no primeiro quarto do seculo passado não é um aper-

feiçãoamento, mas a sequencia do que o Brasileiro já vinha fazendo. A letra, mesmo sem a musica, dá o ritmo das "umbigadas" nas negrinhas:

Café requentado
 E' coisa atôa.
 Tórta, sóca,
 Negrinha, e cõa.
 Café requentado
 Eu não quero;
 Esperar fazer outro
 Eu não espero.
 Tórta, sóca,
 Negrinha, e cõa.
 Café requentado
 E' coisa atôa:
 Esfria muito
 A "madrugõa".

E' justamente isso que define e distingue a influencia africana na Arte Popular Brasileira: — a expressõo, a naturalidade, o ritmo, alguma coisa que o amerindio não tem e que o português não soube criar.

E' nas chulas, ou nos rimarios praieiros, nos *candomblés*, nos *marcatús*, no Carnaval, &c. que se pôde ver a alma brasileira vibrando na alma afro-nêgra e vice-versa, — seja ainda perplexa deante do *arigófe*, farricõco banto ou balisa de um rancho de Reis, ou da musica barbara do *afoxé* que suplanta todos os *zé-pereira* dos cordões de Momo.

Os *cucumbís*, as cheganças e outras peças caracterizarão o banto. O *samba*, — adorar e adoração, queixume, supplica, desejo, voto, &c., em muitas linguas afro-negras, — fez, dos sudanêses e de seus descendentes, os melhores poetas, os melhores cantores e ainda os melhores "dançadores" de todos os negros do Brasil.

Tudo isso creou, desde o século XVIII, a *modinha*, que Waruhagen considerou *insignificante* emanação de nossa poesia, enquanto Garret e Wolf *nunca* lhe acharam originalidade...

Vai aqui uma ainda dos tempos da mistura dos termos lúzos e afro-negros:

Na noite de San João
 Kuláte a sinhá queimou;
 Sinhá foi acudí Kaláte,
 Olé-lé
 Saía de sinhá capecou.
 Aí sim!
 Aí não!
 Não quero comê mais não
 Não quero que tú m'apanhê
 Olé-lé
 No mato sarapantão.

Deixemos essa, da fase inicial, por outra, da imediata, aliás registada por Silvio Romero em Sergipe:

SÓL PÓSTO

Quando rompe o claro dia,
 magino na triste tarde;
 lembro de que anda ausente,
 redóbra maior saudade.

Crece o dia, o sól aponta,
 põe-se em pino e vai-se a auróra:
 eu certifico a lembrança,
 magino em quem fôï-se embora.

Sól pôsto que vive ausente,
 amor do meu coração,
 leva-me longe da vista,
 porém do sentido não.

Sól pôsto que vive ausente,
 teu amôr não se acabou;
 ind'agora está mais firme
 do que quando começou.

Tudo quant'ê vêrde, sêca,
 agua corrente se acêba;
 amor firme não se deixa,
 quem ama nunca se enfaca.

A modinha, melodia tradicional brasileira, nasceu da influencia do sudanês e do banto na vida nacional: — é o *samba* no seu sentido perfeito e acabado. — adoração, supplica, &c., — substituida a divindade pela mulher, pelo homem, pelo senhór, pelo que sêja, e substituida a préce por outra préce mais harmoniosa ao coração.

A escassêz dos autos luzos-africanos, limitados quase ás victorias dos christãos sobre os mouros, que os negros eram obrigados a representar, ou alguma façanha que os engodasse, não matou o Fetichismo, em torno do qual giravam os escravos e os senhores e se fundiram sudanêses e bantos, estes absorvidos pelos cultos daqueles.

Dessa fusão religiosa nasceu uma *Arte Brasil-Afronegra* por:

1.º — fusão das danças bantas, mais lascivas, com as sudanêsas cuja arte era mais esmerada e perfeita, resultando daí um grande numero de repinhêados, de remexidos, de rasgâdos, de embolâdos, &c. que tiveram letras correspondentes;

2.º — adopção do uníssono dos sudanêses nas cantigas bantas, o que imprimia vivacidade ao canto afro-nêgro ao mesmo tempo incendiado pelo "fôgo" banto e pelo "fervor" sudanês;

3.º — ação de todos os instrumentos afro-negros para predominância da musica dos sularnêses que, pelo ritmo, precisa os compassos das danças e as rimas dos canticos.

Longe dos negros do Norte, desde a Bahia até o Maranhão, se delectarem na monotonia e na tristeza das cantigas e nos passos desordenados e fêios dos "moçambiques" que mais se destinaram ao centro e ao sul da Colonia, longe de, como elles, terem o ruído por som e o guizo e o pandeiro por instrumentos principais, — intervieram, muito mais eficazmente do que parece, levando até os sertões o seu espirito de renovação, modificação as danças populares e creando novas a vida pelas chulas ou pelas quadras.

Longe de propagarem ou de aceitarem o "canto-chão de côro de guariba" que fez nascer o canto, a musica e a dança que herdamos de nossos avós amerindios e o "cântico no destino" sabe traduzir na tristeza apavorante de sua viola, no regengo sinistro de seus canticos monotonos e no sapateado colérico dos que nada aperfeioam nem cultivam. — longe de contribuirem para isso que infestou de sentimentalismo doentio os canticos populares brasileiros, — a musica, a dança e o canto creoulos são tradições vivas desde o Recôncavo Bahiano, e por toda a faixa litoranea, até o extremo Norte, onde a alegria vive e se manifesta, nos sons, nos bailados, nas vozes, na mimica, em tudo, deixando tambem longe, muito longe mesmo, a chamada "arte africana" da Macumba e do Rancho cariocas, ainda não libertos da ação dos "moçambiques".

Ainda uma vez lastimamos que da divulgação embora ainda em pequeno, de coisas dos ritos, dos estru-

mes e das línguas dos afro-negros, teivem os Folkloristas no permanecerem na odienta, empírica e literaria questão de *origens*, de *fontes* e de *influências*, quando o caminho muito mais seguro das *feições*, sobre ser opulento de características e de provas, está convulando os doutos e os pesquisadores á sua seára.

Exemplo culminante dessa necessidade de nova orientação está na perplexidade com que foi recebido o *Quibunga*, ao sair á luz, quase trinta anos depois de feito, o livro de Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*.

A *feição afro-nêgra* induiu sempre os nossos Folkloristas, mesmo os mais respeitáveis e os que mais admiração merecem pela cultura e pela honestidade intelectual.

Silva Campos (João da), aliás um dos nomes mais ilustres e mais operosos da geração bahiana, a quem se deve — (desprezados todos os contos populares apresentados por Silvio Romero como “sergipauzes”), — a maior coletânea brasileira de contos, todos coligidos no Recôncavo, registou *O Biacão*, havido por Basílio de Magalhães entre os *contos maravilhosos* por “apresentar fenômenos inaturais ou forças sobrenaturais de definição imprecisa”.

O *esqueto* dessa “história” resume-se em poucas palavras: Para ser feliz no ofício, um pescador fez presente da filha ao mar que, por mão invisível, a leva para o seu seio. O mais é vestimenta com outras circunstâncias e outros efeitos necessários ao enredo e a extensão da peça.

Esse *esqueto* é um índice de *função afro-nêgra*: — o sacrificio a uma divindade superior, da terra ou das aguas, a um *tabú*, do que mais se estira e, por direito

paternidade ou de sucessão, pode ser afastado da coletividade. Esse deus do mar, em vagô ou na teozonia gêgeiorubara, é *Obáyon*, filho de *Orugua* e de sua mãe *Iemanjá*, as águas, a Mãe-d'Água.

O Folklorista vê, depois disto, desmascaradas as tais "variantes" que o tem seduzido: — a d'*O Sarjataria* (Sílvia Romero) e d'*A Sardininha* (Theofilo Braga).

Conhecer a *feição afro-negra* é atrair o espírito para detalhes que o nosso Folk-lore apresenta claramente ou muitas vezes encobre.

Os contos em que a influencia afro-negra modificou ou de qualquer sorte ponde penetrar apresentam *sináis* característicos.

As peças folclóricas em que entram reis, poderosos, feiticeiros e em que ha reflexão de usos e hábitos afro-negros são, infelizmente, ás vezes, *concertadas* pelos que as reproduzem.

No geral, as realêsas afro-negras não nasceram da sucessão, mas de eleição de duas ou mais "nações" afins ou de "familias" mais influentes ou que já reinaram. A coroação era confiada a um membro proeminente de uma tribo que já houvesse occupado o trono ou gozasse do prestigio de fazer reinantes, ao qual se reservava o direito de, em qualquer tempo, vetar a eleição e destruir o monarca.

Nem todos os *aquejis-orixús* eleitos pela *Ognobi* são elevados ao governo supremo do culto, a que ascendem só os apontados pelos conselheiros dos *candomblés*, pais e mães de sante que escolhem e nunca destituem o sumo-pontífice, direito somente reservado aos poderes superiores representados por *Obatalá*, *Xangô* e *Ijan*.

Em resumo:

— qualquer poderá ser eleito rei ou tornar-se príncipe por pertencer á familia de quem reina;

— o reinado no Brasil, fóra a palhaçada dos reis do Congo, — é o sumo-pontificado do culto, não havendo honras nem dignidades principêseas, mas aos ilustres, nobres e sábios iniciados nos mistérios da Ognobi.

O *rei-cabeça-de-geração* é *velho*, representado no *curaciô*, servindo uma só palavra para os definir: — *agbô*. É sempre um *totem*, — animal, que é elevado a *tabú* e governa entre a morte de um e a ascensão de outro rei ou de outro *cquejî-orixá*.

Ha uma grande variedade de elementos que caracterizam a *feição afro-negra* em nosso Folk-lore, dos quais lembraremos mais alguns por ser um tal assunto muito apresentado paginas adiante.

1.º — raças de gigantes negros que povoaram o Norte da Africa nos tempos antigos, — o que é dito com ênfase pelos sudanêses de elite e ainda mais pelos que procuram explicar como foram construídas as pirâmides do Egito. &;

2.º — animais gigantescos, contemporâneos ou não das veias gerações, que a Ciencia admitiria como fosseis terciários si ainda não se fossilizassem no terreno da fantasia, como, por exemplo, dentre os já confirmados, o *Quizamba*, que Silvio Romero não descobriu ser o elefante primitivo;

3.º — animais dotados de poderes sobrenaturais, por serem os primeiros que povoaram e conheceram o mundo, aos quais cabia metamorfizarem-se em homens e todos os seres, sem exclusão das rochas, da poeira, do vento, &, — dentre os quais sobresái o *Chibamba*, o mito

mais notavel de toda novelistica afro-nêgra no Brasil, o rei dos mitos, — cíclope, ciclope e eúen, — embora apparecido com umas esteiras velhas de bananeira que lhe deu Valle Cabral, — o mais mentiroso dos mitografos brasileiros;

4.º — animais com membros humanos, dotados de poderes maravilhosos, outrora homens que regressaram em especie, voltando a alados, a quadrupedes, a insetos, a latráquios, óra attingindo tamanhos gigantescos, óra normais, óra inferiores aos de agora, sobresaindo na linha dos ciclopes, o verdadeiro *Quitungo* dos bantos que os felizes estas não conhecem ainda bem;

5.º — deuses que se re-encarnam e se fazem incoherentes e vão, com seus emblemas e seus animais, surpreender seus crentes, como *Ossouhe* que anda com a côra e, montado no seu "cavalo", logo é chamado *Dudú Cabanot*, nome que illudirá certamente a muito folklorista desavisado;

6.º — animais-sombras, ou antes, animais cujo corpo é simplesmente sombra, como *Quitungo*, a morte, que assume todas as formas e todas as extensões e tem, em vez da gadanha de Atropos, o proprio corpo para "abafar" o vivente e levar-lhe a alma;

7.º — genios, como *Gumô* que, em toda a Africa, sob o mesmo ou diferente nome tem os mesmos attributos, e, no Brasil, enfeitou a *Caipôra* dum-pé-só e deu-lhe um cachimbo, casando-a com o *Saci-pererê*, tambem coló dum e perna, de cujo consoreio nasceram *Sacis* e *Caipôras* mais africanos do que brasileiros dentro do Brasil;

8.º — vegetais, uns sagrados e outros não, que foram outrora genios, ou tesouros, ou reis, ou mesmo deuses, dos quaes se aponta o *Irôco*, — em que se fundiram *Obatalá*, o céu, e *Odudua*, a terra-mater, a fecundidade,

— cuja seiva é o sangue desse casal que deu ao mundo *Aganjô*, a terra firme, e *Kuanjô*, as águas.

No verdade, começaram-se os Folkloristas, a Ciência do Folclore no Brasil ainda está na infância, mas precisamos criar-la nossa, com tudo nosso, nacional, brasileira, desprezados todos os paradigmas, todas as influências e todos os criterios estrangeiros.

CAPITULO VI

AS QUIMÉRAS AFRO-NEGRAS

A *Lingua Geral Africana*, longe de ser o quimbundo puro, como a *Lingua Geral Brasileira* foi o tupi verdadeiro, era um *lingua* artificial creada pelos Portuguezes para o dominio das "nações" conquistadas no golfo de Guiné, em Angóla, em outras possessões á margem do Atlantico africano e até, — o que é mais extraordinario, em Moçambique e todo o continente negro...

O criterio seguido foi, ao que parece, na realidade diferente, mas, grammaticalmente, o mesmo empregado no Brasil: — a supressão ou a mudança de certas letras e sílabas, senão também de sons, que parece um duros, moitos, dispensáveis, ou esdruxulos nas pronuncias de umas tantas palavras; — o ajustamento ou a fusão num só de certos vocabulos de pronuncias proximas em diversas linguas bantas e sudanêsas que significavam uma mesma coisa; — a preferencia nos termos portuguezes, ou senão ás raizes arabes, quando parecidas com os de outras linguas; — enfim, um "ajuste" por acrescimos, decrescimos, abrandamentos, assimilações, aféreses, syncopes, apócofes, prófeses, epenteses, &, ficando geralmente os nomes sem os artigos que os precediam e seguido as regras portuguezes da pluralidade, os verbos carregados de terminações luzas e obrigados ás regras dos outros da lingua dos Conquistadores e as palavras strictas á lei da idade para se poderem incorporar aos vocabularios da Metropole que polia e chamava seus outros de outras muitas linguas do continente asiatico.

Infelizmente, a *Lingua Geral Africana* parece ter ficado mais na tradição do que no papel. Não teve o seu Anelucta, nem mereceu grandes movimentos colti- vos que a usassem e propagassem. Sua gramatica, ou antes, os seus segredos só appareceram em fins do seculo XVII, e isso mesmo sem grande descortino, n'*Arte da Lingua de Angóla*, do jesuíta Pedro Dias, (1697). e logo de nôvo e ainda mais se veláram.

A Africa não era o Brasil. A *Lingua Geral Africana* só escolheu nomes para facilitar o trato com os *pombrios*, ainda hoje existentes em Angóla. Só uns tantos substantivos, uns raros adjectivos e uns poucos verbos entraram, pela bôca dos Portuguezes, no vocabulario usual das povoações que se fundavam em seus domínios da America. O mais foi obra de assimilação de nossos antepassados que não adotáram Termos "de accordo com a Indole da Lingua". — habito que ainda não se perdeu em todo Norte onde os "cosmúrricos" servem de férula e são os pióres escriptores do naudo.

Não se pôde negar haverem os Portuguezes, á custa de seus Missionarios, "renoyado" o quimbundo e todo o grupo de linguas bantas e dado, á *Lingua Geral Africana*, um tanto de erudição que os tempos, em parte, amagaram, — meos aqui, onde, por um desses acasos, — (e tudo no Brasil é obra do acaso). — talvez mais se a encontre na tradição do que em Portugal.

A causa é explicavel. O Brasil foi o escoadouro das tribus escravizadas ou de qualquer modo trabalhadas pelos Portuguezes na Africa, zelóso no evitarem fossem élas parar á Luzitania, em suas quintas e seus vinhédos, onde, até nos reguengos e nas ezíras, surgiria fatalmente uma raça diferente da que se prezava de haver nascido de um "sangue nôbre e va'crozo".

Pieram aqui os restos dessa tentativa frustrada da *Lingua Geral Africana* em comum com Termos de algumas dezenas de linguas afro-regras faladas pelos escravos, almas ou diversas, todas em Iúá e em contacto com o tupi e seus dialéctos e linguas, que sofriam mudanças consideráveis por toda a órla marítima e pelas terras das donatárias, e com centenas de outras próprias a um numero consideravel de tribus condemnadas á domesticação, á christianização e ao extermínio.

Não nos interessa, no momento, enveredar pelo tão esquecido caminho dos remanescentes da *Lingua Geral Africana* no Brasil, especialmente no Recôncavo Baiano, para que se veja como a cultura do seculo XV e seguintes se avantajava sobremódo no cuidado de estabelecer bases etimologicas para unificar todas as linguas bantas e incorporar muitos de seus vocabrulos ao *Português*.

Justo é que se lembre ser a antiga Iuzitania, a esse tempo, a nação provavelmente mais culta de toda Europa. — o que vale dizer do mundo, — e haver, entre os seus filhos, o cuidado, senão o fanatismo, de tornar a sua lingua a mais rica de todas as civilizadas, com os Termos submetidos á illustração invejavel dos Padres, que tratavam de todas os reccibidos de onde os Portugrêses levariam suas mãos victoriosas ou se tornaram dominadores de "geutes e de povos".

Isso não é novo á intellectualidade dos dois países em que a mesma Lingua se fala, mas, nem no Brasil, nem na Portuga, ha quem se abalance a investigar a verdade de tais fatos senão acidentalmente ou em pequeno, pois mesmo os que nos têm mimoseado com *Grammaticas Historicas* foram levados a crear eclipses de particularidades desses assuntos.

Vamos nos encontrar diante de realidades que o nosso Folk-lore oferece aos seus investigadores e aos estudiosos da Linguagem Popular:

No Recôncavo Baiano registam-se, dentre outros, os seguintes nomes de "heróis" afro-negros, na quase totalidade brutos, especialmente quimbundos, quase todos esquecidos pelos que têm tratado do Folk-lore no Brasil:

Quiburgo, — lobo;

Quiansi, — aranha;

Quihamba, — inseto, larvôta, escaravêlho, arcondilo, & ;

Quingombo, — boi;

Quilangrilo, — (Aquilão Grilo), — grilo;

Quizamba, — elefante;

Quiarouí, — carneiro de etínia;

Quitungo, — morte, (corresponde a *Chimnawua*);

Quizéré, — (Qui-tzé-tzé), — mascardo que mata gado;

Quidaw, — zêbra;

Quipongo, — sápo;

Quiquesse, — carneól;

Quingundo, — lagarto;

Quicume, — boi (gado);

Quichimbi, — serpeia;

Quinhôca, — vibora;

Quidungongo, — baleia;

Quimbôca, — cachorra;

Quimbôto, — reptil, se. yente;

Quicubi, — avestruz;

Quinganjú, — peixe grande;

Quinganjé, — peixe pequeno;

Quilongozoé, *Quilonzol*, — tar arúga, (*gêge*);

- Quimungo*, — rinoceronte, (*nagô*);
Quipó, — leopardo, (*haussá*);
Quizenê, — gato do mato, (*zenêta*, árabe);
Quizará, — girafa, (*zaráfa*, árabe).

Fóra dessa lista de animais, naturalmente incompleta, ainda figuram no Folk-lore do Recôncavo Bahiano;

Quimunga, — o maior dos moleirões, sendo *munga* de origem árabe, *hangh*, que nos deu, além de outros, *mongo*, moleirão, nome também aplicado ao *Quibungo*: — *quimunga*, o maior dos moleirões, *quimongo*, que se confunde com o rinoceronte *nagô*, *quimungo*;

- Quinquando*, — o rei dos mariólas;
Quigonho, — o mestre dos feiticeiros;
Quigongo, — os gemecos mais antigos;
Quibango, — o rei dos bôbos;
Quibambo, — o maior dos encaiporados;
Quiôbo, — o rei dos vagabundos;
Quibanda, — o mais fraco dos inapotentés;
Quinpáto, — o mais pôbre dos pôbres;

e certamente muitos outros, todos classe que escritos como antigamente, *c-h-i*, pelo vulgo.

Enquanto *qui*, (*c-h-i*), dá um sentido mais elevado e completo, *chi*, (*x-i*), dá um sentido restrito:

- Chibungo*, — lóbo, poltrão, súcubo;
Chibamba, — crocodilo, (papão);
Chicume, — boi (*gicô*);
Chichimbi, — sereia;
Chinhóca, — vihora;
Chimbiáa, — cachôira;
Chinganjá, — peixe grande;
Chinganjé, — peixe pequeno;
Chinquado, — marióla;
Chyogoga, — feiticeira;
Chibango, — bobalhão, bobo-alegre;

- Chingongo*, — gemo;
Chibabá, — caipóra, e caiporçado;
Chibandá, — impotente,
Chicháá, — lingua arabe;
Chiatóto, — leiticeiro, reptil.

O Bahiano sabe empregar esses termos com precisão absoluta, seja dando aos primeiros a acentuação *qui* ou *quin*, seja aos últimos *re*, *ri* ou *rim*, que indicam não só as confusões operadas nas diversas linguas afro-negras como também as linhas traçadas pela *Lingua Geral Africana* aos termos que, mais tarde, poderiam ser incorporados ao Português.

Quibungo, — o lobo com que tanto se entusiasmaram os Folk-loristas é também *Quiungo*, monte, alusivo á loba dentro do espinhaço, *mongungo*. *Quimungo* foi rinoceronte para os magôs, donde talvez, toda luta destes contra angolezes, chamados ou apelidados *cabungos* e *quibungos*, e contra o *Quibungo*, verdadeiro *quimungo* ou *quimungo*, moleirão, nomes por que também é conhecido.

Chibamba, — o crocodilo, ou antes o papão, misturou-se no *Quibamba*, cyclope, rei dos animais encantados, "pai-de-geração" de todos os seres, o unico ser que não se diviniseu nem quiz a divinição, preferindo ficar no mundo eternamente para presidir a sua obra creadora. Foi o primeiro nascido assim que se formaram o ceu, a terra, as aguas e o ar. Só e apenas sua vontade creou animas de toda natureza, plantas, leções terrestres, etc., dessas coisas então informes. Assiste e dirige, engrandecendo e castigando, todas as épocas e todos os seres. Não professa religião alguma nem apoia qualquer culto. É o *bamba*, o mágo o sabio, o creador, o juiz, o construtor, o demolidôr, tudo a um tempo: — *Chibamba*.

Quicume, desejo do boi fabuloso que muitas vezes quebrou o jugo da escravidão recuperando a liberdade ao rial e mauzo *Chicume* e, mudado o prefixo, a boi bravo e amoitado, *Cacume*, termo comum na gíria dos vaqueiros.

Quichimbi, — a serena negra que seguia os viajantes mar e fóra, protegendo-os, perdeu a virtude ao chegar ao Brasil e, *Chichimbi*, perdeu ou mudou o prefixo para guardar os seus encantos — *Chimbirra*, minhoquinha de menino "inocente". *Cuchimbi*, seios flácidos de mulher velha, *Chimbila*, carta maior em qualquer jogo.

Quinhóca, a vibora cuja mordedura produz a gangrena e a morte encarnou-se num lagartinho que sai á noite aos esconderijos e eaga insetos pelas paredes e do qual correm as matrouas espavoridas. É *Chinhóca* quando satisfaz o libido é vista délas, mas perde o prefixo e tambem os attributos quando se faz *Nhóca*, a moça-sem-flôr.

Quimbúu, a cachorra vagabunda que tem quase a mesma lustria da *lupa romana*, é *Chimbúu* quando está no vício e é mesmo *Liábúu*, prostitúta.

Quinganjá e *Quinganjé*, peixe grande e peixe pequeno, não "encantados", mas *chinganjá* e *chingangé* são os que ainda se encontram nas aguas doces e salgadas.

Quinpúta não perden a linha no Folk-lore. Sem o prefixo e sem o *n* de *xpútu*, aparece na Linguagem Popular e logo os "filólogos" o abraçam como legitimo e bom Português. No e so trata-se apenas da accepção quimbunda: — póbre.

Quibombo é um mito diferente de *Caipóra*, mas *Chibombo* é uma vitima dele. *Quibombo* faz zoada. *Chibombo* não pode ouvi-la, corre espavorido: — é o nosso *Zéada* que, em vez de ter ouvidos onde os outros têm, ouve por uns buracos que lhe nasceram nos braços.

Quibanda conserva a antiguidade, mas *Chibanda* se aplica ao indivíduo ou animal incapaz de uma reação; o *benda* ilude pela semelhança com o termo português de grafia igual, mas significa fraqueza, impotência, incapacidade, &c., irremediáveis.

Quibango ainda é o mesmo, mas *Chibango* é *sambango*, *sarango*, *sarumbé*, toleância. A mudança do prefixo deu *Cabango*, o animal cujos chifres, cu nascem muito juntos, ou caídos, ou alçados, e têm as pontas muito proximas.

Chichóé entrou na vulgaridade: — tudo que é confuso, difícil, incompreensível.

Na *Lingua Geral Africana*. — é a dedução que podemos tirar dos esses acima. — a substituição do prefixo *qui* por *che*, *ch* e *chia* indica inferioridade de atributos, — muito embora que esses prefixos sejam antigos em diferentes linguas bantas e também de facil supressão para dar lugar aos artigos portuguezes: — a *iansi*, em vez de *anansi* como se dizia na Costa do Ouro, a *arabha*, o *chóá*, a lingua atrapalhada, a lingua incompreensível, &c.

Qui não entrou obrigatoriamente naqueles termos, muitos dos quais pediam outros artigos-prefixos, sem uma causa, — é, evidentemente, o raciocínio que se tem a fazer, tanto mais quanto se sabe que todos os nomes em que esse prefixo entra indicam superioridade.

Nele se exinia o genio dos Padres. *Qui*, naturalmente, obedece ás regras gramaticais de então, (embora applicadas como si as linguas dos povos conquistados passassem a derivadas do Português), regras que ainda hoje alimentam Portugal como todas as nações colonisadoras européas: — as vezes que subsistem puras nos linguas derivadas devem referir-se ás linguas mães.

Assim, *qui* deve apresentar uma raiz banta e uma raiz portuguesa:

a) *qui*, de *khwa*, em quimbundo, — o primitivo, o primeiro;

b) *qui*, de *quiméra*, em português, de *khimaira*, do grego, cabra: — monstro fabuloso que vomitava chamas e tinha o corpo de cabra, a cabeça e o pescoço de leão e a cauda como a dos dragões; imaginação vã, fantasia.

1. — *qui*-(ma) *mbungu*, — o primeiro ou o primitivo lobo;

2. — *qui*-(méra)-*mbungu*, o lobo da quiméra, o lobo fantástico.

Da mesma forma, deve ser *chi*: —

a) *chi*, de *xiaji*, em ambundo, — pequeno;

b) *chi*, de *ch*, havida como "raiz imitativa de sons próprios da Língua Portuguesa" nos exemplos clássicos: — *chio*, *chilro*, *chirto*, *chiste*, *chiton*, isto é, *chio*, voz aguda ou som produzido por um animal; *chilro*, a voz aguda e trinuada das aves; *chirto*, assovio, silvo de cobra; *chiste*, o que é conceituoso e engraçado; *chiton*, embora que a voz imitativa seja *chit*, correspondente a *psiu!*, — *silêncio! calada!*

1. — *chi*-(nji)-*mbungu*, — o lobo pequeno, isto é, que não é o primitivo ou fabuloso, o lobo do tamanho vulgar;

2. — *chi*-*mbunge*, — o lobo capaz de imitar a voz de outros animais e nos obrigar ao silêncio, ou, o conceito que se deve tirar da história engraçada do lobo que imita outros animais.

Em *qui*, *quin*, *che*, *chi* e *chin* aplicados aos demais casos, encontrar-se-á, em restumo, o que são os mitos afro-negros acima relacionados.

Não ha mais o que esconder: — a *Quiponguê* de Minas Gerais é o sapo gigantesco, *Quipongo*, isto é, o *Bicho*-(quiméra)-*Ponguê*.

Quer u'*A Menina e o Quibungo*, de Silva Campos, quer u'*O Bicho Bonguê* ou *Ponguê*, de Lindolfo Gomes, os salnêtes são muito parecidos com alguns do *Sachy Perrerê* que, no final de contas, é um saltador que não ha policia que o corrija, — excluida a idéa de "variantes" d'*O Lobo e a Menina* que nos vem de Portugal, pois, em se tratando de intereurrencia de personagens afro-negros e lazitanos, não se pode affirmar, sem erro, fosse o Português o precursor.

As *quiméras afro-negras* ficaram aí, mas absolutamente não nos cabe deixar em branco a demonstração de poderem as Linguas Geral Africana e Geral Brasileira oferecer, num estudo conjunto, verdadeiras surpresas ao Folklorista.

Sirva de exemplo o conto bahiano *O Kágado e a Fruta*, da colectanea Silva Campos:

Era um tempo de muita fome. Então appareceu uma arvore cobertinha de frutas maduras. Mas os bichos, como não sabiam o seu nome, não queriam ir ao céu, para Nosso Senhor dizer como se chamava a fruta. Foi um deles ao céu e Nosso Senhor ensinou o nome da fruta. O bicho, para não se esquecer do nome, veio cantando:

— "Mussá, mussá, mussá,
Mussangambira, mussauê."

No caminho morava uma velha feiticeira. Quando o bicho passou pela porta da velha, de volta do céu, perguntou-lhe ella o que andava fazendo e o bicho então contou-lhe o que se passava. A velha, de nú que era, saiu na frente d'ele, cantando: —

— “Munga, selenga, ingambéla,
Vina, quivina, vininim...”

O bicho atrapalhou-se e esqueceu o nome da fruta. Lá se foi outro perguntar de nóvo a Nosso Senhor o tal nome. O mesmo que se deu com o primeiro, deu-se com esse e, por fim, com outros muitos que foram ao céu com o mencionado preposito: a velha atrapalhava-os com a cantiga, fazendo-os esquecerem-se do nome da fruta. Afinal de contas, foi o kágado. Nosso Senhor ensinou-lhe o nome da fruta e ele voltou devagar, cantando: —

— “Mussá, mussá, mussá,
Mussagambira, mussauê.”

Quando foi passando pela porta da feiteiceira, esta foi saindo e perguntando, como de costume: —

—Aonde vai, kágado?

O kágado foi cantando. A velha saiu na frente dele:—

— “Munga, selenga, ingambéla,
Vina, quivina, vininim...”

Porém o kágado nem como coisa. Nada de se atrapalhar, no seu rojão, cantando o nome da fruta. A velha danou-se. Agarrou-o e atirou-o de costas no chão, com toda força. O kágado virou-se, dizendo: —

— “Arre! Pôla!
Cereé, bizê.”

E continuou o seu caminho sem se esquecer do nome da fruta. Depois de lhe dar muitas quedas, vendo que nada arranjava, a velha foi-se embora, jurando de raiva. O kágado chegou onde estavam o bicho e disse-lhes o nome da fruta. Eles ficaram muito contentes com o kágado; mas o pobre ficou com o casco todo arreventado das quedas que a velha feiteiceira lhe deu, como até hoje a gente vê.

A respeito desse conto, as opiniões divergem. Uns lhe dão *origens* ameríndias. Outros, afro-nêgras. Uns tantos descobrem *influência* crioula. Uns poucos, pensando harmonizar a pandega, atribuem a *fontes* mestiças

Nem um entra na análise, ou, quando parece que vai fazê-la, deixa bem clara a dúvida. Os mais espertos limitam-se a interrogações: — será?

Certo que o carinhoso mais seguro é a tradução dos sainêtes para se ver o que tem o conto de extraordinario ou de normal:

— “*Mussá, mussá, mussá,
Mussungambira, mussauê*”.

Mussá, mussuá, mussuan. - é lagado d'agua em tupi da Costa e não no Geral.

Gambira é também tupi: - - *cambá-i-bira*, negrinho que se tornou.

Mussauê é a interjeição típica *uê*, que aliás se usa ainda muito em Minas Gerais, ligada a *mussauá*.

*Kágado, kágado, kágado,
Que se fez negrinho, ó kágado.*

A primeira cantiga atribuída á velha nada tem de brasileira.

Mungá, de que falamos muitas vezes neste capítulo, corresponde a *mungo*, melão.

Scienga é o classico *elecuma* português, então, com o ajuda hoje pronunciado por muita gente hão *cê-len-(u)-me*, que entrou na bôca do negro como adjetivo: — o gritador, o falador.

Yugambêla é afro-negrinho. Deu antes *yahêla* a Portugal, metátese de *hangela*, quimbundu, esforçar se por. No Brasil significa enganar ou iludir crianças e aos grandes como si fossem pequenos.

Vina é a planta conhecida por vinhéla, vinagreira, quiabo d'Angola, quiabo azêdo, quiabo rosado, quiabo rôxo, caruru azêdo, &c. (*Hibiscus Sabdariffa*, L.; *H. sanguineus*, Grif; *H. rubra*, Kostel), originária da Africa 'Tropic' e vinda para o Brasil desde os tempos coloniais. É um arbusto de caule avermelhado. Dos se-palcos e do caule se extrai materia corante para doces, pastas, geléas, vinhos e licres. As sementes, do tama-nho e semelhantes ás do quiabo, são emolientes, estomá-gicas, laxativas, dizem os africanos que são afrodisíacas. A planta é textil e de adorno. No Maranhão, um dos pratos principais é o arroz de curau, ou de vina, isto é, temperado com sementes de vina. O Português pre-feriu este ultimo nome por obedecer ás conveniências da lingua. *Vina* é tambem embriaguez pelos e nos can-dombés. As *vinalias* eram festas rommas em Setembro, quando começava a vindima, e em Maio, quando se pro-vava o vinho novo.

Quibina é o *quima*, de que falamos acima, e *vina*: — o primeiro bêbedo.

Vinimiu é um diminutivo de *vina*: — bebedozinho.

Moleirão, gritador, enganado,
bêbedo, primeiro bêbedo, bebedozinho.

As palavras do kágado, no ser atirado pela velha, são portuguezas.

Cerê é o substantivo verbal *cerêu*, alusivo ao fato do kágado ser impedido pela feiticeira, que logo é cha-mada *bizê*, bisonha na Linguagem Popular Bahiana que assim reproduz o modo porque os escravos africanos pro-nunciavam o vocabulo.

Do contrario do que se esperava, nã estão, apenas destacados, os caracteristicos do *arranjo brasileiro* da peça folk-lorica: — o kagado tem nome *lupi*, a feiticeira ou *chigonga* fala ao mesmo tempo a Lingua Geral Africana e a Lingua Geral Brasileira, e o kagado é mestre em coisas de Português.

Infelizmente, com tal demonstraçã, o conto é uma lastima: — Traz sainêtes, cada um numa lingua, sendo que o primeiro ocúpa o lugar do segundo e vice-versa. O kagado dagua, personagem principal, foi confundido com o jaboti, que anda em terra, e ainda negou a esper-teza d'este, flagrante no Folk-lore universal. Vira, simples arbusto, passou a arvore. Ninguem sabe para que serve a fruta á feiticeira nem aos bichos. O motivo não é a fome do estomago, como está dito, mas a fraqueza do libido. A filosofia popular...

Os Folk-loristas vêem-se agora deante dessas realidades e tambem deante de outras ainda mais interessantes. O *mussuá*, ou *mussuan*, ao que nos conste, ainda não appareceu em nosso Folk-lore e, si não fosse esta analyse, talvez não o vissemos tão cedo. Isso léva a crer haja um grande numero de outros animais da fauna brasileira envoltos no mesmo ven das peças mascaradas que necessitamos libertar. Encontrado um, faça-se logo obra cientifica e patriótica: — esclareçam-se todos os attributos dos personagens, corrijam-se todos os defeitos da exposiçã e reconstituam-se os mitos mesmo que seja necessario reconstruir a peça. Isso é a *Arte do Folk-lore*: — a refusã das peças depois da analyse cientifica esclarecedora de todos os pontos bons e máus da obra coligida na boca do povo. O novo é o que deve passar ao patrimonio dos Folk-loristas, mas é necessario que o primitivo se conserve nos seus arquivos para em qual-

quer tempo ser analisado ou interpretado pelo mesmo ou por outro que se dedique á *Ciência do Folk-lore*.

O KAGADO E A FRUTA

Conto Brasileiro recomposto em
MUSSUAN E A FEITICEIRA

Havia naquela época tamanha tristeza entre os animaes que nem um deles sabia a que attribuisse. Reuniram-se e combinaram convidar uns e outros para uma grande assemblea em que seriam estudadas as causas de semelhante infelicidade. No dia, a horas tantas, quando não haviam chegado a conclusão alguma, appareceu o kagado d'agua mais morto do que vivo, a ansiar de cargado. Todos se voltaram admirados dele tambem ter comparecido, pois devia ter feito um grande esforço para chegar até ali. Ele, porém, logo que tomou o seu lugar, agasalhou-se dentro de seu proprio capóte. A cabeça posou num dos ombros, porque o pescoço lhe saía do outro, e escondeu as pernas e a cauda.

A conversa continuou, mas todos os assistentes não tiravam os olhos d'aquelle ser que a natureza erceu diferente dos outros de sua familia. Num dado momento ouviram *tué!* e se espantaram. Era o pescoço do kágado d'agua que saia do agasalho pondo sua cabeça de cóbra em posição elevada. As pernas e a caudasinha curta saíram e ele falou:

— Saibam vocês que a alegria encantou-se numas frutinhas vermelhas cujo nome ninguém sabe senão Deus, — e apontou para um arbustosinho vermelho todo carregadinho delas. — Aquele que o pronunciar junto delas, desencanta a alegria que todos procuramos.

Os outros bichos nienciaram as cabeças, duvidando, mas logo se lembraram que todo kágado é sete-ciencias, farrombeiro e falador. Como podia ser verdade, tambem podia não ser, e, como em se experimentar nada se perdia, logo um se ofereceu para ir saber o nome da fruta. O kágado d'agua já um tanto desafogado da canseira, advertiu:

— Veja lá si vai ficar nas unhas da feiticeira que mora numa casa velha e cascuda que dá a frente para a estrada e os fundos para o rio. Ela não quer que se desencante a alegria, pois sabe para que as frutinhas servem.

Para enganar os que a procuram ela muda a côr das comidas e das bebidas com a côr vermelha que as frutinhas dão.

O conselho era bom, mas a necessidade era maior. Embora fôsse no tempo em que todos os bichos falavam e Deus falava com todos, ninguém sabia onde Deus morava. O kágado d'agua ainda uma vez resolveu ser sabichão: —

— A casa d'ele é na nascente do rio, á beira d'agua, bem lá em cima, no alto da montanha.

O tal bicho foi, mas ao passar pela casa da *chigonga*, não aguentou a barata no papo e disse ao que ia. Ela aconselhou que não fosse, pois era muito longe e talvez que ele não voltasse mais nunca. Mentira. Si os bichos chegassem a saber para que a fruta servia, nunca mais ela poderia fazer feitiço para dar alegria aos homens. O bicho não esteve por nada e prosseguiu viagem. Foi onde estava Deus e veio repetindo o que este dissêra para não se esquecer:

— E' vina. Faz a gente ficar quivina. Vininin: — dôse pequena.

Quando se aproximava da casa da feiticeira, esta saltou na estrada, parecendo mais o diabo do que mesmo gente, os cabelos amarranhados, um cacete rabeando no ar, fazendo gestos furiosos. Ele assustou-se com a cara medonha da negra velha e esqueceu de tudo que vinha dizendo.

E assim, cada bicho que ia procurar Deus voltava ao meio dos outros mais triste, pois sempre repetia a tolice de parar em casa da *chigonga*, de contrariar-la e de, na volta ser percebido por ela que usava um meio diferente de enfeitá-los. De uma feita o kágado d'agua zangou-se, reviro: os olhos, bufando de raiva, e disse aos bichos: —

— Agora quem vai sou eu. Aquela *combonda* de Satanaz enganou vocês, mas a mim não enganbêla.

— Deixe de farofada, Mussuan, — disse um deles. Si nós, que somos mais espertos tivemos que correr, quanto mais você. Ela lhe pêga e lhe arreventa o casco nas pe'ras.

Mussuan não esteve por nada. Jogou-se no rio, subindo a corrente, a toda força das p'as. A feiticeira, que estava colhendo agua num curocim, distraindo-se em vê-la borbulhar no gargalo do pote, viu o kágado d'agua passar perto dela e rchou azado o momento de fazerem as pazes. — pois nunca se gostaram, — e começou a chama-lo: — Mussuan! ô Mussuan! Mussuan!

Mas ele fingia não estar ouvindo. Então ela quiz agradá-lo e chamou-o de "negrinho — kágado-d'água" na língua que elle falava com os outros bichos: —

— Mussuan-cambira! ô Mussuan!

E ele, nem caso. Mas ia dizendo consigo mesmo: — "Sim, eu sei bem voê quem é, bruxa velha. Pensa que me engana com esses agradinhos. — E ia batendo as pás, subindo a correnteza. Quando chegou á nascente do rio nem precisou sair d'água para falar com Deus. Pôs a cabeça fóra e fez o bonito, como gente educada.

Deus gostou muito de Mussuan e lhe disse: — "O nome é *vina*", mas explicou: — Em grande porção, embebêda. Por isso, o bebado d'ela se chama *quivina*. As frutinhas pequenas, chamadas *vininim*, são as que dão mais alegria".

Mussuan é bicho inteligente como todos de sua família e, como elles, tem uma prodigiosa memoria. Prestou bem atenção no que Deus lhe disséra e meteu tudo na gavêta da cabeça. Despedia-se e quase não se cansava descendo a corrente.

A negra velha feiticeira estava á beira do rio lavando roupa quando viu aquella cabeça de cõbra num corpo de kágado heia pertinho d'ela. Deu um pulo para o sêco, com medo da dentada do leigado d'água que todo mundo diz ser venenosa e matar ou aleijar. E exclamou amedrontada:

— Mussuan!

O bicho botou a cabeça fóra d'água e, para irritá-la, largou-lhe nas fuças: —

— Vina, quivina, vininim.

E afundou-se logo, batendo as pás á toda força, sem olhar para traz. Elk aí atinou que ele fóra a casa de Deus saber o nome e o segredo das frutinhas, tanto que dizia as mesmas palavras que repetiam os outros que ela espantou. Já estava danado, danou-se mais. Acabaria com a vida do sete-ciércias. Meteu-se n'água, andando a procura-lo e a descompo-lo na língua d'ela: —

— Munga, selenga, ingambêla;

e juntando sempre, em sinal de pouco caso, mas irada da vida porque ele sabia o nome e o segredo das frutinhas: —

— Vina, quivina, vininim.

Mussuan estava ouvindo ela elonga-lo assim de bestalhão, de falador, de enganado, e a repetir: — Eu lhe mos-

tro o que é vira, quivira, vininim, meu cara de cobra do peçoço nascido num dos ombros. Eu lhe mostro".

O kágado d'agua ia batendo as pás descendo a corrente á toda pressa, pois a chigonga estava quase chegando perto d'ele, andando pelo rio, a repetir os chingarietos. Não durou muito tempo. Também foi obra de um minuto. Ela abaixou-se, pegou-o, mas, ao ergue-lo, so se ouviu o grito, — Arre! — Mussuan na mão dela, o sangue da bruxa a escorrer de um cêdo e ela agonizada, a pular, aveixada para se ver livre dele e atira-lo com toda força, sem saber para onde, bem longe dela.

Mussuan sentiu a dôr da pancada nas costas num cachão d'agua e também gritou — Arre! — mas insultou logo a vêlha feiticeira que estava a saltar, gritando, furiosa, quase louca: —

— Pula, nêgra! Viu o gôsto da dentada do Mussuan? Cercê, que bateu com o meu casquinho tom toda força em cima d'agua! Bizê, *chigonga!* Vá aprender o officio de nôvo, anda!

Ela perdeu a cabeça e saiu atraz, perseguindo-o, andando sempre, mas ôle corria tanto que parecia voar em baixo d'agua. A negra velha estava ainda bem longe quando Mussuan botou a cabeça fóra perto dos outros bichez, repetindo tudo que Deus lhe dissêra. Foi uma festa. Jogaram-se n'agua e foram busca-lo carregado, repetindo:

— Vira, quivira, vininim.

E entraram todos a comer das frutinhas, recuperando assim a alegria.

A feiticeira, fôla de raiva, descompondo sempre Mussuan, não viu o perigo a seus pés. Caiu no fundão do rio e afogou-se engaiolada nas pedras.

Os bichez todos, em honra a Deus, pelo bem que lhes causou, dançaram o caterete, batendo Mussuan o carimbó e cantando o compasso: —

— Vira, quivira, vininim.

A *recomposição* tende a pôr as partes da peça nos seus lugares e a dar-lhes o vigor e a utilidade. Esse é o trabalho confiado á *Arte do Folk-lore*, pois, á *Ciencia do Folk-lore* cabe a analyse das peças e a reconstituição dos mitos.

Pela recomposição d'*O Kágado e a Fruta*, da coletanea Silva Campos, se chega a concluir que a *feiçãõ* é puramente *mestiça*. O conto recomposto, *Mussuan e a Peiticeira*, a conserva, mas traz em si, a descoberto, a lição que o desconjuntado não guarda: — Os índios andavam tristes por não saberem que planta lhes reconstituiria a vitalidade perdida, mas tornaram-se alegres quando conheceram a vinda que veio com os negros de Angóla. Apesar da mentira, pois a flora brasileira é riquissima de afrodisiacos, no conto velho não se exalta a virtude das sementes que, em todas as casas brasileiras, especialmente na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão, serviam de condimento obrigatorio nos pratos destinados ou reservados como excitantes das funções genésicas.

CAPITULO VII

O SACRIFICIO E A DIVINISAÇÃO DOS TOTENS AFRO-NEGROS

O Folk-lore é um teatro de *totens* e de *tabús*, na maioria decaídos, máras tradições que emascem e morrem na inconsciencia dos creadores e propagadores de peças populares.

Foram, outrora, com a aparição do homem, os seus contemporaneos, os que o atacaram ou o devoraram, os que o obedeceram e foram domesticados, os que, inofensivos ou não, desempenhavam função saliente na vida venade ou na vida pastoral, na guerra e na paz, ou se fizeram abominaveis ou dignos de admiração e escolha como isentos de imundicie ou de peccado.

Simbolos e emblemas, — *totens*, — vieram desde os primeiros seculos e estão ainda hoje, barbaros ou civilizados, nos ranchos, nos témos, na poesia e nos contos populares e até mesmo nos sêlos das nações e nos escudos dos pávos, nas superstições que se estendem pelos continentes e invadem outros, em commum com outros *totens*, os astros, as constelações, as estre'as, os meteóros, as plantas, as flôres, os frutos, as franças, os troncos, as rochas, os minerais, — enfim tudo que a Natureza criou e o homem urdiu na imaginação, — a cruz, a espada, bandeiras, troféus, heróis. . .

No Brasil, onde ha uma consideravel abundancia de mitos afro-negros mascarados ou não em amerindios,

asiaticos, europêos, &c., é necessario que, antes do intellectual apresentar-se como Folklorista, mesmo amador, penetre nos *candomblés*, nas *macumbas*, nos *pegis*, e se familiarize com as praticas religiosas dos feiticeiros, iniciados ou não pela *Oqboni*, e mais ainda procure, anos á fio, despertar a confiança e a estima destes ao ponto de poder conhecer ou interpretar, uma por uma, as causas dos sacrificios e da divinisação dos *totens* afro-negros.

As 'fó' dessas praticas estão escritas em *árabe*, lingua muito semelhante á *etiópica*, falada, com seus dialetos, no Egito e em grande parte da côsta africana.

O Livro que as contém passa de um a outro *egocji*, que o guarda e, por morte, é transmitido ao successôr, mesmo que o não entenda.

E' no seu Livro que estão os ensinamentos da *Oqboni*, porem de não nos valen o uso de termos um em mais: — um mestre de Lagos, — (pois na Bahia ha d'elles falando o *nagò*, lingua de nascimento, o *inglez*, lingua do conquistador, e o *arabe*, lingua havida como religiosa, como o *latim* foi em algum tempo para o comercio dos Padres entre si), — o leu inteirinho, pronunciando quase tudo guturalmente, mas esquivando-se de traduzir, por serem *rymus ocillus*, e fingendo-se a mostrar as letras verticaes como relativas á parte do sangue e pontos acima e abaixo de sinâs (consoantes) que davam os sons das vogais que o alfabeto não tem, e a dizer que, nos verbos, havia apenas dois tempos, o passado, correspondente ás causas, e o futuro, correspondente aos efeitos dos sacrificios, — embora que isto sêja peculiar ao *arabe*.

Já estávamos, a esse tempo, muito além do que o talvez *equêji*, or sacerdote supremo do culto gègeiorubano na Bahia, pudesse supôr.

Sacrifício, oblação ou oferenda aos poderes superiores de uma planta ou de suas partes, de um machado de pedra polida, de um animal, geralmente boi, novilha, carneiro, ovelha, bode, cabrito, galo, porco, coelho, &, que se justifica:

a) — como confissão ou expiação do pecado, isto é, para o ofertante livrar-se dos males ou minorar os efeitos dos castigos por uma ação má que houvesse cometido, ou de um envoltamento, ou de um "feitigo" que outrem lhe botou, ou mesmo de uma "carga" que, por mal pósta, caiu sobre si;

b) — para o ofertante obter o que deseja, de bom ou de máu para o próximo, contando que lhe agrade;

c) — em ação de graças por um favor obtido, por um "milagre" ou por uma solução que, de algum modo, suavizou em muito ou pôz termo ao sofrimento, mesmo que este seja a morte da pessoa mais amada;

d) — como obrigação ou meio de não deixar que se altere nem se interrompa essa "graça", — compromisso estipulado anteriormente, com ou sem a obtenção do favor;

e) — como testemunho coletivo de pesar, tal como no caso de uma peste, ou de uma sêca, de uma guerra, de uma calamidade pública existente ou iminente, ou de alegria ou jubilo pela realisação de um benefício que se reflita no meio, ou pela celebração de uma festa obrigatória do culto;

f) — como oferenda dos que atingem os postos mais altos nos *candomblés*, ou mesmo na sociedade.

A expiação do pecado e as manifestações de júbilo quase sempre pedem sangue: — o sacrificio é um pacto que se faz com o *orixá*, ao qual se oferece um animal da sua predileção, da cor ou do tamanho ou sexo que “agrada”. E, para que não se rompa esse pacto, depois de obtido o favor, ou surpreendido por êle, o crente pode fazer nova “dativa” ou uma nova oblação.

É mais valioso é o pacto si o sacrificador é o proprio ofertante, ou si, depois d'êle, é o mais velho da assistência afro-negra presente, pois este, representando o filho mais velho da “família”, é o simbolo tranzitorio do Pai etnico.

O lugar e a hora variam com o animal e com o ato que se celebra: — o *pegi* do chão, o altar ou *pegi*, o sóo do quarto do *pegi*, atraz da porta da rúa, o terreiro do oitão, o terreiro do *candomblé*, onde seja, á claridade ou no escuro, pela madrugada, antes do sol nascer, durante a manhã, ao meio dia, á tarde, depois do sol posto, á meia noite.

Pode ser de muitos animais si o *orixá* ou os *orixás* “consultados” assim exigem a quem um ou alguns fizeram o “beneficio”, ou si a pessoa deseja alcançar alguma coisa que de tal fez promessa, ou ajuda si, em vida, alguém “deixou com que” se celebrasse sua gratidão a um ou a alguns desses “santos”, — mas serão muitos e diferentes nos dias de aniversario do pai ou da mãe de terreiro ou de comemoração a algum deus afro negro.

Aparentemente essa pratica se justifica na alegria que devem ter os componentes dos *candomblés* ao su-

sistirem o derrame do sangue de animais consagrados aos seus *orixás* protetores, mas é realmente porque o *orixá* festejado "faz sempre questão" de proporcionar todas as alegrias aos outros companheiros, todos sedentos de sangue.

A pureza da cêr "inspira" os poderes invocados á realização, ou á manutenção, ou ao estreitamento do pacto.

Para atrair ou dominar um homem, si o animal escolhido foi um gálo, o *chimbóto* péde: — um todo preto, um vermêlho ou cabôelo e um todo branco. Si se trata de mulher, galinhas ou pombas das mesmas côres. Si para afastar, a ordem é invertida. São as tres gradações necessarias á realização do pacto desejado que tambem apparecem em algumas peças do nosso Folk-lore. O preto representa a esquecimento; o vermêlho or cabôelo, a lembrança que subsiste em muito ou em pouco; e o branco a atração, seja no presente, que é havido como passado, seja no futuro.

Para se livrar um assassino, o sacrificio é de um carneiro mais alvo e mais velho possível, — *agbô*, carneiro, o velho, simbolo do Pai. E, para castiga-lo, sacrificia-se, em vez do totem de outra geração, um de seus filhos ou descendentes, que figura o matador, — o cabrito, *olubê*, tambem na lingua do nagôs. O infeliz, si as justigas o soltarem, será um eterno *edê*, — estrangejo.

A intensidade e a rapidez dos resultados decorrem da idade e da falta de manchas no pêlo ou na plumagem do animal. Dá, si um bichinho tem "manchas" (maculas), ou si o ofertante não o encontra tal qual o *orixá* "gosta" e este o aceita "por delendêsa", — o

sacrifício atenua apenas o efeito da "carga" por um tempo não muito longo, que deve ser interrompido por um "trabalho" completo.

Nem sempre o sacrifício péde um boi, um bôde, um carneiro, mas, ás vezes, um gálo, cujo sangue ainda quente o feiticeiro leberica e saboreia, regando-o com tragos de *meladinha* (mistura de cachaça e mel de abêlhas), libação que "desperta e alégra" o *orixá* a que se faz a oferenda.

Nunca, porém, se exige tanto como nas épocas de calamidade, — fome, peste ou guerra, — ou mesmo ameaça de qualquer delas.

O *tótem* é o *agbá*, o carneiro. Sacrificam-se alguns a prazos curtos, no maximo de uma semana, sendo que dezoê a muito não os incinotam, mas o "enterram". No mar, onde reina a abundancia, — si é fome. Em cõvas profundas, "de onde o fêdor da carniça" não exale, — si é peste. Ao abandono, onde o sol espanque, para que a carne logo se corrompa e os urubús rapido a consumam, — si é guerra.

Durante os tempos sinistros e inglórios de Candeos, os sacrificios multiplicavam-se em todos os terceiros: — havia a fome que vinha batida pela sêca dos sertões, a peste da variola que vinha também com os retirantes e os soldados, e a lúta fratricida que ameaçava, pelo recrutamento, levar os homens validos dos *candomblás* para as balas dos jagunços de Antonio Conselheiro.

Por esse tempo já ia desaparecendo o uso que substituíra a incineração completa dos animais: — o da torragem a fogo lento, das entraulas, "fonte de to-

dos os males de que a Humanidade é vítima", com a secagem, ao sol, dos "miólos arrancados inteiriños" como um brado á consciéncia dos *ovirás*.

O sargue e o "sepultamento" não bastavam em tais ocasiões de calamidade pública. Eram necessarias, — e foram só as que ficaram hoje em dia, — offrendas auxiliares ou communs que "arrosciam" o "deceaso enferrujado" de outros *ovirás* que não rogavam ao que tantos males produziam "dêsse um basta" na sua ira incontida: — abarás, acagás, acaragés, e outras "comidas", meladuita, moeduitas de dez reis e de vintem, buzios, orobôs, obis, trancheiras de cabêlos, còvados de fazendas de todo os preços, flores, &c., — tudo sem faltar a parte de Exú, o diabo, s. n. o que, "êle não se distraiu, nada se consegue".

Ser muito perseguido pelo malicia, atorçado por um espirito qual'quer, atormentado pe'a mania do suicídio, culpado de um crime, responsavel por um destino má, exige o sacrificio de um quadrupede, — boi, novillo ou carneiro, conforme os posses e o grau de culpa do infeliz.

E' o proprio ofertante que o conduz como si fosse a si proprio, embora outra pessoa o auxilie. Apõe-lhe a mão direita na cabeça e, em recolhimento, transfere-lhe a culpa ou o destino a ser expiado pelo sangue. A morte deve ser immediata para que não se dilate por muito o sofrimento. Lavadas as "cavernas", o couro é separado e oferecido ao officiante. A carne, dividida ás prêssas, é posta sobre uma toalha para as orações e os exorcismos e, reunidas as partes, é "ajustada" dentro dum caixão, em tudo igual aos que se fazem para defuntos, que é, altas horas da noite, levado ao "meio"

do már, ou ás aguas doces, mortas ou correntes, ou á cóvas nos cemitérios ou nos matos, ou ás encurzilhadas dos caminhos ou das ruas, ou ás esquinas dos jardins e logradouros.

O sofredor "morre" simbolicamente para viver outra vida na mesma carne e no mesmo cerebro, no mesmo ou em outro lar ou em outra terra. mas a toalha que ficou no altar do *pegi* guarda o sangue da vítima até que a "renovação" se efective e um nôvo pacto se estabeleça com um dos *Orixás* maiores.

As vâcas, as bezerras e os ovelhas são proscritas em tais casos: — "os machinhos tem mais força". — Os bôdes, as cõvas e os cabritos, do mesmo modo: — "são inimigos, não representam o ofertante".

Si um casa' separado vem a se juntar, si um filho desgarrado volta á casa paterna, si uma valiosa amizade que se perdeu torna se de novo útil, — ou si qualquer dessas coisas se deseja, — como tambem as pázes entre os namorados, entre pessoas desavindas, — entre familias que dantes se estreitaram fraternalmente, — o sacrificio é para harmonizar o ofertante como o *orixá*, fortalecer os vinculos de um pacto então ou agora feito, e pedir graças necessarias para não esquecer o "beneficio" esperado ou realisado.

Boi ou vâca, mas geralmente novillo ou vitêla, carneiro ou ovelha. — e jennis bôde ou cabra que espantam a felicidade, a paz e o amor, — são os animais preferidos. O fâto, o cecação e o figado dos bovinos são atirados ao mar ou ás aguas correntes para que as levem e consumam. Si de ovintos tambem, excepto o "cêbo" que se queima durante a cerimonia do voto ou "promessa" como si fora incenso. As pás e as

maçãs do peito cabem em rigor ao oficiante, Pai simbólico dos presentes, representante do *orixá* quando não he ausentes, ou que, sem perder essa qualidade, substitue o "beneficiado" que não est ver presente.

A parte necessaria ao exito desse sacrificio realiza o interessado ao receber as "peças" para leva-las ao alto, "em promessa" ou "em ação de graças". As partes que vão ser "enterradas", as que oferece ao *peji-gan* e as restantes lhe vem ás mãos, nessa mesma ordem, em porções, dentro de gamélas, de cestos de barro, ou de toalhas. Recebendo-as, obedece á musica dos assistentes, que entoam canticos guturais: — para um lado, para o outro, uma, duas, três e mais vezes, para baixo, em sinal de obediencia e humildade, e, por fim, para o alto, como si as oferecesse a um poder supremo. É esse "poder" é um pai ou uma mão de santo que, levantando os braços, toma o presente e abre a "caixa dos peitos" a cantar, em voz rouca, prometendo ouvir, si fôr merecido o desejo, ou agradecendo, si o "benefício" já se realizou.

Si em ação de graças, a festa prossegue "arrojada". Come-se a carne morta ritualmente e mais outras, manjares afro-negros e "o que houver", — tudo refogado ou cozido em azeite de dendê. Si por outro qualquer motivo, a festa será interrompida até o dia seguinte, pois os três grandes *orixás*, Obatalá, Xangô e Ifã, "já convidados", talvez não possam "se comprometer" e, neste caso, devem "ter tempo" para escolherem seus representantes.

A lépra e outras molestias que se manifestam na péle são havidas como oriundas de culpas e pedem expiações pelo sangue de um animal e offerta de ou-

tro, ambos quadrúpedes mas de especies diferentes: — o boi para a morte e o carneiro para a vida, ou vice-versa.

Os chifres são postos no altar do *pegi* e sete vezes se rége a toalha do *orixá* com o sangue da vitima. As peças mortas são atiradas aos rios e riachos ou mesmo no mar. É, em sinal de arrependimento, queimam-se cascas, resinas e folhas cheirosas.

O carneiro ou o boi de *Napanan* ou *Omulú*, deusa da varíola e d'outras molestias que vem á epidérmica, morve de velho.

Ha casos em que o animal escolhido pelo *orixá* ou a elle dedicada não é sacrificado: — "Asséste" apenas. — especialmente si simbolisa um ausente, ou mesmo o presente. — si alguém necessita de liberdade sem a morte de outrem. É exactamente "no mundo", depois de leva-lo para de onde não possa voltar".

Cegar alguém, isto é, trazer uma pessoa acorrentada á vontade de outrem, ou mesmo impossibilita-la de ver os erros e os delitos desse outrem, é *cocer-lhe os olhos*, cecendo os olhos de um sapo.

Trocar as cabeças é trocar os destinos e tanto pôde pedir sacrificios cruentos como inertes, isto é, de animais como vegetais. Não é a oferta da propria mas a posse da vida de outrem em beneficio da sua, em cujo caso se pôde sangue para "apressar a realisação da morte", narra-se podendo comer, mas enterrar. Com isso, o que fez o sacrificio vive a sua vida e mais "o resto da vida do outro". (O feiticheiro faz, quando

póde, o "milagre": — entram em jêgo os toxicos em doses pequenas, e em maiores si o condenado gosta de molhe bem "ardilôso" de pimentas malaguêtas). Não é tambem a consolação do seu proprio destino, mas a permuta com o de outrem ju'gado mais feliz, - em cujo caso o sacrificio é inerumento. O vegetal representa o invejado. Decepam-no. Ainda assim, sobram-lhe as raizes e poderá viver, mas os galhos, que representam a sôrte, não lhe voltarão mais. Cabem a quem os possuir. Enxertados ou plantados, quanto mais cedo vingarem, mais rapida a felicidade chega ao seu dono.

Mandar para as Combútas é matar. (Os cambútos eram um povo anão que habitava as sêlvas do Congo, cujas mulheres se divertiam em esfolar vivos os inimigos vencidos). É' com ódio que se faz o sacrificio, ódio como de morte, em que todos os grandes e novigos dos *condonablés* se empenham figurando a avidez do dar fim ao corpo que se necessita afastar do seio dos vivos. A primeira vitima é um galo, barbaramente esquarterado. A immediata, um cabrito. A ultima, um bôde. Apesar de tudo, isso apenas "inclêstra", não mata. Vem a galinha toda preta, quando não pôde ser urubú, enchem-na de pipócas, de favôsa de azeite de dendê e de vidro moide, envolvem-na num trãno sújo apanhado num monturo, á guiza de mortolla, e atiram-na na encruzilhaca sem olhar para traz. Depois, conforme o sexo da pessoa, a boneca, ou o boneco, de pano da côrdo condeuado, que se criva de alfinêtes e se bóta numa cova de "defunto fresco", ou riesiro em uma vasia si o condutor da "carniça" não pode fazer o trabalho direito.

Botar Exú no caminho é atrapalhar a vida de outrem. O caranguejo, *edé*, entra no "despacho" ou *chó* para, quando se vir sóto na en cruzilhada, andar de frente e de costas, para deante e para traz, sem saber onde se mêtá.

Botar Exú no cabeça é fazer enlouquecer. O diabo, em tais casos, não exige sangue, mas suplicio. A *calanga*, lagartixa em am'bundo, entra em cena. Metem-na numa gaiôla de malhas bem miudkas ou num cesto bem cerrado e tapado, para que se desespera tentando sair, e tiram-na á agua. (Na Africa ha algumas especies de lagartixas anfibias). Assim privada de voltar á terra, simbolisa a privação dos sentidos. O "despacho" não está completo sem o outro do caranguejo. Enlouquecer e perambular sem noção de pouso, nem de hora, nem de estado (nô ou vestido), exposto á chacôta e ás pedradas dos vingadores inconscientes.

Meter o chôdo é carregar a mão no "maleficio", agindo com odio e crueldade na matança dos animais. E' estripa-los vivos ou cortar-lhes os membros antes de sangra-los. E' o desejo do ofertante de encontrar, pelo pacto estabelecido com o *orixá* ou com Exú, quem o realise com malvadez e superioridade de forças, ou senão por um acidente qualquer, estrangulamento, esmagamento ou coisa semelhante que um "espirito" promôva, inclusive mesmo o suicidio.

Em todo e qualquer caso, mesmo no de beneficio, a parte de Exú ou do diabo tem que ser dada. Nada se faz sem ele se distrair ou intervir: — pipócas, farofias, algum dinheiro, uma coxinha de galinha frita em azeite, um abarésinho bem carregado de pejererecum, olobôs, &c.

Os sacrificios dos animais nos *candomblés*, *macumbas* e casas de feitiçeiros são quase os mesmos dos tempos primitivos mas ainda assim vieram com a Religião Mosaica até os tempos do Christo, embora os profetas os condenassem.

O proprio Jesus offerceuse em sacrificio e a missa é um sacrificio, como o batismo, a circuncisão, a eumunhão e a encomendação de defuntos são tambem sacrificios.

O incenso é o simbolo do sacrificio desde os primeiros dias da Humanidade que o Christianismo considera. — Adão e Eva vestem-se de peles; Caim mata Abél; a Arão e seus descendentes cabem o offercimento dos sacrificios; Deus faz um pacto com Noé e depois outro com Israel no Sinai...

No Fetichismo afro-negro ainda se encontra alguma coisa de commum com o Catholicismo que montou a tortura e os fórnos da Inquisição, mas é justamente a Igreja a mais empenhada em dar cabo das *macumbas* e dos *candomblés*...

No Brasil, nem um Folklorista se poderá isolar da vida, dos costumes, da religião e dos habitos de seus negros, fossem os vindos da Africa, sejam os nascidos aqui, motivo porque, a título de infernação, deixa nos detalhes sobre os sacrificios dos totens, pois todo mundo sabe que antes de apparecerem nos novelarios, rimarios e outras peças, passaram dos meios selvagens aos cultos primitivos, ás civilizações, e, por fim, ao contacto com a evolução intellectual e social dos povos.

Evitamos de detalhar o assunto por estar por demais e tão brilhantemente visto sob feições outras por Nina Rodrigues e Artur Ramos.

Os animais ou personagens folk-lóricos, representantes da espécie humana e suas composições populares, não são somente sacrificados como oferta ou oblação, mas sofrem ou são castigados por seus próprios erros, delitos, crimes ou fraquezas.

Es os castigos são os mesmos prescritos pelas religiões e sociedades antigas que os mandavam executar imediatamente. A pretesa da punição, ou da vingança, ou da coragem, ou da ação do mais forte ainda é a alma do Fabulario e da Novelística Populares.

O assassinato, a fogueira, o tronco, e fôrca, a afixão, a massôrra, a escravidão, a flagelação, a lapidação, o espartejamento, a abertura das entranhas, o rasgo das veias, o corpo erçado de setas, a cabeça fóra do pescoço, a perda de bens ou de honras, — tudo foi direito do homem fazer, no seu ou em nome alheio, dos deuses, ou do rei, ou de lei, direito que, se vestisse ou não na justiça que d'ele devia decorrer, foi transferido pela imaginação popular aos personagens de suas "historias" nos figurantes de seus autos, ás maravilhas de suas creações.

Basilio de Magalhães diz não conhecer "exemplo algum de que o feiticheiro metta na bucho os seus *totems* e seus *tabús*".

O *ogô* é simbolo nestee, cabeça de geração no culto gégéiorubano. Morrendo o sumo sacerdote ou *eqweji*, éle "assume o posto" até o final da consagração do substituto, passando assim de *totem-etnico* a *tabú*, sabendo-lhe, durante esse periodo, substituir, — "em vida", — os três grandes *orixás*, cujos poderes são lavidos, em profundo recolhimento, como pezaró-sos da morte de seu representante.

Para isso, *agbô* tem duas accepções: — *velho*, simbolo dos antepassados desde o principio do mundo e dos deuses em que alguns deles se tornaram, — e *carneiro*, simbolo divino, divindade até. — (como no Christianismo em que Jesus é chamado o *Carneiro de Deus*), — animal sagrado que se fêz adriento por excellencia e dêu, com sua lã, vestes ao homem, e, com sua pêlo, cobertura do templo (*pegi*); alem de ser, em éras remotas, a "moeda" com que se pagavam os tributos, e em todos os tempos, a offerenda preferida pelos deuses.

Agbô tem sentido inverso de *Egbá*, o deus do mal, o espirito do mal, o demonio.

Morrendo o *aqueji*, um carneiro era levado, — pelo menos até 1905, quando assistimos a uma cerimonia dessas, — a acompanhar o prestito alégre do enterro até o cemiterio, onde os *agoxus* o sacrificavam ritualmente para que o sangue derramado sobre a cabeça do substituto lhe transmitisse poderes sobrenaturais.

Deixave o animal, pelo sacrificio que lhe interrompia a vida, a virtude de ter sido *totem-tabú*, já transferidas, a de *Tabú*, aos grandes *orixás*, e a de *totem*, ao seu desconhecido sucessor, para ser, como dadiva, que foi do novo *aqueji*, presente de todos os *orixás* á "nação" que recebia o seu novo *babá*, pai, chefe, guia, advinho, mago, curandeiro, profeta.

É horas depois, todo inteiro, num tacho grande á fogo vivo, no meio do terreiro, coziam-no ritualmente isto é, ao fervor dos *sambas*. — (canticos, musica, danças e orações proprias ás supplicas, á ação de graças e á adoração). — desde o pôr do sol até a meia noite e, do mesmo modo, regando o accepje com meladilha e vinhas finas, comiam-no durante a madrugada e até antes do sol nascer.

Não ha, pois, duvida que o *agbô*, — *totem-tabú* do culto gôge-iorubano. — (queremos nos servir das

palavras de Basílio de Magalhães em relação aos *totens-tabús* dos Borôros), — “genitor de todo o clan e no qual se transmudam *post-mortem*”, pôde, como outros *totens* representados por animais vivos, ser castigado, sacrificado, divinizado.

Artur Ramos, referindo-se á significação das festas populares de origem totemica, diz que “psicanaliticamente, o animal-totem é o simbolo do Pai. O pai primitivo, morto pela horda rebelde, e substituído pelo filho herói, na fase do matriarcado (ciclo das rainhas), volta d'vinizado depois do sacrificio de filho, mas metamorfoseando em actual protetor do clan”.

E, mostrando como “os complexos totemicos se mostram em mais evidencia” no auto do *Bumba-meu-Boi*, diz: — “O auto do *Bumba-meu-Boi*, como uma volta de recalcado, e função do *princípio de repetição*, exprime a mesma coisa que as festas ciclicas do sacrificio”.

Ainda é Artur Ramos que vem iluminar mais o assunto: —

— “Será preciso repetir que o testamento do boi é um repásto totemico? Repásto de que todos participam. Cada um vai comer um pedaço do pai: —

A rabáda

E' pra meu camarada.

Um pé com uma mão

E' pra seu capitão, etc.

Após essa comunhão simbolica (velho tema de todas as religiões!), todos se redimem. Desaparece o sentimento de culpa. Cessam o luto e a dôr. O Pai está redimido. E o totem, todo poderoso, desce sobre o grupo, envolvendo-o num amplexo de gratidão”.

CAPITULO VIII

MITOS BRASILEIROS

Passemos em análise, mas a título de samples lembrança, alguns *Mitos Brasileiros* catalogados e distribuídos por Basílio de Magalhães, um dos mais brilhantes espíritos de nossa geração, a quem muito admiramos pela cultura que esporta em tudo que lhe sai da pena fulgurante e pela admirável honestidade com que abôrda todos os assuntos.

Sem essa revista, que em nada critica ou diminui o que êle disse, ficaria incompleta a primeira parte deste livro e de algum modo sacrificados estudos que virão adiante.

Quase n'ingua, liga mais ao *Lobishomem*, á *Mala-sem-cabeça* e á *Póreo-Móle*, especialmente no Recôncavo Bahiano, onde ha tantos mitos e tantas "h'istorias" diferentes para se ouvir e contar que esses passaram ao rél das futilidades folk-loreas. Os motivos, de tão balidos e de tão escassos de interesse, são sempre os mesmos e a estrutura das peças passou a ter parasitaria de outras do nosso rico, mas e quizê desconhecido Fabulario Popular.

Talvez, sem tais quédiz perceberem a querendo reviver e reanimar mitos agonizantes e que vão desaparecendo a galôpe do farto repertorio dos acalôs, alguns Folk-loreas menos avisados uníem, por isso, a ver sempre *lobishomens*, *malas-sem-cabeça* e *porcas-móles* nos personagens de outros contos, favorecendo

assim, com tais e tão esdrúxulas deduições, téses verdadeiramente falsas que se apoiam em hábitos inveterados de "escolas" e de "mestres" e em peças por demais suspeitas de transformação e mescler no curso da vulgarização.

Nós, os do Norte, vimos sempre dos que, sem virem por esses mundos em que as tradições vivem, metem-se, do alto de seus tamanquinhos, a afirmar a mentira de estar o nosso Folk-lore privado de equivalências, semelhanças e igualdades, como, por exemplo, *Caisára e Caipóra*, *Caipóra e Curupira*, *Curupira e Jurupari*, quando a verdade é que os Folk-loristas sempre tiveram prudência de os distinguir e confrontar, restabelecendo-os e limitando os característicos e os atributos de cada um.

Dos mitos amovíveis, o do *Saci-Pererê* assumiu, — do paralelo 20 Lat. S. até os limites do Brasil com o Paraguay, o Uruguay e a Argentina. — todos os vultos de bondade, de brejeirice, de esperteza, de devoção religiosa, de caridade atraz dos defuntos e até de gaio de tabula, com todas as mazélas e todas as virtudes dos companheiros europeus, africanos, asiáticos e regionais, não sendo mesmo difícil que já tenha aparecido de casaca a disputar uma corrida de automóveis, ou fardado, dentro d'um avião de bombardeio, a explorar a estratosfêra.

Modesta ave noturna de uma perna só em 1850, não é de duvidar um dia verba a ser o símbolo da Crenção Brasileira.

Felizmente, na Bahia não existe esse degenerado *Saci-Pererê*. Nem na Bahia, nem no Norte.

Por essas bandas, especialmente no Recôncavo, temos o *Sussú*. — beija-flor. — famigerado ladrão de moças bonitas, bem empernaças, que aos noivos não cabe possuir, mas a ele que é perdielinho por donzelas. Um satiro sem corno nem pés de hircino, ou melhor, um saltosinho elado, que vem aos tempos da Colônia e não tem, como o infeliz *Saci*, — pelo menos no nome, — um olho doente, mas lindos e grandes olhos negros, — (*sa-assú*), — e ambos vivos, arregalados, tentadores e invencíveis (*pererê*).

Sassú fêz tantos furtos e adivinhou três coisas de amor que o Creolo Bahiano o materializou no *Sussú*. — um povo saetanês cujos homens vivem pelos *condomblés* do Garcia e da Cruz do Côsmo a papar donzelas, — levando-o numa segunda feira de Bonfim, ao som de cauzás e agogôs e outros instrumentos afro-negros, á denuncia: —

Sussú, sasséque,
Vá dormir seu sono.
Tá com mêlo, diga.
Quer dinheiro, tome.

Ficou o *Sussú-Sasséque* por uns tempos nas cartigas populares, mas um dia a Polícia acordou e varejou os *terreiros* á procura dos *Sussús* *saberês*, que sabem tudo que se sabe e o que não se sabe, e mandou os ás pulgas da Coarção.

Isso foi um incidente sem importância, no anedotario do *Sassú*, pois nem lhe pegou a alcunha de *Martin Pereira*, nome de um português, caixeiinho de vendá, e escolhido para desposar a filha do patrão, airada de amores por um moço que, depois de muitos anos de carinhos, lhe fugira de uma vez.

Mertim Perciva caiu na sincerimia do *Tápa-Buraco*, de *Pedreira Murtim*, do *Seu Perciva* e de outros tantos despidos de poesia e de encantos que têm e *Sussú*, todo terreno e todo bellas, mimése perfeita de Deus-do-Amor, metamorfozando-se em moço ou em menino nos beijos das donzellas, mas sempre o mesmo *Beiju-flor* ou o *Beiju-florzinho* do Folk-lore Bahiano.

...*Sussú* apparece com esses nomes no fabulario recolhido por Silva Campos e publicado por Basilio de Magalhães, sem a *aurindio*, que substituiu o de *Chibamba*, *Zizi* das *noças* casadeiras, diferente de todos os *Sussús*, e todos os *Murtims*, de todos os *Negrinhos*, de todos os *Yacis* do Brasil, — não sendo ele o *Romãozinho*, *Sussú* dos creoulos da Bahia que emigrou para o sul de Estado e d'aí para Minas Gerais.

O mito do *fôgo-fatno* tem sido puro veiculo de propaganda católica e de exhibição dos letrados. É um dos que necessita ser buscado de novo na bôca do amerindio para se ter a certeza da realidade.

Minhocão, mineiro, sertanejo: Pois sim. A *Boiana*, como a *Boiassé*, são "almas" muito barates de *Boianan*, a serpente fantasma, e de *Aboinan*, a minhôca fantasma, mito com que os amerindios explicavam, — e ainda hoje explicam, — a origem de *Paraguassú*, capital does, que era a *Bahia*, e de como se formaram suas montanhas e appareceram os animais que substituíram os existentes antes do diluvio em que *Boinan*, ou mais seguramente *Ambaianan*, passou pela faquirisação, fenomeno esse comum na vida dos jacarés, pitús, &c.

Uíra e tambem *Yára*, o Pai e a Mãe d'agua, perderam a virtude deante de *Yemanjá*, de *Janaina*, de

Anamburucú, de *Quicenda* e de outras *chiubís* afro-nêgras.

Uiára, andrógino, seduziu-se a si próprio, despertou o libido, fêz-se mulher, *Iára*, para se prostituir ou parecer infeliz como esposa e assim perder a virgindade (para a honra da Igreja) e a divindade (para glória do Petenismo). Essa é a lenda moderna. *Ypá-pi-ára*, não é *Uiára*. Na tradição de alguns pontos do Recôncavo, *Uiára* morreu dentro do corpo de *Iára*, que ficou viva, e, em vez dêle, ou de seu espírito, nasceu *Ypípiára*, —, que foi morar no fundo do mar, de quem *Iára* tinha horror, não se vendo jamais uma ao outro.

A "verdade", porém, não é essa. Viremos, em outro livro, quem são *Iára*, *Uiára* e *Ypí* ou *Ypípiára*.

Tutú, *Bicho* e *Mudá* tem feito cócegas na subordina e calombos na inteligência de muitos de nossos Folkloristas e até hoje só os tem pelo *cambês*, *zurês*, *manês*, *zambês* e *marauubúas*. Quem manda esses "errenças" se meterem com "gente do norte?"

Mûc-do-Ouro, paulista, paraense, gaúcha? Veiu da África, na bagagem dos escravos, com *Mûc-da-Chuva*, em companhia de *Mûc-do-Mundo*, — mitos dos primeiros tempos da humanidade. Andam, pelo Norte afóra, em lindos contos — (no Pará no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco, em Alagoas, na Bahia), — de feição primitivamente árabe, por demais estragados pela vulgarização, sem perderem entretanto suas linhas místicas de belêsa.

O *Curupira* não se desmoralizou ainda no Norte do Brasil. Em Minas Geras, o *Saci* lê-to negrinho, em vez de cabôelo, roubou-lhe nos tantos adôrnos e umas tantas roupas e auctou a fazer visagens nas estradas.

Desovergonhado esse *Saci*: — atira para os outros o que é d'êle e aparece até promovendo tempestades para naufragar galéras...

Yurupari, cuja lenda só tem belêsas na Amazonia, ainda aparece com chifres e cauda de Satanaz que os Padres da catequêse lhe botaram.

Os Polkloristas de agôra, seguindo o exemplo dos etnôlogos que por lá tem andado, podem, vindo-se das penas da excomunhão, eleva-lo ao trono que lhe cabe na tradição ameríndia.

As lendas do *Irapari*, do Norte, cu do *Inhamburú*, do Nordeste até o sul da Bahia, lindas de poesia e de felicidade, infelizmente são raras nos registos folkloricos e ainda no verso brasileiro. Como das, as do *Tangará*, que dança no ser de sua própria musica.

O mito do *Mapiá-guaci* é antigo na costa e no interior do Brasil. Cêdo a Bahia até o extremo Norte.

Já aparece, nas "historias" que r'êle se referem, a acção de mata-lo: — am tiro do umbigo. Isso é puro reflexo da acção sudanesa no Polklore trazido pelos bantos que se transmittiu aos mitos ameríndios. No Recôncavo da Bahia, como no Baixo São Francisco (Sergipe-Alagoas) não encontramos essa perversão.

O *Quibungo* tem medo, na barriga das côstas, na tua gente boa.

O verdadeiro "perdeu as forças", nos sua "historia", como totem angolês, é a pagoda mais formida-

vel da tradição afro-negra no Brasil. Dêla é que se poderá partir para a reconstituição do mito, aliás muito confuso no Fabulario que tem sido o entusiasmo de seus admiradores.

Mũe-do-Cabôlo, nem mineira, nem afro-negra. É parte da *Cuassára*, que é um mana de mitos.

A *Cuassára* é bahiana. Os escritores chamam-na *Caissára* e dizem ser o mesmo que *Caipóra*, embora muitos grafem *caa-gára* e *caa-póra* para mentirem com mais "inteligência".

No ultimo quarto do século XIX, Vale Cabral descobriu, na Bahia, o *Tutú-Zambê* "incorporando-se" num pôreo. Toda gente riu-se, riram-se os *Tutús*, e até as pedras riram-se. *Chibamba*, que é o "rei dos encantados", convidou todo mundo para ver o filhinho do *Tutú-Zambê* com a Queixada de Val: Cabral. — Que belêsa era o piupílibo! Mentira pura, todo mentira. Dísfôrme, nasceu morto. — Os biehos riam-se ainda mais vendo tambem o retrato de *Chibamba* pintado, em Minas Gerais, pelo mesmo senhor: — "Anda envolto em longa esteira de bananeira, ronez como pôreo e dança com passadamento". *Chibamba* riu-se de mitógrafo...

A *Mũo-Pelada* vive na bôca dos engadores, desde o Ceará até o Norte de Minas Gerais e ainda em território goiano, mas sua ideação é confusa ao sair dessa região.

O *Córpo-São*, de São Paulo, não é realmente a *Cabeça-de-Cáiu* do Piáni, mas os dois são remanescentes

de "Historias de excomunição" trazida de Roma nos paiz brasileiro e de outros tempos. Ainda hoje ha quem excomungue filhos.

Pelo Rio Grande do Sul andam umas lendas de tesouros encantados que tambem nascem e crescem no Norte e no Centro do Brasil. Por lá correm umas "historias" da *Mulata*, dos *Zahôris*, do *Tciú-yaguá* e do *Nhandá-lala* que são desconhecidas desde o territorio fluminense até as regiões equatoriais. A do *Boi Barroso* é muito parecida com as do *Boi Amarello*, *Boi Branco*, *Boi Espacio*, *Boi Chita* e de outros Bois, inclusive mesmo o *Barrôro*, que figuram nos rannarios dos vaqueiros das regiões pastoris do resto do Brasil.

E assim deixamos, em traços largos, a "historia" dos chamados *mitos principais e regionais do Folk-lore Brasileiro* que os folkloristas deveriam ter escrito para chegarem, sem mais ataxia, ás seguintes conclusões: —

1.º — os mitos havidos como principais refletem uma grande confusão, ou porque os afro-negros houvessem "alterado" ou "renovado" os amerindios, ou porque uns e outros houvessem crescido ou diminuido em attributos proprios ou emprestados;

2.º — mesmo que não existissem, como existem, tribus selvagens e semi-civilizadas, alem das aldeadas oficialmente ou já emancipadas, em territorios bahiano, mineiro, paulista, &c. ha nessa confusão que os Indianistas e Folkloristas primam em ativar, sem a esclarecer, um tanto de desleixo, senão de descredito para os intellectuais que não entram em contacto com as massas, — pois a Amazonia é onde a influencia afro-negra não

conseguiu penetrar a selva, ou melhor, é o tesouro de tudo que se pode buscar por intermédio do ulucengatá, que é, mais ou menos, o mesmo tupi que serviu de base à *Lingua Geral Brasileira*:

3.º — não valeram as pesquisas, as obras, os atos de martírio dos naturalistas e outros sábios que se internaram pelas matas virgens para ao menos termos destruída essa confusão e restabelecidos mitos amorfos em seus predicados e em seus característicos primitivos, pois, além muitos casos berrantes, nem Indianistas nem Folkloristas que escrevem *caipóra* fizeram a identificação do verdadeiro e do antigo *Cai-póra*, *tevir* ou *tapira*, *icurê*, nada, o morador das selvas, nem do genio (?), *i-cai-póra*, *Caipóra*, que aliás não mora no *caitê*. — *vai-(têrê)-uóra*:

4.º — tem sido mesmo, *caipóras* os mitos do nosso abundante e riquíssimo Folklore, todos varejados pela incursão de outros que podem e devem ser reconstituídos.

Sejamos sinceros deante desse espetáculo de carcaças de mitos que passam á nosso olhos nos livros, nas revistas, nos jornais, nos desenhos.

Assemelham-se a variolósos abandonados em plena via pública que a Polícia atira em casas rotuladas de hospitais, mas sem leitos, sem remédios, sem cuidados, sem clínicos e até sem fêlhas. Os "bemfeitores", que nada fazem para suavizar a agonia de tantos infelizes, "merecem" retratos nas paginas de tôno dos periódicos encabeçando entrevistas sobre os progressos da penicilina na Europa e na America. Enquanto isso, a peste vai se plastrando mais e as vidas se esvaem ao relento e á mingua.

Esse estado de coisas não se justifica na altura em que vão a Ciencia e as Letras no Brasil, atingindo ní-

veis superiores e promueiadamente novos. Tudo que se tem feito no Folk-lore quase destôa desses maximos e da independencia que a nossa formidavel capacidade intellectual se empenha em aumentar.

Vem o registo das *Tradições Populares* mereceu consequent vos tratos após a febre que reinou no Imperio e veia a s primeiros tempos da Republica: — tudo está pedindo se vólte a perecutir seus bronzes que parecem encornidos até pelo carunchio.

A mitologia amerindia, salvo a que se coligiu e veia a lume e a que se fantasiou nos estilos pomposos de nossos poligrafos, vive cheia de belezas e de imaginação do "selvagem" no Norte do Brasil.

Os vastos cabedais que a Amazonia poderia oferecer aos que se entregam a tais misteres desfirmam o genio humano a basea-los e transferi-los aos patrimonios da *Tradição Americana* como joias que, si não se emparelham com as dos povos desde cédo traballal-os pela cultura, tambem, não perdem nada as primitivas civilizações de outros.

E nem se necessitava ir tão a fundo nesses traços de idéação aborigene. Ainda restam aqui e ali, esparsos, arrazos nucleos que ha hem poucos annos se emanciparam ou ainda se tem, mantido como um résto do Brasil de outrôra entre a cruz dos catequistas e o dominio do colonizador.

Numa e noutra partes ainda se encontram maravilhosas jenuais registadas, e um consideravel séquito de "heróis" e de cieletes cujos paleos, destruidos ou não, se fi eram na tradição que ainda não está de todo perdida.

Mesmo nos *candoblés* do Recôncavo Baiano, apenas penetrados com êxito científico por N na Rodrigues e Artur Ramos e a título de informação por Manoel Quirino, a obra do Folklorista não se pode de todo manifestar. Embora tudo pareça tratado com os sete séculos do Apocalipse, ainda se varejam os cantos dos santuários atrás das *yavos* e das *mas de santo*, serão também dos *equexis*, dos *babala-ús* e dos *país de terreiro*, em busca de perolas sagradas ou não que se guardam como parte das "histórias" dos *orixás* bem e malfazejos que passaram, na África, pelos tranços dos sacrifícios e pelas fogueiras da divinização.

Infelizmente, em quase tudo que se vê publicado, é a máscara de um na voz de falsêto de outro personagem, do negro dos olhos vivos na câra do cabôelo desconfiado, — e viceversa, — senão mesmo o disfarce de um cielo ou de um ciclone que vem debochando gerações consecutivas sem que ninguém o identifique.

E' esse o carnaval que não pára aos olhos dos Folkloristas que se deleitam em vê-lo e em comentar, achando semelhanças e igualdade do *Bôto* e da *Curacanga* e o retrato fiél da *Mãe-d'Água* na *Caipóru* de um pé-só que vai de brago com o *Saci* pernêta para a festa do cên.

Enviado nessas atações pueris, esses Folkloristas, milionários de avenidas de "castêios", tem horror aos confundós em que a sociedade sem máscaras se entredá como nos velhos tempos, mas se esconde assim que um chapém de penacho aponta no alto da montanha distante.

Em registros quase todos velhos, em interpretações subordinadas a "escolas", em glorificações retumbantes de "mestres", em críticas e polemias satânicas para des-

moralizar a obra sincera dos investigadores, em marmótas europeas que não enxergam a claridade dos tropicos, mas apparecem endeusadas como sões que divulgam e infinitamente pequeno de um grão de poeira num dos cávos da lua, em assinalamentos de "variantes" e de "fontes" por um caminho transpôsto ás tontas num deserto de Ciencia e de Arte. — resume-se quase toda a historia do Folk-lore no Brasil.

Seu *Estado* tem quase se limitado a uma tentativa sem diretrizes scientificas, sem objectivação artistica, sem finalidade propriamente brasileira. Faltaram-lhe as bases que se estão pronunciendo de uns tempos a esta parte como necessarias e indispensaveis: — a Língua Geral Africana, a Língua Geral Brasileira e a Língua Popular, pois sem o conhecimento delas não ha Folk-lerista que se aprobe nem teorista de Folk-lore Brasileiro que mereça fé, — além de outros conhecimentos que não vêm "de dentro", mas só se conseguem pelo habito das analyses dos elementos ou pelo acatado contacto com os meios.

Não tente embrenhar-se pela dificuldade do estudo do Folk-lore quem não se achar sufficientemente forrado de cultura scientifica e literaria mas, por isso, não se invalidem os Brasileiros: — Colijam as peças que puderem e façam suas coletaneas sem mudança do que ouviram, pois é o serviço que mais se afigurará sempre necessario e sempre útil.

CAPITULO IX

CIENCIA BRASILEIRA

Infelizmente os nossos Folk-loristas têm visto a Mitologia Afro-negra como inferior e pretendem corrigi-la com a Americana e até mesmo com a que nasceu martirizada em crendices e fanatismos do Catholicismo impetuoso dos tempos da Inquisição.

Não ha disparate maior.

A Mitologia Africana é a base de quase toda Mitologia Helena: o esqueleto vestido em poemas que outra imaginação pode eternizar fazendo-os seus.

Os monstros mitológicos arderam nas montanhas do Continente Negro, onde os marujos da Grecia dizem habitar gente de fisionomia de fogo. — (*de onde Aithion* — Etiópia. — *de aithion*, — brilhar, queimar. — e *ops*, — fisionomia). — que bastava olhar com firmeza seus inimigos ou lançar-lhes um halito envenenado para os matar.

A Africa passou a ser, na Antiguidade, a terra dos monstros em commun com os homens que a povoavam. Os poetas e os genios beberam inspiração nos seus tipos exivanhos e maravilhosos e compuzeram a Mitologia Helena com seus genios, suas fúrias, suas ninfas, seus centauros, seus deuses, seus animais admiravelmente disformes que a Arte proceetou immortalizar em enfeites dos templos e dos edificios.

A cada passo, na vida dos povos, reflecte-se a Mitologia Africana vestida de Mitologia Helena. Os astros, os elementos, a terra, as aguas, passam a ter os seus ge-

nios e estes as suas lendas. São os mesmos la Cosmogonia ou da Astronomia contemplativa dos Africanos que já havia referido as cheias e as vazantes de seus rios, especialmente as do Nilo, ás casas, do Sól, ainda hoje figuradas nos signos do Zodiaco.

A lenda não fez mais do que, em grande parte, refundir em poesia e em imaginação os Mitos Africanos. O proprio Edipo sai da Etiópia, ás ordens de Gunon, e decifra o enigma da esfinge de Tebas. Hércules mata uma grande parte da população de Equilna ás margens do Mar Vermelho...

A Africa sempre foi a terra dos grandes segredos da criação do maravilhoso e da invenção dos seres extraordinarios, a terra dos emblemas e das symbolos, dos grandes iniciados nos mysterios mais antigos e de umas tantas religiões havidas por avançadas e tambem rudimentares, mas todas cheias de poesia e civilidades com attributos terrenos. Lagos de asfalto que lembravam o suor de gigantes sepultos por milênios nas entrañas quentes da terra. O vento, o sopro das reliquias dos sarcófagos, que fazia erigir reio-se as ondas dos rios em busca das duvcus. As aves, de toda parte vindas, para ouvir a voz de Memnon quando sua estatua se aquecia aos primeiros raios do sól. A barca, ainda hoje em uso em muitas terras, que leva os mortos em busca da sepultura, a barca de Caronte, — termo, em lingua egipcia, que significa "barqueiro"...

A floresta africana foi o cenário em que menos vadearam os genias gregos, mas, ainda assim, ao lado de centenas de seres sobrenaturais, encontraram coisas que ainda hoje vivem na tradição afro-negra e se aninharam e proliferaram no Brasil compondo tambem sua Mitica ainda ao verdadeiramente estudada nem sufficientemente exposta. Homens sem cabeça, tendo um olho no meio

do peito. Bódes, de duas mãos apenas, têm o resto do corpo de hidra. — o Capricórnio do Zodíaco, — que se transformaram em demônios no seio das populações sertanejas. Menórcios, de pés maiores que um homem, inimigos de centáuros que se tornaram em ámas perdas e traçoças. Pigmeus que se occultaram debaixo de asas de grãos, hoje transformados em mariposas que morrem á luz das candéas. Denses metade humanos e metade peixe, como as Iemanjés, as Quixiribís, as Anamburucús, as Janainas, que deram motivos para a celebre estatua de Diana em Éfeso e se confundem aqui com os mitos de Íára. Sêres, como Chibamba, ás vézes figurados com quatro mãos, como o Dagon ou Viehuú (da India), que nos deu as lendas prateiras do pólv. Oncentáuros, do corpo de asno e busto de homem. Homens-abutres que vêm mostrar, diante do nosso amerindio *Anhangá-ú* como podem os mitos nascer independentemente em regiões diferentes. Homens pantéras, homens leopardos, homens lobos, &c. além de animais, de sombras, de seres invisíveis, com pés, ou mãos, ou cabeças de homem, de mulher...

A fauna mitologica nasceu na Africa, — não importa que os Helenos a "afornoscessem" como sua, nem a celebrizassem os latinos nos versos de seus poetas, na arte de seus genios. Arfistena, a meitra do mundo, a serpente de duas cabeças, uma em cada extremidade, e o simbolo do Bem e do Mal. A idéa do boi haver nascido do oryx, vendo monstruoso, está nos livros de todos os povos. A girafa como híbrido do camélo e da pantéra, e por isso havida como genio do mal, não sairá tão cedo das illusões dos que fazem zoologia recreativa nos mundos da Magia Negra européa. A maravilhosa *Lieorne* ainda assusta os caçadores civilizados de hoje que pensam vê-la em forma de antilope eucrea e vaporosa, nas matas

africanas, como os Brasileiros que ainda creem na *Caipóra* saindo de dentro dos caibetés. Equidna, metade mulher e metade serpente. A hidra de cem craneos. O Cerbéro. A Quimóira que Hesíodo fez com tres cabeças, uma de cabra, uma de leão e a ultima de serpente. Os molésoes gigantescoes, de chifres. Os monstros marinhos. Os dragões...

Para que mais?

Não se vêja a Mítica Africana como incipiente, rudimentar, estúpida, inconcebivel, como se tem dito. Todas as Miticas e todas as Mitologias sofrem desse mesmo mal si bem ou mesmo perfunctoriamente e analisadas á luz da Razão, ou antes, da logica.

Incumba-se a *Arte do Folk-lore Brasileiro* de a tornar tão grande e tão nossa quanto a que os Hellenos fizeram propria.

Para isso, não tentaremos de logo trazer á luz uma colêta de mais de trinta annos, mas iniciar a obra necessaria e primeira de reconstituição e recomposição dos Mitos Brasileiros, — base de todos os esforços que a outros incumbe desenvolver, — e apresentar os que supomos basicos e necessarios a essa empreza.

Eis porque nos batemos por uma *Ciencia do Folk-lore* — CIENCIA BRASILEIRA, — que traga á luz factos, e assuntos de *Mítica Amerindia*, e, com o que se pudêr conseguir de *Mítica Afro-negra* nos nossos meios cíclicos, venha definir as diretrizes novas do nosso riquissimo Fabulário e da nossa admiravel e sumptuosa Novelística.

Comecemos de logo todos a nos insurgir contra o habito pueril e lógico de se medir o *personagem cíclico*

pela interpretação literal da peça folclórica, pois isso não é mais admissível no estado de evolução científica a que chegamos. É necessário pesquisar-lo e confrontá-lo por quantos meios a Ciência nos indique e de quantas maneiras se possa penetrar na caracterização de seus atributos.

Exemplifiquemos essas palavras com um mineral. Determina-se o tipo, o grupo e o sistema de sua existência — precisa-se a forma. O sabor, o cheiro, o brilho, a dureza, enfim, uma série de pormenores nos leva a conhecê-lo fisicamente, a alinhá-lo, referir e classificar suas propriedades. Uma análise química nos dá os seus componentes. Outra, as proporções em que eles entram. É assim se completa, no laboratório, o ciclo das pesquisas que lhe indicam a espécie, o grupo, a família, o elemento predominante.

Um Mito pode mais ou menos os mesmos exames, as mesmas caracterizações. Seus aspectos correspondem à existência e a tantas tantas propriedades físicas desse mineral. Suas combinações, suas mudanças, suas transformações, em parte, às propriedades químicas dos elementos componentes.

O mineral tem seus modos de ocorrência, ou antes, em palavras mais populares, seus *habitats* preferidos, ao lado ou não de satélites que o denunciavam, de rochas que o guardam bem ou mal. Os Mitos, si escapam a esses "delatores", não deixam de ter *ocios propios* e se apresentam, com ou sem minéses, nos *ocios propicias* ao seu desenvolvimento ou, mesmo á sua possibilidade de regridir.

Ha, nos minerais como nos Mitos, a necessidade do mesmo critério da Ciência. É fazer com estes como ella procede com aquelles. Os componentes invariaveis dos

primeiros correspondem aos atributos dos segundos. Éla vai buscar os efeitos do contacto dos minerais com os meios em que se encontram. Porque, pois, não ha de tambem pesquisar os dos Mitos nos meios cíclicos em que nascem, em que penetram ou em que vivem, determinando as transformações, as alterações, as degradações, as evoluções que são causa ou são efeito?

Com o mineral, a Ciencia pára na *materia*: — leva-o á industria, utiliza-o, torna-o de quantas maneiras é possível as necessidades humanas.

Com o Mito, a Ciencia, depois de o aver considerado *materia*, esbarra-se com a *palavra*, envolve-se com a *palavra*, penetra-a, interpreta-a, a *palavra* de Pitágoras que, como toda *palavra*, tem três sentidos...

Não é difficil a empreza para os Folkloristas Brasileiros.

Todos os novos Mitos, antes de serem considerados como *palavra*, devem ser havidos como *materia*, isto é, nos seus caracteres exteriores, no seu físico, nos seus movimentos — pois é isso que nomeia e distingue todos os seres reais e imaginários. Os *atributos*, isto é, os instintos, as faculdades, as propensões, os poderes sobrenaturais, &c., inherentes a cada sêr, podem dar lugar, em suas manifestações e interpretações diferentes em virtude de causas diferentes e de efeitos maiores ou menores do que os princípios registados, mas, em todos ha sempre um vinculo, um meio de reconhecimento, uma "arêsta" que leva á coordenação da *materia* com os *atributos*.

Os Capítulos que a este vão seguir, destacados como componentes da segunda parte deste livro, não devem ser havidos como de assuntos recreativos. Neles demors-

tra-se apenas o metodo da Ciencia na recomposição e na reconstrução dos Mitos Brasileiros-Afro-negros applicado sempre á materia escolhida ou a peças novas que não podem ser havidas como todas as por nós coligidas no campo vastissimo das tradições folk-loricas.

SEGUNDA PARTE

MITOS AFRO-NEGROS

CAPITULO X

GONGA (Quigongo ou Gunga)

Desde que a Policia começou a atender aos “insistentes reclamos de nossa C.ivilisação Christã” e á necessidade de pôr fim aos “*candomblés* que tanto degradam nossos costumes” e a destruir o culto africano, perseguindo pais de santo, mães de santo, *yalês*, *yawôs* e *cquejís*, — tornou-se muito mais difficil ao pesquisador penetrar em muitas lendas e na caracterização dos mitos afro-negros.

Isso desde fins do seculo passado, quando mais ou menos se achava organizada a *Ogloni* e os *babalu-ôs* ou *babuluzís* não eram como os de hoje, assaltados por idéas e influencias católicas, mas sim fingidos crentes de um culto que vinha, desde seculos, sendo imposto aos africanos trazidos ao Brasil especialmente para o trabalho dos *banguês*.

Assim, muitas lendas interessan'tes, hoje adulteradas ao ponto de nem se poderem reconstituir, e muitos mitos perdidos no esquecimento, — não foram registados, eu porque os estudos afro-negros não interessassem a outros senão a Nina Rodrigues (e, posteriormente, a Artur Ramos) que não dirigia suas vistas especialmente para esses pontos, ou porque, — digamos a verdade, — os homens illustres, mostrando ignorancia, só se dedicavam a coisas classicas e fugiam de se envolver com assuntos fóra dos ambitos das *bôas* letras e da ciencia *européa*.

O culto gôge-iorubano, felizmente, não se limitava á Capital. No Recôncavo, Santo Amaro era a escola. Cachoeira não se deixava vencer por Nazareth. Vila de São Francisco rivalizava com Jaguaripe. Por toda parte, o mesmo fôgo abafaço, a mesma antiguidade tímida de ir bater as costélas nas cadeias das cidades, ou as mãos e os pés nos troncos das freguezias, porém, sempre alerta na conquista dos chefes políticos, das autoridades e dos protectores influentes.

A Mitologia Afro nêgra oferece quadros que, embora a linguagem dos acaólôs muitas vezes não reflita, são surpreendentes de concepção e de beleza.

Exemplo disso é a lenda do *Gonga*, — *Quigonga* na Língua Geral Africana e *Gunga* na Linguagem Popular Brasileira, — o grande, o maior, o primeiro, o primitivo feiticeiro.

FICHA N.º 135. — 1-2. Bahia — 3. Recôncavo — 4. Santo Amaro, vale do rio Sergi — 5. *Gonga* — 6. Lenda — 7. *Gonga*, figurando a Humanidade — 8. Olurum, Exú, Obatalá, Xangô e Ifan, figurando os Poderes Superiores — 9. Feição primitiva afro-negra — 11. Com argumento — 12. A descoberta do fôgo, do carvão e do cozimento dos alimentos — 19. Totens: — Olurum e Exum. Tabús: — Obatalá, Xangô e Ifan — 22. Sub-ciclo do Gunga — 23. Pai do Santo — 24. Festa de Xangô — 26 S. Carneiro.

G O N G A

— Na terra de meus avós havia um homem a quem Olurum e Exú ensinaram todos os segredos do mundo para que pudesse fazer o bem e o mal que entendesse.

Quando o homem soube fazer ibá, efifá, malamba e tudo, os cambindos se reuniram e lhe disseram:

— De hoje por diante você se chama Gongá.

O homem curvou-se agradecido deante do pegí, mas ouviu Obatalá, Xangô e Ifan dizerem que devia, por isso, fazer uma festa grande, mas sem comidas frias, nem crúas.

Como nem-um homem soubesse fazer fêgo para cozinhar as comidas mais ligeiro e melhor do que o sól, foi á encruzilhada esperar Exú para saber d'êle o segredo. Ficou um dia e uma noite, a cabeça dentro das mãos, até que por fim ouviu as macéias "estralando" e uns síus chamando *êê*.

Gongá ficou malucozin' o procurando ver de onde vinham os estruvidos, mas, quem disse? Parecia até artes de *Gungôô*. Mais um dia e uma noite perdidos nesse "veixame". No terceiro dia, achou. Eram as arvores que se sacudiam e rangiam os galhos, belindo com êle e caçando porque êle não sabia fazer fêgo, mas elas mesmas iam se queimando aos bocadinhos.

Gongá mais que depressa chamou por Xangô, pedindo que lhe valêsse. E logo uma chuva de raios decepou algumas arvores. Isso mesmo que o homem quíz. Juntou os pedaços uns em cima dos outros, tendo antes botado em baixo deles umas brasas que tirara das arvores que estavam se queimando, e cobriu tudo de terra para os queimar abafados.

Dias depois foi ver o matombo. Umás pedras que estavam perto sotaram umas garralhadas de debóche. Gongá aí zangou-se mesmo de verdade. Juntou três que estavam se *riudo* d'êle e se *riu* delas, gritando de alegria:

— Macéico! macéico!

Depois, desmontou a terra e ficou ainda mais contente. Em vez dos páus, achou um moléque todo feito de taquinhos pretos e lhe deu logo nome: — Macéia.

Macúco, que eram as três pedras, não se arreiba mais do lugar e perdem a fala e o movimento. Gonga, vendo que o moléque se largava aos pedaços, pegou alguns deles e botou de-tro de Macúco. Soprou o en-tiqueo que restava do nutombo e ardele a os taquinhos do Macála.



FIG. 1

Gonga. Vem-se as pedras vindo-se, o nutombo e o floresta em fogo

E assim aprendeu como se fazia fogo para cozinhar os quitutes para a festa que devia dar por ordem dos orixás.

ARGUMENTO. — Gonga é um homem a quem os deuses do bem (*Olorum*) e do mal (*Evoú*) ensinaram a ser feiticeiro. Os deuses terrêncs, aos quaes ficou reservado o governo do mundo (*Xangô, Obatalá e Ifun*) acham que Gonga leve dar uma festa em regosijo, mas as comidas não devem ser crúas nem frias. Gonga, reconhecendo a sua ignorancia, vai até a encruzilhada e, penativo, espera o auxilio de *Xangô*, deus do trovão. Um dia e uma noite. Por fim

uns estalos e uns *siu! siu!* Procura de todos os lados e não sabe donde vem. Mais outro dia e outra noite. Ao terceiro dia descobre que são as arvores que se riem d'ele esfregando os galhos uns contra os outros. Gongga invoca Xangô, que que o atende. E logo uma chuva de raios faz as arvores em pedaços. A intuição vem á Gongga. Faz um monte de brazos tiradas dos galhos que antes pareciam rir-se d'ele e põe sobre elas tôros e gravôtos. A' fogueira, cobre de terra, — e isso é o matombo. Dias depois vai ve-lo. As pedras riem-se de Gongga. Irritado, apanha trez e quase no mesmo instante alegre-se: — havia descoberto a trempe, ou fôção: — macúco. As trez pedras emudecem para sempre. Vai fazendo tudo por intuição. Desmonta o matombo e, em vez dos tôros e gravôtos, acorda, um negrinho feito de pedacinhos de carvão: — maçôla. Gongga mete alguns d'elles no macúco. Basea fogo no berrallo do matombo e acende o carvão. E assim, inspirado e protegido por Xangô, satisfaz as ordens dos três grandes orixás, cujos poderes são maiores dos que os de Olurum, deus do céu, e Exú, o diabo.

Na lenda de Gongga ha mais conceito do que parece. Encaremo-la pelos ensinamentos da Antiga Sabedoria, muito propria ao Egito e nações africanas.

O homem, assim que aprende qualquer coisa que lhe baste á vida, julga-se sabio. Os meios a que é levado trazem-lhe a convicção de que ainda lhe falta muito para interpretar e realizar todas as coisas. Na mais remota Antiguidade a peroração tinha por simbolo o triangulo equilatero que, depois, foi substituido pelo de Pitagoras de lados 3-4-5. A triage chamava á meditação, á paciencia e á perseverança inherentes ao sabio. Gongga passa por essas três fases representadas nos três dias. Na primeira, ainda mal habituado á abstracção das coisas terrenas, attribue ao sobrenatural o que o espirito não pode discernir. Na segunda, ainda lhe assaltam á mente as mesmas illusões. Na terceira, o cielo do sabio se inicia. O riso das arvores é uma figura: — o que é

material o homem pôde fazer sem interessão dos poderes superiores. Gonga evolúe. Até o raio (Xangô) obedece ao sen chamado. (No Christianismo: — a fé remove montanhas). No sabio a intuição se excita. As partes dispersas são por ele ordenadas. Nada do que deve ser novo deixa de ter raizes no passado. As brazas representam o passado. Da união do antigo e do moderno, desde que se os revista de alguma coisa nova ou velha, ha sempre um efeito que o tempo, cedo ou tarde, vem mostrar. Antes que se realise, com ou sem a presciencia humana, os incidentes podem ocorrer e o sabio, ou os despreza, ou os isola, ou os aproveita. As pedras são os honens que de tudo méfiam e criam esses incidentes. Gonga os anula, imobiliza e emudece, fazendo-os escravos de sua obra. E' o mago em ação. A paciencia já educada e a perseverança melhor desenvolvida lhe permitem ver aquele efeito. Sua obra, a obra do sabio, não pôde ser egoista. Ha de ser necessariamente um bem para a Humanidade. Mas todo bem é uma transformação do mal, e vice-versa. O sabio emagre o seu destino e alegra-se dentro de si-mesmo, — altar em que os deuses vivem e mais em nem-uma parte.

Nessa, como em muitas peças afro-negras, termos de línguas sudanêsas e bantas misturam-se facilmente, suprimindo uns as falhas dos outros.

Para o Bahiano, o caso é sem importancia: — os vocaballos são os consagrados na Linguagem Popular, ou mesmo proprios ao meio letchista, geralmente frequentado por muita gente bôa.

A identificação das fontes bantas é entretanto mais difficil do que as sudanêsas, sendo de notar que, enquanto se encontram "mestres", especialmente de nagô, os chin-

bôtos englobam todos os termos afro-negros numa chamada *Lingua da Còsta*, quando não se referem á *Lingua da Escravidão* que é a *Lingua Geral Africana* creada pelos Portuguezes.

O mesmo não acontece quando se tem que ouvir haussás ou seus descendentes. Há uma quase ausencia de termos afro-negros. A exposição é feita em linguagem corrente e o conto assume todas as proporções de alguma coisa estranha ao meio fetichista.

O Folk-lore dos Haussás, além do que lhe é proprio, apresenta a particularidade de "nacionalizar" o Folk-lore Africano, fazendo-o ser um Brasileiro, e de trazer para o nosso Novellario peças de admiravel ideação, das quais transcreveremos algumas no Capitulo XXII, reservando-nos, por agóra, a levar o Leitor a *O Navio de Pedra*, esboço longinquo da teoria darwinista e que nos dá, como os afro-negros entendiam, a origem das raças humanas.

FICHA N.º 42. — 1-2. Bahía — 3. Reconavo — 4. Capital — 5. O NAVIO DE PEDRA — 6. Lenda — 7-8. Gigantes, Pigmeus, Homens do nosso tamanho e Chipanzés — 9. Feição Afro-negra — 12. A origem das raças humanas — 23. Alufá — 25. S. Carneiro.

O NAVIO DE PEDRA

Havia um paiz em que os homens eram tão grandes que a passada de cada um media pelo menos uma legua. Nesse lugar não vingavam mulheres, e assim, quando se queriam casar, iam a um outro paiz onde só elas existiam e não vingavam homens. Bem entendido, — eles

não entravam no paiz das mulheres: — encontravam-se numa ilha que ficava entre seus paizes. Aí se casavam e os filhos que nasciam eram levados, assim que aprendiam a falar, ou para o paiz dos homens ou para o paiz das mulheres, conforme o sexo.

Aconteceu que, de tanto os homens e as mulheres procurarem a ilha, as pedras que ficavam á beira d'agua foram se polindo até que um dia ella tomou a forma de um navio. Houve uma tempestade muito grande e as aguas, que a vinham comendo por baixo, a levaram por leva-la, boiando, sem encalhar em parte alguma, mar a dentro, ora perto do paiz das mulheres, ora perto do paiz dos homens, mas á distancia que bastava uma pernada para se estar em casa.

Tudo correu muito bem quando houve uma guerra dos homens de nosso tamanho contra o paiz dos anões, porque estes roubavam as noças e iam deixando a terra quase sem mulheres para os roubados.

Os anões fugiram temendo a destruição, mas, chegando á praia e vendo a ilha, atiraram-se n'agua e subiram pelas pedras até chegarem ás casas. Nesse dia, todos os homens estavam ausentes: — tinham ido a uma festa no fim do mundo, de onde só voltariam depois de muitos dias. As mulheres isso mesmo que quizeram. Esconderam os arãssinhos nas dobras de suas roupas e levaram-nos para o paiz das mulheres.

As anãsinhas tambem fugiram do paiz delas para não serem prêzas de guerra, mas, sem sabermos o destino dos anões, em carunho, foram surpreendidas pelos gigantes que já voltavam da festa. Isso mesmo que elles quizeram. Esconderam as arãsinhas nas dobras das roupas e levaram-nas para o paiz dos homens.

O Navio de Pedra continuava a boar, mas ninguem ia lá. Nem homens, nem mulheres. Os filhos dos gigantes não nasciam mais.

Os homens de nosso tamanho, que andavam á procura dos anõesinhos, foram parar no Navio de Pedra, para onde se passaram sem dificuldades. Encontrando as arvores com os galhos arriados pelo pêsso das frutas, as plantas muito grandes e bastante copadas e umas enormes casas que pareciam tocar nas nuvens, atinaram logo ser a ilha morada de gigantes, pois tudo era grande ao ponto de, na tampa de uma panela das menores, dormirem três duzias de homens do nosso tamanho. Mas o Navio de Pedra foi um martirio para eles: — tudo era grande e lequeria muitos para arredar qualquer coisa do lugar. A custo fizeram umas embarcações com as madeiras que puderam e despacharam alguns para irem buscar as mulheres, com a recomendação de trazerem ferramentas e tudo que pudessem.

Da volta da missão os pagens foram devorados pelas feras e as mulheres deram no paiz dos chipanzés. Isso mesmo que elles quizeram. Cada um procurou a sua mulher e nem olhou mais para a chipanzé com que vivera.

As chipanzés, encimadas, reuniram-se e arribaram pelo mundo com as filhas e as parentes até darem numa terra que não conheciam. Quando o dia clareou, viram, defronte, uma ilha coberta de pomares, com muitas bananeiras enormes que davam bananas maiores do que um tubarão.

Os homens de nosso tamanho ficaram muito contentes quando viram as chipanzés, pensando que fossem suas mulheres. E mais espantados vendo-as tomarem as embarcações e rumarem para onde elles estavam.

A surpresa foi desoladora quando perceberam o lógro. As chipanzés saltaram e mais que depressa cada uma tratou logo de apanhar um marido e viver com ele em bôa harmonia.

Com o tempo, não havia nem gigantes nem anões. Todos que nasciam eram do nosso tamanho. Mulheres e homens do antigo paiz das mulheres começaram a se encontrar com mulheres e homens do antigo paiz dos homens e tudo ficou em bôa paz, pois constituíram uma família só.

Também não havia mais chipanzés casados com homens e mulheres do nosso tamanho, mas descendentes deles que se visitavam e, por fim foram todos merar em terra firme, pois o mar ia levando a ilha para bem longe.

Passados tempos, os filhos da raça que nasceu dos gigantes com as anõesinhas e dos anõesinhos com as gigantes entraram em relações com os filhos da raça que nasceu dos chipanzés com as pessoas de nosso tamanho.

Dai por diante começaram a nascer as "nações". Umás mais claras, outras mais escuras. Umás mais bonitas, outras mais feias. Umás mais altas, outras mais baixas. E assim a terra povoou-se.

O modo porque os afro-negros explicam a formação das raças afasta-se de alguma sorte das teorias dos sábios, mas tem pontos de contacto com outras. A dos gigantes aos quais se atribuem garatújas em faces polidas ou quise polidas de penêdos elevados, nos quais as figuras humanas parecem feitas de alguns traços, sendo os polegares dos pés mais altos do que um homem montado num camêlo. E isso serviu aos egiptólogos para mais encarecerem sua "certeza" de serem as pirâmides que o

muundo hoje admira construídas por homens tão grandes que pegavam uma das pedras, ainda hoje sem máquinas para as suspender, como nós brincamos com um biscoito. (Folk-lore também ha dos sábios e dos que fazem do Orientalismo um meio de se divertirem á custa dos outros). Continuemos. O cruzamento do homem com muitos generos de macacos dos de maior tópe, dando origens e caracteristicos diferentes dentro de uma mesma raça. (Outra fabula eientifica de muito pêso para certa gente que pretende provar isso pela... lei do hibridismo). A existencia "indiscentivel" de pigmeus como colaboradores "indispensaveis" na formação da especie atual. (Outra peça de muito valor no Folk-lore Branco, pois os seus proprios luminares garantem que o homem, gigante em principio, tende a se tornar pigmeu pelo decrescimo de suas dimensões atravez dos seculos. Ao contrario de uns e de outros, o Africano erê seja o Canibó, das florestas do Congo, uma prova do cruzamento do "homem do nosso tamanho" com a raça dos anões cuja lenda vem desde o principio do mundo). A ilha que entrou mar a dentro e, sem que se soubesse seu destino, existiu, não despovoada como na "historia" do *Navio de Pedra*, mas coberta de gente, ora no meio de algum oceano, ora formando um continente... A concepção humana cria também seus mitos, suas controversias, seus simbolos, que um dia, mais cedo ou mais tarde, ou se verificam ou se detroem.

CAPITULO XI

CHIBAMBA (Quibamba ou Sassú)

Chibamba é o rei dos mitos afro-negros. Todos os cielozes, ciclomes e cébas o obedecem. Nem um tem, mais do que ele, o poder de transmudar-se, de metamorfozisar-se. E', como já dissemos, o "pai da geração" de todos os seres, o unico que não se divinizou nem quiz a divinização, preferindo ficar no mundo eternamente para presidir a sua obra creadora. Foi o primeiro nascido assim que se formaram o céu, a terra, as aguas e o ar. Só e apenas a sua vontade creou animais de toda natureza, plantas, feições terrestres, &c., dessas coisas então informes. Assiste e dirige, engrandecendo e castigando, todas as épocas e todos os seres. Não professa religião alguma nem apoia qualquer culto. E' o *bamba*, o mágo, o sabio, o creador, o juiz, o construtor, o demolidor, tudo a um tempo".

Mito de grande expansão, o mais perfeito dos mitos populares, é um hieko diferente em cada lingua sudanesa ou banta e, pro isso, todos os negros vivem em harmonia em torno dêle, *Chibamba* ou *Quibamba*, sem atenção mesmo ás regras impostas ás quinêras e aos anibais primitivos na Lingua Geral Africana dos Colonisadores Portuguezes do Continente Negro.

Cielope, veiu da Africa com os escravos: — esguio, vestido de verde, as pernas longas, os olhos como de

vidro, vermelhos e do tamanho mínimo de uma laranja grande. Esse é o seu retrato em seja qual for a forma animal em que se vista, de animal ou de homem. Não ha o que possa escapar á força de trituração de suas asas, á magia de converter, em baixo delas, o que é grande em um roscopico, nem o que é pequeno em descommunal sendo que, para isso, aumenta e diminue á vontade.

Besouro, borbelêta e tudo que voad e é pequeno, excepto a cigarrta e mariposa, sendo o zumbir o seu caracteristico principal. É tambem avesinha "encantada", cantora sempre, mas geralmente beija-flôr que, para ter um nome amovindio, os Bahianos lhe deram o de *Susô*, simbolo do amor resultante da fusão de quantos raças de negros os Portugueses nos trouxeram, dos amerindios e dos luzas num moreno lindo e tentador que faz inveja aos deuses.

Até insectante, crocodílio e outros animais em linguas afro-negras, *Chibamba* foi totem de diversas "nações" e danças e lantãs. Daí o seu prestigio no Fabulario Bahiano como traço de união de todas elas e a grande copia de peças folk-loricas em que ele entra.

Transforma-se em homem, velho ou moço, de qualquer idade, feio e horrendo, com a faculdade de fazer chover e de fazer secar as terras a sua passagem. Torra-se invisivel ou se faz em sombra propria ou alma de alguem. É a grande encarnação de todos os *bandas*, a força que realisa tudo, a reunião de todos os poderes, a unidade creadora e transformadora.

Chibamba nunca perdeu festa, nem festinha, nem festança. Não perde ensaios de ranchos, de *Bumbamcu-Boi*, de *Burrinha*, nem deixa de tomar parte no que

a "rapaziada" toma a frente. "Encosta-se num" e é o que, dançando ou sambando, canta na mente dos foliões:

Sou o mais "léve"
Da gente á tóa: —
Meu bem me léve
Nesta canôa.

E' o *bambã*: — termo entusiastico na bôca de todos os Brasileiros.

Não é casado, mas gosador da vida. Não ha distancias que não vença em um segundo: — é omnipresente, onisciente e omnipotente. Não anda em *candomblés*, não vai a igrejas. Não résa. Feiticeiro, padre, beata, mala-sem-cabeça, cripóra e lob'shomem correm dêle. Não bêbe, nem faz discursos. Castiga soldado arbitrário: — briga para dar-lhes muito e desaparece. Si se deixa prender, fôge da cadeia sem deixar vestígios. E' o rei da pandeira, a alma da alegria.

Chibamba é tudo. Menino ou moço. Dorme com donzêlas: — é *Zizi*, ou *Zuzá*, romes que lembra a seu zumbir, *Beija-flôr* ou *Sassú*. E' poesia para as moças, mas ele não é poeta, não faz versos senão para a fe'ia. Acalenta as solteironas com o son'to: — é ele que Les aparece prometendo vir como um deus de felicidade e de amor. Vive rindo-se da vida, da illusão. E' a esperança que alimenta os destinos sem noção da Mórte.

Ao sul de Minas Gerais, Vale Cabral registou um *Chibamba* e o apresenta: — "erv'oto em longa esteira de bananeira, ronea como pôreo e di' usa compassadamente". Era um e'uea para creanças choronas.

Embôra o companheire de Teixeira de Melo na *Gazeta Literaria* da antiga Côrte não mereça o crédito de

mitógrafo que lhe dão, examinemos, ou antes, identifiquemos esse *Chibamba*.

A esteira de bananeira é propria ao *Candango*, nome por que, em quimbundo, se chamam os Portuguezes mendigos, apontados como papões em Angóla e no Brasil. Caipóra na sorte, herdou o ronco do pôreo, animal que sempre se acha ligado á *Caipóra* e ao *Lalishomem*. A tristeza e o sofrimento que o abatem não permitem dançar senão compassada e vagarosamente. O *Candango* é um vencido: — perdeu tudo que o pudesse fazer *bamba*, de bolar com as pernas num *bambaqueré* ou de, no meio do "esquentado", transformar a festa em *bambaré*.

Candango foi o que Vale Cabral certamente ouviu por *Chibamba*, pois o que ele descreve é o *Candango* de Minas Geraes, da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco e de todo o Nordeste.

Dizem uns que *Chibamba* veio para o Brasil com escravos mandingas e outros com angolêses, mas o fato é que veio com todos os negros e aqui os uniu em torno de si proprio. Por uma passagem de sua "historia", vê-se que tambem emigrou para a Africa, levando para lá e tanto, a musica e a dança que, em principio, deviam ser dos animais de per si. E lá tomou nome mais ou menos o mesmo em todas as linguas, desaparecendo o primitivo, naturalmente asiatico. E aqui fez-se Brasileiro de gema, Bahiano sobretudo, a quem lhe deram, como dissemos, um nome indigena, *Sa-assú* ou *Sassú*, correspondente a uma de suas metamorfôses, *Beija-flôr*, e uns apelidos mimôsos de *Zizi* e de *Zuzú*, alusivos ao seu zumbido.

Teve também a sua dança, a trez tempos, animada, rica de rítmica, de graça, de ternura e de carinhos: — o *chibamba*, fandango que toda gente de outros tempos dançou. Ele, o cavalheiro, o *bambam* dela, a dama. E vice-versa. O tremido do corpo chamava-se *bambalô*, que até parece grezo, *bamballô* ou *bamballizô*, tremer, que deu ao Português *bambalcar* e outros termos. Ai de quem se atrevêsse a belir com a dama ou com o cava-



FIG. 2

A dança do pato (*Bamba*) com a mulher que traz o filhinho amarrado às costas (*Bambam*)

leiro, *bombambam*, namorado, noivo, querido um do outro. Viraria *bambô* (bôrra de azeite de dendê) ou senão ficaria *bambo* é uma surra com varas de *bambê* (*nhambi*, do quimbundo, renque de nativos). Além dessa havia outra, o *bamba*, (*mbamba*, do quimbundo, pato), dança de pato com as mulheres de *bambum* ou que traziam os filhos amarrados às costas.

Silva Campos registou o *Beija-flôr* e o *Beija-florzinho* que Basilio de Magalhães, os classificando no *ciclo da mitica zoologica*, descobriu serem de "fantasiação negra".

O BEIJA-FLÔR

Era um homem e uma mulher que tinham uma filha muito bonita. Então com medo que algum rapaz *não a roubasse*, traziam-na trancada a sete chaves. A pobresinha só vivia escondida pelas camarinhas e pelos cantos da casa. Não chegava á janela, não ia ao quintal, não aparecia em lugar nenhum.

Um dia, uma escrava da casa foi á fonte buscar agua para botar na panela da comida que estava no fogo cozinhando e, chegando ali, viu um beija-florzinho cantando em termo de se arrebentar, sentado num galhinho sêco, lá num olho de páu: —

— "Esperança, esperança,
Hum-hum,
Tá... tá... tá-lê-lê,
Sentada na cazumba,
Helena Pereira.
Hum-hum.

A negra achou aquilo tão bonito, que arriou o pôte, sentou-se e poz-se a escutar o bichinho, admirada, sem se lembrar de mais nada.

Demorando muito a escrava na fonte, a mãe da moça mandou outra negra vêr por que motivo era que ela não vinha com a agua. Foi e ficou tambem sentada, a ouvir o passarinho. Assim, afinal de contas, foram todos os escravos e escravas, grandes e pequenos, ficando todos na fonte, de bôca aberta, escutando o beija-flôr cantar. Por ultimo foi a mãe da moça e tambem não voltou.

Depois de passado muito tempo, vendo a moça que a panela estava esturruçada, apanhou um cháile, embrulhou-se toda e desceu o caminho da fonte. Quando foi chegando, que o beija-flor foi avistando-a, voou-lhe em cima, agarrou-a e, num abrir e fechar d'olhos, desapareceu com ela.

O sainete se traduz facilmente: — “Húm-hum... erês na esperança... Tá... ta... tá-lê-lê... Não parece. Ficas sentada num eazumba (povo de Moçambique que se sentava, nos cantos das súas e no escuro, em tamborêtes muito baixos que o povo chamava eazumbas). Pois sim, Helena (estrêla)”.

O *Beija-florzinho* é a mesma peça de outra maneira vestida, na qual vem a interferencia do homem e é diferente o desfêcho:

O BEIJA-FLORZINHO

“Era um homem que tinha uma filha para se casar. Quando chegou o dia do casamento, que a noiva e os padrinhos saíram para a igreja, ficaram as escravas todas na cozinha preparando o jantar. Faltando agua para botar nas panelas que estavam no fogo, uma delas deu de mão num póte e correu para a fonte. Quando lá chegou viu um beija-florzinho sentando num galho de páu, cantando:

— “Helena, calena
Do papo lundú,
Cajila, muquila,
Zengue-zengue-zengue...
Tuite...”

A negra arriou o póte e começou a sambar, que nem se lembrou mais de agua, nem de comida, nem de nada deste mundo. Tóca, agora, a se esperar por ela em casa; tóca a se esperar, tóca a se esperar, e a nôgra lá na fonte. O beija-florzinho cantando e ela sambando.

Passado muito tempo, foi outra escrava ver o que a parceira estava fazendo, que não voltava com o póte d'agua. Assim que esta foi avistando aquella, foi cantando:

— “Parceira de minh'alma,
Venha ver ciza cantar,
Quindai.
Quindai”.

A *pareceva* foi correndo e caindo no samba também. Ficaram em casa, agora, a esperar pelas duas. Chamaram, gritaram, nada. Lá se foi uma terceira escrava, uma quarta, e, finalmente, todas as escravas e *mucambas* foram para a fonte e, ali chegando, entraram no samba, que estavam como *doidas*.

Não havendo mais escravas em casa, foi uma das irmãs da noiva. Logo que as negras a avistaram foram cantando:

— Sinhá môça de minh'alma, etc.

A môça entrou na roda, que só mesmo se vendo. Foi a outra irmã. Mal a primeira lhe pôs os olhos em cima, foi abrindo dos peitos: —

— Minha mana de minh'alma, etc.

Não teve duvida. Caiu igualmente no samba. A mãe das môças estava em pantanas: — a comida queima, não queima; os noivos e convidados, *chega não chega*; e nada do jantar. O povo todo de casa tinha ido para a fonte e lá se tinha ficado. Disse então: —

— Qual! Isso foi coisa que aconteceu áquela gente lá na fonte. Só mesmo eu indo ver o que foi.

Bota um cháile na cabeça e saiu. Muito antes de chegar á fonte já estava ouvindo o samba ferver e, logo que foi avistando o pessoal na roda e ouvindo o canto do beija-florzinho, já foi de cá de longe se peneirando e se requebrando toda. Assim que as filhas a enxergaram, abriram o éco: —

— Mamãesinha de minh'alma, etc.

A velha caiu na dança, que só faltava se desmanchar. Ai foi que a festança esquentou. O bichinho estava em termo de se acabar, com a sua cantiga. Quanto mais ele cantava, mais as mulheres sambavam.

Em casa só havia ficado o velho, aflito, esperando os noivos, os convidados, a gente que tinha ido para a fonte: mulher, filhas, escravas, tudo. Estava em termo de estourar de raiva. Afinal de contas, danado da vida, deu de garrá num manguá e disse: —

— Esperem aí, que eu já vou desencantar vocês.

Desandou pelo caminho da fonte abaixo, que ia vendendo azeite ás canadas. Logo que a mulher o bispou, foi cantando, com as mãos nas cadeiras: —

— Meu marido de minh'alma, etc.

O homem foi chegando no meio da ródá, foi empurrando o manguá, a tórto e a direito, cantando:

— “Minha mulher de minh'alma,
Prove lá deste manguá.
Quindai,
Quindai”.

Apanhou mulher, apanharam filhas, apanharam escravas, que foi um pagóde. Num instante se acabou o samba. O beija-florzinho, ouvindo aquele salseiro todo, voou e foi-se embóra”.

Não nos encantemos no vigor da Linguagem Popular desse conto estranho aos de nossa coletanea, mas o analisemos como ao primeiro.

No segundo sainête, ha a caracterização do personagem principal grifado por S'va Campos: — “Venha ver Zizi cantar”. E, logo após, *quindai* vem reforçá-lo. *Ndai* é, em quimbundo, o filho do beija-flor. *Quindai*, também, na mesma lingua, é a voz do beija-flor ao encontrar-se com a femca. Assim, a tradução é immediata:

— *Parceira de minh'alma,*
Venha ver Zizi cantar,
Cantar ao seu amor,
Cantar ao seu amor.

Esse amor é Helena, estrela, figurando a aparição accidental do Santelmo ou fogo-fatno que os povos alocaram em tempos remótos e em tido como sinonimo de belésa. *Calcar*, em vez de *calcan*, que é o certo, ação do mar nas costas africanas. Esses dois termos são portugêses. *Do papo lundú*, com os seios empinados como es das *indús*, donzêlas. *Cajila*, por *quirimba*, do quimbundo, poço de aguas subterrneas, fonte, que deu o nosso *caciuba*. Em vez de *maquila*, termo ligáde a ou-

guica, de que trataremos no *Elucidario de Gonga*, na ultima parte deste livro. *Tuite* é, em quimbundo, a partícula do insecto ou da ave para ir-se embora.

A tradução do primeiro sainete é a seguinte: — Belêsa, est.êla deslumbrante, que bates em meu coração como o mór nas praias de minha terra, tû, que tens os seios salientes como os das iundús e que estás á beira da fonte, a liviuba! Sou o que fiz zengue-zengue-zengue e se vai embora zumbindo.

Chibamba é, nesses contos, puro angolês, como também já foi como *pato*, *nbamba*, *donde Chibamba* e *Quimbamba*, mas ainda o podemos apresentar como *crocodilo* também de Angola, de onde veio para o Brasil.

FICHA N.º 97. — 1-2. Bahia — 3. Reconcavo — 4. Botelho, ilha de Maré, Capital — 5. O AMOR DA MULHER — 6. Conto — 7-8. Um moço, Chibamba, uma viúva e sua filha — 9. Afro-negra perfeita — 12. Mulher não escolhe marido — 22. Sub-ciclo do Chibamba — 23. Ialé de pai de santo — 25. S. Carneiro.

O AMOR DA MULHER

Num dia em que Chibamba estava a passear encontrou um moço muito triste e desconsolado da vida. Perguntou-lhe o motivo de tanto pezar quando todo o mundo devia ser alegre e vêr a vida como a vida era. O moço então contou sua historia. Era pobre, mas trabalhador. Para o povo isso não valia nada. Gostou de uma creatura tão linda que nem parecia ser desse mundo, filha de uma viuva tão formosa que, si Chibamba a visse, ficaria com água no bico. A moça dizia gostar d'êle, mas a riquêsa impedia o amor. Veiu a guerra, os homens pegaram em armas e muitos, depois

da derrota, ficaram espalhados sem voltarem ás suas casas. Ele foi um desses. No entretanto a "nação" empobrecêra a tal ponto que não havia mais ninguém rico. Assim, a viuva e a filha haviam de procurar maridos e, naturalmente, já os deviam ter achado.

Quando acabou de dizer isso abraçou-se com Chibamba, então vestido de pescador, que se dizia de viagem para aquelas terras, pedindo-lhe que vigiasse a moça e lhe mandasse dizer.

As duas não estavam tão pobres quanto o moço dizia, mas tinham resolvido casar com as primeiras calças que lhes apparecessem. Velhos, tórtos, aleijados, tudo servia. A terra estava cheia de gente feia, de pobres que tinham mudado de sorte, de ricos empobrecidos, de homens de todos os defeitos, quando Chibamba chegou. Já se sabe que êle é bamba mesmo.

Apareceu logo pretendente para a viuva e ella accitou. Era um pescador, feio como um porqueto. A cara, de jacaré. Os braços, curtiukos. As pernas, também. Fazia esforços para se pôr em pé, mas era preciso botar um espéque na *grita do sólc*. Um namôro de fogo de caudeia, nos abraços e nos beijos, nos carinhos e nos me-deixes. O pescador pareceu um bom partido. Pelo menos o peixe nunca havia de faltar em casa.

Para a filha, appareceu um caçador. Levava só puxando um *hah!* da caixa dos peitos como si soffresse de azia, mas o retrato era quise o mesmo do outro: — até pareciam irmãos. O namoro foi um *melengue*. — só faltavam mesmo não sei o que. O caçador pareceu bom partido. Pelo menos a carne nunca havia de faltar em casa.

Os dois não se conheciam, pois a hora que um estava junto da Loiva, o outro dizia estar no "oficio";

mas com o tempo, foram ambos tomando as formas de jacaré e andando mesmo com jacarés. Elas, assim mesmo queriam, embora não os distinguissem mais, pois era vê a cara de um era também ver o *fi-ú-fó* do outro. Tão iguais eles ficaram.

O "negocio" já estava tão "arripiado" que era preciso acabar com aquilo no lugar que devia acabar mesmo.

No dia do casamento da viúva, os convidados aí, espéra, espéra e nada do noivo. Afinal ela quiz tomar o da filha, dizendo ser o dela, e, d'aí por diante, só saiu entrem nos sapatos. E o ato não se realizou.

No dia do casamento da moça, deu-se a mesma coisa. O noivo não foi e ela quiz avançar no da mãe, (virgula, — lá d'ela). Novo bate-bôca, mas o noivo da viúva, que só appareceu naquele dia, deu pra rúim: — saiu pela porta a fóra dizendo que não queria mais se casar. E os convidados voltaram para suas casas, lastimando que depois de tanto *sebo* com os noivos não se casassem com eles.

Estavam desconsoladas, chorando rios de lagrimas, quando o moço bateu á pórtá, mas entrou logo encontrando-as naquele estado. Pergunta vai, pergunta vem, sorbe a cênsa de tudo. Voltou os pés, azuerinado, arreliado da vida, resmungando:

— Mulher?! Até com jacaré.

E foi-se para manca mais.

O repertorio do *Chibamba* é o mais copioso e atraente de quantos se possa imagiaar, bastando ele só para encher um livro. A facultade de ser *creador* de todas as especies, inclusive da humana, lhe dá o direito de ser multiplo, isto é, de serem muito variadas as suas meta-

morfóses em animais. O euidado do Felkelorista deve estar em descobrir em que lingua afronegra o nome do animal corresponde a *Bamba*, *Quibamba*, *Chibamba*, &c. As vezes, êle aparece nesses animais sem esses nomes característicos, preferindo apelidos de duas sílabas iguais: — *Dudú*, *Ioió*, *Zuzú*, *Zizi*, &c.

Vamos vê-lo agora com o nome congôes, significando um inseto qualquer, ou mais provavelmente um besouro, embora que os termos afro-negros sejam, na maioria, quimbundos.

FICHA N.º 37. — 1-2. Bahia — Reconcavo — 3. Engenho Velho, Passé. Capital — 5. QUIBAMBA — 6. Conto — 7. Quibamba — 8. Mutambas. Moleque alvação. Negras. Negrinhas. — 9. Feição afro-negra primitiva — 11. Sim. — 12. O respeito que infunde o poderoso. A metamorfose do homem em vegetal. 19. Olurun e Exun. 22. Sub-ciclo do Chibamba. 23. Pai de santo. 25. Carneiro.

QUIBAMBA

Vou contar um alô que um cambúto que nasceu nos meios dos matos contou a meu avô.

Os bichos encantados marearam um dia em que todos deviam se juntar para combinarem o que deviam fazer, mas, por medo uns dos outros, ficaram pelos caminhos ou nos matos, até mesmo o camonlongo que era o menor de todos.

Quibamba, ia, (pois Quibamba não tem medo de nada e ninguém se mete com a vida dele pois sabe no que está), mas, no caminho, viu umas mutambas, vestidas só com umas saias de folhas de bananeiras, dançando como bundús, — e meteu-se no meio delas tocando pítta com as ases e garganteando u'ia maconga.

As negrinhas gostaram muito da presença d'êle, que é desesperado por uma folia, e dançaram para êle



FIG. 3

Chibambu, tocando puita com as asas e garganteando uma maconga, dança lundù com as mutanbas

ver, u'as atraz das outras, as mãos nas cadeiras, formando roda.

Estavam no melhor do gôsto quando appareceu um cafunge, que era açã, todo esbaforido, dizendo que se escoreu em numa munganza com medo do bongolô que estava bebendo a agua toda do rio, perto do bengo.

Quibamba, que estava hem do seu comendo muzambê, atirou a quenga pra longe e saltou no meio do terreiro cantando e sambando, com cada olho arregaiado pro moléque que até iaetia medo:

Gunocô, axexê,
Elegbá, gongolô,
Irocó, tatanguê,
Calumbú, caxingó.

As ocáias, que estavam apreciando as suugas das mutambas e tocando quereréqueuxé para elas não perdoem o gúzo do luncô, repetiram a maconga do Quibamba. O açã não gostou, pensando logo em matar o encantado, mas nem se mexeu porque os encantados (*de Olurum e de Ezú*) adivinham tudo.

Não foi nada, não. Quibamba bebeu um gôle grosso de marúfo, disse umas palavras que ninguem ouviu e o cafunge foi se virando em pé de mangalô e cantando arrependido:

Gunocô, tatanguê,
Irocó, mangalô.

As calumbas dançaram mais, contentes pelo castigo que Quibamba deu ao mentiroso.

ARGUMENTO. — Marcada uma reunião de animais encantados, todos, uns com medo dos outros, não comparecem. Chibamba, que não tem medo de nada, é, em caminho, surpreendido com uma festa de donzelas vestidas apenas com saias de folhas de bananeiras a dançar lundús. Não resiste. Deixa de ir á reunião e mete-se no meio delas. Mostra seus dons magicos; — faz das áras púta e garganteia uma canção. As moças, mãos nas cadeiras, alegres de sua presença, dançam para ele ver. Em meio dessa alegria, aparece um moléque sarará, todos esbaforido a dizer que se escondêra numa abóbora com medo do arco-iris que bebia agua no rio, perto de uma rua torta. Quibamba, que está fazendo uma refeição, atira longe o casco de côco que lhe serve de prato e salta cantando e dançando em ameaça ao recém-viado; — Alma do mato, préce pra defunto, espirito do ar!, centopeia, remedio de feiticero, coisa pequenina, baixa como um tôco". As mulheres, que estavam vendo as dançarinas levantarem as saias de fôlhas de bananeira e tocando canzá para élas não perderem o compasso do lundú, repetem, cantando esses insultos. O sarará pensa em tirar vingança de Quibamba. Este adivinha e o imobiliza. Bebe um gôle de vinho de palmeira, diz umas palavras magicas e aos poucos transforma o negrinho em pé de feijão. Este, arrependido, repete, com tristêsa, os chingamentos: — Eu sou o mesmo alma do mato, remedio de feiticero, centopêia, pé de feijão. E as negrinhas dançam mais contentes pelo castigo dado ao mentiroso.

Na transmissão do conto o acalô, pai de terreiro, acrescentou por conta propria, já no fim, de *Olurum e do Ezú*, palavras que devem ser supressas: — são contrarias á indole do mito. Nada de religiões com ele.

Seria porventura esse conto, ainda hoje cheio de termos bantos e sudanêses, que Vale Cabral ouviu e atribuiu a Ghitamba véstes de folhas de bananeira, compreendendo que ele dançasse compassadamente e roucasse como poréc?

A reconstituição está, porora, feita.

Falando á respeito do *Homem que virava Besouro*, conto bahiano que vem na coletanea *Silva Campos, Ba-*

silio de Magalhães põe o caso dentro de judiciosa apreciação: — “funciona o coleóptero como insaciável hematófago, em lugar de outros animais que melhor se distinguem por esse meio de alimentação, pois o unico individuo da familia dos besouros, que chupa sangue, é, ao que me consta, o conhecido e conhecido “barbeiro”, o qual ignoro si existe na Bahia”.

Conhecemos esse mesmo conto como o do *Homem que vivava Lobishomen*. Casado num periodo em que a “molestia” ainda não se manifestava, tornou-se muito escravo da mulher. Ao chegar a “sêde de sangue” deixava o leito bem cedo, a pretêxto de gosar os ares da madrugada, e ia sangrando as creanças. Dia chegou em que a mulher, tudo descobrindo, censurou o marido e abandonou-o, indo para a casa paterna. O lobishomen começou a fazer pouso perto da casa do sôgro, mas, desenganado do sangue da espôsa, desapareceu no mundo.

Aí não se trata de *Chibamba*, mesmo admitido o besouro, mas o exemplo serve para se determinar si é ou não êle: — *Chibamba* não chupa sangue.

Vamos ver *Chibamba*, agora como ciclope e como cúca ao mesmo tempo, rias ainda besoura.

FICHA N.º 111. — 1.2. — Bahia — 3. Reconcavo. — 4. Capital. — 5. CHIBAMBA. — 6. Narrativa para adormecer creanças. — 7. Chibamba. — 8. Creanças. Família. — 9. Feição perfeita, Brasileira, com applicação da Feição Afro-negra. — 12. Cúca. Papão. — 16. Ciclope afro-negro. Papão Brasileiro. — 22. Sub-ciclo de Chibamba. — 23. Dormideira. — 24. Família. — 25. S. Carneiro.

CHIBAMBA

Chibamba?!... Nota queira saber. É' um bicho maior do que esta casa, que avôa e vai onde quer, mas ele

tem o condão de ficar do tamanho que entender, até do de uma pulga. Vive de comer gente, mas gosta muito de engulir menino que não faz o que papai e mamãe querem. Ninguém sabe onde Chibamba se mete, mas ele vê tudo e sabe tudo.

Eu conheci um menino que *óras* era uma coisa, *óras* era outra, mas sempre malouvido, judiador de bichinhos inocentes, que até já estava ficando feioso de tanto chorar, de tanto espancar as pessoas e de tanto ser desobediente.

Um dia, já na hora do menino dormir, ninguém esperava, — apareceu um besouro rodando na luz, — *zum-um-um-um* — e afinal caiu no chão e foi crescendo de repente, mas só se soube quem era porque ele cantou:

Bamba, Chibamba,
Bambê, bumberê-ô.

Nem lhe conto. Foi um susto tão “inprudente” que os que não correram se mijaram de medo. Gritos daqui, gritos dali, os vizinhos acudiram de páu, de facão, de tudo pra matar Chibamba, mas... Cadê coragem? Só em se olhar para êle a pessoa se treme todinha. Duas tranças de cabelos verdes, empinadas, parecendo chifres, e quando se abaixam parecem bigódes maiores do que uma porta. Os braços eram quatro, grandões, com umas mãos compridas e uns dedos finos como varas, mal comparados assim do tamanho dum cacete. Estava de *cócoras*, mas todo mundo pensava que ele estivesse em pé porque as pernas são maiores do que êle. Os olhos de Chibamba se esbugalharam no menino, faiscando, maiores do que uma laranja e vermelhos como *arrumã*. O boço abria e fechava, mostrando o bruto da lingua e os dentes de serras. De vez em quando soltava um tiviri que fazia a casa toda tremer, um

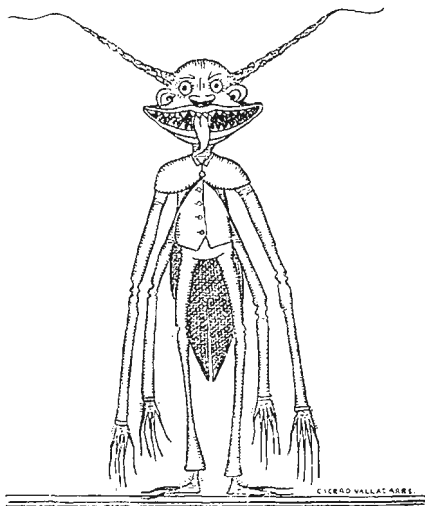


FIG. 4

*Chibamba, tatú conguês. "Bamba, Chibamba, Bambê,
Bamberê-ô"*

tiriri que o do guilo nem se compara. Ora, nem tracação de festa de São João, quanto mais!

Todo mundo tava se mijando de medo, sem ação. Chibamba agarrou o menino, meteu ele em baixo de uma aza e fazendo titiriri foi ficando pequeno, pequeno, até que voltou a ser um besourinho pirtelêchinho, do tamanho da cabeça dum alfinete, e, fazendo *zum-um-um-um*, rodou na luz e foi-se embora pela gretinha da janela que ninguém mais viu *ele* nem o pobresinho do menino.

A caracterisação de Chibamba é perfeita nessa narrativa que as *dormideiras* fazem ás creanças. A transformação em besouro impressiona sobremaneira. E si chega um a hora do recolher da petizada, as coitadinhas amedrontam-se, enquanto as pessoas da família fingem-se espantadas: — *Chibamba! Olhe Chibamba!* E não se contentam com isso. Fazem durante o dia, das mósas, das herbolêtas, dos passarinhos que adejam perto, emissários de rei de todos os mitos para que as creanças se alimentem ou deixem de fazer alguma coisa que não devem. Ha mesmo quem, escondido, fale como falsêto, e prometa, em nome dêle, presentes e passeios e o que as creanças desejam, — o que o torna querido e respeitado de todas elas. Daí por diante se convencem de que *Chibamba* não lêva ninguém, mas o falsêto volta á ação. *Chibamba* vai mandar o *Quibungo*. Os grandes fingem que tremem vendo a soubra dos orelhões do gigantesco lobo da bôca das costas, e uma voz grôssa, atroadora, substitue o *zim-zim-zim* do *Chibamba*. Correrias, farças. E si é a *Cuiássára*? Ainda ha muita gente grande que não anda á noite com medo deia.

Tutú, — sem ligações com os outros *tutús* do nosso Folk-lore, — é o esearavêlho dos congueses, mas é tam-

bem, na Linguagem Popular do Recôncavo Bahiano, todo e qualquer besouro cujo nome não se sabe.

Agora não se trata mais do cêca, porém do descobridor do canto, da musica e da dança que emigrou para o paiz dos nêgros, onde foi sempre o *bamba* e assim depois nos chegou e assim está, — rei de todos os bichos encantados, sem nunca ser destrouado, sem obediência a governos, nem a divindades.

FICHA N.º 25. — 25. — 1.2. Bahia — 3. Recôncavo. 4. Batatan, cidade de Nazareth. — 5. TUTÚ-BABÁ. — 6. Conto. — 7. Tutú-babá, besouro pai de geração, escatavêlho pai da geração. — 8. Os gêmeos Gôlo e Tontôlo. — 9. Feição afro-negra-perfeita — 10. Sim — 11. Como nasceram o canto, a musica e a dança (samba). — 16. Ciclope afro-negro. — 22. Sub-ciclo de Chibamba. 23 — Pai de terroiro. — 25. Souza Carneiro.

TUTU'-BABÁ'

Gôlo e Tontôlo foram dois tutúsinhos que ficaram no mundo sem pai, sem mãe, abandonados no meio do mundo, sem saber para onde iam. Como eram mabaças, para onde um ia o outro ia e assim, quando um comia o outro também comia, quando um fazia uma coisa o outro também fazia.

Tutú-Babá, que era o pai-vêlho de todos os tutús, pegou-os e levou-os pra casa, feita em baixo das folhas. Mas eles notaram que Tutú-Babá era gente importante: — mandava em tudo, governava tudo, fazia uns bichinhos de barro que creavam azas ou então vida e lá se iam pelo mundo afora.

Um dia Tutú-Babá estava aborrecido e deu um pongo neles porque estavam correndo. Gôlo e Tontôlo sentiram-se muito e recolheram-se, cada um debaixo de

uma folha. Gôlo era só zanga, zanga, — e Tontôlo, chieúla, chieúla. E assim, Gôlo fazia samba e Tontôlo fazia numbo.

Tutú-Babá, que todo mundo dizia que era bamba mesmo de verdade, ereseceu os olhos em cima da couga. Deu novo pongo neles e, como já era tempo de fazer outras coisas em outros lugares, disse aos tutúsinhos que se preparassem para uma viagem muito comprida até um lugar onde havia uma fogueira muito grande pra torrar os que faziam zanga e chieúla. Então Gôlo e Tontôlo desmancharam-se em samba e em numbo com mêdo de serem queimados vivinhos.

No dia da viagem para o paiz dos nêgros, Tutú-Babá abriu a mala e meteu os dois dentro. E saiu voando por todas as terras, sambando, cantando e dançando, mostrando mesmo que é bamba em tudo, mas são os dois mabacinhos que, sofrendo por causa dos pongos, desperteram nêle essas invenções que são as coisas melhores que Tutú-Babá ensinou ao mundo.

ARGUMENTO. — Orfãos, pequeninos e desamparados, dois escarvelhicos gêmeos são encontrados pelo "pai de geração" que os acclhe e os leva para baixo de umas folhas onde mora. Gôlo, chama-se o mais fôite dos irmãos, e Tontôlo, o mais fraco. Notaram que o Tutú-Babá, nome que também significa Chibamba, — "o rei da criação", fazia os animais e o barro e loro moviam-se e iam mundo a fóra. Tutú-Babá, num dia de aborrecimento, repreende-os por estarem correndo. Os dois sentem-se e recolhem-se aos seus aposentos. Gôlo chora sem cessar, cantando preces cujo ritmo acompanha com os pés. Tontôlo, por sua vez, soluça e faz musica na garganta. Tutú-Babá tira partido disso. Repreende-os e manda que se preparem para uma longa viagem até o paiz dos negros onde ha uma fogueira muito grande onde são atirados os que choram e os que soluçam. Amedrontados, cantam, dançam e fazem musica. A hora da viagem, Tutú-Babá os encole e sai pelo mundo a cantar, a dançar e a fazer musica, tudo a um tempo, e a ensinar como tais coisas se fazem, mas ninguém sabe que, dentro dele, estão os dois mabacinhos.

A simbolisação de *Chibamba* no escaravelho, — *tu-tú*, — é a denuncia de ser êle havido como o *pai da alegria* dos negros, embora que o conto seja por demais serio. Nele avultam duas particularidades a respeito desse mito:

1.º — Como creador, primeiro fazia os moldes e depois lhes dava vida e assim ia multiplicando as especies. Prometeu não conseguiria iluminar a alma do homem de argila que fabricara. Deus apenas fêz de barro a Adão. Nesse ponto, a mitologia afro-negra leva de vinda as outras. *Chibamba* é o grande artista de todas as formas, — o simbolo do Cosmos, isto é, do reflexivo, do existente. E ainda tira do Cão as forças de transformação para que se manifestem. Moldia a terra e a enfeitava de relevos, de plantas, de animais. Sua ação sobrenatural figura todos os poderes divinos. Nesse afan, nem um deus o iguala: — ele mesmo faz. Não tem auxiliares. Irrortal, não se sacrifica e tem horror á divinição. É um grito á humanidade acorrendo aos cultos e ás filosofias de todos os tempos. Parece mesmo extranho que tivesse vindo, atravez dos seculos, fóra dos rabos e dos chifres de Satanaz. *Chibamba*, o retrato do futuro da Humanidade: — o progresso, representado na brevidade com que ele age, a realidade, figurada nos quadros irreais em que ele se apresenta.

2.º — Emigra para a Africa onde havia uma fogueira para torrar os que chorassem e soluçassem. Ele não solaga, nem chora. É a fogueira, simbolo da renovação, mas é tambem o clima ardente da Africa, a fogueira das guerras entre as tribus, que o chama. Levallhes a certeza da brevidade da existencia humana pelo gôso necessario da vida. Reage assim contra todos os erédos, contra todas as idéas.

Os termos dessa peça são todos congênues no que diz respeito aos afro-negros, — o que é raro de se registar em peças folk-lóricas no Brasil.

O *tutú* em que ele duplamente se tornou no conto acima, — escaravélho em conguês e papão em quimbundo, — não é menos interessante do que a sua caracterização em borboleta, — *quimbambá*, em ambundo, e tambem ave de cauda comprida em certas línguas bantas, — *quimbamba*.

FICHA N.º 23. — 1-2. Bahia. — 3. Reconavo. — 4. Capital — 5. NIRONGA. — 6. Conto. — 7. Quimbamba e Nironga. — 8. Guerreiros. — 9. Feição afro-negra perfeita. — 11. Não. — 12. A derrota e a vitória e suas consequências. — 22. Sub-ciclo de Chibamba. — 23. Ganhadeira. — 25. S. Carneiro.

NIRONGA.

Havia lá nas terras de meus avós (Angóla) uma moça muito bonita que era bem feliz. Todas as tardes entrava pela porta de sua enbáta uma borboleta azul que a "encantava". Ela virava borboleta e os dois iam passeando, vendo todo.

Ele se chamava Quimbamba e ela Nironga.

Aconteceu que houve uma grande guerra entre as "nações" e a dela perdeu. Então o povo todo começou a juntar-se para quando chegassem os vencedores se entregar como escravo, pois esse era o costume daquelles tempos. Vinha gente de todas as partes, resignada com o destino, mas só Nironga não apparecia nem ninguem se lembrava d'ella, nem de Quimbamba.

Quando os vencedores apontaram no alto da montanha, os vencidos estremeeceram e perderam os sentidos. E num instante todos virram borboletas e levantaram o véo, numa nuvem grande, escura, que de appareceu daquellas paragens.

Os vencedores não achavam ninguem. Voltaram para suas terras fazendo uma grande caminhada, tris-

tes da vida por tanto sacrificio perdido, pois nem um escravo tinham para vender aos pombeiros.

A nuvem de borboletas acabou com as plantações dos inimigos, de modo que, ao chegarem ás suas terras não acharam nem o que comer para satisfazer a barriga, pois tudo era em rações pequenas.

A nuvem de borboletas abriu-se e cercou a cidade em que eles se lastimavam de tanta penuria depois de uma guerra tão sem fruto. De um instante para outro todas as borboletas viraram soldados sob o comando de Nironga. Os inimigos não puderam resistir e entregaram-se. Isso mesmo que os pombeiros quizeram: — carregaram com elles pr'os Portóras mandarem pr'os banguês.

Esse conto é, naturalmente, um episodio guerreiro de tribus africanas.

Duas "nações", uma das quais tem a borboleta por totem, na ameaça de ser vencida, recorre ao stratagemma. Parte de sua gente penetra no outro paiz, destróe as plantações, impossibilitando as colheitas. A outra falange, cujo totem não se conhece, vence sem gloria e sem victoria: — não encontra viv'alma, não recebe tributos e nem faz escravos. Volta ao seu paiz já assolado pela fome e, fraca, extenuada, é tomada de surpresa e entrega-se, sendo vendida como escrava.

Interpretemos, ou antes, busquemos os coaccitos desse conto:

Chibamba é simplesmente "o guerreiro e não o combatente". Metamorfizando os vencidos em borboletas, cria uma força inconciente á serviço de uma causa que só ele sabe. *Nironga* (do quimbundo, *nironga*, sôgrêdo) — é apenas o simbolo dessa força. Os vencedores são assim vencidos pela desalusão: — nem troféus, nem tesouros, nem tributos, nem escravos. E' o pre-

mió merecido pelas ações coletivas dos instintos. Longe, as pragas destroem o trabalho e amortecem o espírito guerreiro. A fome sucede a todos os sacrifícios, a todas as alegrias. O vencedor estarrêce diante dessa realidade que o faz vencido pelo destino. Dá-se a metamorfose do bando de borboletas num exército sitiante. É *Nironga*, o segredo da força inconsciente já tornada consciente, o combatente. Sua vitória é a das faculdades contra os instintos, — do sábio, do mágico, do mestre, contra a ignorância, a malvadéz, o interesse pelas causas que degradem a Humanidade. É também o castigo sobre o que viveu de ser verdugo: — sofrer a mesma pena que impoz aos outros.

Chibamba, o ciclope, aparece realizando uma das muitas lendas de Angóla quase perdida na tradição do Reconhevo Babiano.

FICHA N.º 161. — 1-2. Bahia — 3. Reconhevo. — 4. Batatan, cidade de Nazareth. — 5. A RAINHA QUIXIMBI. — 6. Lenda. — 7. Chibamba e a mulher amada, a rainha das águas. — 10. Feição afro-negra perfeita. — 12. A criação da Mãe-d'água. — 16. Ciclo ciclopico de Chibamba. — 22. Sub-ciclo de Chibamba. — 23. Mãe-de-santo. — 25. S. Carneiro.

A RAINHA QUIXIMBI

Havia num lugar aí uma viúva que nunca amou. Casou-se sem conhecer o noivo, e enviuvou na mesma hora do casamento. Quando ouvia falar nessas coisas que fazem a gente se lembrar do que teve e não gostou, entristecia.

Aconteceu que, por uma dessas da vida, appareceu-lhe um todo "suspiroso". Ele sentiu tais coisas no coração que gostou dele. Era um homem alto, os braços compridos, quasi tocando a terra, umas pernas parecen-

do de páu, uns olhos bem vermelhos. Dia para dia êle ia minguando, minguando, até ficar um anãosinho. E ela o queria sempre mais. E ele foi minguando, minguando, até ficar de um tamanhinho que ela já o guardava nos seios. Por fim, naquele lugarzinho tão feliz, êle minguou, minguou, e desapareceu. A moça ficou corvo louca. O seu Chibambinha! — e chorava desesperada.

(Mas de tudo a gente se esquece neste mundo. O coração não fica velho para amar. E' casa que não pode ficar vazia).

Não demorou muito para aparecer outro, mas ela, volta e meia lastimava-se, chorando, do que havia desaparecido de seu seio. E olhava para o novo, vendo muitas vezes nele o mesmo que foi o coração dela. E, por isso, começou a lhe querer bem. E quanto mais ela o amou, mais ele cresceu. Afinal de contas, de tanto bem que a moça devotou ao homem que era o retrato do primeiro, ele tanto cresceu que nem mais podia entrar na cubata. E, por isso, já se encontravam da parte de fóra. Aí ele cresceu ainda mais ligeiro. As conversas se tornaram a tal ponto difíceis que a moça sentava-se na palma da mão dele, contente de sua vida por ver que era o seu mesmo Chibambinha que tinha voltado.

Aquele amor, diferente dos outros, não merecia a "carne". Chibamba, que é o rei dos encantados, encantou a moça. Colou as pernas dela e fez, da cintura para os pés, um meio corpo de peixe. Deixou a mulher da cintura para cima. Cobriu-lhe o corpo todo de escamas de prata, reluzentes. Os cabelos, dorrou. E, chegando á praia chamou os peixes e disse ás aguas:

— Esta é a Rainha Quiximbi. Seu canto são 25 palavras de ternura que ela me disse. Na terra não pôde viver: — os homens não socorreriam de persegui-la. Nas nuvens, também não: — os raios e os trovões e ator-

doariam. No céu, ainda menos: — os de lá ficariam maléficos. Aqui, no meio de vocês, ela é rainha, a rainha das águas.

E entregou-a aos peixes que a levaram em proeissão. E ela, cantando, despediu-se d'êle, como si se despedisse do mundo.

A lenda de *Quiximbi* é de uma poesia flagrante. O amor é a própria harmonia do ser. Novo ou ressuscitado, sejam quais forem as circunstancias, cresce com o tempo e faz parte do próprio individuo para receber a mortalidade no esquecimento.

Na mitologia afro-negra *Mbamba* é o quinto e ultimo elemento, o primeiro depois do céu, da terra, das águas e do ar. É o Creador terreno a quem coube dispô-lo, espalha-los e distribui-los e crear e multiplicar todas as coisas.

Sendo rebelde a todas as convenções religiosas de todos os tempos que lhe roubam essa missão, *Quiximbi* não poderia ser deusa nem mãe das águas como são todas as outras sereias, mas simplesmente rainha de uns tantos seres que ele crea e das águas em que vivem.

Nisso, a Mitologia afro-negra é muito mais civilizada e melhor do que muitas havidas por superiores e espirituais. N'ela não ha transformações nem metamorfoses em sóes, em constelações, em meteoros. Tudo que envolve a terra é parte integrante da Terra e é posto á margem o que escapa ao tato e á vista proxima do homem, mesmo que seja uma delusão. Na Terra é que tudo se manifesta.

Na mitologia gôge-iorubana, Xangô, Ifan, Obatalá, Ogun e todos os outros são deuses terrenos que governam coisas terrenas. Os "de cima" são inértes, simples sim-

bolos sem importancia no culto. São, — e isso mesmo quando alguém se lembra deles, — apenas ceuaros de forças que os deuses terrenos governam e dominam.

Na mitologia afro-negra que veio ao Brasil, a Terra é tudo. É o principio, o teatro e o fim de toda a Creação. Materializados em idolos, os deuses são invocados como seres terrestres e, sendo idolo, *Mbamba* também se materializa em animais diferentes, totens de diversas tribus africanas.

Mbamba, em seu conjunto de forças creadoras e transformadoras, é a resposta a todas as divergencias da indagação e das creações que subsistiu a todos os deuses e a todas as épocas e que precede a tudo que a Terra tem depois de formada por sua obra de mestre, de arquiteto, de poeta.

O católico, na dificuldade de explicar como se fizeram tais e tais coisas que lhe parecem maravilhosas, abraça-se com Deus e resiste a todas as investidas de seus contendores. O sabio de outros tempos, dearte dos mesmos embaraços, circumvolvia em considerandas e acabava por fazer uma digressão sobre o Éter que era então tudo que possuía como espantallo. O negro, havido por fetichista e barbaro, tem um creador terreno, que assume todas as formas da materia, em ação constante, alheio a Deus e alheio ao Éter, que se faz cielope e se faz poeira, ora lembrando os animais cielopicos contemporaneos do homem, ora os seres infinitamente pequenos que a vista não percebe, mas absolutamente o negro não intervem com o seu *Mbamba* no terreno das religiões nem no da Ciencia.

Mbamba é a ficção, o mito, mas é, sobretudo, o simbolo da materia, o materialismo, o paganismo, o atêismo. — como o queiram chamar, mas é tambem alguma coisa de superior a tudo isso: — o rei de todos os mitos da Humanidade que o Brasil conhece.

CAPÍTULO XII

AQUILÃO GRILO

O Bahiano, — tão conservador que é, — sofreu, embora com discreção, da mania de aporuguezar nomes afro-negros e ameríndios. Exemplos mais salientes são: — De *quilangrilo*, quimbundo, *Aquilão Grilo*. Depois veio *Mestre Aquilão* como atributo do grilo, cantor e devastador. De *mapin-guariba*, tupi, *Martim Guariba*.

Felizmente os Bahianos são menos necivos do que parece. Há muita gente que prefere *King-Kong* a *Martim Guariba*, ou *Mapin-guari* como se diz no Norte do Brasil. E esses são os Brasileiros que sabem tudo dos outros e nada do seu próprio paiz. . .

Antes de apresentarmos a peça folk-lórica por nós coligida em Pojuca e da bôca de um roceiro, queremos chamar a atenção para ela.

A primeira vista, a *feiçào é brasileira*. Os personagens conservam denominações aparentemente portuguesas. Há termos quimbundos na Linguagem Popular do Recôncavo Bahiano que não são de muitas outras regiões do Brasil. A presença do elefante arrêda qualquer duvida. Os sainetes são claros. O primeiro se traduz: — “Reméxe, mocinha, vamos p'rao samba”. O segundo: — “O elefante, desde o primeiro que nasceu, é mestre do samba. Dá voltas á dama, volteia e não cáí”. O terceiro: — “Toquem os instrumentos, batam com as mãos. Grilo é soldado, soldado”.

FICHA N.º 117. 1.2 Bahia — 3. Reconavo. — 4. Pojuca. — 5. AQUILÃO GRILO. — 6. Conto — 7. Grilos, sapos, cobras. — 8. Elefante. — 9. Feição afro-negra perfeita. — 11. Sim. — 12. Proteção ao fraco e castigo ao algoz. — 23. Roceiro — 25. S. Carneiro.

AQUILÃO GRILO

Quem passasse na estrada parava pra ver douce vinha a cantiga:

Jinga mutamba,
Tóca pro samba.

A musica era a dos grilos. Cada um mais cheio de pescoço, mostrando mesmo que eram bons nas gargantas. Azeitados, barrêtes cor de chumbo no alto da calafinha, os bigodes não atrapalhavam os instrumentos.

Mestre Aquilão Grilo quase desmaia e a musica parou. Que foi, que não foi, e ele só espumando, até por baixo, os olhos amoteceidos. Abana daqui, abana dali, e ele poude dizer pra quase ninguent ouvir:

— Pra que musico tem ouvido?

O calango, que estava dançando com a lagartixa, deixou *clá* num instante e correu no mato pra fazer uma precisão. Voltou de lá trazendo a noticia:

— É' o zabumba que vem aii!

Os grilos olharam-se uns aos outros se pelando de medo. Já os musicos vinham chegando, todos raspadiños que nem se via um pé de cabelo na cabeça nem na barba. Ah, moléques bons nas solapas! Que bombos bem tocados! Musicos de verdade, na tabaque, no cauzá, no herimbán, no agogó, em tudo.

Os bichos correram para receber o zabumba e os sapos entraram entusiasmados "batendo" pra se sant-

bar. Mestre Banda numa ocasião em que passou a vista pelo terreiro viu os grilos e encheu logo a boca d'agua. Mestre Aquilão passava bem e estava bem gordo. Nem parecia grilo. Mandou parar o zabumba pra dar um salto em cima dele, quando começou a bater os queixos. Aí acudiram. Que é, que não é, que tem Mestre Banda e ninguém sabia. Jogaram-lhe agua em cima e, ansiando muito, ele disse:

— Pra que musico tem ouvido?

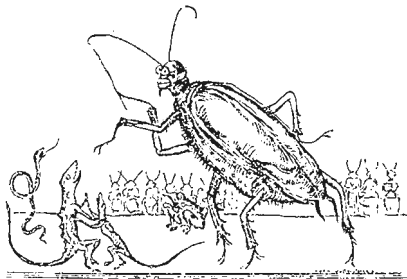


FIG. 5

Aquilão Grilo conforme o rabisco de um acalô. Cicero Valladares figurou os demais personagens do conto.

A lagartixa aproveitou a confusão e, dizendo ao calango *espere aí q'eu volto já*, — subiu numa arvore mais que ligeiro pra fazer a precisão dela e voltou á toda gritando:

— Lá vem mais. Ou é chingo ou é tunga.

Os sapos olharam-se uns para os outros se pelando de medo. Já os musicos vinham chegando, tirando cada *fiúu* de estrondar. Eram uns bichos magros, compridos, rabeando no ar como foguete e anêando em terra como carangugi, os pescoços para cima. Mestre Bangala viu tudo e, mais sabido do que Mestre Banda, gritou:

— Hoje é dia de festa. O que matar o outro, morre. Eu não!

Mestre Aquilão aí tomou coragem. Bateu os braços e a musica saiu das gargantas da gente dele. E os bichos começaram a cantar e a dançar ao som da musica dos grilos, saudando o elefante que tinha chegado naquela borinha:

Zamba, Quizamba,
E' tamba no samba,
Vira a mutamba,
Vira e não camba.

A gente de Mestre Banda estava torrada de fome, e, por isso, não tocava, mas as cobras, pensando que aquilo fosse p'cardia, dançavam dando mixungas e com as pontas dos rabos nas caras dos sapos. Mestre Banda já estava com a barriga lá dentro vendo a hora de ter uma coisa. Olhou prum lado e pro outro, pensando que Mestre Bangala não estivesse com o olho nêle e, dum pulo, meteu Mestre Aquilão no bixo. Quando deu outro pra voltar, Mestre Bangala pegou ele nos tres, pela perna. No aperto, Mestre Banda vomitou Mestre Aquilão vivinho.

A musica parou. Que foi, que não foi, só se viu Mestre Bangala engasgado, com os olhos estufados *pro fora*. Aí Mestre Aquilão contou. As cobras, de um bôte, enguliram os sapos, mas foram se embora. A festa continuou com a musica dos grilos mais arrojada ainda e as cantigas das mutambas:

É euehica, é eubaba,
 Quilangrillo — ngunça,
 Ngunça-gá

ARGUMENTO. — Roubados, ao som da musica dos grilos regidos por um deles chamado Mestre Aquilão Grilo, os bichinhos cantam chamando a attenção de quem passasse na estrada: — "Remexe, mocinha, vamos p'rao samba". — A certa altura o Mestre desmaia. Dá a entender o perigo depois de algum tempo de alivio, perguntando para que musico tem ouvidos. O enlango, par da lagartixa, deixa-a e vai ao mato á toda carreira, de onde volta com a noticia: — "O Zabumba vem aí". — Os grillos enticolham-se, timidos e tremulo. Os sápos, chefiados por Mestre Banda, entram entusiasmados, sendo recebidos com alegria. Põem as vistas pelo terreiro. Os grillos optam. Mestre Banda manda parar a musica dos sapos para todos se atirarem sobre os grilos. E logo lhe sobrevem uma síncope. Acódem. Atiram-lhe agua e ele voltando a si faz a mesma pergunta que antes fizera Mestre Aquilão. A lagartixa, aproveitando a confusão, deixa o seu par, vai ao mato, sobe numa arvore e volta esbaforida annunciando que vem outros musicos. — "Ou é peçoço ou é páu". Os sápos, como antes os grilos quando eles appareceram, tremem de medo. As cóbras chegam, peçoço no ar, silvando muito. Mestre Bángala, que as dirige, mais arguto do que Mestre Banda. Ameaça o bicho que natar o outro naquele dia de festa de todos: — morre! Mestre Aquilão ressuscita a essas palavras. Seus musicos se excedem. Todos os bichos cantam e dançam. Chega o elefante. Saúdam-no: — "O elefante, desde o primeiro dia que nasceu, é mestre no samba. Dá voltas á dama, volteia e não cái." Famintos, os sapos não podem mais tocar. As cobras entendem ser isso picardia e dançando os insultam, dando-lhes bofetadas com as pontas das caudas. A desmaiar de fome, Mestre Banda, na illusão de que Mestre Bángala não o espreita, dá um salto e engole Mestre Aquilão. Ao dar outro para voltar ao meio dos sapos, Mestre Bángala o segura nos ares fazendo vomitar Mestre Aquilão. E Mestre Bángala, num instante, cumpre a promessa: — engole Mestre Banda. A musica para: — Mestre Bángala engasgado, os olhos saindo das orbitas, não pode falar. Aquilão Grilo conta o occorrido. As cobras atiram-se contra os sapos, engulindo-os todos, e retiram-se. A festa con-

tinúa á música dos grilos. As bichas novinhas cantam: —
 “Toquem os instrumentos, batam com as mãos. Grilo é
 soldado, soldado”.

Isso que aí ficou é o retrato da Humanidade. Os
 homens estão figurados nos animais. Nem um ato, nem
 uma passagem, nem unha coisa deixa de ser da vida hu-
 mana, ou antes, da sociedade humana. O grilo, o sapo
 e a cobra simbolisam bem caracteres distintivos de cada
 grupo de seres ou de cada individuo. O elogio, ou me-
 lhor, a ironia ao elefante, como depois aos grilos, mostra
 que elogio e ironia as vezes são irmãos e que, excitantes
 da vaidade, lamentam mais do que a realidade nos atos
 de cada individuo. O terror, o desmaio, o insulto a
 fome que leva a extremos, a perspicacia no encobrir os
 desejos, a destruição amparada na desobediencia, — tudo
 isso é muito significativo. A disciplina do devastador
 o soldado, o grilo, não se quebra, mas é seduzida pelo
 libido que as “bichas moças” representam. Não ha, em
 tudo isso, interferencias divinas. É a humanidade em
 seus atrativos e em suas misérias.

A proposito do ultimo sairête, ocorre-nos um re-
 mendo na quadra popular bahiana que anda correndo
 esse Brasil em fóra:

“Oeú babá
 Oeú gelê
 Negro nagô
 Virou saruê”.

Pobre pai de santo que anda gelado! A verdadeira é:

Ô cubabá
 Ô enjerê
 Negro nagô
 Virou saruê.

É' uma quadrinha de samba de segunda-feira da Bomfim dos nossos bons tempos de meninôte:

Ó, batam palmas,
O', preparem os tempêros,
Negro nagô
Virou saraê.

Não é propriamente *cujerê*. Em nagô é *icré*, sementes de coentro da Índia com que se adubam certas iguarias. O seriguê, ou saraê, *Didelphis*, cujas variedades brasileiras encontram-se todas em territorio bahiano, é uma caça muito apetecida, por certas pessoas, como superior á galinha.

A quadra foi aiisiva ao fato de ter sido encontrado um negro nagô com umas galinhas roubadas e a autoridade, não admitindo que o homem pudesse ser honesto, o chamar de saraê, que dá nos poleiros e estraçalha as ercações. As negras do deposito do carvão do Canto da Cruz, que nesses dias davam a nóta com uma quadrinha, saíram cantando essa que demos acima.

CAPITULO XIII

GUNOCÔ

(Alma de Ogun ou Arigófe)

Gunocô é um *dudú* cuja cabeça ainda escondida num cone em cima de uma saia de róda e exas pernas, dos joelhos para baixo, são pretas, como preta é a máscara pintada na parte inferior da superfície daquele chapéu conico.

Esse *dudú* é iorubano (*dú-dú*), mas também um *mandú* sudanês, isto é, o mesmo em muitas línguas e rações sudanêsas, diferentes do *mandú* de Angóla que usa peneiras no alto da cabeça e não só as cobre como se veste de *haïque*, pano branco com que se envolve, deixando só os pés descobertos e uma fresta para ver o caminho.

Mandú parece nos ter vindo do quicongo: — *muutu*, pessoa, e *dudú*, fantasma negro. *Mundu* diziam os Africanos de origem e muitos creoulos seus descendentes ainda assim pronunciam, embora que os Brasileiros, dizendo *mandú*, como aqueles entendem que se deve dizer *mundú*, não o distinguam do *mandú* macrindio.

Gunocô é um pallião. Vem vir-se agora de suas falsificações urdidas pelos Indianistas nos atributos de *Curnipira*, como "deus" das florestas, e de *Caipóra*, como "deus" da caça.

Gunocô não pára as *solapas*. Assoviando ou cantando, bolindo sempre com as pernas, a sambar toda a

vida, está dia e noite a divertir-se, mesmo só. É poeta convencido: — tudo que fala é em verso. Tudo que faz é cantando. Um tipo autentico de Africano alegre, mesmo nas ocasiões em que sua ira parece verdadeira. Ameaça, mas é inofensivo.

Gunocô é honesto. Cumpre á risca seu destino onde a mitologia afro-negra, ou melhor, a mitologia iorubana o atirou. Não se vende: — Fumo, cachaca, baiêta, o que seja, não o compra. Não é como *Caipóra* que consente se matem os animais em troca de qualquer ninharia. Nem como *Curupira* que se deita dentro das palmeiras e deixa que o papua decepe o seu leito e o carregue.

O mundo, para *Gunocô*, é bem diferente. Vive só, sem casa, sem mulher, sem consumições, sem necessidades.

Compara-lo a *Caipóra* é o mesmo que dizer que vinho é agua de barrêta, pois o mito da *Caipóra*, de tanto transuadir-se, encaiporou-se mesmo. Confundi-lo com o *Curupira* é inconsciencia. O mar que os separou é bem largo. *Gunocô*, regrinho retinto, nunca apertou as mãos de *Curupira*, caboelinho bronzeadado. As vidas de um e de outro são bem diferentes, — só havendo de correm e serem ambos enegueirados pelos matos.

Os nossos folk-loristas devem atentar nessas coisas e recompôr os mitos para não estarem a dizer, sem provas reais, que todo nosso Fabulario foi devassado pelos afro-negros que o pintaram de personagens e episodios de seu Folk-lore. Tambem o material em que se baseiam é o pior possível, o ouvido da boea das "contadeiras de historias" que tudo misturam para matar o tempo dos nenens grandes e ajudar o sono das creanças pequenas.

O Folk-lore afro-negro em nada inveja o Folk-lore amerindio para, como se tem dito, ser um parasita neste. Ainda se pode muito bem separar e distinguir grande

parte de ambos e fazer o confronto, mesmo que ao ambrindio se dê, sem surpresa para a Civilização, a simbo'isação em mitos solares como os ideou o general Couto de Megalhães.

Por feiicidade temos um retrato do *dudú* feito por uma creoula chibante, pé.e de azeitona, qua lhe guardou os "quindins", fingindo ser êle quando caia no samba, nas festas de Ogun.

FICHA N.º 3 — 1-2. Bahia. — 3. Reconavo. — 4. Corta-Braço. Capital. — 5. GUNOCO. — 6. Retrato falado e cantado. — 7. Gunocô. — 9. Feição afro-negra primitiva. — 12. Farsarronice. — 23. Yawô de candablé. — 25. S. Carneiro.

GUNOCO.

Tava no mato
 Com meu bambará,
 Chegou Gunocô
 Pra eu não caçá.

A gente se assombra. O dono dos matos não grita, assovia. Não caminha, samba. Não fala, canta. Nunca está parado, e sim cantando, ou assobiando, mas sempre dançando, vaidoso como ele só.

Nêgo vadio
 Vai trabaiá.
 Gunocô tá qui
 Pra lhe pegá.

A cabeça de'le é um funil sem bico com um carão preto de "negrido" e uns riscões brancos todos emendados (Y) pra dizer que são os ollos.



FIG. 6

Gunocó, conforme o rabisco das paredes do candomblé da Cruz do Côsmo. Muito semelhante ao Duk-duk, espírito do castigo no arquipélago da Nova Bretanha. Muito rudimentar denuto do Juggernaut hindú

Qui tá oiando,
 Cara de gongo?
 N'rs rainha zuuha
 Cê é mondongo.

Prosa pura. Si ele não tem braços, quanto mais unhas pra fazer a gente virar mondongo. Na pont. da cabeça tem quatro chifres, dois pra cada lado, mas a cabeça emenda com a cintura que é também o pescoço.

Genocô não tem braço
 Mas pega muléque,
 Fuz dele defunto
 Pra assá no espéque.

A roupa dele é uma saia de rida, toda de babados de folhas grandes, bem feita que faz gosto, mas vai só até os joelhos, pra gente vêr as canélas e os dedos arreganhados dos pés do espirito do castigo dansando e repiniendo.

A gente se assombra mas só vê os assovios e ele roncar de raiva vestido de dudú, mas sempre sambando.

Fiaô, fiaô, fiaô.
 — Camondongo,
 Quem lhe mandou
 Fazer bambaré?

A pessoa quer falar, mas nem abre a bôca porque ele tange:

— Já pro bambê
 Pr'eu l'he comê!

A gente n'ê filha de bêsta pra ser desobediente. Ele manda... a gente faz. Vui na frente, mas apressa

os passos, porque ele tá sambando, olhando pro chão, "entertido" na musica do assovio dele. Quando a pessoa chega na estrada, abre no mata do e Gunocô não vê. É por isso que a gente, pra enganar o dono dos matos, chega em casa e canta:

Tava no mato
Com meu bambará.
Chegou Gunocô
Pra eu não caçá.

Ogun foi subindo de conceito nos meios bahianos e cariocas. A "alma" continuava nos matos, velando os bens que lhe couberam guardar na partilha entre os *orixás*.

O Carioca nem se lembrou de ir buscar *Gunocô* para ver o Carnaval, para ensinar samba nas escolas dos mûeros da Pavêla, do Kerosen e todos os outros da bêla e maravilhosa cidade do Rio de Janeiro. O *dudú* "estava caminhando para *Oxalá*"... Bastavam a fealdade e a riqueza á sua guarda.

O Bahiano sabe viver com esses "encantados" de Ilú-Ayé melhor do que ninguém. No seculo XX, encontraram-se e irmanaram-se o Catolicismo, o Espiritismo e o Fetichismo. Os Nêgros e os Indios chamam-se *cabôclos*. Foram e são todos das selvas, ou da Africa, ou da America. *O cabôclo Tupanaré da bocha do Mussounde já foi padre*. Hoje seu espirito "baixa" para explicar que o mundo é fl. folia... Coisas, que, parecendo inconcebíveis, justificam a floração do sincretismo religioso brasileiro.

E o Bahiano foi nos matos disposto a amarrar *Gunocô*. A sociedade necessitava de quem a ironizasse. Isso de alma de *Ogun*. — *Ogûn-ocô*, — para viver fóra da Civilização, não se admitia mais. O dono que tomasse conta de suas ferramentas, de suas armas de



FIG. 7

*Arigófe. "Não tem barriga, não tem tripas, não tem hoses".
Tal como se supunha Gurocô antes de ser moudongo ou
calungu ou de ser elevado a Oxalá*

guerra, de seus instrumentos agrícolas, de suas coisas de ferro. O tempo dos escravos já havia passado. Guncô assoviando e dançando, o via. As festas vinham perto. Ninguém melhor do que ele poderia fazer sucesso. Quando Ogum acordasse...

— E', "cabêlc", você é bem um *Arigófe*:

Não tem barriga,
Não tem tripas,
Não tem búfes.

Arrancaram-lhe a máscara dos chifres. Poseram-lhe fóra a vestimenta de folhas. Meteram-no num "macacão". Levaram-no para as margens do Dique, noite fechada. Cortaram-lhe a carapinha a tosideira. Ensurboaram-no. Tiraram-lhe o sújo a caseo de cêco, *aguzó* e areia fina. Depois... tudo mudou para melhor. Não faltaram banhos e perfumes enquanto se preparavam os termos de gente riva. Fizeram-no almo-fadilha de último tom. Ogum não havia de reconhecê-lo. Também um e outro desde seculos não se encontravam.

Guncô foi levado a ver os *mocambos*, casebres de "sopápo" cobertos de palha e de folhas de latas velhas. Rodou de automovel pelas ruas da cidade e á noite, no ultimo fóro da elegancia, até de casaca e chapéu de pêlo, entrou, debaixo de palmas e de musica, na séde do Rancho dos Reis.

— Ministro plenipotenciario da Nigéria! — gritou um creoulo ao conegar um laudatorio bombastico. E todos bateram palmas.

E Guncô, de *alma de Ogum* passou a ser o *Negrinho Arigófe*, — o to'em do Rancho.

Divinizaram-no assim. E ele saiu á rua querido das "meninas", enfeitçando as avenidas, levantando



FIG. 8

Arigóse tornado mondengo ou talunga no século XX

todos os premios, todas as medalhas de ouro, incluindo o busto de dezenas d'ellas.

E a *Capitã*, nos matos proximos, montada no póreo, olhava para o *Corpo*, a espumar de raiva, querendo despedagar o *Soci-Perce* jantizado com a caveira do *Bumbum-en-Boi* com que foi a festa na Bapinha.

CAPÍTULO XIV

DUDÚ CALUNGA

(O Homem da Córna ou o Capenga)

Dudú-Calunga vai desvendando o misterio do *negri-
nho* ou do *cabocolinho de um olho só*, ou de *uma perna só*, que os nossos Indianistas e Folkloristas não conhecem, mas, sem lhe saberem o nome nem os attributos, admitem um africanizador do *Sacy*, do *Curupira*, — dois mitos que são os primeiros a confundir com outros afro-negros.

Lá pelas bandas de São Francisco se poderá ver, pois ali se transfunde todo o nosso Folk-lore, — o retrato ou a tal caricatura do *Dudú-Calunga* nas lendas do *Bicho-Homem*, do *Pé-de-Garrafa*, do *Caipóra*...

A lenda do Bicho-Homem. Habitando as matas e os cerrados, *Bicho-Homem* é um gigante de um olho só, de um pé só, alto de muitos metros, que deixa as pégadas, como as de São Tomé, impressas nas rochas, que amolecem á sua passagem, e québrea as arvores, pelo peso do corpo, quando se deita nos matos. De suas unhas nas mórros e nos róchêdos, ficam vestígios, como tambem sua longa cabeleira se vai ficando, aos bocádos, nas franças, nos páus sécos e nas lascas de pédra dos caminhos. Seu grito, sílábico e desesperado, é ouvido léguas em redór, óra de dôr, óra de angustia, como si sofrêsse, — óra de tristeza, óra de revolta. Ninguem o viu até hoje, não atacou sequer uma pessoa, não sorriu para uma só mulher, não despedaçou uma crentura. (*Vide Capitulo XX*).

A lenda do Pé de Garrafa. E' um cyclope de um olho só, de um pé só, ao qual não faltam attributos do Mercurio

helcno, — o vôo e a sabedoria, — e outros que o "africanizaram (*sic*) no dom de roubar donzêlas e leva-las para as grútas onde a sua geração nasce como a dos centauros, meio homem e meio cavallo, donde os *pés de garrafa*. (A mulher regrid'e em égua...)

A lenda do Caipóra. O Caipóra não é um ciclope, mas tem o mesmo físico do *Bicho-Homem* e é mais feliz por ter a faculdade de desmaterializar-se, de se fazer sombra, de virar sôpro, de transformar-se em nuvem. E' côxo. Caválga um porco selvagem, sendo apenas protetôr de peçarís, tajassús e caitetus, ou melhor, de queixadas e porcos do mato. Está bem o caçador que lhe dêr fumo, cachaça e agasalhos: — pode matar á vontade esses dicotilideos. O que nada lhe oferece tem a surpresa de vêr os póreos abatidos ressuscitarem assim que êle, invisível, faz com que o focinho de sua "montaria", que todos "veem", tóque o do morto. Também, ao contrario de muitos outros *Caipóras*, pouco se lhe dá que sejam mortos os simics, os felídeos, os lóbos, os coatis, os roedores, os veados, as antas, os tamanduás, os tatús, as preguiças... — os outros bichos que não são seus "caválos", especialmente as aves, das quais inveja o vôo, e, particularmente, os sêres protegidos pelo *Caboclo d'Água*, que os espanta.

Pobre *Saci* depois que apparecer o *Dudú Calunga* a desmoralizar o bererê em torno de seus supostos attributos de pai de todos os Mitos Brasileiros quando, até os meados do seculo passado, não passava de um réles passarinho que, sem uma perna, ai dava a gritar, á noite, pelas estradas: — *Saci-Pererê, minha perna dóel!* Teodoro Sampaio o retrata num negrinho irrequiêto, malefico, a cabeça enfiada num barrete vermelho, com um olho docente (*çacy*) e outro vivo e buligoso (*ça-pererê*)... De amerindio a nêgro!

Dudú-Calunga é um mito ligado ao culto de *Ossônhe*, "deus" mais velho ao que o Brasil ao ser descoberto pelos Portugueses.

Dudú é negro em quilabundo como, na mesma lingua, *tutú é fantasma*. Tratando-se de um totem, de um tabú, de um superior no culto, *tutú* desaparece no Folk-lore banto para ser fortalecida de algum modo a superioridade de mito. E, por isso aparece a antilope *galinga*, ou *galunga*, transformada em *calunga*, para dar a idéa de illustre, de totem, de tabú, de ente superior.

Vão ver os Folk-loristas do *Saci Pururé*, do degenerado e falso devoto de Nossa Senhora que, na frase de Basilio de Magalhães, "mais se deformou tornando-se católico e até o Diabo", tinham, porco sujo, pé de pato, Pedro Botelho, arreuegado, tição, cafute, &c., — que *Dudú-Calunga*, montado ou a pé, caracteriza-se por atributos próprios e tem uma tal *côra* que põe *agua no bico*...

FICHA N.º 100. — 1-2. Bahia. — 3. Recôncavo. — 4. São Caetano, Capital. — 5. DUDÚ-CALUNGA. — 6. Conto. — 7. *Ossênké*, orixá gêgê-iorubano, *Galinga*, a antilope. — 8. Pais, mães e filhos de santo, gente de candomblé. — 9. Feição afro-negra perfeita. — 11. Sim. — 12. Posse de mulheres por artes magicas. — 19. *Ossênké* e *Galinga*. — 23. Iawô. — 25. Carneiro.

DUDÚ-CALUNGA

Ah, tempos mesquinhos. Até o que se pedia aos encantados eles não faziam caso: — saía tudo ás avessas. Também isso, pra gente da gente não era nada. Samba é pra espantar molina e *entonce* lá vai samba mesmo de com força. Dia d'Iemanjá festa d'Iemanjá. Dia de Xangô, festa de Xangô. Dia de um santo, festa desse santo. Ora só. Filho de gente da Costa não descauca os quartos nem depois de morto. Até na cová tá s'ulvertindo.

Os tempos estavam desse jeito e os babala-ô, era gente ir ver a sorte nos busos e eles dizereu:

— Aí vem coisa. Ou é de Exú, ou de encantado.

Ninguém se importava. Em quase toda a festa não havia arrelia e, salvante uma vez ou outra, quando havia, acabava logo e o samba continuava. Babala-ô só fazia repetir a mesma "dança" do "aí vem coisa".

Num dia de Ossonhe o samba arrojou mesmo com vontade. Nunca se viu tanto pedaço de muláta cheirosa nem tanta lásea de crioula de toitigo como naquela noite. Pai de terreiro, mãe de santo, ogan, tudo entrou no "oras-me-deixe" que foi tocar e cantar e sambar que nem se pôde contar de tão bom que foi.

Lá pra meia-noite, quando os músicos deixaram os instrumentos pra tomarem uns quatro dedos de meladinha, só se viu foram aqueles trupês: — *pucó, pucó*. Se voltaram pra ver donde vinham, mas ninguém correu, pois onde ha alegria de festa de encantados não ha visagem que faça pavôr.

Cori pouquinho hora o vulto de um cavaleiro appareceu. Ninguém sabia quem era nem quem deixava de ser, mas o eava'o empinava as mãos e quando abaixava caía com todo o corpo e fazia *pucó*. Depois empinava os quartos e quando abaixava fazia *pucó*. E assim andava. Todos abriram alas, o cavaleiro chegou no terreiro, parou o cavallo e saltou.

Todo mundo pensou que fosse Ossonhe porque só tinha uma perna, mas era Dudú Calunga, a cabeça coberta com uma banda vermelha e uma cõra debaixo do braço.

Os pais de terreiro ficaram muito contentes com a visita e levaram Dudú-Calunga pra ver o *pigé*. Enquanto ele conversava vendo os orixás cobertos de barangandans e achando no chão coisas que os orixás fizeram anos e nunca acharam, o povo lastimava que um negrinho tão bonito e que parecia muito rico, porque estava muito bem vestido, só tivesse uma perna só.

O calor estava mesmo de "afogar" e, por isso, uma parte dos sambistas voltou pro terreiro e foi ver o cavalo do encantado. Cada qual ficou mais admirado de ver o bicho e cada qual ficou mais certo de Dudú Calunga ser mesmo Ossonhe.

O cavalo tinha o corpo tórto e do lado que tinha mão não tinha pé. A cabeça também era tórta. Do lado que tinha orelha não tinha olho e do lado que tinha



FIG. 9

Dudú Calunga (Ossonhe) e sua maravilhosa côra. No fundo a montaria, a Galinga (antílope)

chifre não tinha orelha. Um bicho mesmo pra encantado. Parecia de pedra, pois não se hollia, nem mesmo batia a cabeça do olho que tinha.

Quando os prús de terreiro voltaram com Dudú Calunga, a festa arrojou com mais fé ainda. Lá pra de madrugada, ele já tinha cansado pra s'acabar, mas

nenhum causado nem nada. Pegem na cõra e vamos pra ttear. As mulatas e as crioulas dançavam sosinhas ac som da musica dele, direito' o como quando são pegadas pelo santo, e cada uma ia ficando pirriehichinha, pirriehichinha, e entrando pe'a bõca da barriga da cõra.

Assim que a ultima crioula acabou de dançar, o cavallo falou:

-- Dudú, tá na hora.

O povo todo ficou admirado de cavallo falar, mas era de encantado... Ai o negrinho responde:

— Já vou, Calunga.

É Dudú, tocando a cõra e despendido-se, montou em Calunga e os dois cresceram, cresceram, e todo mundo viu dentro da cõra, que tambem crescem, as ialês e as yawôs dos mesmos tamanhos que elas eram, cantando e sambando alegres porque iam pro candomblé do negrinho dum pé só.

Encantado é encantado. Dudú Calunga, quando aparece em candomblé faz mal e muito feoz.

ARGUMENTO. No terceiro dos negros, festas e mais festas. Tantas que as babala-õs, que adivinham pelo assento e pela posição de pequenos busios da Africa, anunciam surpresas: — ou do diabo ou de algum encantado. Chegu o dia dedicado a Ossonhe, orixá venerado pelos que se tem uma perna, ou um braço, ou uma orelha, ou uma maõ, ou um olho. Ossonhe vai surpreender os seus fiéis. Toma a cõra, especie de viola, monta na arbilope, *galinga*, toda torra, mutilada no ponto de tudo que deve ter dois se ter um: — pernas, mãos, orelhas, chifres, olhos, ventas. Não é reconhecido, mas, pelo traje, pelos modos mostra ser alguém de importancia. Alcanham-no de *Dudú-Calunga*. Salta em meio da alegria do povo do candomblé. Os sacerdotes levam-no ao templo. Enquanto conversa e vê os orixás cobertos de ouro e pedrarias, vai achando e entregando coisas perdidas e procuradas por muitos anos. O calor é excessivo. Parte dos dançarinos deixa o interior do prédio e vai ver o "cavallo", ao mesmo tempo que outros lastimam: seja o nêgro, tão rico e tão bem vestido,

sem uma perna. A antilope, imóvel, dá a idéa de ser de pedra. A certeza vem: — Dudú-Calunga é Ossonhe em pessoa. Em pouco ele chega ao terreiro. A festa augmenta de intensidade e ele dá provas de que não se cansa. Altas horas da madrugada, dedilha a côra. Ninguém duvida mais quem ele seja. As mulheres dansam, queiram ou não, instintiva e inconscientemente. E vão todas se tornando pequeninas, minúsculas, e entrando uma a uma, como si fossem abéllhas num cortiço, pela "boca" da côra. A' entrada da ultima, a antilope chama Ossonhe e todos se admiram que éla fale. O folião obedece: — monta-se na galinga. E os dois crescem, crescem, voltando aos tamanhos naturais. As mulatas e as creoulas dançam e cantam dentro d'êla, contentes da vida porque Ossonhe, como todos os natilados, fazem as mulheres muito felizes.

Os Folk-loristas dizem que os nossos mitos foram "varejados" pelos dos negros "pobres de imaginação" mas, certamente nem-uma das peças que publicaram até agora vale essa do roubado pelo *Saci*, pela *Guipórn* e outros tantos de seus repertorios muito batidos e muito estragados.

CAPITULO XV

CALUNGA-NGOMBE

(Calunga-ê ou Tutú-Gombê)

CORUMBA

Como bem poucos espiritas sabem o nome de batismo de Alan Kardec e raros católicos o de Santo Antonio, os nossos Folkloristas ainda não descobriram o *Calunga-ngombe*, nem o *Calunga-ê* e estão a confundir o *Tutú-Gombê* com outros *tutús*, pois ainda não se deram ao trabalho de investigar os ameríndios nem os afro-negros. *Corumba* é o mesmo *Calunga-ngombe* em lingua kauré.

O mito angolês apresenta-se sob dois aspectos. Cúca, é *Tutú-Gombê*, com os mesmos sainêtes, mas sem confusão com outros muito diferentes em fisionomia: — *zambê*, *cambê*, *manê*... Pederásta, é ativo em *Calunga-ngombe* e passivo em *Calunga-ê*.

É um negro velho, feiticirc, “defeituoso”, “viciado”, que móra nos matos como os antigos feiticircs, “catimbozeiro”.

A lingua de *Calunga-ngombe* é de boi, — *ngombe*, — por isso que êle, apesar de *genio* — *calunga*, — não fala nem-nma lingua com perfeição. Mistura a que sabe, mas apresenta-se como o *genio da lingua*, de que certamente os nossos “filologos” e “classicistas” não gostarão.

Calunga é é simplesmente a transposição da interjeição *inê!* muito usada para facilitar as rimas das chulas:

Éntrei por uma pórtã,
 Euecontri um negro vélio.
 Calunga-ê,
 Tava com a cara tórta
 Resando nos *evangélho,*
 Calunga-ê.

Em todas as peças do Folk-lore Brasileiro em que aparece *Calunga-ê* se tem logo a idéa de súcubo ou, na Linguagem Popular de Recouavo B. hiano, de *chibungo* ou *chêbungo*.

No conto *O Anã e a Canacinha*, da coletanea Silva Campos, ha o seguinte da cantoria:

— “Nanê-ê nanê-ê,
 Nunga, calunga,
 Calunga-ê,
 Chamo, tam chamo,
 Chamo, tam chamo,
 Chacha-ouê.

Em desespero, mas tímida, a canária chama a filha: Filhória, ô filhinha. E logo conjectura que havia de ser roubo e chinga: Ladrão. — *nunga*. — vagabundo, — *calungo*, — súcubo, — *calunga-ê*

Os negros, apesar de seculos de participação dos nossos destinos e na formação de nossa raça, só vieram a ser estudados, e isso mesmo por muito poucos, de Nina Rodrigues para cá.

O pequeno cabedal de suas tradições que tem vindo a registo denota que houve uma *linha de separação* entre os mitos afro-negros e os ameríndios, embora que uns tantos saltassem os muros e fossem bem recebidos nos arcaivos vizinhos. Alguns pularam além da divisória e,



FIG. 10

Calunga-nuonbe. Calunga é a Totá Gombé. O mesmo Negro Velho, de Minas Gerais, Lixa-Meninos, de Sergipe, Velho Catimbozeiro, de Alagôis, Corumba, em todo Brasil

por serem coisas de escravos, os "capitães-do-mato" deram em cima e "ferraram-nos" como de Brasileiros. Estes, sem má intenção dos orizens dos fatos, pois é mais fácil e menos trabalhoso acusar, acusam os mitos nêgros de ladrões e desse dia em diante, só ha roubados e mestiçados.

Muitas vezes o ladrão não é pegado, mas deixa a roupa em mãos de quem o pega. É o caso do *Calunga-ngombe* que aparece nos nossos *Fabularios* como criação brasileira no *Nêgro Velho*, de Minas Gerais, no *Leva-Meninos*, de Sergipe, no *Velho Calimbozairo*, de Alagoas, no *Morre-de-Fome*, do São Francisco, todos o mesmo *Tutú-Gombê* da orla marítima Bahia-Maranhão, e todos com sainêtes baseados na velha quadriúha portuguesa:

Vai-te, papão, vai-te embora
De cima deste telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado.

E *Tutú-Gombê* veio debochando dos que ainda não quizeram distinguir, em nosso Folk-lore, as separatrizes dos *mandús*, *tutús* e *dubús* afro-nêgros e ameríndios...

Pelas sertões e por todo Brasil ha os *Engôle-tudo*, os *Papa-fumo*, os *Leva-pra-dentro*, retratos escritos e escarrados do *Calunga-ê*, como também o *Come-Gente*, o *Crece-pra-dentro*, o *Homem-do-Clavinóte*, & „do *Calunga-ngombe*. E' o mesmo *Carumba* dos kaneris que se supõe ameríndio.

As “dormideiras” cantam para as creanças adormecerem:

Ô Tutú-Gombê,
Vem pegar sinhasinha!
Bebé aí, boi!
Sinhasinha está dormindo,
Tutú, vá-se embora.

A *língua de bôí*, foi somente o que ficou do mito afro-nêgro, mas o *Nêgro Velho* e todos os outros que parecem alusões aos velhos feiticeiros: devem ter esse característico. O roubo deve ser completo: todo cêca da *língua* relativa ao ladrão deve ser ferrado: — *Calunga-ngombe*, ou o *genio da língua*.

Basilio de Magalhães e Silva Campos encontraram-se com esse mito face a face, frente a frente, e trataram-no como... *Caipóra*.

O illustre polígrafo mineiro viu "fusão ou confusão" de *Caipóra* "com o irásgo africano de *Quibungo*" num dos contos do Foll-Jere Ballauo, mas o proprio Silva Campos, com as suas *reticências*, por o caso no mato, salientando a muita safadêsa que as palavras são.

Agora se poderá ver *Calunga-ngombe* e *Calunga-ê* se confundindo muito bem e se fundindo, não no *Quibungo*, mas no *genio da língua*.

(*Silva Campos*) — Um homem, indo caçar, perdeu-se no mato e começou a andar abaixo e acima, o dia inteirinho sem acertar com o caminho de casa. Quando foi de tarde, malizende-se, disse:

— Ai, meu Deus! Será possível que eu durma hoje aqui no mato?

No mesmo momento appareceu-lhe um nêgro velho:

— Ah! ah! ah! iôô. Qui é que iôô tá fazeno aqui?

— Ora, meu negro, estou pelejando para sair do mato, desde de manhã. Me perdi e não sei como hade ser para eu acertar com o caminho de casa.

Então o negro velho foi e disse:

— Ah! ah! ah! iôô. Me dá pó p'ra temá pitada...

O caçador deu-lhe uma pitada de tabaco de pó. Depois o negro velho pediu fumo:

Dá cá fumo p'ra nêgro véio mascá...

O caçador deu-lhe um pedaço de fumo. Quando o negro velho acabou de atafulhar os *alforjes* de pó e meter o pedaço de fumo na bôca, perguntou:

— Ah! ah! ah! Tôjê qué saí do mato?

— Ora, meu velho, si quero...

— Antão vai cortá vara...

O homem foi e cortou uma vara bem comprida. Quando chegou, o negro disse:

— Tôlô pega ni pé, que eu pega ni ponta. Fecha ôio e prêta *butão*"...

Isso que aí ficou, cortado com a minúcia dos acalôs, não engana aos mais ingenuos, entretanto a historia não está completa. Falta o fim que de pista os espiritos desavisados para parecer coisa muito seria:

«Assim mesmo o homem fêz. Sairam os dois por ali afôra, parecendo coisa que iam voando. Quando pararam, que o homem abriu os olhos, estava na porta de casa e o negro velho havia desaparecido'.

No outro conto, — duas historias, uma em seguiment — á outra, — *cabôelo*, especialmente depois que appareceram as *linhas nos candomblés e arcumbus*, tanto indica amerindio como negro africano. Supressa a primeira parte, a que se passa no mato e levemente reparada a peca, ver-se-á a "fusão e a confusão" bem claras no *Calunga-ngombe* e no *Calunga-ê*.

Nossas substituições são bem pequentes no original de Silva Campos:

— "o sol já bem alto, chegou". — que fizemos: — O sol na bem alto quando chegou...

— "um cabôelo baixôle: — um negro velho..."

— "chapén de couro desabado". — chapén desabado...

— "depressa o caçador": — depressô um caçador...

— "o cabôelo o caipôra da vespera, o qual": — um calunga seu conhecido que...

— “como prometera”: — e foi se oferecendo...

— “nunca mais atirou em porcos do mato, nem deu”: — nunca mais deu...

Conhecemos também a peça, ou antes, registamo-la também, motivo porque a ajustamos á versão Silva Campos:

FICHA N.º 17. — 1-2. Bahia. — 3. Reconavo. — 4. Santo Amaro. — 5. LINGUA DE BOI. — 6. Conto. — 7. Língua de Boi ou Calunga-ngombe e Calunga-ê. Caçador. — 8. Ferreiro. — 9. Feição creola. — 12. Pederastia. — 23. Pai de santo. — 25. Carneiro. — Nota. Ajustada a versão de Silva Campos.

LINGUA DE BOI

O sol ta bem alto quando chegou á porta da tenda um negro velho entroncado do corpo, com um chapéu desabado sobre os olhos. Foi chegando e dirigindo-se ao ferreiro:

— Bom dia, meu amo. *Você mi concerta aqui este ferrão? Tou cum muita pressa...*

— He! *cabêco, depressa é qui nun pode sê, após nun tem quem toque o fôles. Tor êqui intê o ponto dest'hora sem trabalhã pru via d'isto mesmo.*

Saltou mais que depressa um caçador, que mal'ara logo ser um calunga seu conhecido que se desencantara para vir á casa do ferreiro, e se foi oferecendo:

— *Eu tôco, seu méste.*

— *E tú sabe?*

— *Sempre arranjo um tiquinho. Conto mais qu'isto nun tem sabeça.*

O ferreiro acendeu a forja, mandando o caçador toear o fôle. O homem, então, poz-se a toca-lo devagar, dizendo compassadamente:

— Quem anda no mato
Vê muita coisa...

Depois de algum tempo, o caboclo avançou para ele, empurrou-o brutalmente para uma banda e disse:

— Sai d'á, *qui tã num sabe torá*. Dá cá isto.

Começou a tocar o fôle depressa, dizendo:

— Quem anda no mato,
Qui VÊ muita coisa,
Tãbem cala a hõra,
Tãbem cala a hõra,

O caçador aí foi se escafedendo devagarinho e abriu o chambre. Nunca mais deu com a lingua nos dentes a respeito do que *vira*.

Os afro-negros não confundem esse mito com o da *Caipóra*, nem o mito da *Caipóra* influe nele de algum modo, pois os termos que aparecem nos contos recolhidos por Silva Campos tem significação pejorativa e são facilmente entendidos pelos Bahianos que, neles, encontram o sentido oculto.

A denominação de *Caipóra*, um e noutro casos, não se justificam. O "trasgo do *Quibungo*" também não existe. De *chibungo*, sim. Um simples exame psicoanalítico mostrará que, nas duas peças, se trata apenas de *Calunga-ngombe*, ativo, e *Calunga-ê*, passivo.

Tudo que se refere a esse mito, exceto em se tratando do *Tutá-Gombê*, é sempre escabroso, mas, nas linhas acima, ha uma verdade necessaria de registro: — a reconstituição dos mitos é o trabalho que mais se impõe ao Folklorista Brasileiro.

Calunga-ngombe, *Calunga-ê*, &c., são o mesmo *Corumba*, também afro-negro.

CAPITULO XVI

MANHANGOMBE

(Mãe-de-Boi ou Tutú-Mulher)

Manhi-i-t-ngombe é, literalmente, em abunde, *mãe de boi*, mas esse nome também é dado, no Brasil, á *Rimi-ru-ngombe*, (*Talinum crematum*, Vel. e outras). A lenda angolêsa ouvida no Recôncavo Bahiano explicará a razão por que assim acontece.

Manhangombe é o *Calunga-ngombe* fomenino: — uma velha feiticeira, muito “safada”, também “defeituosa” e “viciada”, porém com a particularidade de “consumir” as moças, d. fazer as creanças se “masturbarem” e sobretudo ser, por sua “triplicidade”, de um “furor” indomável.

Caracterizam-no ainda dois grandes chifres formados por todo o cabelo carapinhado e sem cuído e a *língua de vaca* com que “agrada” os que lhe caem nas unhas.

E’ havida como sendo a maestra da devassidão de todo o genero humano, inclusive dos deuses, por ser ella que desperta o libido nas creanças, a inversão e o fogo genésicos, sendo também hermafrodita, — e d’ái a triplicidade. — motivo porque a chamam de *marido-de-viúvas*.

Atráe lomens, mulheres, donzêlas e creanças para os máos, orde móra, e a todos obriga á perversão e ao gôso, “consumindo” e “mudando” os destinos dos seres. Ninguém resiste á sua ação. Vêto-se num pensamento,

numa imagem, numa objecto, numa creatura e põe a pessoa ao alcance de seu "furo".

Ai do infeliz a quem ella pega!

A vida de *Mãe-de-Boi* é muito simples. — *Nzambi* era menino e, como todos os meninos, queria ser homem. Apareceu-lhe a "tentação" e elle, para que ninguém soubesse que havia provado da "fruta", transformou-se numa pantinha muito linda. Sem se esquecer dos olhinhos e da do corpinho novo da "menina", da carne fez as blusas e, dos seios, os botõesinhos das "lores". A "tentação", *Manhangombe*, logo se encarnou numa velha feiticeira e tomou o nome da planta *Manhangombé*. — (— o certo é *Mirungombe*). -- Quando *Nzambi* foi ver sua encantadora *Poni-rá-ngombe*, dela saiu *Manhangombe*, velha, feia, súja, dois chifres feitos de cabêes, a lingua de vaca, furiosa de "amor". *Nzambi* fugiu horrorizado e *Manhangombe* ficou no mundo, senhora de mundo, eternamente.

Mãe-de-Boi tem milhões de "histerias" diferentes — honestas e desonestas, — na boca das mulheres. E' sempre a que "torra" o namorado, o noivo, o amante, o marido; — a vaca.

As vezes põe os favores no "peito" d'ella: — é *Mãe-de-Boi*. Si ao contrario, — é mesma vaca. Mas si elle applica uma tunda ou cêles se defende a braco ou com as unhas na mão, ou se não se deixa ver, é *Tulú-M'lier* e serve para meter medo a gente de todas as idades. Só a *lingua!*

Fóra disso, o fabulario de *Manhangombe* é um tratado de pornografias, de devassações, de atos repugnantes, de miserias que vão até o gôso com cadaveres.

Para o angolês, como para diversas "nações" afro-negras, tudo isso é naturalíssimo e até necessário, ou, pelo menos ritualístico. Exemplo está na *eu-bandama*, a dormida do esposo sobrevivente com o esposo falecido, podendo mesmo haver a co-habitação.



FIG. 11

Manhangombe, — a "vica" na boca das mulheres. Tomam-na os maridos, os parentes, os noivos, os namorados e até dá nos homens

Adiante, e como ilustração ao capítulo anterior relativo ao sacrifício e a divinização dos totens afro-negros, descreveremos as exequias de um sumo sacerdote do culto-gêgo-iorubano em que não há co-habitação, mas, em que, por fim, *Manhangombe* se encarna na viúva de Akalé.

A lenda de *Rimi-rin-nyombe* nos leva a, penetração um assunto que trataremos no Capítulo XXI, apresentar

Nzambi-a-ngombe como não sendo o totem figurado no *Rancho de Boi* das antigas festas de Natal, Reis, Ano Bom e outras da Capital Bahiana, no *Bumba-meu-Boi* dos sertões de Minas Gerais, Bahia, Piauí, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, &, no *Boi-Bumbam* de Pará, na *Dança do Boi* do vale do São Francisco, &, — autos esses nascidos, creados e crecidos no Brasil.

O *Rancho do Boi*, que já contava mais de meio seculo nas licenças das autoridades policiaes, é o que nos interessa, pois o *Bumba-meu-Boi* está muito bem transcrito por Artur Ramos, seja n' *O Negro Brasileiro*, seja n' *O Folklore Negro do Brasil*.

O *Boi* tinha a cara de pú e o corpo de pau a imitação de um boi laranja e aos mesmo tempo malhado. Ia levado por Pai Francisco e Mãe Catarina que lhe formavam as pernas. Atraz iam trez cavaleiros que figuravam o "dono" e seus vaqueiros, além de curiósos que representavam o "povo" admirado.

Ao som de instrumentos de corda e africanos, pandeiros e flautas de taquara os "curiósos" repetiam o *ê-boi* dos "Vaqueiros" e as ordens do "dono": —

Ê-boi, ê-boi.
 Bumba meu boi.
 Ê-boi, ê-boi.
 Meu boi malhado.
 Ê-boi, ê-boi.
 Meu boi foi laranja.
 Ê-boi, ê-boi.
 Bumba meu boi.
 Ê-boi, ê-boi.

O *Rancho do Boi* era muito comum nos quilombos, e exercicio fugidos e acobitados em quilombos que os

capitães do mato, representados nos dois “vaqueiros”, pegavam e lavavam ao “senhor” que os mandava surrar, — *Lumber*, — diante dos escravos e dos moradores das redondezas.

Enquanto o “dono” lastimava-se, os outros admiravam-se: — *É-boi*. — Oh! é Fulano! O “dono” é “senhor” — “bambem o negro”!

Que semelhança poderia ter o negro com o boi, para ser chamado *laranjo* e *maltado*? Laranjo, pela diferença que a pele apresentava por não estar de continuo exposta ao sol. Maltado, pelas placas muito comuns á pele de alguns negros muito afetados de certas moléstias heparicas. E Boi? Pitágoras já dizia que todas as palavras tem três sentidos... *Nzambi-nyombé* era totem de *claus*... E do *Bumba-meu-Boi*!

Nos sertões, a coisa muda de figura na *Dança do Boi*.

O “cabeleiro” veste-se com uma óle de talas ou de supés, sobre a qual um pano pretado dá a idéa do corpo de um boi, cuja cabeça é uma caveira autenticamente de gálhas grandes e aguçadas.

Gaitas, pandeiros e tambores em cema, o Boi dança e obedece ao “vaqueiro” montado or não que anima o folguedo —

Meu boi tá preso.
Tá sosegado
Lá no currá.

Uma parte do côro responde, avisando: —

Tá na porteira
Pra disguiá.

A outra "atiga com a música": —

O boi dá: —

— E' marruá.

O Boi chibanteia, berra, desobedece o "vaqueiro", atira-se contra os assistentes, espalha-os, persegue-os, machuca-os, mas, geralmente, por isso, é "festejado" a pedradas.

CAPITULO XVII

OS TRÊS MANDÚS

(Tutús Zambê, Cambê e Manê)

Dudús, Tutús e Mandús afro-negros não se confundem, embora permaneça uma grande confusão deles com outros ameríndios no nosso Folk-lore.

Vamos apresentar, — reconstituídos, mais tres *tutús* angolêses, — o que não importa sejam dedicados aos três grandes *orixés* do culto gêge-iorumano, considerada a fusão das religiões afro-negras na Bahia. Um *zambê* ou zambêta, a *Xangô*. Um *cambê* ou cambaio, a *Ifan*. E um *manê* ou manêta a *Obatalá*.

Nas grandes festas que se faziam no terceiro domingo de Dezembro em honra á *Iemanjá* na praia do Fortinho, em Itapagipe, apareciam, até fins do seculo passado, três *mandús* tocando, respectivamente, tabáque, berimbáu de bôca e rucumbo sem que ninguém visse os instrumentos.

Quinze dias de sambas, de possessões de "santos", de comidas afro-negras, de procissões marítimas para os devotos levarem presentes á Mãe-d'Água que morava num palacio encantado, bem no fundo do mar, entre as praias de Paripe e a ponta das Néves da Ilha de Maré.

A exceção dos Malês, todos os negros achavam-se ali, deixando ás moças as cadeirinhas de arruar, as cargas, as *mulas* (carros de quatro rodas) de que usavam as casas comerciais, os guindastes dos táis e dos

trapielies e as vendas avulsas de efó, acarajé e outras iguarias.

Presidia os festejos um preto velho, *aqueji* do culto gêge-iorubano, sumo sacerdote da *Ogboni*, a quem todos os *aquejis-orixús* prestavam obediência e de quem todos recebem ordens e instruções, chamando-o, sempre com as cabeças curvadas, *bábá*, pai.

Morava perto do lugar dos festejos, á rua do Bispo, onde o procuravam grandes e pequenos, ricos e pobres, gente de todas as escalas sociais, — o que lhe deu o grande prestígio de ser obedecido até pelas maiores autoridades.

Anturés foi o "novo nome" que lhe dera a *Ogboni* no início do nos "grandes mysterios", — nome que tornou publico ao entregar-lhe os testinos do culto gêge-iorubano na Bahia, serão mesmo de todo Brasil, pois ainda hoje a velha capital da America Portuguesa é huvida como guarda das tradições religiosas de *Bá-Ayê*.

E assim o humilde *Tio Zuré* passou a iluminado e veneroso *Anturés*, — estrela vermelha do Coração do Escorpião, em cujo signo o sol passa entre 22 de outubro e 23 de novembro.

Era, nessa mudança, a influencia arabe que ainda persistia e dominava nos antigos rituais da *Ogboni*, influencia que desapareceu, pois os "nascidos de novo" no Brasil são, na maioria, iniciados pela curiosidade e pela ignorancia dos segredos dessa ordem secreta afro-negra que agora escolhe individuos letrados em nagô e em inglês por ser a Nigeria possessão britannica.

A validação aí está. Os pais do terreiro de hoje em dia são verdadeiros retratos de três *mandús* angolêses. *Zambêtas*, *cambaio* e *manêtas* nem sabem porque a festa de *Iemanjá*, em vez de se fazer em Novembro, caía, pelo menos a 15 e no máximo a 21 do mez seguinte, sempre no terceiro domingo.

As práticas mudaram-se á proporção que os Africanos, após o 13 de maio de 1888, ou se foram para suas terras ou para as da sepultura. Os que os substituíram fizeram cada dia da semana dedicado a um ou dois *orixás*, imitando assim as devoções católicas e abolindo o uso no primeiro domingo ser dedicado a *Xangô*, o segundo a *Ifan* e o terceiro a *Obatalá*.

FICHA Nº 89. — 1-2. Bahia — 3. Reconavo. — 4. Quinta das Beatas, Capital. — 5. OS TRES MANDÚS. — 6. Conto. — 7. Um pai zarólho. Uma mãe carcunda. Tres filhos, sendo um zambêta, um cambaio e um manêta. 8. Musicos da festa de Iemanjá. — 9. Peição afro-negra primitiva, mas naturalmente arranjada pelos escravos em territorio brasileiro (Bahia) pois os mandús são angolêses e os orixás gôgeiorubanos. — 11. Sim — 12. A praga paterna e o eterno castigo dos deuses aos praguejados. Páís doentes ou aleijados produzem filhos disformes. — 19. Tabús: — Xangô Ifan e Obatalá. Totem: — Iemanjá. — 23. Babala-ô. — 24. Festa de Iemanjá. — 25. S. Carneiro.

OS TRÊS MANDÚS

Um homem zarê se casou com u'a mulher cacunda e, não sei porque, era milonga pra lá e milonga pra cá todos os dias. De uma feita, o marido se aborreceu e soltou um etê:

— Xangô faça que teu filho sáia zambê.

Quando o menino nasceu era zambê. Os dois ficaram muito tristes mas a vida ruim deles dois não mudou. Numa ocasião brigaram muito e o marido soltou novo etê:

— Ifan ha de fazer com que teu filho sáia cambê.

Dito e feito. Quando o menino nasceu era cambê. Os dois se arrependeram muito e juraram que nunca mais haviam de brigar, mas isso não durou muito. Um dia quase se mataram e o marido, chingando a mulher, soprou no orobô um novo etê:

— Obatalá ha de fazer com que teu filho saia manê.

Quando chegou o tempo, o menino nasceu manê. Vendo o castigo dos orixás, o casal, desse dia em diante, começou a viver bem. Os muanas foram crescendo, mas todos foram ficando coricas como o pai.

O mais velho, o que era zambê, aprendeu a tocar ilú. O do meio, o que era cambê, tocava berimbáu. E o mais moço, o que era manê, tocava rucambo.

A família morava num quissacás, longe das vistas do povo, e, por isso, ninguém conhecia os muanas. Havia, porém, um festa grande a Iemanjá e vela haviam de tomar parte todos os que não fossem malês, grandes e pequenos, velhos e moços, machos e fêmeas, aleijados e sãos. Os pais ficaram muito tristes e arrependidos de tanto tempo que perderam em milongas e etés, mas tinham que levar os filhos senão Iemanjá se zangava.

A coisa estava nesse pé quando, no dia da festa, de manhãzinha, um coléque apareceu procurando a dona da casa. Ela veio e ele entregou três sacos de pano branco, cada um tendo um quibando e um pausinho e também um cacête, por dentro de cada saco, pregado em cada quibando.

— Quem mandou?

— Ojá-Xan-Ifan.

A família pulou de alegria porque os orixás queriam que os muanas fossem á festa de Iemanjá, ninguém podendo descobrir os defeitos deles. E cada um dos filhos se vestiu logo com o seu saco. Os quibandos assentaram nas cabeças e os pausinhos ficaram como braços duros atrás das costas. Cada um amarrou os cordões na cintura pre tendo o saco e, com o cacête abaxava e suspendia o quibando. Ninguém podia conhecer eles, nem descobrir que eram defeituosos, pois

os sacos encobriam todo o corpo e não se podia ver nem as pernas e nem os braços.

Quando a festa estava mesmo na queintura, os três apareceram. Aí é que foi gente a correr de medo:

— E' — vem os tutús do mato!

Os musicos, pensando que isso fosse pra se acabar com a função, abriram a toda carreira:

— E' — vem os três mandús!

Até hoje correm com medo, e o povo todo atrás deles, correndo também, grita assombrado:

— E' — vem os três mandús!

ARGUMENTO. Um marido zango e uma mulher corcunda vivem em continua desavença. De uma feita, o marido zanga-se e prazuiça pedindo a Xangô castigue a mulher fazendo com que o filho nasça zambêta. A praga péga, mas o casal não se emenda. Nova praga, agora a Ifan para que o segundo filho nasça cambaio. O desejo é satisfeito. Arrependidos juram se harmonizar. Não resistem e quase se matam. O marido sopra no orobô invocando os poderes de Obatalá para que o terceiro filho seja manêta. O castigo realisa-se, mas os esposos reconciliam-se para sempre. Os filhos crescem e são carções tal como o pai. O zambêta aprende a tocar tebaque; o cambaio, berimbau; e o manêta, rucambo. A família móra numas terras que outrora foram cemitério, longe das vistas do povo. Ninguém conhece os tres filhos do casal. Aproxima-se a festa de Iemanjá e todos os negros, excéto os Malês, tem que lhe render graças, não importa sexo nem idade. Os pais entristecem: — haviam perdido tanto tempo em resingas e pragas para agora todo o mundo as descobrir na festa de Iemanjá. No dia manhã cedo, um molôque aparece á procura da dona da casa. Entrega-lhe três sacos de pano branco, cada um com um quibando e um pausinho, além de um cacete por dentro de cada saco, pregado em cada quibando. — Quem mandou? — pergunta a corcunda. — Obá-Xan-Ifan, — foi a resposta. A família alegra-se com o presente dos orixás que encobre os defectos dos rapazes na festa de Iemanjá. A festa vai em meio quando elles apparecem occultos nessas fantasias. O povo dispersa-se gritando — Os tutús do mato! — Os musicos, também: — Os três mandús. — E até agora todos correm assombrados: — Os três mandús!

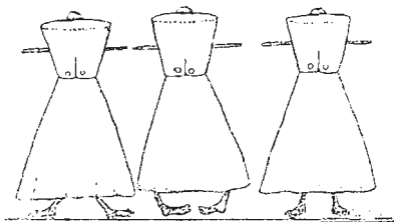


FIG. 12

Os três Mandús: — zambê, cambê e manê

Os *mandús*, que então apareciam somente nas festas do Fortinho de Itapagipe, na Bahia, passaram, isolados, aos dois, aos três e aos grupos a participar dos bancos anunciadores de todas as festas de Igreja e, por fim, do Carnaval.

O *Tutú-Zambê* angolês confundiu-se com o *Tutú-Zerê* congolês, tomando este o nome d'aquelle, e esse um "igual" a outro muito diferente.

O *Tutú-Cambê* confundiu-se com o *Tutú-Zambê*, ambos angolêses, embora se lhe emprestem atributos do *Tutú-Zerê* congolês.

E' muito fácil a distincão entre zambêta e cambêta.

O *Tutú-Manê* não escapa da confusão. Serve, ou como *Tutú-Manê*, ou simplesmente *Manê*, — atoleimado, moleirão, — para illudir, como os outros, os que os consideram sinonimos e iguaes.

Esses três *tutús* angolêses que registamos acima são *manóús*, fantasmas em quimbundo. Nada justifica sua familiarização com o étimo *nzumbi*, espectro, fantasma, cuendo, na mesma lingua, pelo fato de haver o *Tutú-Zambê*. Mesmo que o Termo *zumbê* não fosse Brasileiro, *Zumbi* é um fantasma permanente e *Zambê* um fantasma simulado ou acidental.

CAPITULO XVIII

TUTÚ-ZERÊ

(Tutú Lagartixa ou Tutú-Quiba)

Vamos conhecer *Tutú-Zerê*, que é bem diferente de quantos *dudás*, *tutús* e *mandús* temos trazido á reconstrução.

As pernas grossas de escaravêlho correspondem uma cabeça nua de lagartixa. Não é propriamente zanga, mas tem um olho fixo e pequeno e o outro grande e bulhoso (Pobre Saei!... Mais um para desmoralizá-lo). A lingua cabeluda parece mais rabo de cavalo. Não tem dentes: — as gengivas são navilhas. Por ter a pele bem estirada é quiba, tal a gordura dele. Parece zambêta, mas é o peso do corpo que faz curvar as pernas, andando. Por isso o confundem com o *Tutú-Zambê*, mas ele é congôês e, como os de Angola e todos da África, vem com os negros, o bicho-de-pé, a cachumbá e outras coisas boas e más.

As diferenças são flagrantes nos escaravêlhos-mitos congôeses. *Olibamba*, imortal como outr'ora foram alguns do Egito, é perfeito de lórras, podendo ser cyclope, transmudar-se em ciclame, em enca e em homem. *Tutú-Zerê* é a deformidade na familia dos coleópteros: sua historia está no fisico e no castigo de não papar creança alguma.

FIGURA N.º 34. — 1.-2. Bahia. — 3. Reconcavo. — 4. São João da Plataforma, Capital. — 5. TUTÚ-ZERÊ, ou Tutú-Lagartixa, Tutú-Quiba. — 6. Dormideira. — 7-8.

Tutú-Zerê, a Dormideira e a Criança. — 9. Feição afro-negra perfeita. — 12. Cúca. — 23. Dormideira. — 25. S. Carneiro.

TUTÚ-ZERÊ.

Na hora de nenen dormir, se fazia tudo e nenen de olho arregalado. Um dia, quando menos se esperava, appareceu um bichão quiba, — o corpo de besouro, a cabeça pelada, de catende, com um oíão "fixe" e o



FIG. 13

Tutú-Zerê, conguês, que descompõe as "dormideiras" quando não o deixam papar as crianças

outro bulioso como quê, — uma linguona "cabeludona", parecendo rabo de cavalo, entrando e saindo da bôca sem dentes, mas tendo duas navalhas em vez das gengivas.

— Não me chamou? Tou êqui.

Tutú Zerê, era o nome do bicho, sungava e repetia :

— Não me chamou? *Tô, équi.*

A dormideira viu que aquilo era buanca de tutú gaitento e foi dizendo pra ele ouvir, mas toda se falando de medo:

— Ué! Ué de hoje que venezim tã dormindo.

Tutú-Zerê apertou o olho pequeno e arregalou o olho grandão e toca pra andar no quarto, pra lá pra cá. Aí a dormideira viu que ele andava zambê por causa do pêso do corpo e ficou com medo. Aquelle "corpallão" em cima dum pobre vivente... Depois, ella tornou coragron, virou nenezim com a cara pra pa rede, pro bicho não ver, e começou a cantar:

Cafióte de mulambu
Curiá xoxô-muxinga.
Iuê, iuê.

O bicho era gombo, mas se enganou pensando que nenezim *tava* dormindo. Aí elle chingou a dormideira:

Cocá queréquerê,
Bambaquerê.
Iuê, iuê.

E foi saindo pela janel'a afóra, repetindo a musica. A "dormideira" era camba de nenezim e foi tarabá cantando até ella dormir:

Tutú-Zerê,
Cafióte de mulambu
Curiá xoxô-muxinga.
Iuê, iuê.

O primeiro sainete diz: — Baú velho de mulambes come beijos de chicóte. O segundo: — Galinha d'Angóia, escaudalosa, desordeira.

CAPÍTULO XIX
TUTÚ-MORINGA

(Bicho-do-Mato ou Tutú-Roncador)

Estantos deante de mais um papão angolês, isto é, de mais um *tutú* afro-negro que se despe dos ferrapos que os Polt-loristas lhe deram e vem ri-se da confusão que se estabeleceu na Mítica Brasileira.

Esse tem a história, ou antes, fez do Brasil o teatro de sua história de Angóla. Anda a procura dos filhos que os Portuguezes roubaram e trouxeram para cá. Não tendo pouso certo, móra nos matos, d'aí o ser *Bicho do Mato*. É velho e tem o corpo de moringa. Parece um bêbedo quando caminha. E, por sua fala semelhante ao ruído que faz a agua ao sair pelo gargalo dessa bilha, se diz que ronca. Supondo ser os filhos que procura, furta as creanças e foge para o mato sem que se o alcance. Vendo-se logrado, vingua-se: — esmagalha-as com as unhas que não corta e come-as sem deixar nem os óssos.

O *ronco* do *Tutú-Moringa* bastou para que Vale Cabral, sem o eitar, fizesse os *tutús* da Bahia “corporificados” no caitetú, — grossa e deslavada mentira, — como si *roncar* não fôsse de aplicação muito láta em nossa Linguagem: — roncam o mar, o trovão, a cachoeira, o que dorme, o atacado do coração, enfim, *roncar* é resonar, rugir, bravatear e tantas coisas mais até mentir “com autoridade”...

Tutú-Moringa é um grito de angustia de uma raça escravizada, uma página que se desgarra de seu sub-cielo dos *tutús* para o céu de Pai João, pois tanto pode ser considerado em Angola como no Brasil.

FICHA N.º 49 — 1.-2. Bahia. — 3. Reconavo. — 4. Praia Grande, Ilha de Maré, Capital. — 5. TUTÚ-MORINGA. — 6. Dormideira. — 7. Tutú-Moringa, Bicho-do-Mato ou Tutú-Roncador. — 8. Criança. — 10. Feição afro-brasileira. — 12. Cúca. — 23| Dormideira. — 24. Família. — 25. S. Carneiro.



FIG. 14

Tutú-Moringa correndo á toda pressa em busca do viciro em que seus filhos foram embarcados

TUTU'-MORINGA.

Ninguém sabe onde Tutú nasceu nem de que terras veio, mas o b'savô de seu avô dizia que ele mora lá nos matos e que sempre andou á procura dos filhinhos que foram roubados e trazidos para aqui.

Tambem a tataravó de sua avó, que era uma sabichona e até fazia versos, contava que todas as noites Tutú, com o corpo de moringa, andava de casa em casa roubando os meninos que não dormiam, pois as falas das crianças se parecem todas com as dos filhinhos dele. E assim Tutú-Moringa comeu gente que não foi brinquedo e meteu medo que não foi graça.

Os antigos sabiam da historia e se recolhiam cedo pra não serem comidos tambem, pois, pelo tempo, os filhos de Tutú-Moringa já deviam estar velhos e barbados, mas ele, na affição de achar os filhos, pensava que ainda fossem pequeninhos como no dia em que foram roubados.

De uma festa, — e esta foi a primeira dele, — ia passando por uma rua quando viu. . . Eu não me lembro bem si o menino estava chorando ou si falando, mas o caso é que ele descobriu que havia menino acordado áquella hora. Entrou de supetão, roucando e andando pra lá e pra cá, jogando com o corpo, parecendo bebado. E, quando menos se esperou, ele — *zap!* — carregou o menino e deu nos pés num carrão doído, ladeira abaixo e ladeira acima que ninguem viu mais fumaça de Tutú-Moringa.

O menino berrou a noite inteira, no escuro, dentro dos matos, com medo do malvado que só estava aliando *ele* e pensando que era um dos filhinhos roubados. Quando o dia clareou e Tutú viu que tinha se enganado. . . Hum! Meteu os zunhão, estragou o menino todo e comeu *ele* sem deixar nem os ossos.

· Desse dia em diante, é achar menino acordado de noite, já sabe: — pega e leva pra comer.

Deus me livre que ele enegue aqui em casa.

— Vamos dormir, filhinho, pra Tutú-Moringa não lhe pegar.

Vá-s'embora, Tutú-Moringa,
 A' toda pressa,
 Pela restinga.
 Corra, corra, vá ligeiro,
 Tutú-Moringa,
 A' toda pressa.
 Seus filhinhos vão agora
 Embarcados numa veleiro.
 Vá-s'embóra,
 Seja paróla.

Talvez Tutú-Moringa não tenha mais razão de ser. Seu Mito se enquadra bem no Círculo de Pai João, nos trezentos e quô anos de dispersão de pais, filhos, parentes, amigos, mundo em fora de seus lares e de suas selvas, rumo do desconhecido, pelo Atlântico, até as terras e as florestas ainda virgens da América Portuguesa.

CAPITULO XX

QUIBUNGO

(Bicho-Mongongo ou Bôca-nas-costas)

Nina Rodrigues, apresentador do *Quibungo*, o descreve assim: — ... “um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e também um grande buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando se levanta. Come os meninos, abaixando a cabeça, abrindo o buraco e jogando dentro as crianças”.

Não encontramos *Quibungo* “meio homem, nem meio animal”, nem com a particularidade de ter “a cabeça muito grande”. Certo que a idéa de Lobis-homen Afronegro não dominou naquela descripção, mas a caricatura mal feita pelo acalô que fêz crear, em torno do mito, “pontos fracos” que tem dado causa a análises um tanto “esquerdas” por parte de alguns de nossos Folkloristas que, de uns tempos para cá, andam a ver, por conta própria e sem logica, *influências do Quibungo* em quasi toda a Mítica Brasileira entre Pernambuco e Rio de Janeiro, inclusive Minas Gerais.

Aviões de novidade, de confusões, de mistificações, de transfusões, &c., esses Folkloristas, que tem feito do *Sac Pereré* a figura principal da avarquia reinante em nosso Fabulario, estão lhe querendo dar um emulo no *Quibungo*, para o que nada analisam, nem indagam, mas “decretam”, como si a verdade um dia não os desmoralizasse.

Quibungu é mito angolês. Nos contos coligidos por Nina Rodrigues, a feição iorubana é dominante. O iorubano, por motivos que já temos exposto, nunca viu bem o angolês. *Quibungu* foi justamente o termo que serviu aos Nagôs para, descrevendo o seu *totem*, o rino-caroute, — *mungo*, — feito, na Língua Geral Africana, *Quimungo* e logo chamado *Quibungu*, — humilha-rem, por todos os meios, todos os bantos, especialmente aqueles que tinham o *Quibungu*, — lóbo, — por *totem*. D'aí se poderá concluir a necessidade de se investigar todo o Fabulario do *Quibungu* que tanto tem empolgado a Mitica Brasileira.

O QUIBUNDO E O HOMEM

(Nina Rodrigues)

"Foi um dia um homem que tinha tres filhos: saiu de casa para o trabalho, deixando os tres filhos e a mulher. Então apparece o quibungo, que, chegando á porta da casa, perguntou cantando:

De quem é esta casa,
 Auê,
 Como gerê, como gerê,
 Como era?

A mulher respondeu:

A casa é do meu marido,
 Auê...
 Como gerê, como gerê,
 Como erá?

Fez a mesma pergunta em relação aos filhos e ella respondeu que eram dela. Elle então disse:

Então quero come-los
 Auê,

Ella respondeu:

Pode come-los embora,
Auê...

E ele comeu todos tres, jogando-os no buraco das costas. Depois perguntou de quem era a mulher, e a mulher respondeu que era de seu marido. O quibungo resolveu come-la tambem; mas, quando ia jogá-la no buraco, entrou o marido, armado de uma espingarda, de que o quibungo tem muito medo. Aterrado, o quibungo correu para o centro da casa, para sair pela porta do fundo; mas, não a achando, porque as casas dos negros só tem uma porta, cantou:

Arrengo desta casa,
Auê,
Que tem uma porta só,
Auê,
Como gerê, como gerê,
Como crá.

O homem entrou, atirou no quibungo, matou-o e tirou os filhinhos pelo buraco das costas.

O *Quibungo*, o da barriga no espinhaço está muito bem caracterizado nesse conto, mas o "tiro" é brasileiro e a morte do bicho vem do olio velho dos Nagôs.

O QUIBUNGO E A CACHORRA

(Nina Rodrigues)

Foi um dia uma cachorra, enjos filhinhos, todas as vezes que elle paria, eram comidos pela Quibungo. Então, para poder evitar os novos filhinhos do Quibungo, que queria come-los, meteu-os num buraco e ficou sentada em cima, vestida com uma saia e um colar no pescoço. Chegou o Quibungo e vendo a cachorra assim vestida, a reconheceu e teve de aproximar-se. Então, passando o lagado, elle perguntou-lhe:

Otavi, otavi, longozóé
Lá ponô éfan
L'ré ponderém m,

Hotô rô men i cós
Assenta ni ananá ogan
Né sô arorô a é nuxa?

O kagado respondeu:

— Não sei, quibungo.

Passou a raposa. Quibungo fêz a mesma pergunta, e a raposa respondeu que não sabia. Passou, então, o coelho, e o quibungo fez-lhe ainda a pergunta. Foi quando este disse:

— Ora, quibungo, você não conhece a cachorra vestida de sãia, com o colar no pescoço?

Aí o quibungo correu atrás da cachorra para matá-la, e esta atrás do coelho. Nesta carreira, entraram pela cidade. Os homens mataram o quibungo e a cachorra matou o coelho.

Quibungo é ai o lobo, quibungo lobo, — *quibungo* em quibungo. — e não o elope, o da boca nas costas. Substituindo-se esse *quibungo* pela nossa onça, vê-se que não se trata do descrito pelo próprio Nina Rodrigues, mesmo mantido todo aquele enigma da pergunta, no qual Nina apenas conseguia identificar *longozó*, corruêla de *laposé*, tartaruga e *ajru*, senhor. — o que prova ter sido a peça colhida, não em boca de africanos, mas de europeus, como o grande mestre mesmo afirmou.

O QUIBUNGO E O FILHO JANJÃO

(Basilio de Magalhães)

Era uma vez um quibungo que casou com uma negra, da qual teve uma porção de filhos. Mas ele comia todos os filhos. O último, que nasceu, a mulher escondeu num buraco para que o quibungo não o comesse. Tinha o nome de Janjão, e a mãe recomendou muito a ele que, quando o pai chegasse do mato e chamasse por ele, falando em voz muito grossa, ele não saísse do buraco. Que ela quando o chamava, para lhe dar comida, sempre falava com a voz fina de mulher, que ele bem conhecia. Ora um dia, em que o quibungo não achou bicho nem-tua para comer no mato, veio menino para papai na cidade, onde às vezes andava de noite,

voltou muito fraco para casa, onde não havia outra carne senão do filho, que estava escondido. Então falando com voz fina, pela fraqueza, cantou:

Toma lá curiá, meu filho!
Toma lá curiá, meu filho!

Janjão, pensando que era a mãe, que voltava da cidade e lhe trazia a comida de que ele tanto gostava, saiu do buraco e o quibungo o agarrou, para come-lo. O pobresinho Janjão, chorando, cantava:

Minha mãe sempre me dizia
Que o quibungo me comeria...
Minha mãe sempre me dizia
Que o quibungo me comeria...

E o quibungo comeu o ultimo filho e a mulher morreu de desgosto. E por isso é que o quibungo não tem mais mulher nem filhos".

Aí não se trata nem do *Quibungo* da boca nas costas nem mesmo do lébo angolês, mas "só, tão só e somente" do *Negro Velho* de Minas Gerais. O fao o do acalô ter e a auglo *Quibungo* não contradiz essas palavras: — Rey foi chamado a aguia de Haya, a aguia do Parlamento, a aguia de Academia. O *Negro Velho* tem attributos semelhantes ou iguais aos de algumas acepções do termo *quibungo* que, felizmente, o proprio Basílio de Magalhães cita:

— Vejamos, porem, o que é "kibungo". Diz Nina Rodrigues, alem da descripção que ouviu do narrador dos dois contos: — "*Kibungo*" é termo de muito emprego e muito conhecido na população bahiana, mas de variadissima acção. Para uns, é *kibungo*, é o diabo ou um feiticeiro; para outros, designa todo individuo desasaeiado, maltrapilho; para alguns é uma especie de animal selvagem; finalmente, é para muitos um ser estranho, especie de lobisomen, ou coisa equivalente".

Temos falado muito sobre *Quibungo* e ainda havemos de tratar dele paginas adiante, mas no Folk-lore, ele só poderá aparecer de duas maneiras: — ou sempre giganteco ou ciclotico, com a boca nas costas, ou como lóbo. Fora disso é comparação, atribuição, dedução, &c. Pelas proprias palavras de Nina Rodrigues se chega a conclusão de haver, na Linguagem Popular Bahiana, *quibungo* substantivo e *quibungo* adjetivo, ambos envolvendo a accepção de *chibungu*. O primeiro, necessariamente, limitado ás accepções proprias do termo africano e ao sentido tomado que lhe deu o contato com a sociedade. O segundo, puramente brasileiro, sinónimo de um grande numero de termos pornograficos, escabrosos e vulgares na arte de descompor, de criticar, de menosprezar e de aborrecer os nossos semelhantes e os proprios animais.

Ainda Basilio de Magalhães continua:

— Conforme ouvi o sr. J. da Silva Campos, no Recôncavo da Bahia o "kibungo" é um macacão todo peludo que come crianças" e que o preto, quando muito velho, "vira *kibungo*".

E' o caso: — Quem ler essas palavras, pega mesmo no rabo da macaca: Silva Campos disse a verdade, mas falou na Linguagem Popular Bahiana: — *Macacão*, animal grande e disforme, mesmo o homem; — *Quibungo*, bicho. Esse meu capreço de vocabulos deu lugar, alem de outros, a muitos erros na analise e no estudo desse mito por parte de homens bem ilustres como o proprio Basilio de Magalhães, a quem o *Quibungo* obrigou a redigir estas palavras que mostram a confusão e ao mesmo tempo, de certo dela, a luz de seu espirito brilhante que, por nossa sorte, faremos grãfada:

— "Pondo á banda as accepções populares degeneradas, evidentemente de sentido translató, tenho para mim que o "kibungo" é o cape-lobo africano, ou melhor, um lobishomem

afro-brasilico, até que se lhe descubra genuíno tronco africano. Considere-o, portanto, até mais ver, como um mito secundario e composto, formado pelos negros do Brasil”.

Quibungo, substantivo, tem, no Recôncavo Bahiano, a mesma acceção que lhe davam os negros angolenses: — o lobo da boca nas costas, o lobo comum, os insetos que a'vrem covas nos frutos e devoram outros que as occupam (*macizi-quibungo* e, por extensão *pitanga-quibungu*, *araçá-quibungo*) e todos os furões ou bróças de frutos, raizes, troncos, madeira, &c. que neles fazem bôças infumecentas.

Quanto a *capelobo*,... não fazemos essas palavras de Artur Ramos: — ... “a avaliar-se pelos contos populares colhidos por Nina Rodrigues e Silva Campos... Metade homem, metade animal, o *Kibungo* afro-brasileiro pode equiparar-se á vasta serie dos lobis-homens da crendice universal”

Passemos a investigar o *Quibungo* nos contos colhidos por Silva Campos no Recôncavo Bahiano.

No afan da reconstituição dos Mitos Brasileiros não nos vejamos os curtos de intelligencia como um destruidor da obra valtuosa de Silva Campos, nosso amigo e um dos mais belos e modestos talentos de quantos foram nossos condiscipulos na Escola Politecnica.

Ele mesmo diz, referindo-se aos contos de sua coletanea: — “Collhi-os todos, directamente, da versão popular; e quase todos em muy restrita area do Recôncavo da Bahia, região em que se encontra ainda inexplorada, in calculavel riqueza folk-lorica: tradições historicas, contos, lendas, cantares, crendices e usancas”.

“Quanto me foi possível, reproduzi com fidelidade o linguajar do povo, copiando, muitas vezes, cacofonias, corrutelas e solecismos”.

“Não cogitei da difícil tarefa de classificar, pe'o criterio de origem, a materia deste livro. Isso caberia a um erudito.”

Como se vê, Silva Campos oferece o material recolhido ao exame dos que se dedicam ao estudo de Linguagem Popular e do Folk-lore, tornando-o assim cabedal e propriedade de quem o classifique, sem que se ja qual fôr a analyse, fique diminuido o seu esforço, mas focalizado o seu empenho em renovar-se a fonte que a Ciencia e a Arte do Folk-lore Brasileiro estão pedindo.

Sobre esses contos, fabulas, &c., Basilio de Magalhães escreveu uma obra notavel de erudição e de vida. — *O Folk-lore no Brasil*, — “inventario” sincero de tudo sobre a Mitica Brasileira, paginas brilhantissimas que honram a nossa cultura e que se leem com entusiasmo e satisfação.

Basilio de Magalhães, porem, respigando idéas antiquadas e creando novas, fecunda a velha tése dos Folk-loristas que, sem contato com os meios afro-negros do Recôncavo Bahiano, nunca se deram ao trabalho da reconstituição dos Mitos Brasileiros:

— “E nada mais explicavel do que assimilarem os africanos e os seus immediatos descendentes muitas das lendas que ouviram no novo *habitat*, repetindo-as e deturpando-as depois com a troca das figuras originaes pelas das historietas que lhes acalentaram a infancia no berço longinquo ou mesmo já no torrão brasileiro, ou intercalando episodios de umas nas outras, se não superfetando-as com o entressachamento de termos e estribillos dos seus rudes idiomas e e das suas embrionarias cantigas”.

A obra de Basilio de Magalhães é scientifica: — assenta sobre o que era conhecido e o que ele dava a conhecer publicando a coletanea Silva Campos. A nossa tambem é, mas busca um ramo diferente: visa a re-

constituição dos Mitos Brasileiros, para o que traz "elementos básicos" ao Estudo do Folk-lore. Não ha por onde se veja diminuição quando é a Ciencia que interveem, quando é o investigador que, trazendo material novo, analisa, compara, confronta e estabelece os caminhos para se acharem as diretrizes perdidas ou intenta a recomposição ou a reconstituição do que se esfacelou, se dividiu, se desmorteou, ou se decompoz.

Assim, fechemos este paragrafo com palavras de Basilio de Magalhães: *A Bahia*, — ... não podia deixar de fornecer opima contribuição ao nosso novelario tradicional.

A Aranha Caraquejeira e o Quibungo (Silva Campos).

Peça de incorporação de muitas "historias" ou de episodios delas. O kagado e as frntas. O kagado que foi á festa do céu. A mulher comadre da onça. A juriti... A caipórn amarrado os que não lho dão fumo. O e' fante salvo pelas formigas. O amigo-folhagem. Isso sem muito exame.

Apenas o *Quibungo* e a *Aranha* são, possivelmente, os unicos remanescentes da versão primitiva: — a Aranha chega a se parecer com o Veádo. (ciclope), e o *Quibungo* tem a boca nas costas. Isso tambem de relance.

O conto, si apresentasse feição afro-ugra apreciavel, seria a historia figurada de diversos povos que tivessem por totens os animais nele referidos.

O fato da Aranha enlinhar o *Quibungo* mostra que não se trata do *Quibungo* angolês, não havendo assim rasão para apparecer a boca nas costas. Esse *mungo* ou *bungo* é o iornbano, — o rinoceronte. — sempre caçado, amarrado pelos nêgros e levado em grandes festas para o meio dos terreiros, — antigo *totem* dos Nágôs que aportaram ao Brasil como escravos.

O Quibungo e o Merino do Saco de Penas (Silva Campos).

Esse *Quibungo* não é o lobo, nem o ciclope, mas ainda o rinoceronte iorubano, — o *Quimungo*. Os Gôges e os Nágôs guardam as penas de aves mais vivas das caudas e das asas de certas aves com as quais fazem *ulapôs* e *ecô-dês*, isto é, defensores e talismans. No Brasil, as araras, os papagaios, os periquitos e as cutúbas, substitutos de espécies congeneres africanas, dão essas penas, — *ecô-di-clê*, — que tem mais preço nos meios fetichistas do que as proprias aves. Da mesma coictavea Silva Campos, *A Pena do Tutunguê* é de feição gôge-iorubana e descreve o caso. A armadilha em que o bicho cã é igual a que se faz na Nigéria para a caça ao rinoceronte.

Esse conto é, pois, mais um do *Quimungo* e não do *Quibungo*.

A MENINA E O QUIBUNGO

(Silva Campos)

No tempo do Quibungo, menino não podia sair à noite sosinho. O quibungo andava ao redor das casas, gemendo: — hum hum! hum! Quando encontrava alguma menina, pegava para comer.

Havia uma mulher que tinha um filha. A menina gostava muito de sair todas as noites para andar abaixo e acima, pelas casas dos parentes e dos vizinhos. A mãe dela sempre dizia:

— Minha filha, não saia de casa de noite, que o quibungo *the* pega e *the* come!...

Porem a pequena, que era muito teimosa e malouvida, não se importava. Até que uma noite o quibungo agarrou-a, botou-a nas costas, levantou-a para comer. A menina pegou a cantar:

— Minha mãesinha,
Quibungo tererê,
Do meu coração,
Quibungo tererê,

Acudi-me depressa,
 Quibungo tererê,
 Quibungo quer me comer.

A mãe da menina respondeu:

Eu bem te dizia,
 Quibungo tererê,
 Que não andasse de noite,
 Quibungo tererê.

Ouvindo isso, ela chamou pelos demais da casa; mas ninguém quiz ouvi-la, respondendo todos da mesma maneira. Lá se foi a pobrezinha chorando, nas costas do quibungo. Passou pela casa dos outros parentes e nem um veio tomá-la das mãos do quibungo. Foi quando a avó viu aquela algariza do povo, correndo e gritando:

— O quibungo carregou fulana... E vem ele com fulana nas costas...

Aí a velha correu mais que depressa, botou um tacho d'água no fogo para ferver (e meteu um espeto nas brasas). Quando foi chegando perto da casa da avó, a menina foi cantando:

Minha avósinha, etc.

Respondem a avó como os demais parentes haviam respondido. O quibungo, então, foi passando muito satisfeito. A velha agarrou o tacho d'água fervendo, saiu atrás dele e zis, — sacudiu-lho nas canelas. O quibungo deu um pino muito grande atirando a menina no chão. (Foi quando a velha deu de mão no espeto, que estava crívelho em brasa e enfiou-lho no pescoço, matando o). Tomou a neta para si e nunca mais deixou que ela fosse em casa dos pais. Também a menina não quiz mais sair de noite para andar abaixo e acima.

Suprêssas, nesse conto, as partes entre parênteses, tem-se uma das melhores peças sobre o Quibungo, embora que ela seja paralela a *O Bicho Porque*, versão de Minas Gerais colhida por Lindolfo Gomes e, em parte, a *O Macacão do Mato Grosso*, da coletânea Silva Campos.

O *Macacão do Mato Grosso* pode ser a figura do Angolês, ao qual deram os Nagôs todos os atributos máus do *Quibungo* e de transformação em simio, atributos esses que os Bahianos transferiram também a todos os afro-negros de idade avançada.

O Bicho Cumunjarim (Silva Campos).

O conto é uma salada de dois mitos, ou antes, é o *Cumunjarim* vestido n' *O Quibungo* e o *Homem* registado por Nina Rodrigues.

Cumunjarim é simplesmente o *mukua-kiria*, o comedor, o comilão, o papão, o bicho papão em chinlungue que se tornou em *Cumuquirim*, *Cumunjarim*, a boca do povo dos *candomblés*.

É um mito diferente do *Tatú-Gombê*, embora este confundido por ser apresentado às creanças como *Cumunjarim-Gombê*, nome que aliás se pode ver nos cainêtes collidos por Silva Campos:

Cumunjarim.

Cumunjarim gombê, hum.

Cumunjarim-gombê, ou simplesmente *Cumunjarim*, é o Bicho-Boi. O prefixo *mukua* indica, nesse caso, animal. *Kiria*, justifica a função: — comedor, papão. *Gombê*, por *gombê*, diz o animal: — boi.

É um enea. De *Quibungo* da bôca nas costas e de *Quibungo*, lobo, nada tem.

O conto necessita ser expurgado da roupa alheia.

O Bicho-Homem (Silva Campos).

Comparados *O Quibungo* e o *Homem*, registado por Nina Rodrigues, *O Bicho Cumunjarim*, coligado por Silva Campos, e *O Bicho-Homem*, também de sua coleta, vê-se que o esqueleto é o mesmo, ou antes, a mesma historia mudados apenas os personagens principais. Vorem vestidos "irmãmente".

Basilio de Magalhães diz que este e mais quatro que classificou, com outros, entre os *contos de metamorfose*. — “são de origem européa, transformados apenas pelos mestres da Bahia, mais na verbalidade do que na ideação”.

Sobretudo ilógica a posição imposta à peça folk-lórica em apêço, o *Bicho-Homem* é, legitimamente, um Mito Afro-negro: — o mesmo *mukua-kiria* que deu o *Umunguirim* ou *Cumujarim* de que já falamos. (Vide também a *Lenda do Bicho Homem*, Cap. XIV.)

No caso — o agente, — *mukua*, — em vez de se, original, é homem, pessoa, — *kiria*, — comedor, papão: — *Bicho-Homem*, o homem papão, o *Bicho-Homem*.

Titi-Mauê (Silva Campos).

Titi-Mauê, de *Quibungu femca*, nada tem. De *Lobis-homen femca*, nada. De africano, também nada. O corpo é o “leirinho européa. Como a arádua em que se diz “ser tatá, andar como tatá, com o corpo de tatá, mas com a peninha no rabo”. — esse erro vem com certeza pela engabelar e um título que é apenas correção de *Tou Maruá*, Mito Ameríndio com o qual nenhuma ligação tem.

Que dirão agora os “empresarios” do *Saci-Pererê* que também já mascaravam outros mitos para apresentá-los como o *Quibungu* da bôca nas costas?

O *Negro Velho* com o *toma lá curiá, meu filho*, não passa de um *chibungo*. Buraco nas costas, não tinha. O filho morava num buraco da casa... Nem o *Quibungu* quiz o *Negro Velho* para servir de *curiá*, — alimento em quimbando.

A *Aranha Caranquejeira*, mesmo metida num couro de vaca, não surrou o *Quibungu* angolês, mas o *to-tem* nagô, o rinoceronte, *Quimungô*.

O *Menino do Saco de Peças* deu um *alabô*, ou antes, um *coô-di-dê* a cada um dos falsificadores do *Quibungo* para terem mais sorte e não caírem nas armadilhas que pegam inocerentes *anagos*, na Nigéria.

O *Bicho Cuntajatom*, passando por lóbo sendo Boi, fez muito que fazer ao "quengô" de velhos-creanças que os papões ameaçam levar para cima dos telhados.

O *Bicho-Homem* arrancará a pescaria para, com voz de falsôte, acabar com a turma dos "atuadores" do *Quibungo* angolês: — Este é *Quimungo*: — foi enrolado pela Aranha do tamanho dum *Vendo*. Outra vez *Quibungo*: — o sáco do *Quibungo* ficou em mãos do *Menino*. Nós dois, — *Mukua-kirin*, — temos o mesmo nome, mas ele tem sobrenome, *gombi* para se saber que é Boi. Afro-nêgros verdadeiros somos esses três. *Negro Velho*, por ser *chibungo*, está empregado para meter, no *cabungo* do *Quibungo*, o *Lohê-bomem*, *Titi Marac*, a *Caipara*, o *Saco-Pererê*, o *Morcego do Mulo Grosso* e a *Mula-sem-Cabeça*. Nos *cantumbiês* e *munumbas*, os "caboclos" não querem mais ver essa cantabula "chimbungueira" na *língua* do *Quibungo*."

Em resumo: — Todo o *Folk-lore* do verdadeiro *Quibungo* reduz-se a tres unicas peças, muito embora haja, em todas três, "pontos fractos" necessários de correção ou de supressão.

O *Quibungo*, lóbo sem a bôca nas costas, vive exclusivamente n' *O Quibungo e a Cachorra*, conto coligido por Nina Rodrigues.

O *Quibungo*, Mito angolês, apparece unicamente em *O Quibungo e o Homem*, tambem exposto por Nina Rodrigues, em *A Menina e o Quibungo*, de coletanea Silva Campos.

A Mítica Afro-negra não é obra rúde como se assoálha, n'a é de todo perdida ou transfundida no Brasil como se ouve e se lê por toda parte. Ha muita coisa a servir de exame e de admiração aos Folk-locistas colhida e possível de colher entre os pa's-de-santo, mães-de-santo, *itês, iocês, oguns* e frequentadores de *canaomblés* do Recôncavo Bahiano, seja em pegas de feição sudanêsa, seja em de feição banta, alem de muitas de feição arabe-afro-negra e de feição brasil-afro-negra.

Certo que em Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Estado do Rio de Janeiro muito se encontrará ainda a pesquisar e trazer como elementos mais ou menos para estudo, diferentes ou em versões outras dos coletados e possíveis de colêta no territorio de em torno á velha Soterópolis, outr'ora capital da America Portuguesa e a mais antiga cidade do Continente.

Virão certamente, dessas fontes preciosas do Brasil Colonial, uns tantos Mitos ainda ocultos ou esquecidos, registrar-se-ão novas pegas que esclarecerão "pontos vagos" dos já conhecidos, destruir-se-ão muitas ilusões que se tornaram em sentença e, dentre os contos bantos, aparecerão alguns sobre o *Quibungo*, e mais dos que iremos apresentar para que se conheça melhor o antigo *totem* de Angôla.

FICHA N.º 27. — 1.-2. Bahia. — 3. Recôncavo. — 4. São Caetano, Capital. — 5. QUIBUNGO NA FESTA DA ARANHIA. — 6. Conto. — 7. Quibungo (lôbo). — 8. Quiansi (aranha). Quilangrilo (grilo). Calanga (lagartixa). Quiajapá (tartaruga). Oca (lebre). - - 9. Feição afro-negra primitiva. — 11. Sio. — 12. O poder do mais forte. — 16. Quibungo. — 19. Lobo, Aranha, Grilo, Lagartixa, Tartaruga e Lebre. - 20. Mãe-de-santo. — 24. Festa de Ogun. — 25. S. CARREIRO.

QUIBUNGO NA FESTA DA ARANIA

Quiausi deu uma festa grande e convidou os bichos "encantados", menos Quibungo. Ele soube porque Aquião Grilo levava todas as noites cantando:

Tiriri, tiriri,
Vamos pra festa
De Quiausi.

Ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. Manhãzinha cedo, saiu pelo mato e ouviu a Calunga conversando com o Quiajapá:

Aiuê, aiué, Quiajapá,
Vamos pra festa
De Quiausi.

Quibungo ouviu, calou-se e foi seguindo seu caminho. E assim ia se escondendo e sabendo de tudo. De quem ia, de quem não ia e até que não o queriam lá.

No dia, o terreiro encheu-se. A festa era mesmo d'aquelas. Quibungo veio se mougando, pelas beiradas do lugar em que todos batiam com as erbeças apoiando o que a velha e sabidona Quiausi dizia. Estirava o pescoço e — paco! — um bicho pro "mastigo" da bôca das costas. Um casal de Quicóá, que estava falando mal d'êle, foi a conta, entrou tambem no buráco.

O estrago era grande. Pra não dar na vista, Quibungo entrou no mato, deu uma volta e apareceu do outro lado de terreiro, todo sambanga, fingindo alegria:

Bungo, Quibungo,
Vim pra festa
De Quiausi.

Os bichos debaudaram pra todos os lados, com medo. Isso mesmo que ele quiz. Numa ocasião dessas, quando ele abriu a boca das costas pra botar mais, os Quioeá saltaram de dentro e pernas no mundo. Ele viu. Deu nas canólas atraz. Sungou-os com as ventas que foi aquela belêsa. Grudou os dois pelas orêllhas e foi cantando de a'legria:

Ocalume. Ocaeái,
Pra mala de Quibungo
Vai, vai.

Estava nisso quando deu um grito. A barriga das côstas abriu-se e todos os bichos que ele tinha pegado arribaram. Quibungo aí soltou os Quioeá, que se largaram a correr, p'ra aqui, salta acolá. Quibungo ia atraz deles, mas se entreteve com a musica de Aquilão Grilo:

Tiriri, tiriri,
Bungo, Quibungo,
Mongó, Mongongo.
Quicólo, Quicôio

E Quibungo ficou d'ausando á musica de Aquilão Grilo sem perseguir os outros "encantados".

ARGUMENTO — A Aranha dá uma festa e convida todos os vizinhos, menos o Quibungo (lobo). Este sabe por ouvir o Grilo cantar todas as noites: — Tiriri, tiriri, vou para a festa da Aranha. — Faz que não ouve, seguindo seu caminho. Na manhã seguinte, ouve, sem ser visto, a Lagartixa conversando com a Tartaruga: — Tartaruga, ó Tartaruga, vamos pra festa da Aranha. Quibungo assim vai sabendo de tudo sem ser visto. No dia, o terreiro enche-se. Quibungo esconde-se, mas aproveita a ocasião. De vez em quando um conviva lhe cai na barriga das costas. Dentre esses, um casal de lebres que lhe faziam má ausencia. Como as faltas podem ser presentidas, ele aparece como intruso,

cantando: — Eu sou o Lobo, o Lobo. Vim para a festa da Aranha. — O susto é geral. Os animais debandam. Quibungo mete na boca das costas o que pode, mas as Lebres saltam de dentro dela e fogem. Consegue pega-las e, tomando-as pelas orelhas, canta. — Lebre macho e lebre fêmea pra barriga de Quibungo cão, cão. — Dá um jeito e todos os presos escapam-se da barriga das costas. Ele solta as lebres que também fogem. Vae a perseguir 'odas quando se entretém na musica dos Grilos: — Tiriri, tiriri monte, espinhaço, forte, muito forte. — Quibungo dança e se esquece do que ia fazer, deixando assim os bichos em paz.

A pega é um dos mais frisantes exemplos de características da feição afro-negra

Quibungo na festa da Aranha apresenta uns tantos ciclopes "totens" de "nações" possivelmente angolâsas. Trata-se, ao que parece, de uma "aliança" que não se fez entre as tribus da Aranha, do Grilo, da Lagartixa, da Tartaruga e da Lebre sem audiência ou assistência da tribo do Lobo ou Quibungo. Esta vindo a saber, meteu seus guerreiros de trecaia, ou mesmo entre os congressistas e, sem dar na vista, foi prendendo os que poudo, inclusive delegados exaltados da tribo da Lebre. A reunião prosseguia quando os da tribo do Lobo resolveram estabelecer a confusão, impelindo assim qualquer pacto, com as suas inesperadas presenças. Os representantes das outras tribus, surpresos, debandaram, mas, perseguindo-os, os da tribo do Lobo esqueceram-se dos da tribo da Lebre que já haviam prendido e estes fugiram. Os guerreiros empenharam-se em catura-los novamente, o que fizeram. E, — como é de presumir por ser esse o habito, — poseram os fugitivos no terreiro, formaram roda e sambaram de alegria, — cerimonia inicial da "matança" dos vencidos. Os da tribo do Grilo, tocando e cantando elogios aos da tribo do Lobo, não sentiram a prisão, ou, por esse meio, pensaram em se livrar dela. Os delegados das tribus da Aranha, da Lagartixa e da Tartaruga, aproveitando

o contentamento dos guerreiros da tribo do Lobo, fugiram. Quando estes não viram os presos, senão os da tribo do Grito, deixaram ao abandono os que iam ser sacrificados, mas estes, por sua vez, fugiram novamente. O primeiro impeto dos guerreiros foi a ação de recaptura de todos, mas a música e o canto dos delegados da tribo do Grito atraíam e ficaram-se a dançar e cantar.

É esse, presumidamente, o episódio simbolizado em *Quibungo na festa da Aranha*, ou seja uma historia verdadeira que se mascarou em símbolos totemicos e nos aparece como de animais quimericos e gigantescos em que não nos é dado precisar as dimensões de um só, mas admitir que todos se equivalessem em tamanho.

Quibungo já não é precisamente o mesmo do *Homem*, da *Cocharra* e da *Menina*. Sua ação contra os outros totens, seria, como foi, dispersiva, e a matar ou reter definitivamente um só, bastaria para destruir a peça folclórica, pois, de simples delegados de tribus em confabulações para uma "aliança", cegou-se-lhe a uma guerra inconcebível.

Por outro lado, considerando-se a peça em seu aspecto natural. — *Quibungo*, é feia diferente do que figurou naquelas "historias". Todas as suas ações são "humanas", representativas da tribo de que ele era totem, cujas vitórias ficaram assim ladas com a dispersão de animais-totens, cujas ações são também "humanas". A índole de *Quibungo* é também "humana", afro-negra: afoga no samba todas as com' ariedades e desilusões da vida.

Não ha, no Fabulario de *Quibungo*, uma só pessoa ou animal por ele posto no litoral das côstas que não tenha sido vivo, são e limpo. É que essa boca não tem funções fisiologicas, mas tem servido, até agora,

somente de prisão ou cadeia. Daí para o que se tem dito e deduzido vai uma diferença considerável, pois nem um ato na que justifique ser ele o Lobis-homem afro-negro nem se pode admitir que, sendo apenas um, haja morrido t. ez vezes e para sempre.

Essa boca nas costas, ou antes, essa boca no gongo do mongongo de *Quibungo*, isto é, no monte do espulhaço do ciclope, não leva, pelo exame de suas funções, a se acreditar seja a de um Cape-lôbo.

Os nossos Folk-loristas tem, em sua maioria, cado no erro crasso de verem os Mitos Afro-negros subordinados aos vulgares ou universais, senão aos Americanos e aos ereditos aqui.

Não se pôde, em boa lógica, admitir tamanha excentricidade de inteligência humana.

Os Mitos são, na *analyse folk-lorica*, tais como as plantas, os animais, as rochas e os minerais para o homem de Ciência. Dependem dos meios, isto é dos modos por que a invenção e a imitação os encara como símbolos ou como totems dentro de áreas limitadas. O fumo que nasce no Brasil, plantado nos Alpes, apresenta notáveis e asscibrossas diferenças fitológicas. O urso branco que vive livremente no seu *habitat*, si é o mesmo, em aspecto exterior, que nasce aqui de um casal enjaulado, pos ve resistências e condições tais que lhe permitem aparecer com uma serie de características diferentes desse outro que não pôde manifestar seus hábitos e seus costumes. Um granito que ei ainda um vulcão extinto ou em atividade, certo que não é o mesmo granito em textura, em cor, &c., com que edificamos no Brasil, onde, como no mundo, os granitos tem nomes e applicações, ora diferentes, ora de acordo com as necessidades economicas ou com a evolução industrial de cada região. Os proprios mineraes, colhidos a distancia proximas uns dos outros e submetidos á analyses quantitativas, apre-

sentam variações por feitos muito diversos e até alheios ao proprio meio em que occorrem.

Os Mitos são tambem assim. A *Moça Cega* tem um correspondente no *Quipó*, totem primitivo dos Hassrás, mas absolutamente não tem os mesmos attributos deste, como ele não tem os do leopardo, seu congenero. — que serviu a Daniel para simbolisar o reino da Macedonia, tendo *quatro cabeças*, que eram os seus generais, ou que serviu a João Evangelista para simbolisar o Imperio Romano. A *Caipóra*. — que entre nós, vestiu-se em muitos outros Mitos, mesmo só, ou em suas transformações é muito diferente do *Quibomba* angolês que por outro modo encapoteia as pessoas. A tartaruga, a aranha, &c. apparecem no Folk-lore de todos os continentes, com designações muito diferentes até num mesmo paiz, applicadas as especies distintas, como acontece no nosso, mas seus attributos variam de um a outro povo, de uma a outra terra. Chibamba varia de forma ou de corpo de uma para outra tribu afro-nêgra, mas sempre se o reconhece pelos nomes que lhe dão, todos proximos ou semelhantes.

Todo Mito-animal representa um totem e, como tal, não deve nem pode ser confundido com Lobis-homens, Mulas-sem-Cabeça, Porcas-Móles, &c. — extravagancia a que se tem entregue alguns Folk-loristas que assim criam *tárus folk-loricas* cu, mais suavemente, *modelos de evidencia*, quando deveriam subordinar todas as peças ao *crime ciclico* para a determinação do *ciclo dos attributos* de cada uma.

Muitos seculos antes de nós, Auto-Gelio fugia a essas complicações de gente sem material para estudo:

— "Os citas são antropófagos. Entre eles, ha homens com um olho só, como o. ciclopes. E outros voam com os pés para traz. Na Africa, ha familias que deitam sortes e vivem de enfeitiçar com palavras. Basta que uma pessoa chame bêla uma ayvore, secunda uma lavoura, linda uma

creança, formôso um cavalo, gordo um rebanho, para todo morrer sem demora. Ha pessoas cujo olhar fixo ou irritado mata; — essas tem quatro meninas de olhos. Nas montanhas da India ha lobishomens que ladram e caçam aves e animais selvagens. No Extremo Oriente, os homens de um olho só tem somente uma perna e correm como o vento. Ha homens sem cabeça e com os olhos nos hombros. Nes confins da India, homens plumôsos que se sustentam de perfume das flôres, perto dos pignêus que tem dois pés e um quarto de altura”.

Agora, no Brasil, em falta de um Lobishomen africano se está querendo fazer do *Quibungo* esse Capelôbo... Nem mesmo aicha, pelo proprio nome, *Mukukiria*, feito *Cunuguitia* ou *Cunucjeria*, se poder ac'har neste o que o *Quibungo* não é; — O *Bicho Homem* do São Francisco e o *Bicho-Homem* do Recreio Baiano, ambas afro-negros, não tem os mesmos caracteristicos os mesm os attributos.

Depois, o *Lobis-Homem* que se conhece no Brasil é o da Idade Media, cívado de coisas da Igreja e da feitiçaria européa, parente do *Espirito-dos-Matos*, que se viu aos nossos Indianistas para vestir o *Caipóros*, *Curupiras*, *Socis* e semelhantes; da *Mulo-sem-Cabeça*, que nos deu a *Baucha da Bacia* e uma serie de superstições inveteradas na alma dos ignorantes; da *Coruja-Mulher*, que domina os elementos, os poderes celestes e faz bruxêdos com fitas, perlimos, cambraias, &c.; do *Diabo-no-Côrpo* que os padres espantam com os exorcismos de Santo Honorio e os medicos destroem com umas tantas doses de quina; do *Báte*, o celebre Bafomé, que se assenta para se fingir crucificado e, em vez de uma corôa de espinhos, &c. entre as gallas, um facho fumarento...

FICHA N.º 4 — 1, 2, Bahia — 3, Recreio — 4, São Caetano. Capital — 5, QUIBUNGO—REI — 6, Conto — 7, Quibungo — 8, O rei de Angóla, um personagem desconhecido, os angolôses e seus irimigos. O desconhecido, que des-

pede fôgo dos olhos, das unhas e dos cabelos é o deus da guerra, cujo nome não foi apurado — 9, Feição afro-negra perfeita: — 11, Sim — 12, A proteção dos deuses e os poderes sobrenaturais — 16, Quibungo — 19, Totem no final, Quibungo, Tabú. — o desconhecido: - deus da guerra — 23, Me-de-tanto — 25, S. Carneiro.

QUIBUNGO-REI

Houve tempo e tempo houve que os homens só viviam em guerras e quase não trabalhavam. Isso já viria, *le anos quando um dia appareceu um negrinho que ninguém dava mica por ele perguntando pelo rei de Angola. D'aí a pouco ninguém podia olhar para o desconhecido que não ficasse encantado, pois os olhos eram de fogo e tinha fogo nos dentes, nas unhas, e nos cabelos. Afinal levaram *ele*, de cujo corpo saia um calorão bravo, á presença de Sua Magestade. Si o rei já era desconfiado, vendo aquelle pedaço de homem, nem ficou impotencia. O negrinho zangou-se e bateu de com o pé no chão, disse ao monarca:*

— Saiba, sei, molêsa, que você vai deixar de ser a infelicidade desta nação. Comigo...

Nem acabou de dizer o resto. Soltou uma bafurada de fogo pelas ventas, desaparecendo como fumaça. O povo soube da prisão do encantado e quando duas pessoas se encontravam iam logo se cumprimentando por "molêsa".

Dias depois todos corriam pra lá e pra cá, gritando:

— E'-vem eles. — E'-vem.

Eram os inimigos. O povo estava se reatando para brigar quando appareceu o encantado com um cachorrão tão grande como nunca houve bicho maior no mundo, com uma boca aberta nas costas capaz de caber esta casa dentro e ainda sobrar espaço.

O encantado, todo cheio de fôgo, tomou a frente do povo e gritou para o chefe:

— Quibungo, esta nação é sua. Defenda *êla*.

Ah, meu senhor, nem lhe conto. O "cachorrão" levantou a cabeça pra vêr os grupos de inimigos que já vinham á beira do rio. Aí clupou o vento com as vetes e todas as pedras, grandes e pequenas, foram se juntando em roda d'êle.

Quando os inimigos se preparavam para o combate, Quibungo deu cada latido que até a terra pareceu *trmer e lá vai pedrada. Nem clupa de pedra*. Depois marchou para os que ainda estavam vivos. Abria a bôca da cara e os que eram sugados para dentro dela tinham que morrer *afogados* pois ele fechava os beiços, e eles, não respirando, morriam e eram logo postos de banda. Os outros eram levantados do chão como poeira e iam entrando para a bôca das costas sem saberem como. Tudo isso numa ligeireza de relampago. Não ficou um só pra contar historia.

O povo ficou muito contente e fez muita festa a Quibungo, mas o rei nem se abalou do lugar. Então o povo foi busca-lo. No caminho só se viu foi aquela *fumacreira*: — era o palacio real que estava tecendo fogo. Ninguém se salvou dos que estavam com o rei. Nem ele.

Quando menos se esperou, saim de dentro das labaredas o negrinho encantado todo vestido de fogo e de fumara. Quibungo abaixou a cabeça e foi coroado rei daquela nação. No mesmo instante o encantado desapareceu.

Mudou-se o aspecto de *Quibungo*. Agora se o tem como extraordinária maquina de guerra então desconhecida dos angolôses. Arremessa pedras a distancias consideraveis. "Afôga" os inimigos dentro da bôca normal. Guarda outros na bôca das costas. De num um quer o sangue, nem a carne. Torna-se o rei, antes

o totem dos angolêses. O nome do tabú perdeu-se na tradição, ficando-lhe só o físico e alguns atributos de deus da guerra.

O problema folk-lórico ararçou alguma coisa de apreciável.

A interpretação desse episódio velou-se á realidade e deixou que camprasse a hipótese.

Será *Quibungo* o conjunto de circunstâncias que o apoio pronto e decisivo de um protetor inesperado deu á tribu, — ou uma parte dessa ação representada em uma possante máquina de guerra oculta numa fortaleza inexpugnada, — ou mesmo um epíteto que se parecesse com um lobo, ou se chamasse Quibungo, e tivesse uma caverna no espinhaço, um mergo no mongongo?

Não se pode muito duvidar da ideação e do simbolismo de que se servia o homem primitivo para ainda se admitir procurasse, com essa figura exagerada a nossos olhos, lembrar o primeiro lobo, o "pai de geração" adotado pela tribu, pois a maioria dos totens afro-nêgros é de formas gigantescas em relação aos tipos zoológicos atuais.

O fato é que a bôca das costas ainda continua como simples prisão e o Quibungo tem pés e mãos de homem, — característicos de que se tem servido alguns Folkloristas para o dizerem... esse lobo.

É a mesma ideação primitiva da Africa creadora da esfinge e da andro-esfinge. Num caso não se materializou num monumento e ficou no *Quibungo*, avdante, ambulante, á mereçê do progresso e da Civilização, num Mito que o tempo vem consumindo. No outro, eternizou-as como um desafio á posteridade. Monstros tamberi são, com a cabeça e os seios de mulher, o corpo de cão, as azas de aguia e as garras leoninas, além da cauda armada de um dardo.

A de Tébas devorava os que perto ou diante não decifrassem os enigmas propostos por ela. *Quibungo* não devorou ninguém. Por que ha de ser o Cape-Hôbe ultraieto e a esúmge, ao contrario, é objeto de quantes estudos antigos e novos o Simbolismo se occupa em fazer? *Edipo*, desde o berço fulminado pelo crime paterno, adivinha as bobagens propostas pela esúmge e esta, precipitando-se no mar, foi cantada pelos poetas de todos os tempos. *Quibungo*, ao contrario, é um enigma por essas gigantesas figuras femininas do Egito que são como sentinellas do deserto iluminando a treute humana no esplendor das concepções levadas a termo.

"Até nas Horas se encontra a differença do sorte"...

"O esplendor e a ruina" ou "o esplendor e a decadencia" são palavras muito comuns depois de Balzac, mas são essas as que definem precisamente a "vida" de *Quibungo* como o guardon a tradição folklorica do Recôncavo Bahiano.

Iremos ouvir a narrativa singela, sem excessos, desapaxouada, dessa "existencia" que se arrastou até o Brasil, não imortam os termos magôs e quibundos de pernieio com os de nossa Língua, nem o attribuir-se impropiamente a Ogun, do culto gêge-iorubano, o haver dade um *alabô* a Argôta.

FICHA N.º 18 — 1, 2, Bahia — 3, Recôncavo — 4, Engenho Velho, Paró, Capital — 5, QUIBUNGO-ALAIBERÚ 6, Narrativa — 7, Quibungo — 8, Guerreiros — Escravos. Inimigos. Pombeiros — 9, Feição afro-negra perfeita — 12 Esplendor e decadencia dos poderosos — Esplendor e decadencia de Quibungo — 16, Quibungo — 19, Totem: — Quibungo. Tabú: — o deus da guerra, impropriamente figurado em Ogun, do culto gêge-iorubano — 23, Pai-de-Santo — 25, S. Carneiro.

Nota. A mesma narrativa foi ouvida: 1, Maragogipinho, vale do Jaguarine — 23, Mãe de santo — 26, S. Carneiro. Em ambas se falou em *alabô*, totem, protetor, defen-

sor, em nagô. E também, impropriamente, foi dado a Ogun o que é do antigo deus da guerra angolês, cujo nome não foi possível descobrir-se.

QUIBUNGO ALAIBERU

Ogun deu aos *meninos* um alabô chamado *Quibungo*, pai de uma raça de lóbos que não deixou descendentes. O bicho era muito maior do que um elefante, fazia erú a todos os jagunços e tinha duas bôcas: — uma para mastigar sem engulir e outra nas costas para engulir sem mastigar.



FIG. 15

Quibungo numa de suas façanhas em Angóla

Depois disso ninguém bolia com *essange*, nem *quibungue*, nem *banguêlo*, porque já sabia no que estava, mas ainda assim havia gente que teimava. O bicho abria a bôca das costas e começava a despejar gente que nunca mais se acabava, gente que parecia ter asas e en-

trava combatendo com os inimigos enquanto ele batia as pestanas. E era péga um, péga outro, e Quibungo, com as ventas arrebitadas, chupando os jagunços pra dentro da bôca das costas.

Os *meninos* gostavam de ver Quibungo botar pra fora o que não botava pra dentro e, quando aparecia um pombeiro á proença de escravos, Quibungo abria as costas e lá vai prisioneiros pro abatã e dinheiro pro povo.

Já ninguém mais queria brigar com os *meninos* com medo do Quibungo, mas eles mandavam recados aos inimigos desafiando *eles*:

Duchô Quibungo
Alaiberú, alaiberú.

E levavam Quibungo pra engulir gente e eles enriquecerem mais vendendo escravos. Ogun foi se aborrecendo com aquilo porque ninguém se lembrava dele e foi quebrando as forças do alabô fazendo ele cada vez mais pequeno. Os *meninos* andavam de "olhos escondos" e não viam nada. O numero de escravos ia diminuindo e Quibungo já nem sugava mais os inimigos porque sentia uma dor danada nas ventas e nem botava mais gente de dentro da barriga das costas porque tinha ficado muito pequena.

Numa dessas guerras de pegar escravos, Quibungo *grudou* o chefe dos inimigos e segou *ele* na barriga das costas com muito raballho, mas se apertou todo pro homem não sair, não conseguindo fazer mais nada por ter ficado muito pesado e não poder andar. A batalha continuou e os *meninos* foram vencidos. Quibungo botou o chefe dos inimigos pra fóra e saiu correndo. Os vencedores viram que eles estava fraco e deram atraz dele gritando:

Punfun Quibunguê
Gbotatá, gbotatá.

Corre daqui, corre dacolá, cercando êle, até que pegatam. Foi festa. Mandaram chamar o pombeiro e venderam êle com os meninos.

— Vai, anda Quibungo, fazê erú a gente sem orí. Isso que oimbo quiz. Trouxe êle pra fazê nenen drômir.

Por essa narrativa, *Quibungo* aparece no cenário dos Mitos Afro-nêgros muitos séculos antes de se ter notícias de civilização at golêsa, assombrando as hóstes inimigas e despedindo-las contra elas o furor de seus poderes.

Não se podendo materializar n um monumento, como aconteceu a outros africanos que os Gregos immortalizaram, veio se sujeitando ás leis da natureza e á evolução dos séculos: — enfraquece, torna-se menor, e já se utiliza das mãos para, com dificuldade, pôr um negro dentro da boca das côstas.

É a involução que se opéra. Extenuado cái ás mãos do homem, o dominador de todas as forças, e suas energias, já reduzidas com o tempo, passam á tradição, conservando o aspecto de seu físico, como as de um simples e inofensivo étna.

Essas novas peças reconstituem certamente o mito do Quibungo, mas o fato deste aparecer ferido, espancado ou morto nos contos coligidos por Nina Rodrigues e Silva Campos não é para se desprezar.

Na Bahia antiga, os negros formaram "colonias". As principais eram as dos Malês, na maior parte instruídos, e a dos Nagôs, a que se filiaram os Gêges em matéria de culto. Os Angolêses foram os mais atingidos e diminuídos por êles, como pelas das "nações" bantas.

Os sudanêses, empenhados na derrôta dos *gungamquizes* como competidores e perseguidores de seus

equejis e de seus *babala-ôs*, a-laram-se, especialmente os Iorubanos, a braços com um serio e importantissimo problema. O seu totem, *buugo* ou *mungu*, zinozeronte, recebendo o *qui*, prefixo imposto pela Língua Geral Africana que os guardas da "prisão" da Língua Lusa obrigavam se respeitasse, confundia-se com o dos Angolêses com o dos *cabungos* que levavam para as marinhas o "balde do despejo", também chamado *cabungo*, termo que teve, como ainda hoje, uma acepção mais lata do que a primitiva *quimbunda*. De bispóte, urinól, eloéca, passou a ser bôca das costas do *Quibungu* e bôca dos negros de Angóla. Depois, *cabungo* e *quibungo* equivaleram-se na Língua Popular.

O *Quimungo*, totem iorubano ou nagó, não conseguiu fugir do Fabulário, mas o *Quibungo*, totem angolês, foi ridicularizado e pervertido de todas as maneiras. As "bôcas-de-lôbo" das ruas foram chamadas *quibungos*, em alusão á bôca das costas do *Quibungo* e a bôca dos negros de Angóla. Até os engenheiros e os mestres de obras chamaram *cabungos* e *quibungos* ás fossas para materias fecúis. O povo chamava aos africanos pelos dois nomes e as pessoas mais discretas os diziam, em substituição aos portuguezes, em vêz de latrina, sentina, eloéca, &c.

O *Quibungo* desceu a ser representado por um *cachorrão*, com uma bôca nas costas. — deixando sua fase propriamente africana por outra brasileira, puramente brasileira, característica do odio predominante dos Nagós contra os Angolêses e, sob esse aspecto, é que se pôde considerar o *Quibungo* nas peças coligidas por Nina Rodrigues e Silva Campos. (Vide *Capitulo XXII*).

Em suma: — *Quibungo*, o lôbo quimerico, confundiu-se com o lôbo actual de Angóla e, como todos os *quibungos* angolêses, não escapou á regra: — *é covarda*.

CAPITULO XXI

MISÓDOS DE ITAMBI

(Contos de exéquias)

— Pai Alaké morreu: — os *orixás* entraram em recolhimento... E, em poucas horas, por todas as cidades e povoações do Recôncavo, repetem-se as mesmas palavras:

Noite alta, o corpo desnudo de Alaké desce para a esteira, no chão duro de tijolos. Já o tinham lavado em agua de cananga e agora vão prepara-lo para a viagem sagrada. A preparação que o envolve em algodão embebido em *ouri*, vestem-no, ou antes, enfaixam-no numa peça inteira de fazenda branca, deixando-lhe á vista a nuca e a nêgra.

O corpo de Alaké parece todo de ouro, como lembrava o "sól" que ele foi na terra. Levam-no para o leito rijo de taboas bordadas dos *orixás* imoveis enquanto seu cadaver estiver insepylto. A mulher volta do banho de arráda e capim santo e deita-se ao lado d'ele. É a cerimonia da *en-bandama*. A *ialô* entra, apaga as velas crepitantes feitas de caldo de cêra e *animis* minuscules e fecha-as.

Enquanto isso, os nêgros estão em colônia, multiplicando os sacrificios, os fogões, as panélas, os acepipes.

Bem cedo o sol espanca as trevas e a cidade renasce nos sambas dos que chegam. A *abitoló* ergue-se do leito e cobre a face do marido, — *ocó*, — para que durma sosegado. Já as encruzilhadas estão cheias de *padés* para Exú.

Os *equejis-orixás* vem em visita ao corpo de Alaké. Fecham-se cora êle e cantam: — o *orin-orixá-lá* rompe o silencio. Elegem o seu substituto: — um *ngombo* que tomará o nome de *Elerê* por lhe cakerem o officio e Mãe Dadá, viúva do *equeji* silencioso.

Meio dia. Hora do haquetete da carne do *mutumbi* de Alaké. Os *olorins* cantam e os sambas fervem á chegada da viúva no terreiro. Ela vem coberta de contas e de roupas finas. O pano da Cesta é apenas um enfeito. Os seios muxibentos dançam dentro da *cumbá*. As chinélas ricas, de meio pé, batem ruidosamente no barro apilado. Mãe Dadá e as *ialés* de toda parte vindas servem as ignarías. A alegria vive em todos os semblantes. O *marúfo* é o "sangue vivo" do homem que apenas dorme...

O *bangué* é levado em procissão, do terreiro para a casa de Alaké. Os *olorins* vão cantando. E só os *equejis-orixás* entram com a padióla coberta de palmas e de colchas verdes. Carregam o *mutumbi* para o *tamba*. Dessa hora em diante ninguém mais pôde tocá-lo. Ninguém mais poderá busca-lo senão o *agbô*, sumbo e sagrado da trindade dos grandes *orixás*: — Obatalá, Xangô e Ifá.

O carneiro, ao som da música e das chúkas dos sambas parece vir dançando ás mãos de Elerê vestido de branco. Os ritmos se amudam e se exaltam. E' a saudação ao primeiro "pai" de todos os nêgros e de todos os deuses. Elerê leva-o entre os *equejis-orixás* e logo o *bangué* alça-se nos ares aos ombros dêles.

Os nêgros vem por "nações", por decendencias. As creoulas exibem suas riquezas, sua alegria. Todos cantam, saracoteiam-se ao som dos *canzás*, dos *agogós*, dos *axexés*... A cidade inteira está nas calçadas, nos caminhos:

— O *itambi* de Pai Alaké.

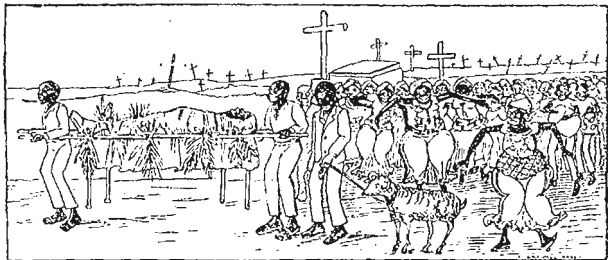


FIG. 16

O Itambi de Poi Alaké. "Negro nagô quando morre, vai na tumba do banguê"

O prestito vai, o sál batendo no corpo dourado do *eqeji* morto. Elerê, cabisbaixo, tocando o *agbô*, acompanhando a *banguê*. Logo após, a viúva, a bater côxas com as mulheres, diz-se possuída por Olueúm, deus do mar.

No cemiterio aparece o caixão mortuario, apenas com taboas, sem alças e sem cruzes. Posta-no no chão, paralelo ao *banguê*. Tudo cessa. O silencio vem por minutos. Elerê entra no esquife vazio e, como se sepultando, conta um *orin* de sua inspiração, antes, um rengongo de saudade em que imita o rugir do mar, como se fossem os estertores da morte, e a bonança, como o ultimo alento da vida. Cala-se e cerra os olhos. Cobrento com um pano branco para que não se lhe veja o rosto *infanticido*.

Os *olorins* gargarejam. Os *imbis* carregam aos ombros os "dois" mortos e, á beira da sepultura, depõem seus esquifes. As *ialés* gritam repetidamente: — Alaké! Alaké! Os golpes de tabaque ultimam essas exclamações.

— Alaké é morto!

Todos os instrumentos tocam a um tempo. Os ritmos mudam de instante a outro: — a decomposição da carne, a queda da cabeça, a desarticulação dos ossos, e pó em que se tornam. A mimica dos assistentes acompanha a música. E logo Elerê canta "sepultado": — Alaké ressuscitou. . .

Elerê é arrancado do caixão pelos *imbis*. Todos exclamam monossilabos diante de sua expressão de espanto. Enterrado vivo, Xangô o salvara, despedaçando a sepultura com a furia de seus raios destruidores. As *iwôs*, em roda do *matumbi* de Alaké, deixam-no e apontam o carneiro:

— *Agbô! Agbô!*

E todos repetem o que elas exclamam. Os *agoruns* arrancam as facas e, entre o caixão e o *banguê*, rasgam:



FIG. 17

Elcró coroado equéji do culto gôge iorubano

o animal vivo, do peito até o anus, e, é uma puxada, tiram-lhe as entranhas. Metem-no, pelo rasgão, na cabeça de Elerê. Os instrumentos simulam os trovões de Xangô. As mulheres melodiam *orins*. O carneiro, airia arquejante, parece despedir-se da tumba com os olhos que se fecham e que se abrem.

Coberto do sangue do sacrificio, Elerê dá tudo de sua voz. As *iawôs* transportam o corpo de Alaké para o caixão mortuario. As mulheres aproximam-se e depositam lembranças, moedas, joias, bugingangas... As mãos-de-santo juntam com essas oferendas, os "meules" do carneiro. Os *aquejis orixás* garantem as despedidas. Os *agoxuns* levam o esquife sem tampa ao fundo da cova, ao som da música de Obatalá. As mulheres cantam *orins* de Ifan. A terra começa a cair, entre canções e sambas de Xangô, até o meio da sepultura. Elerê desce e, cantando, a orvalha com *marúfo* de dendê. Mãe Dacá o segue: — samar e chora. A cada bôlo de terra, mais uma despedida, ao que foi fazer a viagem á patria bendita de Ilú-Ayê (Nigéria), onde morreram seus antepassados e onde nasceram os deuses de seu culto. Uns galhosinhos de arruda enfeitam o *motombo*. E um panelão de todos os restos do banquete é posto sobre ele.

A alegria não cessa. A "meladinha" com sangue de gálo escorre por todas as gargantas. As *iawôs* tiram o carneiro da cabeça do novo *aqueji* e poem-no no *banqueté*. O prestito volta para o terreiro, sambando sempre, cantando mais. Num taceto grande, no meio d'êste, os tempêros dançam também aos borbulhos da agua fervente. Os *agoxuns* despeno o *agbo* do coaro e metem-no inteiriinho na panéia.

Arroja-se o samba. Elerê recebe, por esposa ou por *cumbonda*, a viúva de Alaké. O dia é da "carne". E, pela madrugada, a carne, já separada dos ossos, é o repasto do *itambê*.

Pela cidade inteira ressuscita a quadrinha secular:

Negro nagô quando morre,
Va' na tumba do *banguê*;
Os parceiros vão çizendo:
— Urubú tem que çoiar.

Os urubús corvejam, no dia imediato, sobre o *matumba* da sepultura de Alaké. E o samba continua enquanto os *orixás* não receberem a *quijila* de Eleré.

Hoje em dia essas ceremonias são raríssimas, não sendo integralmente obedecidos os rituais, mesmo quando as autoridades dos lugares das freguezias e a Capital e cidades do Recôncavo Bahiano permitem se façam exequias como nos tempos do Imperio e nas primeiras décadas republicanas.

Depois que a terra cõbre o caráver do pai-de-santo, ou da mãe-de-santo, vem a "terceira-do-amôr" nos *etudomblés*. As mulheres, com suas tertações e seus me-deixes, — cantam, nos honens a que assistem, quando o "santo" não as "pega", umas tantas "histerias" que o Folk-lorista não deve perder.

A primeira do lote é a velha lenda do hipocampo que os creoulos vestiram e com ela justificaram a razão de ser do *Rancho do Cavalo Marinho*. A Mãe-d'Água é *Janaina*, — nome relativamente novo e provavelmente vindo na Bahia.

FICHA N.º 101 — 1, 2, Bahia — 3, Recôncavo — 4, Cruz do Cosme (1905), Capital — 5, O CAVALO DE JANAINA — 6, Lenda — 7, A Mãe-d'água, Janaina. O Cavalo Marinho, o hipocampo — 8, Peixes — 9, Feição creoula — 12, Exaltação dos humildes — 22, Sub-ciclo do Hipocampo — 23 Ialé de candomblé — 24, Funerais de pai-de-santo — 25, Souza Carneiro.

O CAVALO DE JANAINA

Janaina saiu passeando pelo mar a dentro, onde não ha dia nem noite, vendo as belêsas que estão espalhadas no fundo d'agua e os moradores de seus reinos que a gente não vê, mas só os seus vassidos.

Todos os peixes saíram das areias, das lamas e das lócas e foram acompanhando a moça mais formosa que já nasceu no mundo, metade mulher com os cabêlos de ouro e metade peixe com as escamas de prata.



FIG. 18

Janaina montada no Hippocampo. Os afro-negros tinham a certeza de ser o Cavallo-Marinho pequeno só á vista dos homens. Janaina tornou-se "branca" no século XX. Também no culto dos brancos ha São Benedito e Santa Efigenia

Mesmo na fundão do alto mar, Janaina fingiu que tinha ençado para ver si os peixes eram seus amigos. Todos se ofereceram para *trazer* a Mãe-d'Agua no lombo até a casa d'ela. A baleia, o tubarão, o bôto... E ela foi remando, com muita tristeza deles. Por fim ela cantou quando viu o ultimo:

Cavalinho, meu cavalinho,
 Senhor das areias do mar.
 Prepare o seu caugotinho
 Para Janaina voltar.

O Cavalão-Marinho enfreiou-se todo e ela montou nele que parecia uma carreirão *desempedido*, rompendo as *oulias*, sem que os peixes podessem acompanhar.

Desse dia em diante, o Cavalinho do Mar passou a ser encantado. Quando aparece aos homens é *deste tamanho* para se saber que os peixes são, muitas vezes, grandes para os encantados.

Agota a Mãe-d'Agua vai ser *Iemanjá*, do culto-gégo iorabano, e o cavallo, a tartaruga, *Logosé*, que tambem se diz *Logasocé*, *Lanzocé*, alem de *Quilanzocé* da Língua Geral Africana.

FICHA N.º 202 — 1, 2, Bahia — 3, Recôncavo — 4, Engenho Velho, Passé. Capital — 5 QUILANZOÉ — 6, Lenda — 7, A tartaruga, Quilanzocé. Iemanjá, a Mãe-d'agua — 8, Peixes de todos os tamanhos. — 9, Feição afro-negra duvidosa, possivelmente creoula — 12, Adulação aos que sobem sem mercimento — 16, Cíelo ciclopico da tartaruga — 19, Totem: — a mãe-d'agua, Iemanjá 22, Cíelo da tartaruga — 23, Iawó de canômbé 24 — Exequias de mãe-de-santo — 25 S. Carneiro.



FIG. 19

Iemanjá montada em Logosé. Na Africa, ha tartarugas de mais de dois metros de comprimento

QUILANZOE'

Vinha perto o dia de Oclun-Marê e Iemanjá entendeu de apresentar-lhe todos os habitantes do mar. Num rochedo, não servia porque as ondas haviam de castigar os pequenos. Na praia, também não, porque os grandes não podiam se comparecer. Então ella mandou chamar Quilanzoe':

— Você é grande, bojúda, pôde ir onde quizer. Tem que me levar nas côstas, pois quero visitar meu povo e reuni-los todos no dia de Oclun-Marê.

Quilanzoe' ficou muito contente pela escolha, mas os peixes encatiferaram e resmungavam uns com os outros:

— Ora, vejam só. Uma négra daquelas pra levar Iemanjá.

Combinaram um meio de eufar a tartaruga dizendo:

— Aquilo só nasceu pra zungú.

O fato é que nem um teve coragem de ser o primeiro a atacar Quilanzóé e todos já a cortejavam mostrando os dentes, satisfeitos. No dia, estavam todos enfiados desde a praia até o fundão do mar. Iemanjá começou a aparecer de dentro das águas sentada em cima de uma pedra redonda maior do que o fóre São Marcelo. Essa era o caso de Quilanzóé. Ochum-Marê apareceu para ver Iemanjá sentada em seu cavalo de pedra.

Quilanzóé retrata aí o indivíduo sujeito aos juízos pequeninos e baixos dos companheiros e dos invejosos, capazes de tramarem até a eliminação do distinguido para um cargo qualquer, — e, — quando o fato ocorre, todos lhe rendem homenagens rasgadas.

A tartaruga é aí, positivamente, um cíclope.

D'agora por diante as pegas folk-lóricas são carregadas de *feiçãõ ba.ãu*, sem que, pelo número delas, se possa pensar que são todas as que podemos coligir, mas, somente, que o Folk-lore afro-nêgro conseguia manter-se, em grande parte, sem intervir na mitica ameríndia nem sofrer a incursão desta.

FICHA N.º 103 — 1, 2, Bahia — 3 reconcavo — 4 Cruz do Cosme (1905), Capital — 5, CHIMUAMUNA — 6, Lenda — 7, Chimuamuna, o homem-sombra, ou Quitungo, a Morte — 8, O genero humano — 9, Feição afro-negra perfeita — 10 Origem das molestias e causas da destruição dos seres — 11, Chimuamuna ou Quitungo, a Morte — 12 Ciclo de Athropos, a Morte — 13, Ialê de candomblé — 14, Exéquias de pai-de-santo — 15, S. Carneiro.

CHIMUAMUNA

No tempo em que Chimuamuna appareceu no mundo ninguém morria, nem arvores, nem bichos, e tudo era

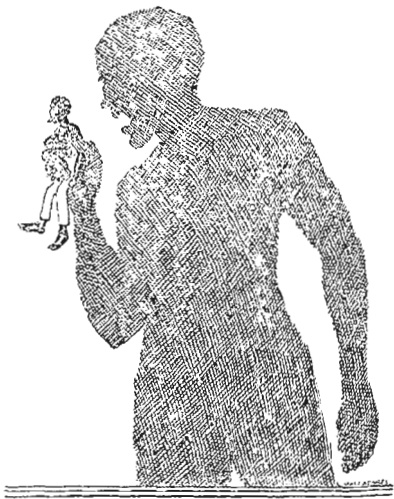


FIG. 20

Chimonaxima apertunda em ser humano. Quitungo, a Monte

grande e muito diferente do que é hoje. Ele entretanto nasceu tão pequeninho que até se person fosse filho de meião, mas, de duas surradas, levava o leite de qualquer mulher. Também cresceu muito mais do que se pensa. Sendo de gigantes a geração dos primeiros homens, etc. enquanto as crianças de sua idade gatinhavam, já recebia nome e era completo de tudo.

Antes de fazer um ano, todo mundo fugia d'êlê. Não precisava de machados nem de nada para dar cabo da que qu'z'ise, plantas, animais e até pedras. Cresceu muito e, com o tempo, foi se virando em nuvem de fumaça em forma de gente.

Os lixões, os animais, as plantas, as pedras, tudo que existia remiu-se para dar fim a Chimnamuna, mas ele era mais forte. Seu corpo tornou-se invisível. A respiração e a saliva dele faziam mal. Então apareceram as molestias que ele espalhava, as dores, os sofrimentos que elas causam, enfim, toda sorte de coisas ruins que nos affigem.

Chimnamuna tomou conta de tudo, do mar, da terra, do ar, do fogo, e não parou de crear coisas "brabas" para poder apertar as creaturas em suas mãos invisíveis. E começou a aparecer em toda parte do mundo, sempre mais ligeiro do que relampago, sem se esquecer de ninguém, nem de nada, fazendo tudo se acabar num tempo que a gente não sabe.

Chimnamuna tomou assim o nome de Quitungo e d'aí em diante começou a acompanhar as creaturas desde o ventre das mães.

Chimnamuna, do chinungue, *namuna*, homem, traz o prefixo *xi*, dessa mesma lingua, interrogativo e não artigo, que justifica o criterio da Lingua Geral Africana na adopção do *qui* e de *xi*, embora que esse não encerre a idéa de primitividade, *qui*. De *Chimnamuna* é que nasceu *Quitungo*.

FICHA N.º 104 — 1, 2 Bahia — 3, Reconcavo — 4 Cruz do Cosme (1905), Capital — 5, QUIZÉZÉ — 6, Lenda — 7, Moscardo e guerreiros de Angola — 9, Feição afro-negra perfeita — 12, A ilusão dos vivos na consagração dos mortos — 16, Quizezé ou o moscardo ciclopico — 23, Ialé de candomblé — 24, Exequias de pai-de-santo — 25, S. Carneiro.

QUIZÉZÉ

Morreu um dembo e todos (de Angola) que passavam diante do seu cubé se derrengavam. Esse habito já vinha de muito tempo, mas houve uma guerra e ninguém passou mais por aqueles lugares.



FIG. 21

A alma do Dembu metamorfozou-se num Quizezé e o Cubé que a guardava numa grande Munganga

Quando os guerreiros voltaram, foram agradecer á alma do dembo a vitoria alcançada, porem ficaram muito admirados vendo uma munganga em lugar do cubé.

— Ah, disse um, — a alma do dembo está presa. Carikumpembe está judiando dela. Que havemos de fazer?

Um que era feiticeiro, disse umas palavras quase em segredo e abriu um tampo na munganga capaz de passar um homem.

Nem queira saber o que saiu de dentro. Um meseão do tamanho desta casa, desesperado, cantando *tzé-tzé*, que deu pra chupar e matar o gado que não foi graça. E ainda hoje está no mesmo vício.

A "historia" que Silva Campos coligiu como sendo a do *Sapo Saranquêca* é, pelo título, ameríndia, — *sorará*, ruivo, ruivago, *poquêca*, embrulho de qualquer ignara em folhas de bauaneira. — mas o esqueleto é afro-nêgro.

Um rapaz, com o intuito de vingar-se de uma jovem que lhe recusara amor, enfeitiça um sapo e consegue peitar um fãmulô da casa que o põe embaixo de um estrado em que ela se assentava para coser. A infeliz desinha e, numa certa manhã, é surpreendida por um sapo que a agarra. Desesperada, grita por todos de casa inutilmente:

Meu pai, minha mãe,
Meus parentes, meus irmãos,
Olhem o sapo sara-maquêca,
Que quer me comer a mim.

Todos continuam a dormir, enfeitiçados também. O sapo, a enguli-la pelos pés, vai dizendo:

Indunga... Indunga... indunga...
Indunga, lucandanga, iugati.

Ainda mais desesperada, grita e se vai bucho do batráquio a dentro. Quando os parentes acordam, encontram o monstro sem se poder mover.

O resto é por conta do aca'ô de Silva Campos que mata todos os animais quimericos: — a moça sai viva da barriga do sapo.

A correção do conto é muito simples. Basta substituir o termo *carurú* no original e ainda: - 1.º — substituir *sara-muquêca* por *açu-ponguê*; 2.º — dar a verdadeira expressão ao sainete

Ndanga... ndunga... ndunga...

Ndanga... açu-ndunga... ndunga-i...

pois não se justificam *lacaio-duaga* nem *colia*, mas: - - Sou duaga, duaga, duaga mesmo, duaga de verdade, duaga-albino, duaguinha.

Essa é uma outra "história" do Bicho-Ponguê, além da que brilhantemente recolheu no rincão mineiro o ex-dito Lindolfo Gomes, mas certo que a por nós adeantada reproduzida é básica par se ver a feição afro-negra de ambas.

FICHA, N.º 195 — 1, 2, Bahia, 3, Reconavo — 4, Cruz do Cosme (1905), Capital — 5, QUIPONGO — 6, Conto — 7, A moça e o sapo encantado — 8, Mãe e filho. Parentes da moça — 9, Feição afro-negra perfeita — 12, A vitória do encantamento e a derrota posterior do "encantado" — 16, Quipongo, e sapo ciclopico — 19, Sub-cieilo dos feiticeiros — 23, Ialé de candomblé, — 24, Funerais de pai-de-santo 25, S. Carneiro.

QUIPONGO

Havia um aca que propoz casamento a u'a moça, mas ela não e quiz dizendo:

— Sua mãe é chigonga e pode me matar. O cumbôco dela é Quipongo e pode me comer.

Ele foi pra casa muito triste. Quando a mãe perguntou porque estava assim, disse que a moça tinha chingação ela de todos os nomes. A feiticeira ficou furiosa, esgadamou os cabêlos, bafou, jurou vingança e

saiu á procura de Quipongo, contando-lhe tudo por muito mais do que o filho lhe dissera.

De noite, Quipongo, que é um encantado, ficou pequenino e *peco!* no quarto da moça. Desde que ela adormeceu até que se acordou, o bicho enfeitou-a com os olhos firmes. De manhãinha foi se morgando e caiu no mato. Todos os dias a mesma coisa, até que ela já nem tinha vontade pra nada e já se queixava de tanta coisa que parecia uma casca de todas as doenças.

Numa manhã, assim que a moça abriu os olhos, deu com aquilo "sapalhão" todo "esbranquecido", os *olhô* esbrancalhos, parecendo mesmo não sei o que, abrindo e fechando a bôca, sem se mover do lugar. Ela gritou como louca, mas ele deu um pulo e "desenganou" logo a infeliz:

Lejá saranga, sar banga;
Zambi-a-pongo
Ndunga, ndunga, ndunga.



FIG. 22

Quipongo. Ao fazer pulo para saltar o rio, vomita a sua vítima. A lenda de Jonas é menos interessante

E, no mesmo instante, abocanhou a moça, abriu as portas sem ninguém ver e saiu pulando para onde estava a cambonda d'ele e o filho d'ela.

A coitada ia gritando dentro da bôca de Quipongo, mas ninguém ouvia nem sabia que ela estava ali aturada com as palavras que ouvira:

Iaiá saranga, saubanga:

Zambi-a-pongo

Ndunga, ndunga, ndunga.

No caminho tinha um rio largo para atravessar. Quipongo mediu o pulo, mas se esqueceu de que ia pesado, e ia jogar-se. Nisso abriu a bôca e a moça caiu n'agua sem ele vêr. Quando chegou da outra banda, Quipongo pensou que a tinha engulido e vaios pra fazer força pra "lançar". Enquanto estava nesse vinture, ela nadou, nadou, chegou em casa, contou aos parentes o que acontecera, mas sem falar em Zambi-a-pongo. Todos se armaram para pegar o "sapalhão", mas, no caminho, encontraram a chibonga e o filho. Meteram o páu nos dois até ver.

Os sauiêtes dessa "historia" são bem claros e, como devem ser todos os sauiêtes, *condizem com o texto da peça*: — Moça, deixe de ser bôba, toleirona. Ninguém lhe livra de mim. *Eu sou Zambi-a-pongo*, o deus que se fez em sapo. Sou invencível, valente, destemido.

Zambi-a-pongo, — o deus encarnado ou que se encarna no sapo, — é *Nzamli* mascarado: — inelmente, inexorável, vingativo, obediente á voz do feiticeiro, — e, como deus, ou como cielope, não pode ser morto a cecidadas. É a vontade do mal, o desejo de vingança

Nun dos muitos autos de *cucumbis* ha o cantico

Cum licença auê (bis)
 Cum licença de Zambí-a-pongo
 Cum licença auê

que se traduz: — com licença, não se espante, com licença de *Nzambi* mascarado em ou feito sapo. Isso equivale a: — *Zambí-a-pongo* deu licença, logo não fará mal, não consentirá succeda qualquer mal.

Deus-de-sapo, *Nzambi-a-pongo* quimbundo foi adaptação de *Nzambi-a-mpungu* congolês, ou vice-versa. O fato é que, nos *caudomblés*, nas *macumbas*, nos autos, os dois nomes apparecem indistintamente. Ora para indicar a neutralidade da ação malefica, ora a transmissão desses poderes, as vezes bem esclarecidas na “benção de *Zambí-a-pongo*” que os *caudombléseiros*, *macumbeiros*, *catimboseiros* et reliquia ignoram quem seja e, por efeito de desordem secular nos cultos bantos no Brasil, equiparam a Nossa Senhora...

Esse caso de *Nzambi-a-mpungo* ou *Nzambi-a-mpungu* vem mostrar a importancia do Folk-lore como tesouro de origens de muitos vocabulos e expressões da Linguagem Popular.

Zambí-a-pongo é rialmente o deus *Zambí* mascarado em sapo, mas, si admittissemos não fosse, permaneceriamos num circulo vicioso: — *mpungo*, *mpungu* e *ponguê* nos dizem que *Zambí* virou “sapo” e, com esse nome, é malefico.

Zambí puramente *Zambí*, ou antes *Ngana-Nzambí*, — Senhor Deus, — é informe, absoluto, invisivel. Não importa que os bantos, especialmente os angolêses, caçados de o procurarem, o representem hoje, ou pelo menos deem o seu nome, em escapularios, registos, rosarios, imagens, crucifixos, &c., do Catholicismo.

Em Astrologia e em toda a sorte de Magia, os deuses assumem trez aspectos, conforme a posição que occupam uns em relação aos outros e conforme as posições a que se os obriga: — neutros, benéficos e maléficós. *Ngana Nzambi* é neutro no Feticchismo bauto, mas é Deus. Taze-lo presidir o Bem e o Mal, em cejos mysterios se iniciaram mágos, brúxos, ságas, buchiques, feiticeiros, &c., não foi mais do que fundi-lo nos symboles-mestres do Bem, — *ngombe*, — o boi, e do Mal, — *npongo*, — o sapo.

A duplicidade pela "materialização" não é estranha ao caracter dos deuses primitivos. Si, por exemplo, uns se transformam ora em homens e ora em mulheres, porque outros não se poderão metamorfozizar ora em bois e ora em sapos?

Nzambi-a-ngombe é um deus benéfico, ou antes, é *Ngana Nzambi* materializado em boi, perdendo assim todo o caracter de informe e invisível, de habitante do céu, para ser visível e terreno, obediente ás necessidades da Magia.

Porque o boi e porque o sapo? Porque *ngombe* e porque *npongo*? Por serem es dois animais de mais importancia nos sacrificios para o Bem e para o Mal. O boi reflata o poder, a força, a domesticidade, a disciplina como "rei dos animais". O sapo era havido como praga, imundo a mais que a *catendo*, — lagartixa, — e esta mais do que *anansi*, — tartaruga, — o "carro-cuberto", a "sêidade" dos grandes iniciados nos mysterios orientais.

Ha um completo *lupsus-calami* quanto a existencia de africanos de origem no Brasil depois da primeira metade do século XX. E' que todos nos preocupamos com o vulto da escravidão e esquecemos es proprios "mestres", geralmente fillos de Angóla ou da Nigéria vindos antes ou depois do 13 de Maio de 1858.

Tivemos alguns colégas de curso secundario que não nos occultaram suas "patrias" do outro lado do Atlantico, mas, a exceção de um, o Dr. Maxwell Porfirio da Assunção, ha poucos anos falecido, que se apresentava como Nêgô, todos os mais se registaram ou foram considerados Brasileiros em virtude da Constituição de 1891. Dentre esses, alguns mortos e outros ainda vivos, houve bachareis, farmaceuticos e medicos, alem de tipografos e, sobretudo, professores de linguas vivas, de ciencias naturais e de geografia.

Martiniano, o "mestre" de Nina Rodrigues em coisas do culto gege iombano, da lingua dos Nêgôs e do Folk-lore afro-nêgro, ainda vive. Forte, falando bem inglês, frequentando todos os candomblés, esforçando-se por manter a pureza no culto, lê tudo que se escreve no Brasil sobre os Nêgros e é um dos maiores e mais autorizados admiradores de Artur Ramos.

Dentre os muitos africanos, homens e mulheres, com que tratamos, é de grande importancia salientarmos um larrador em Pojuca, proprietario de terras marginaes á fazenda Garoupa, de cuja demarcação fomos incumbido. Chamavam-no os angolêses de *Ataré*, — pimenta da Córta, — que não se deve confundir com o outro, *Autarés*, de que já falamos. Apresentou-nos um seu sobrinho, *Irinên*, nosso "protegido" que, antes e depois nos levou a quanta "gerçe de santo" quizermos e necessitamos visitar, dentro e fóra da Capital. Estabelecida a confiança, *Ataré* nos falou sobre *Nzambi*, *Nzambi-a-nyombe* e *Nzambi-a-npongo*, o que não escapou nos nossos registos.

O "mestre" em coisas do culto haute não era esse, mas outro, sem por isso certo, ora na Cidade de Palha, ora na Barra do Cabúla, ora no Páu Meudo, ora nos matos de Pirajá, que ainda vive, e a cuja mulher iniciou por haver "perdido toda a força". *Angóla* legitimo, falando

do e aserevendo correntemente o Português, lançara-se como embareadigo contratado num cargueiro que se fizera de véla para a Bahia, ainda nos primeiros anos da Republica. E' o antigo e "extraordinario" Pai José do "cantoiro" da Baixa da Soledade. Vê tudo por uma feição diversa dos pais-de-santo e como um simples "diverjimento" do homem primitivo. E ele nos confirmou a explieação de Ataré.

FICHA N.º 106 — 1, 2, Bahia — 3, Reconcavo — 4, Cruz do Corne (1905), Capital 5, CASSARANGONGO — 6, Conto — 7, Cassarangongo e Iaiá--Calunga-iba, feiticieiros — 9, Feição afro-negra perfeita — 12, Efeitos da Feitiçaria — 19, Sub-cielo dos Feiticieiros — 23, Ialê de canbômbô — 24, Funerais de pai-de-santo — 25, S. Carneiro.

CASSARANGONGO

Nos tempos em que os gongas aprendiam nos matos com outros gongas, houve um gonga moço a quem os "santos" não atendiam. Então ele pensou, pensou, e, por fim foi ter a casa de u'a moça que tinha fama de fazer tudo que se quizesse.

— Iaiá Calunga-iba, sou um gonga.

E'a o recebeu muito bem, ouviu a "historia" que ele contou e olhou n'agua a vidinha do infeliz:

— Olhe, ngonga, sua vida está um baraco, mas nas suas mãos. Plante massa e dê massa a quantos lhe procurarem. Caria-nipembe é sempre quem lhe atrapalha. Massa em cima dêle.

E antes do gonga se retirar, deu-lhe uns pós para jogar nas costas de todas as pessoas que o procurassem:

— Este ibá lhe dará sorte.



FIG. 23

Cassarangongo e Iaiá-Calunga-iba. Símbolos do amor feliz

Si éla disse, melhor éle fez. Com os tempos Iaiá Calunga-iba começou a “dar para traz” que nem ollado ou moñua N’agua, só via o gonga. Então foi a procura d’ele. Encontrou-o ralando massa e ajudou-o. Tomou conta da panela e, quando o caldo estava grôso, estenderam as fôlhas de banana e vamos para fazer acassá. O ultimo era pirrichichinho em relação aos outros. O gonga o deu a éla, dizendo:

— Este cassarangongo é seu, Iaiá Calunga-iba.

Éla guardou o acassáinho nos seios e a noite, já em casa, meteu-o no papo. Bastou para não ter mais socêro, perdica de amores pelo gonga. Parecia que um sino a chamava e éla foi ser feliz nos braços d’ele, nos braços de seu Cassarangongo

Nesse conto ha dois pontos interessantes: — *Acassá-ria-ngongo*, acassá de sino, isto é, que desperta o amor a quem o come, é o *Acassá-ria-ngongo*, acassá de feitiçeiro, isto é, preparado pelo feitiçeiro para despertar amor. O nome *Cassarangongo*, dado ao feitiçeiro, lembra *Iaiá Calunga-iba*, depois chamada simplesmente *Calungambá*, a mega que, além da belôsa feitiçeira, sabia todos os meios de enfeitiçar e foi enfeitiçada, tendo por premio um amor feliz.

Em outros tempos, os namorados não conheciam Romeus nem Julietas, nem Euricos e Hermengardas, nem Faustos e Margaridas. Chamavam-se *Cassarangongos*, *Cassarangongas* e *Calungas*, sendo *Calunga* no sentido de divindade, amôr, encanto, ideal, no que ainda se obedecia a algumas accepções desse termo em quimburú, como também no de boneca, de talismã, significações que, dentre muitas outras, ainda tem o vocabulo na mesma lingua.

Calungambá é, vulgarmente, a feitiçeira que usa de pós e, peiorativamente, a prostitua cuja beleza encanta, mas cujo asseio não existe. O Termo, no auto los *Cacumbis* da Bahia, aparece na boca do feitiçeiro ameaçando um "indigena" que enfeitiçara o grã deixando-o em estado mortal:

Ô Iaiá Calungambá
Cu-sambambê

isto é — A feitiçeira minha companheira, a que sabe usar os pós, faz você "sambar" no apertado, entre dois páus.

FICHA N.º 107 — 1, 2, Bahia — 3, Reconavo — 4, Cruz do Cosme (1905), Capital — 5 CALUMBA-TUBIA — 6, Lenda — 7, Calumba-tubia, Caiumba, Menina de Fogo ou Vagalume — 8, Seus pais — 9, Peição afro-negra perfeita

— 12, A origem do vagalume ou pirilampo — 22, Sub-ciclo do vagalume ou pirilampo — 23, Ialê de candôblé — 24, Exequias de pai-de-santo — 25, S. Carneiro.

CALUMBA-TUBIA

Havia um casal tão pobre que, por não ter uma cubata, morava em baixo dum quisanbo. No fim de algum tempo teve uma filha de cujos olhos saíam dois grandes factos de luz, pelo que lhe deram o nome de Calunga-tubia.

Nunc dia, quando a menina já era talúca, os pais não voltaram. A aflicção dela foi tão grande que saiu a procura-los no escuro. Não os encontrou nunca, mas tambem nunca se desiludiu. Anda pelos matos e dentro das casas, para ver si os encontra, não acreditando que deles não exista mais nem um "farêlo" de pó.

Calumba, - menina - *tubia*, — fôgo, — ou antes, a menina-fôgo, a menina de fôgo, vagalume, pirilampo, em quimbandu, entrou no *Fabulario Bahiano* como *Caiumba*, meninóta. *Caiumba* marcava a atenção da assistencia:

Vamos atrez da Sé,
Em casa de tia Teté,

Caiumba.

Ver a mulatinha
Da cara queimada?

Caiumba.

— Quem a queimou?
— A senhóra déla,

Caiumba.



FIG. 24
A infância de Calunga-tubia

Por causa dum peixe frito
Que o gato comeu.

Caiumba.

Dei com o meu bordão
Em Tubarão.

Caiumba.

Na casa do capitão,
Coração,
Vamos ao redor do pogo,

Caiumba.

Peixinho nos morde os pés:
E' jaeará.

Caiumba.

Quero ver mea mano

Que vem da guerra.

Caiumba.

Si vier vivo,

Vai trabalhar.

Caiumba.

Si vier doente,

Vai se tratar.

Caiumba.

Si vier morto...

Vai se enterret.

Caiumba

FICHA N.º 108 — 1.2 — Bahia. — 3. Reconcavo. 4. Cruz do Cosme, (1905), Capital — 5. A CAMBINDA E O LUANGO (A Coelhinha e o Peixe do Rio, correspondente ao nesso Surubim). — 6. Fabula. — 7. A cambinda e o luango, ou a coelhinha e o peixe d'agua doce. — 9. Feição afro-negra perfeita. — 12. As realizações impossiveis. — 22. Sub-cielos do Coelho e do Surubim. — 23. Ialê de candomblé. — 24. Exequias de pai-de-santo. — 25. S. Carneiro.

A CAMBINDA E O LUANGO

A Cambinda foi á beira do rio beber agua. Aí uma
uma. vóz a surpreendeu:

— Cambinda, você quer casar comigo?

Ela pensou que fôsse uma fôlha e respondeu:

— Você é máfo, eu não quero.

A voz perguntou de novo, mas ela pensou que fôsse
uma platinha e respondeu:

— Você é bardo, eu não quero.

A voz então disse:

— Eu sou Luango, o príncipe das aguas.

Ela aí nem pensou:

— Eu quero.

Apezar de se verem todos os dias, nunca se poderam abraçar. Ela, com medo que ele não a levasse para a agua. Ele, com medo que ela não o levasse para terra. E assim ficaram, até que um dia não se poderam mais ver.



FIG. 25

A Cambinda e o Luango. Muito amor, muitas ilusões

Essa fabula é de uma psicologia tão flagrante que dispensa comentarios, mas vejamos uma outra não menos perfeita, rica de odio que geralmente as peças deste genero não exaltam.

FICHA N.º 109 — 1, 2, Bahia — 3, Reconcavo — 4, Cruz do Cosme (1905), Capital — 5, ANANSI E O MARIMBONDO ou a Aranha e o Marimbondo — 6, Fabula — 7, 8, A Aranha e o Marimbondo — 9, Feição afro-negra perfeita — 12, A vitoria da argucia pela providencia do desastre do ataque — 22, Sub-ciclos da Aranha e do Marimbondo — 23, Islê de candomblé — 24, Exequias de pai-de-santo — 25, S. Carneiro.

ANANSI E O MARIMBONDO

O maribondo andava de déu em déu mordendo os filhinhos dos bichos e tambem a estes. Anansi então se preparou. Cercou a casa dela com uma rêde e ficou bem de seu, trabalhando. O Marimbondo passava, fugia que não estava vendo a tecedeira enfiando os fios, mas dizia consigo mesmo:

— Deixa estar, moléca. Um dia você ha-de sair e fazer um quichinge.

Aconteceu que houve um temporalzinho de vento e uns galhos secos caíram na rede que tapava a casa de Anansi e formaram, com alguns fios, uns cachiugnos. Quando Marimbondo passou e viu, ficou surpreso:

— Ah, chegou o dia. Hoje encalombo tudo.

Mal sabia ele que Anansi o espreitava. O malvado meteu-se pelo quichingue acima, como quem pisava no seguro. Mas ia se enfiando e enfiou-se todo e de tal forma que entrou a se desesperar, a bater as azas para se sair daquela outra surpresa que ele nunca imaginou o esperasse. E, quanto mais se esforçava para sair, mais se enfiava, até que Anansi veio para perto d'ele, disposta a acabar-lhe a vida:

Quinjindu, hoch,
Quiah'bu

E ela mesma o enrolou mais. Marimbondo, gago de raiva, espumava. Anansi eosia-lhe a camisa dizendo:

Quiensa, cuctica
Mumbu.

Arrochou-o bem. Depois, matou-o e levou-o para servir de comida aos filhinhos quando nascessem

A providência da aranha foi ao ponto de salvar a sua casa, até num possível desastre, para que o marimbondo lhe caísse nas armadilhas. Em silêncio urdia a morte do inimigo e realizou-a, tornando-o indefeso ao ponto de ser sufocado. Suas palavras são todas de odio e de victoria: — Marióla, tirano, vagabundo. — Gógo, toca teus instrumentos, faz tua musica.

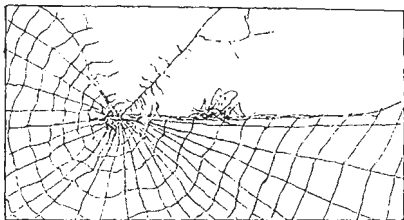


FIG. 26

A Aranha espreita o Marimbondo cilingar-se no quichingi de sua teia

Ainda ha, na Bahia, quem se diga *Anane e filho de Anane*, mas é *Anansi e filho de Anansi*, a aranha da Fábula Afro-negra.

Quichingi. *Anansi*, *Iansi* e outras palavras tem a sílaba final enase muda. Os escritores mantem o *i* final por necessidade, ás vezes, de sua acentização ao se juntar um sufixo, uma preposição, um termo qualquer.

Em verdade, os *itambis* tem um simbolismo que não chegou á compreensão dos que o condenam, nem da maioria dos que o praticam.

CAPÍTULO XXII

CONTOS HAUSSAS

Os Malês, — (estamos somente nos referindo aos Haussás e não aos outros mahometanos, ou Malês), — “quípós de Allá”, “herejes excomungados”, “mouros africanos”, &c. como os chamavam na Bahia, formaram a “colônia” mais illustre de quantas afro-negras o Brasil tem noticia, mas infelizmente vista, após os levantados do seculo passado, como “inimiga de nossa Santa e universal Religião” e adepta do “inconsciente e estúpido islamismo”.

O fato é que os Haussás, senhores de uma lingua bastante harmoniosa, que foi considerada a mais bella e simples do Sudão e, por isso, official nas côrtes e no commercio africanos dos paizes proximos do Atlantico, — tornaram-se entre nós *apurados transmissores do seu e renovadores do Folk-lore Afro-negro*, ora vestindo-os á moda arabe, ora á sua, *obrigando seus descendentes a seguirem-lhes os exemplos, mas impondo-lhes narrações somente em portuguez, sem o uso de termos que não fossem os ditos e falados pelos homens cultos e illustres da Bahia.*

FICHA N.º 180 — 1, 2, Bahia — 3, Reconcavo — 4, Capital — 5, MÃE-DO-OURO — 6, Conto — 7, Mãe-do-mundo e Mãe-do-Ouro — 8, Caçador. Metamorfoses — 9, Feição afro-negra — 10, Origem dos filões auríferos — 11, Ouro — 12, Filha de Malês — 13, Souza Carneiro.

A MÃE-DO-OURO

Nos princípios do mundo havia uma velha muito velha que até parecia haver a morte se esquecido dela. Quase não exergava, nem podia andar. Tremia ao menor movimento e muito mal se ouvia em suas palavras. De perto ninguém a vira jamais nem houve quem se animasse a ir ao seu encontro ou ao seu pouso num buraco no meio da montanha.

Havia entretanto um casal que não hereditava a voz do povo e sempre dizia á filha: - Menina, a Velha que ninguém sabe quem é ha de ser uma fada.

Um dia chegou a Morte e carregou com os pais da moça. Ve-la le-se desamparada e sem pão, tomou o caminho da montanha. A velha foi buscá-la no meio da la-deira e levou-a para casa.

A gente do lugar achou graça. Tanta beleza e tanta mocidade sepultadas com aquela mulher que vira nascer o primeiro deus e se tornara a mais feia e velha do mundo.

A moça, porém, tinha-se por feliz. No buraco da montanha tudo era de prata: — paredes, teto, chão, pilares, tudo como de musgo ou de filigrana, ou antes, como arvores sem folhas. A abundancia e a paz reinavam ali.

A' noiteinha, quando a moça adormecia, a velha, como um vagalume, descia a montanha e ia até á beira de uma lagoa que os homens diziam assombrada. Suspirava tres vezes. As aguas borbulhavam e sorriam. As flores fechavam-se e ferviam-se em donzelas formosas e rapazinhos alegres. A' musica das ondas e ao canticos das folhas das plantinhas, que se dobravam como si o vento as agitasse, os pares dançavam contentes. Depois que se fartava n'aquele prazer, a velha "suspirava para dentro" e tudo voltava ao que era.

A moça ignorava tudo isso e até mesmo o nome da creatura que todos chamavam de Mãe-do-Mundo. E os dias foram se passando assim.

Numa noite a velha falou, tremula, a voz arrastada. Quando chegasse a lua cheia, as duas iriam tomar banho na lagôa. E, quase no mesmo instante, a lua appareceu toda cheia, iluminando a terra como si fosse o sol.

A moça obedeceu. Sapendo a velha sem forças para a jornada, amparou-a pelo caminho, lembrando-se do que lhe disseram seus pais.

Aos poucos a realidade ia se fazendo. Mãe-do-Mundo ia se rejuvenecendo. Suas carnes endureciam. De seus olhos saíam longos fachoos que descobriam os caminhos que as cópas das arvores sombreavam. As ramas dobravam-se cantando hinos. Tudo era perfume e alegria.

As duas despiram-se á beira da lagôa. O corpo da velha era um espelho de prata em que as estrelas brilhavam e a lua refletia em todo seu esplendor. A moça não mostrou assombro. Aquela mulher lhe merecia tudo. Devia ser mesmo feita do que de melhor houvesse no mundo.

Mãe-do-Mundo compreendeu o pensamento dela. E logo, das aguas, surgiu um palacio maravilhoso de cristal e pedrarias.

As duas entraram no banho. As aguas amarelleciram os cabelos da moça. A terra abria-se e os recebeu.

Mãe-do-Mundo desapareceu e, com ela, o lago e o palacio.

A moça tornou-se encantada e invisivel aos olhos dos que ás vezes encontram um ou outro fio de seus cabelos. Saiu pelo mundo a banhar-se nos rios e nos lagos deixando a terra ergulir os cackos, as penngens e

os pedagos de seus cabelos que não cessavam de nascer e de crescer de repente.

Um dia um caçador viu um corpo de mulher revolver-se na corrente de um rio fundo. Seu corpo e seus cabelos eram de ouro. A terra de vez em quando se abria e se fechava. Si isso espantou o homem, tambem lhe deu coragem. Ia atirar-se á agua quando um brago forte o deteve. Era de uma ve'ha horrivel, esmulambada, fedorenta. Sua voz, como si viesse de dentro de um buraco, ecoou: — fecharam-se as entranhas da terra, paralisou-se a corrente do rio, o vento não se moveu.



FIG. 27

Mãe-do-Mundo surpreende o caçador e o impede de aproximar-se da Mãe-do-Ouro

— É a Mãe-do-Ouro.

O caçador, os cabelos em pé, viu o rio seccar-se e a noça transformar-se numa serpente e correr com muito dela, mundo a fóra, encontrando por toda parte as portas

dos cabelos louros da moça que a Mãe-do-Mundo transformou em serpente e deu o poder mover até acima das nuvens.

O Mito da Mãe-do-Ouro, ingenuamente atribuído pelos nossos Folk-loristas a gaúchos e bandeirantes paulistas e bahianos, nos veio da África.

A lenda, colhida em outra bôca, dá o epílogo.

Depois que a *Mãe-do-Ouro* transformou-se na *Serpente Sagrada* caíram chuvas de ouro em todo o Continente Africano. Mataram-na os Mouros e a terra sofreu as consequências funestas dessa maldade: -- até as chuvas de água escassearem, vieram as sêcas, alastrou-se a fome, cresceram os animais daninhos, multiplicaram-se as fêras, formaram-se os desertos, empobreceram-se os homens, desenvolveram-se as pestes, aumentaram as guerras, dividiram-se os reinos e subiram de vulto as conquistas territoriais por parte dos europeus. O ouro que o sêlo guardou não creceu mais, e esse é o que o homem acha em filões, em bôlsas, em pó, com muito trabalho: -- os cabelos da mulher que *Mãe-do-Mundo* acolheu em sua grua de filigranas de prata e levou-a a banhar-se no lago em que, mais tarde (*Mãe-do-Ouro* já transformada em *Serpente Sagrada*), mataram-na os Mouros.

FICHA N.º 181 -- 1, 2, Bahia -- 3, Reconcavo -- 4, Capital -- 5, O CARANGUEJO VOADOR -- 6, Conto -- 7, O Caranguejo e a Serpente -- 9, Feição afro-negra -- 12, Como o caranguejo perdeu as asas -- 22, Sub-cielo do caranguejo -- 23, Filha de Malês -- 25, Souza Carneiro.

O CARANGUEJO VOADOR

No principio do mundo nem só os bichos falavam. Todos tinham asns mais ou menos pesadas ou mais ou

menos compridas. A uns, valia mais andar do que voar, e a outros, mais voar do que andar, pois nem sempre as asas eram próprias á força, ao peso e ao tamanho de cada um.

Como a inveja e o orgulho nasceram com o mundo, os bichos, ou imitavam outros ou usavam o que não deviam usar, as asas ou os pés, para mostrarem que sabiam voar quando o melhor seria andar, ou que sabiam andar quando o melhor seria voar. Assim, quase sempre, não compreendendo que as asas eram, para uns, apenas effeito, cansavam-se voando quando o melhor seria andarem. E tambem outros, em vez de só se servirem das asas, reservando os pés, cansavam-se tanto que a vida se lhes foi encurtando e da vez mais.

Um bicho, porem, foi mais protegido, ou antes, mais invejoso e mais orgulhoso do que todos os outros: — o caranguêjo.

Teve dez asas, umas depois das outras que, por um castigo ou por um desentido da sina, a maior de uma lâc não era igual á do outro.

Apezar disso, o caranguêjo era uma casa cheia de si mesmo. Tinha-se pelo mais bonito e elegante dos viventes e pelo mais corajoso e protegido da sorte, pois entrava e snia do mar quando quer'a e até apostava com as borboletas e os passarinhos.

Ia sempre de bandinha para espiar o que apostava com ele, mas, si via a coisa preta, por lhe amcaçarem as azas ao "pareiro", voava para traz ou de bouda, deixando o outro passar para depois vencer.

Nisso se fez mestre, até mesmo andando, ao ponto de apostar carreira de lado e de cóstas, ganhando sempre.

Si perdia, dava pra ruím:

— Sou voador de nascimento, seu... — e soitava um chingamento.

Desafiava então o que lhe levava vantagem:

— Vamos pra água!

Os hóbos nem refletiam e morriam afogados.

A astúcia do caranguejo lhe valeu uma grande fama. Matava sem ser assassino. Cada uma de suas vítimas era uma vítima do orgulho que faz a pessoa imprudente.

Chegou a vez de um bicho que dança pra frente e pra traz assim que ouve musica e bôta o chapéu e fica em pé como um cacetete quando está zangado. (Meu pai chamava *haje*, mas, em nossa lingua, é serpente). Houve empate. O caranguejo ria-se. Ia vencer mais um.

— Vamos pra lama, sua... e largou uma palavra.

A serpente aceitou. Já ia chegando perto do caranguejo quando ele meteu-se na tóca.

— Venci! venci!

Ela sabia onde começava, mas nunca imaginou que o outro fosse tão esperto. Entrou atrás dele, os dentes rangido. Quando pegou o astucioso, roeu-lhe as azas, deixando só os cabelinhos que enfeitavam as armações. O caranguejo boiou com os olhos pra lá e pra cá, enquanto a serpente tapou, com baba, todos os buracos das penas para nunca mais rascarem.

Desse dia em diante, o caranguejo não voou mais. Anda de bandinha, “de frente e de costas”, nagua e em terra, no sêco e na lama, cava buraco. Si sóbe num páu, pensa que ainda tem azas e cai no castigo, batendo com o casco no chão.

Ramalho Ortigão, em *As Praias de Portugal*, traça uma pagina brilhantissima de sabedoria e de estilo que os nossos Folkloristas devem apreciar:

— “Entre os crustáceos, uma espécie tomada como um símbolo de retrocesso por aqueles que ainda imaginam que ele anda às arréguas, — o caranguejo, o forte e prestante caranguejo encarregado do importante serviço sanitario da limpeza das praias, representa, pela sua configuração e pela sua estrutura, a mais solida, a mais poderosa, a mais terrível maquina de guerra que se tem inventado. Ao pé dessa fortaleza ambulante, a força do homem armado, coberto d’ aço até os dentes, não é mais do que irrisão e miseria.

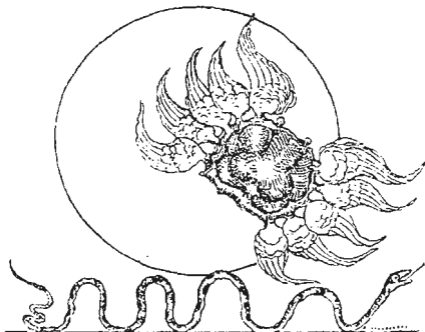


FIG. 28

O Caranguejo Voador apostando com a Haje

Devenos agradecer á natureza, diz Michelet, o ter feito os decápodes tão pequenos. De outro modo quem poderia combater-los? Nem-uma arma de fogo os morderia. O elefante teria de se esconder. O tigre teria de trepar ás arvores. O proprio rinoceronte não teria segura a sua pele

tão rija e tão impenetrável. A esbelta elegancia do homem, continua o grande escritor, a sua forma longitudinal, dividida em tres partes, com quatro grandes apêndices, divergentes, arredados do centro, fazem d'êle, por mais que se diga o contrario, um ente fraquissimo. Nas armaduras dos guerreiros, os grandes braços telegraphicos, as pesadas pernas pendentes, dão a triste impressão de uma creatura descentralizada, impotente, cambaleante, prestes a tombar no primeiro encontro. No crustaceo, pelo contrario, os apêndices ligam-se tão juntos á massa redonda, curta, atarracada, que o menor golpe que elle dá é a massa compacta que o vibra. Quando o animal agarra, corta ou fura, fa-lo com toda força que tem, porque a sua grande energia chega até a extremidade de todas as suas armas. Tem dois cerebros (cabeça e tronco); mas para se resumir, para obter essa terrivel centralização, como se arranja elle? Arranja-se — um pescoco, tem a cabeça no ventre. Maravilhosa simplificação. A cabeça reune assim accumulados os olhos, as antenas, as tenazes e as maxilas. Logo que os olhos penetrantes veem, as antenas palpam, as tenazes comprimem, as maxilas despedaçam, e, pelo lado de traz, sem mais intermediario, está o estomago, perfeita maquina de esmoer, que tritura e dissolve. Não relampago tudo esta consumado: — a presa desapareceu; ficou digerida. Tudo é superior no crustaceo. Os olhos veem para deante e para traz. Convexos, exteriores, facetados, abrangem uma grande parte do horizonte. As pinças ou as antenas, órgãos de indagação e de aviso, de triplice experimentação tem na extremidade o tato e na base o ouvido e o olfato. Vantagem imensa que nós não logramos. O que não seria a mão humana, se farejasse, si ouvisse! Em que conjunto e com que rapidez fariamos as nossas observações! A impressão, dispersa pelo contrario em tres sentidos differentes, que trabalham separadamente, é por esse fato inexata ou fugitiva. No decópode, que tem dez pés, seis d'elles são ao mesmo tempo mãos, tenazes e ainda órgãos de respiração. Assim, por via de um expediente revolucionario, resolve este guerreiro o problema que tanto afflige o pobre molusco: — "respira apesar da concha". A isto, o decapode responde: — "Pois eu respirarei pe'lo pé e pela mão. Este ponto fraco — a respiração — por onde me poderiam dominar, coloco-a na ponta de minha espada, ponho-o no gume das minhas armas de guerra. Ora que lhe toquem agora, si são capazes!"

Apezar de tudo isso, a *haje*, a serpente egípcia que anda nas mãos dos encantadores, cortou as asas ao caranguejo. . .

FICHA N.º 182 — 1, 2, Bahia — 3, Reconavo — 4, Capital — 5, A FERA INVENCIVEL — 6, Apólogo — 7, 8, Quipó, leopardo (kpó) em lingua hausa. Homens e mulheres. — 9, Feição afro-negra. — 12, As honras merecidas aos mortos — 22, Sub-ciclo brasileiro do Jaguar. — 23, Filha de Malés — 25, S. Carneiro.

A FERA INVENCIVEL

Havia, num lugar aí, uma féra brava que dava cabo de tudo. Dos viventes, das ereações, dos outros bichos. Já os "meninos" andavam desesperados quando um deles teve uma idéa:

— Pra fera, carne "de veneno".

Um outro, mais moço, opôz embargos:

— Pr'animal feroz, armadilha.

Contenderam os dois homens, cada qual mostrando mais valia em sua lembrança. Os circunstantes, porém, não querendo aborrecer um, aceitaram as duas idéas. Foi piór. Cada qual tomou-se mais de ódios contra o outro e todo trabalho foi em vão.

A carne desaparecia, as armadilhas fechavam-se, mas a féra nem morria e nem era pegada.

Reuniram-se então os homens novamente e, atribuindo razões diferentes, acabaram sempre por exaltar o aborrecimento dos dois. A féra ia fazendo das suas sem ser molestada. Mais carne envenenada e mais armadilhas.

As mulheres passaram a desconfiar, mas o rumor delas não era levado em conta pelos maridos, nem pelos

irmãos, nera pelos filhos, nera pelos conhecidos. Mas, no meio dos homens, ha sempre algum com artes de mulher, ou que obedece á mulher.

— O, Fulano, você porque não acaba com esse qui-pó?

O marido dela arrou-se e foi. Sabia onde a fêra bebia e por onde passava. Escondeu-se numa arvore e viu o que fazia as armadilhas cavar um buraco no chão e enterrar as carnes envenenadas. Desceu e, quando chegou perto das armadilhas, viu o que botava a carne desmontando todas elas. Ficou bem calado, guardou o segredo e fingiu que não tinha visto nada.

A fêra não parava nos estragos. A's recriminações da mulher, o caçador respondia:

— Ninguem vê a bicha. Como se ha de matar o que não se vê?

A coisa não mudava. Cada vez mais cresciam o desespero e o desanimo dos homens. Veio um inverno, depois um verão, e tudo no mesmo.

O dia do castigo chegou para o que fazia as armadilhas. A sina nem sempre vem sobre o primeiro culpado, mas sobre o ultimo. Estava amarrado uma quando a fêra o pegou, deixando-lhe só a cabeça e os osses do corpo.

Os homens levaram os restos do infeliz para o terreiro e, com grandes ceremonias, dizendo que ele lutara com a fêra brava e que era um valente, dançaram em roda do defunto que, em pé, parecia assistir tudo aquillo. Escolheram outro para o lugar, mas este era contrario á carne envenenada e procedeu como o que morrera. Por sua vez o que sobrevivera não deixava de destruir as armadilhas.

As mulheres voltaram a suspeitar dos lois, mas os homens tapavam logo as bocas delas:

— Quando era o outro você dizia isso mesmo, mas ele morreu justamente quando preparava as armadilhas para pegar a fêrr.

Não durou muito tempo para o que lotava as carnes envenenadas morrer também esmagado junto de *es*. Os homens fizeram a mesma coisa que já haviam feito com o primeiro e elegeram logo o que devia substituir o morto.

Durante a noite houve uma tempestade medonha de ventos, de areias, de chuvas. Ninguém pôde sair de casa para pôr armadilhas com botar carne envenenada, mas, na manhã seguinte, a notícia corria por todas bôças:

— A fêrr apareceu morta, esmagada por um pedregulho que rolou do alto da montanha.

O arranjo da pega destôa do comum. Na elevação do segredo nos homens e, para demonstrar que este segredo se mantem, sobressaem as vítimas em suas próprias ocupações, ficando a verdade sempre desmoralizada por ser dita por mulheres e ainda mais desruída por *ur*. pedra que realisa a vontade geral.

Nesse apólogo se exalta o habito de muitas tribus afro-negras fazerem o defunto participar, em pé no sentado, da cerimonia fúnebre em sua honra.

Isso nos faz lembrar uma passagem de Polibio: — “Quando aerre um romano de posição, fazem-lhe os funerais transportando-o com grande pompa para o Fóro e colocam-no perto de Restres, geralmente em pé para que todo o mun de o possa ver, e raramente sentado.” —

Em Casa de Têlha, Arassuahy, Minas Gerais, vimos, em 1911, o “velório” de um defunto. O corpo em meio do “litapo” e os assistentes, á luz de fogueiras, to-

quando viola e cantando "tiramas" para se "despedir-se do mundo". Essa cerimonia, puramente afro-negra tambem se faz nos sertões bahianos visinhos daquela região.

FICHA N.º 183 — 1, 2, Bahia — 3, Recôncavo — 4, Capital — 5, PARA-ÓSSO — 6, Narrativa 7, 8, Deus. Abutres. Cadaveres — 9, Feição afro-negra — 12, Fome no Egito — 22, Sub-cielo brasileiro de Urubé — 23, Filha de Malês — 25, S. Carneiro.

PARA-ÓSSO.

No "princípio do mundo" houve uma grande seca. Cada vez mais o sol se esquentava e rachava a terra, chapando as aguas. Os bichos daninhos e peçonhentos prosperaram. Os frutos verdes caem e as raizes das plantas murchavam. As lavouras foram morrendo e os animis succumbindo. O povo chamava por Deus, mas Deus nem atendia.

Os creoulos foram avidos, mas cêdo perderam o credito. Outros vieram de outros paizes que, semelhantes aos primeiros, dizendo falarem pela boea divina, deram respostas que foram interpretadas por modos diferentes.

Para uns, a miserie era passageira. Para outros, não. A terra da abundancia, tão rica de aguas e de boas terras, viuha sendo castigada.

Os peixes começaram a se esgotar. Trigo e cereais andavam por esmola. Os peixes escassearam. Os bichos que havia para se comer eram muito poucos, assim ntesmo feridentes e sem carnes. A fome e a sede ensaram-se e aí é que foi mesmo a Morte brincar.

Isso não era um mal. Um beneficio para o povo daquela terra, sim, é que foi. O egoismo, a vaidade a

a mentira viviam com tudo quanto era ruindade. Os homens não trabalhavam. Cada qual mais preguiçoso e mais vadio, a exigir o trabalho dos pobres. Enfim mais gente para merecer castigo do que grãos de areia daquela "nação" infeliz.

Tudo morria e apodrecia logo ao sol. Chegou a nem haver gente para enterrar os mortos. Então Deus chamou Para-ôssô: —

— Ó Para, venha cá. Você está dormindo com tantos corpos para enterrar? Quando ha fartura para os outros, ha miseria para você. Agora chegou a sua vez.

Quando Para-ôssô quiz responder, Deus havia desaparecido. Então Para-ôssô fez uma viagem e, quando voltou, trazia uma nuvem de "galinhas pretas" que não desenganaram em enterrar os mortos. Até o rei meteram na "cova".

Dessa época em diante botou-se uma lei no mundo: — "Galinha de Faraó" não se mata. Para-ôssô é a salvação de um lugar. A peste foge d'ele".

Para-ôssô ainda conserva a raiz primitiva: — o verbo *paras*, quebrar, quebrantar, donde *peres*, o quebrader, o quebrantador, o abutre. *Para-choque*, *paraios*, *para-quedas*, &c., vem do mesmo tronco.

A peça é despida de Feticheismo, mas rica de observação natural. O trigo, os oráculos, os celeiros, a ruína, os urubús, caracterizam bem o flagelo descrito. Nesses tempos, Deus não inspirava ninguém: — falava pessoalmente e depois desaparecia.

FICHA N.º 184 — 1, 2, Bahia — 3, Reconavo — 4, Capital — 5, O PRINCIPE VERMELHO — 6, Conto — 7, 8, Reis. Príncipes. Sentinelas. Povo. A fada vermelha — 9, Feição afro-negra — 12, O valor dos seres em terra estranha — 22, Sub-cielo brasileiro dos príncipes — 23, Filha de Malês — 25, S. Carneiro. (5 e 12 *O Sol e a Lua*).

O PRINCIPE VERMELHO.

Não sei onde, nem quando, nasceu um príncipe todo vermelhinho cor: os olhos e os cabelos bem pretinhos e brilhantes.

O rei e a rainha ficaram muito descontentes. Que pena o filho não ter os cabelos da cor do Sol e os olhos azuis como o céu!

E, nessa tristeza, passaram os dois muitas noites, á varanda do palacio, lamentando a sorte e conjecturando sobre o destino máu que deveria estar reservado ao filho.

De uma feita, — e as luzes andavam sempre apagadas, — viram formar-se e subir do chão uma como que espiga, toda de fumaça branca com uns brilhosinhos dourados. Pregaram os olhos n'ella admirados, pois lhes pareceu a r'ística de sol que seus antepassados diziam aparecer á noite: os reis como um anuncio de guerra para muito tempo.

A espiga foi tomando forma de mulher e, ao desfazer-se da fumaça, dela surgiu uma fada, que havia muitos seculos deixara aquele paiz.

O rei não se moveu do lugar. Desde creança ouvira falar daquela creatura dos cabelos lustrosos, todos negros, e de seus olhos, também negros, que bastavam pousar n'uma flor para transformar suas petalas em moedas de ouro e f'itar uma borboleta para torná-la mais linda e encantadora donzela.

A rainha tambem. Contaram-lhe que a fada, príncieza, do mesmo tronco de seus antepassados, tinha feições iguais ás das mais belas imagens, burnidas e torneadas. Sua beleza atraia e, por isso, quem tivesse a fortuna de vê-la, nem tartamudearia.

Boquiabertos, os dois contemplaram a péle toda vermelha e reluzente da apparecida, as vestimentas negras

que lhe serviam de manto e a figura, unica na terra, da mais formosa mulher de todos os tempos.

Tambem no mesmo instante a fada desapareceu, não se sabe como nem por onde, sem dizer nada.

O rei e a rainha guardaram segredo da aparição e deixaram correr as lastimas dos que viam o príncipe-sinho.

— Que pena não ter os olhinhos azuis e os cabelinhos louros?

Ninguém o achava bonito. Nem mesmo quando cresceu achou princeza, fidalgo plebeo que o quizesse. Para todas elas ele havia de ser um castigo dos céus.

O príncipe, nas vesperturas de ser o rei daquelas paragens, — pois os pais já estavam corcovados de velhos, — e não podendo subir ao throno por não ser casado, resolveu fazer uma viagem pelo mundo á procura de uma mulher.

Nas terras onde chegava, as noças se escondiam. Havia a creença de ser o espirito do mal um príncipe vermelho, da cor de labarêda, com os cabelos e os olhos negros da cor do carvão. E, por isso, até os homens corriam cêce.

E viajou, viajou, até dar num paiz em cujo palacio real se dizia ninguém poderia entrar sem responder ás perguntas que lhe fizessem as sentinelas.

O príncipe, que não se desanimara nunca deante dos dissabores nem das difficuldades, via-se agora deante de coisas admiraveis. Parecia que até as pedras o cumprimentavam. De todos os lados, sorrisos, considerações. Até os seus pagens eram distinguidos pela multidão.

Tudo isso o alegrou muito, mas era preciso penetrar no palacio real, escolher uma esposa e voltar casado a sua terra. Tinha que passar pela "prova da sabedo-

ria", responder ás perguntas que lhe deveriam fazer e que eram a senha mais difficil de se descobrir.

Armou-se de coragem, e foi.

Ao se encontrar com a primeira sentinela, esta ajoelhou-se, pondo a cabeça em terra e exclamando: —

— Eu te saúdo, rei das montanhas, que todos os dias vens com teus raios de ouro iluminar a terra e depois, fugindo para o teu leito, a rainha das planícies véla o teu sono.

E as outras sentinelas repetiram coisas iguaes e ele foi passando sem que nada lhe perguntassem, todas pensando que ele fosse o Sol.

A corte estava reunida em torno do rei, da rainha, dos príncipes e das princezas. Deslumbrados com o brilho resplandecente do Príncipe Vermelho, todos se curvaram reverentemente. Todos não. Todos menos uma princeza que ninguém podia ver senão os pais, os irmãos e os familiares de mais confiança, e de quem os maldizentes falavam como si fosse uma creatura diferente das outras mulheres, até com barbas, voz e formas masculinas e chifres de veado.

O moço ouvira essa história antes de entrar no palacio e, chegando até a côrte, todo seu interesse estava em conhecer essa creatura, diferente, como elle, de todas as outras.

Terminados os cumprimentos, pegou das palavras das sentinelas e apresentou-se como o príncipe do paiz das montanhas que procurava uma esposa para reinar assim que seus vellos pais fechassem os olhos.

As princezas nem esperavam a ordem paterna. O Príncipe Vermelho as recusou dizendo ter ido "decretado" até ali para ver a princeza da qual diziam coisas extravagantes e absurdas.

Os presentes ficaram estupefactos, mas, deante do homem que deveria ser o Sol, todos se curvaram obedientes.

O Príncipe Vermelho, acompanhado pelo rei e pela rainha, entrou nos aposentos da noiva. Nem ele, nem ela, esperavam surpresas tamanhas. Atiraram-se, não se sabe como, um nos braços do outro.

O casamento se fez em poucos dias e o paiz das planícies se viu livre da mulher que todos diziam ter sido a mais feia que já veiu ao mundo.

A nova do casamento chegou ao paiz das montanhas. Ninguém ligou importancia. Um príncipe herdeiro, por piór que fosse, sempre havia de achar mulher, nem que fosse tórta, caôlha, desdentada, para fazer rainha. Demais a fama de fealdade da filha mais nova do rei do paiz das planícies corria mundo e, por isso a curiosidade dos montanhezes foi bastante grande pois iriam ver uma careassa branca metida em ricos vestidos e enfeitada de joias caras.

Já os mensageiros começavam a chegar com as caravanas cheias de riquezas trazendo a noticia de já marcado para a entrada do cortejo dos futuros reis do paiz das montanhas e descarregando os camelos no pátio do palacio.

No dia, o povo vestiu-se de gala e, em companhia do rei e da rainha, foi receber o casal que vinha fazendo uma jornada de longos mezes.

O primeiro montanhez que viu a futura rainha de seu paiz, caiu em adoração e, por atalhos, foi dizer aos que a esperavam: —

— E' linda. A péle é como o azul de céu. As faces tem as cores do crepúsculo. Os cabelos são de ouro. Os olhos são de anil dentro dum mar de leite. E' uma deusa. Talvez a Lúa.

O povo, assim que viu o Príncipe Vermelho e a Princesa Azul, os aplaudiu. Ele, deus no paiz das planícies. Ela, deusa no paiz das montanhas. E ambos reis dos céus, das águas e da terra.

A peça é notável de psicologia, seja sob que ponto de vista se encare. Mesmo no religioso: — os deuses são criações humanas.

Esse "atheismo", muito vivo no mito do Chibamba, surge vez por outra em alguns contos afro-negros.

E' um assunto digno de pesquisa e de reatão, a que não se deverão furtar os capazes de empreendê-la dentro e fora da Africa.

O Folk-lore não é apenas um passatempo como se supõe...

FICHA N.º 185 — 1, 2, Bahia — 3, Reconcavo — 4, Capital — 5, AS ADIVINHAS DO REI — 6, Conto — 7, 8, Rei. Príncipes. Princesas. Astrologo. Lavrador. Homens. Soldados — 9, Feição afro-negra — 12, A audacia elevada pela sabedoria e castigada pela ignorancia — 23, Professora diplomada, filha de Malês — 25, Souza Carneiro.

AS ADIVINHAS DO REI.

Houve um rei que o destino fêz pai de trez filhas, não se sabendo qual delas a mais bonita nem a mais digna de ser rainha.

A mais velha, alva como o leite, os olhos como duas contas azuis, tinha os cabelos como si fossem fios de ouro que deseiam até o chão.

A do meio, morena em tudo. Na pele, nos olhos, nos cabelos, até na formosura.

A caçula, da côr do jambo, os cabelos e os olhos pretos, não podia deixar de ser uma belêsa para merecer, como as outras, o sacrificio de qualquer homem.

Assim era natural que, chegadas á idade do casamento, não faltassem principaes a suspirar, fossem escolhidos esposos de tão lindas creaturas. De todos os cantos da terra vieram, carregados de espendores e de riquezas e cada qual se dizendo mais intelligido por encantos que ignoravam.

O rei, não se seduzindo pelos carêes e pelas co-mitivas dos visitantes, negava as mãos das fillas a pretexto de não as querer sepultar na lação ou no fausto das riquezas, mas ter, como a outros, homens sabios, de que o mundo mais necessitava e seu reino tanto carecia.

Os cortezãos confabulavam-se achando despropositados tais zêlos e procuravam um meio de dissuadir o rei de os animar.

Antes que a côrte pudesse intervir, circumiou o auctor real de estar a primeira princeza real habilitada a casar-se com qualquer moço que satisfizesse umas tautes exigencias impostas pelo soberano. E o dia foi marcado para os pretendentes, excluidos os escravos, sem escolha de sangue nem de posição, mas de idade.

Deante das centenas de candidatos, o rei falou: —

— E' bem difficil escolher um genço dentre vós e talvez ainda mais um sabio. Dest'arte seréis submettidos a provas muito simples. Darei trez enigmas. Os que decifrarem todos serão levados á presenca de minha filha mais velha para que escolha o que lhe agradar. Os que matarem apenas dois serão presos durante dez annos ou servirão vinte como escravos. Os que matarem apenas um, morrerão nas galês e nunca serão perdoados. Para os outros, o premio será a fôrca.

E foi chamado um a um: —

— Qual o primeiro enigma de minha vida?

— Este em que Vossa Majestade e nós nos encontramos agora.

O soberano riu-se a essa resposta do primeiro. Estava certo. Muitos fizeram o mesmo raciocínio e lograram, por outras palavras, se ver livres da fôrca. A maior parte, infelizmente, entrou no castigo imediato.

— O segundo enigma. Porque um rei tão bom e tão magnânimo ha de ser carrasco?

— Porque os sábios põem a cabeça acima do coração e fazem da justiça a maior de suas virtudes.

Aconteceu o mesmo que da primeira vez. Raros puderam ser levados á ultima prova, enquanto os outros, logo tomados de fêrros, foram metidos na masmorra.

— O terceiro enigma. E agora?

Vinha um e não respondia. Outro. Mais outro. E os "meninos" iam levando os freguêses para o "armazem". Afinal appareceu um pobretão, metido em roupas frouxas, surradas, que matou a adivinha: —

— E agora? Vossa Majestade pensa que a princeza não terá o trabalho de escolher nem um de nós.

Só este acertou e, como palavra de rei não torna atraz, foi levado á presença de sua alteza. Assim que ella o viu ficou malucasiuha. Atirouse de braços abertos para o vencedor, na voutade velha de ter um marido, com tamanho impeto que lhe rasgou o quimão.

O espanto foi geral. Debaixo daquelas roupas velhas e largas, todas remendadas, viu-se o fato de príncipe, luzente, cheio de ramagens douradas. A alegria encheu a corte. E fez-se o casamento.

O rei tomou tal afeição ao genro que o ouvia até nas menores coisas. Na verdade o príncipe era merece-

dor dessa estirpa, o que animou o soberano a estudar novas adivinhas para o segundo torneio e chamar pretendentes, mezes depois, para a filha do meio.

Não é necessario dizer que o numero de candidatas excedeu a qualquer expectativa: — foi maior do que da primeira vez. E, por isso mesmo, ent'e enforcados e presos, se contaram alguns milhares. Alguns príncipes. Centenas de nobres

— Qual o deus que se deve adorar no meu reino?

— Vossa Majestade. Antes de serem havidos por irmãos, todos os deuses foram terrenos.

— Onde estarão minha alegria e minha felicidade?

— No Augusto e mimoso infante, futuro rei deste paiz que o destino fez vir ao mundo no dia dos anos de Vossa Majestade.

— Quem reinará neste paiz depois de minha morte?

— Genro ou neto, sobre quem reinar, mais alto reinará, como um dom divino, a memoria sempre lembrada e querida de Vossa Majestade.

Só um mancebo, empoeirado e sujo, levando ás costas uma trouxa, ganhara a partida. O rei, que se havia comovido muito com suas respostas, viu que estava deante de um sabio. Mandou que o preparassem antes de ser apresentado ao povo como o verdadeiro homem necessario áquele paiz. Depois então ve-lo-ia a córte e, por fim, a prínceza.

Quando o vencedor appareceu á janela do palacio, alguns dos circunstantes mais viuzados o conheceram. Não era príncipe, mas um que lia, pelos astros e pelos signos, os destinos dos homens e dos povos. O rei ficou ainda mais contente, tanto mais quanto o moço havia profetizado a sua divindade, e disse ao povo: —

— O sangue faz príncipes, mas os deuses do mundo são os sabios.

Todos aplaudiram a escolha, e a princeza, ao saber das palavras paternas, mais se envaideceu do marido que ia ter.

O casamento se fez com grande pompa, mas o rei não esperou meses, nem semanas para mandar anunciar o novo torneio de adivinhas. A concorrência foi ainda maior do que da segunda vez. Também maior foi o numero de enforcados e de presos. Só um levou a palma. Era um homem robusto, as mãos callosas, a face queimada pelo sol.

— Qual o maior bem do mundo?

— Não é a vida, mas a terra que lhe dá o alimento. Sem a terra não ha reis, nem vassallos, nem as gerações se multiplicam para louvar os soberanos nem os deuses.

— Que é preciso para se gosar o maior bem do mundo?

— Traba'har a terra de sol a sol, todos os dias, como rei ou como vassallo, ou como escravo de um rei nobre e justo como Vossa Magestade.

— Que é um rei?

— Menos do que Vossa Magestade é. Vossa Magestade é mais do que um rei porque, alem do sangue e da sabedoria, é um deus no coração de todos os que são exaltados ou humilhados, perdoados ou castigados.

O rei balançou a cabeça. O lavrador tambem era um deus. Sem ele não haveria a vida: — a terra só não bastava. E não se conteve. Lançou mais um enigma:

— Que é que se cobre de flores e que é que de flores é coberto? Qual das duas coisas preféres?

O mancebo não vacilou: —

— O que por si se cobre de flores é a terra. O que de flores é coberto é a mulher que com elas se enfeita. Quando se tem a terra e não se tem a mulher, não ha

flores no coração. Quando se tem a mulher e não se tem a terra é o mesmo que se ter o sol e não se ter a vida.

O rei esperou a conclusão: —

— Prefiro a mulher.

O soberano percebeu tudo. Perdendo as suas terras, o lavrador ganharia as da princeza.

— Sim. É's mais sabio do que eu pensava.

Na verdade o lavrador conhecia bem o fraco dos homens e não se perdia no trato com eles. E, depois de preparado, foi levado á corte e apresentado pelo rei: —

— Este é o que trabalha e de quem vivemos. Sem ele a nação desaparecerá.

A princeza mais nova orgulhou-se da escolha, mas o lavrador, ao vê-la tão franzina e mirrada, pediu permissão para lançar uma enigma: —

— Que coisa é que nasce para ser viçosa e, mal comparada, tem as ramas palidas e a cêpa fina? As flores que a ornam, em vez de verdes-luz, são amarelas. Si dêr frutos, serão mirrados ou não vingarão. Si não os dêr, cobrir-se-á de feltros. Que falta para ser viçosa e dar a felicidade ao lavrador?

Ninguém sabia, mas os cortezãos riam-se da sua cerimonia do homem. Os maridos das duas princezas fingiam não ouvir, encobrindo assim a ignorancia das coisas comuns.

O rei, porem, gostou. Rio-se muito e matou a advinha: —

— A coisa é a mulher: — a arvore e al comparada. Faltalhe espaço para que o sol lhe gatanta a existencia.

O lavrador bateu palmas de alegria. O rei o abraçou: —

— Anda cá. É's o mais sabio dos homens.

O casamento se fez e o casal partiu para o campo. A mulher pegava na lança do arado de madeira, ajudando o marido. E ambos trabalhavam as lavouras de sól a sól. Um ano depois voltaram ao palacio real, em visita ao pai, ás irmãs e aos carabados. A princeza foi a maior a livinha para o rei. Gorda, forte, queimada, as carnes cora de cimbibo, o sangue afuindo nas faces, enfim, a flôr de coração do homem feliz.

O rei não se conteve, admirando a filha e mandando que todos os seus se preparassem: —

— Vamos matar as adivinhas da vida trabalhando a terra.

A peça é caracterizada pelas "provas da sabedoria" e pelos "enigmas" ou "adivinhas" comuns ao Egito e terras africanas e depois á Grecia, a Roma e a todas as nações e povos do globo.

O tema. — a audacia elevada pela sabedoria e castigada pela ignorancia. — resume-se numa sentença da "ciencia" antiga: — *só os sabios podem ser audazes*. E isso é o que mais vale em *Adivinhas do Rei*.

Ha, porem, figuras inconfundiveis nesse conto. O principe, seu o qual o rei teria destruido a linha de successão. O astrologo, o sabio mais popular dos tempos antigos. O lavrador, que vê a terra, o sol e vida fora dos conceitos religiosos, mas dentro de suas proprias observações. As princezas, todas avidas de amor, querendo o "homem", alheias a sua classe e ao governo de ser paiz. O rei, — rebêlde a tudo que não fosse sabedoria, — sem harem e sen. mulher, buscando, no fim da vida, a lavoura com seus proprios braços, o que o faz maior do que os reis da Europa até dois seculos passados heurados por se chamarem "lavradores".

Ouvimos as *Adivinhas do Rei* ainda uma vez no *candomblé da Cruz do Come*, numa noite que se seguiu á festa de *Oxun-Maré*, no Tanque da *Conceição*, na Capital Bahiana.

As mães de-santo, dizendo-se possuídas por *Oxun*, deusa das aguas, só poderão contar esta e outras peças aos "doutores", num canto escuro, si os "santos" permitirem, por serem "coisa de malê, nêgo cheio de fiducia, qui fala euma qui n'ê pitume". ...

Sendo essa a linguagem, pode-se avaliar o quanto foi estropeado e quanto poderia ter perdido em belêz o conto na bôca da mulher falando por *Oxun*.

O acalô de officio, assistente obrigatorio, fingia-se, como de habito em tais occasiões, o tipo mais idiôta e mais aparvalhado do mundo. Sempre atento, ora cerrava as pa'pebras, ora arregalava os olhos, vezes batia com a cabeça, outras estirava o pescoço, até que, bem sossegado, a mãe-de-santo, interrompendo alguns instantes a narrativa, advertia: —

— Cê tá ouvindo, n'ê, faladêro? Vai pur êi batê sô-lápa, lingua di mulambo, i adispois nã t'aqueixa da surra qui tú toma sem sabê praquê.

— Tá fingindo qui é monggo, n'ê? Ah, bôio. Vai contá coisa di Malê aos onto qui tú fica qui nem edê sôrto pra Exú.

O acalô, assim prohibido, "esquece-se"... E não ha forças que o façam repetir uma dessas "coisas de Malês": — será infeliz para o resto da vida.

A intenção dos Haussás foi nacionalizar, isto é, tornar Brasileiros, pela boca de seus descendentes, os contos afro-negros. E isso é o que de mais importante se apresenta no Folk-lore Bahiano.

Infelizmente os nossos Folk-loristas vão procurar *origens, trasgos, variantes, paradigmas, influencias* e mais coisas hipotóticas arianas, semíticas e civilizadas quando se referem aos contos que saem fora do comum das "historias" sem fundo, attribuindo aos negros uma intelligencia curta e uma ideação acanhada...

O que a nossa Novelistica tem de melhor, de mais accentuadamente perfeito, vem dos Haussás, transmissores e renovadores no Brasil de muitos contos de seu continente. Não importa que os coligidores recebam essas peças dos acalôs bantos, nagós ou gôgcs, misturadas, interpoladas, mascaradas com sainôtes em suas e outras linguas, para se attribuir ao mestiço bahiano reformas que não fez de contos que ainda se podem em grande parte reconstituir, desmoralizando assim illusões que, de vez, necessitam ser apagadas.

O fato de se encontrarem no Folk-lore Português peças que apparecem tambem no Folk-lore Brasileiro não basta para se lhes attribuir *origem* européa. Portugal e Brasil as poderiam ter recebido da Africa e mudado os cenarios, os personagens e os conceitos, embora mantivessem os *esqueletos*. Isso é o que se verifica geralmente. Os exemplos citados por Nina Rodrigues e Artur Ramos, embora poucos, mostram que essa verdade é incontestavel.

Os Haussás foram muito mais artistas do que se possa pensar. Tomaram os attributos dos personagens dos contos afro-negros e moldaram outros muito mais suaves e muito menos crêspes, dos quais daremos adiante dois exemplos, — um do *Quibungo* e outro do *Chibamba*, — nos quais se poderá ver como se tornaram renovadores, ou antes como procuraram, dentre outros, nacionlizar esses dois Mitos como si fossem propriamente seus.

FICHA N.º 190 — 1, 2, Bahia — 3, Recôncavo — 4, Capital — 5, A MULHER PERVERSA — 6, Fabula — 7, 8, Marido. Mulher. Outras pessoas. Quibungo. A Cachorra — 9, Feição afro-negra — 12, A inconsciência da mulher que desmoraliza o marido — 23, Mulher de aiufá — 25, S. Carneiro.

A MULHER PERVERSA.

Havia um homem que, por nunca ter sido apanhado numa mentira, era tido como o primeiro e o mais sério do lugar. Aconteceu que ele, indo fazer uma viagem, voltou do caminho e contou á mulher o motivo porque não a faria mais.

— Encontrei um lobo com o espinhaço aberto. Supuz que estivesse morto e aproximei-me. Era uma outra bôca, até com dentes, que me pareceu capaz de esconder um elefante. Fiquei admirado, mas o bicho estava vivo. Abriu os olhos, levantou-se e meteu-se nos matos, sem me ofender.

A mulher não acreditou, logo ideando ser aquillo um estratagemia do marido. Riuz-se muito dêle se encontrar com Quibungo, dissimulando o odio que lhe nasceu contra o homem.

Logo depois chegaram outras pessoas e ella se apressou em contar porque o marido voltara da viagem, mas o fez de tal modo, fingindo-se ingenua, com o intento de desmoraliza-lo, que ninguém acreditou nêle.

— Pois você, que toda a vida falou verdade, querer nos enganar com esse Quibungo! Ha muito que ele não apparece.

O homem calou-se. No dia seguinte, meteu-se no mato á procura do lobo da bôca nas costas. Ache-o á beira da fonte, sentado, deixando ver os pés e as mãos humanas. Reparou-o melhor, admirado dele es-

tar sentado como um cachorro, e sentou-se deante dele. Olhavam-se e não diziam palavra um ao outro. Depois de muito tempo, chegou a Cachorra, morta de sede. Meteu a lingua n'agua, *liépo, liépo, liépo*, até se encher. Ia se embora mas, vendo os dois sentados, sentou-se deante deles, enxugando o suor da cara com os braços. E, depois, fez como os outros dois. Olhavam-se e não diziam palavra um ao outro.

A Cachorra, não suportando tanto silencio, perguntou ao homem o que havia. Ele explicou o embaraço em que estava, não sabendo o que fize-se para ser acreditado. A conversa que tiveram ninguem sabe, mas a Cachorra, por não ter domo e andar pelos terreiros e pelas cozinhas, era mais experta do que parece:

— O senhor quer saber de uma coisa: — O medo é a alma do mundo.

Desde esse dia, quem ia á fonte buscar agua ou ao mato á procura de lenha, voltava para casa assombrado, sem nada levar.

— Deve ser Quibungô. Bem ele dizia.

Todos procuravam o homem, mas ele tinha ido fazer uma viagem e não voltaria tão cedo. Partira no dia immediato aquelle em que a mulher o debochou. Cada qual descrevia a Cachorra de um modo mais fantastico. A perversa, não querendo re-habilitar o marido, duvidava.

Afinal chegou o dia dela ir tambem á fonte, pois a do fundo da casa havia secado, e ir no mato, pois a lenha que o marido deixara já se tinha gasto. E, deante das opiniões contrarias, teve que se decidir pela desmoralização do marido.

Bem cedinho ela saiu. N'eteu se nos matos, andando, andando. Fez o feixe da lenha e deixou-o á beira da estrada. Tomou o póte e foi para a fonte. Eueheu-o

d'agua. Banhou-se. Vestiu-se. E bateu os pés pra não chegar de noite.



FIG. 20

A Cachorra assombrando a Mulher Perversa

Havia dado poucos passos quando quase morreu de susto vendo a Cachorra com um chapelão de palha na cabeça, em pé, reída em saias compridas, num casaco de mangas frouxas, uma fita de pano vermelho amarra-

da na cintura. Deixou cair o póte, que se fez em pedaços, e abriu na carreira os cabelos em pé, assombrada, sem se lembrar do feixe de lenha. A Cachorra, mais ligeira, ia por atalhos, aparecendo aqui e ali, muitas vezes.

Chegou em casa, tremula de medo, a alma a lhe sair pela boca, mas a Cachorra já tinha se despido e estava perto, disfarçando como que procurasse algum osso pro roer na beira da cossinha.

Os moradores do lugar correram a acudir a mulher, mas, por alguns terera visto Quibungo, atinaram que havia tambem uma "visagem" e combinaram acabar com ambos.

A Cachorra correu para o mato, vestiu-se de mulher e foi onde estava Quibungo. Contou-lhe o que havia. Então concertaram o plano de uma arruaça no terreiro em que os atarantes se reuniam com armas e pedras.

No caminho, encontraram o marido da mulher perversa, montado num cavalo, que já voltava de viagem. Quibungo matou-o com animal, sélas e tudo na barriga das costas.

Estava o povo todo reunido, a mulher dizendo que a "visagem" havia de ser o proprio marido, quando a Cachorra appareceu num canto do terreiro, em pé, vestida de mulher, e Quibungo do outro, abrindo a bôca das costas e botando pra fóra o marido, montado no cavalo.

O povo assombrou-se e correu para todos os lados. A mulher perversa teve o castigo merecido. A Cachorra acenou-a e Quibungo, — páco! — sequeu-a no "salão escuro", onde passou muitos anos sem ter com quem falar, amassando o genio e compreendendo que a mulher deve honrar o marido sem nunca injuria-lo.

Penetrem aí os Folk-loristas e verão, pelas interpretações que poderão dar, — aliás diversas, — que os Haussás, como renovadores dos contos afro-negros, sabem, as vezes, vesti-los de uma elevada moral.

A Cachóira, quase sempre fantasiada como mulher nos contos afro-negros, simbolisa, geralmente, a prostituta. O Quibungu tem simbolisação diferente das que já vimos nas seis peças transcritas no Capítulo XX, mas a boca das costas ainda continua sem funções de estomago...

A *Mulher Perversa* é um admirável exemplo para interpretações e estudo.

A *Cantiga do Jardineiro* é uma das mais belas peças de renovação de Folk-lore Afro-negro pelas Haussás da Bahia, assentada nos atributos de *Chibamba* que referimos no Capítulo XI.

Nossa função não é modificar, nem alterar, nem concertar a linguagem das peças coligidas, mas isso não embarga lembrarmos a necessidade dos estetas da palavra estilizarem os contos, as fábulas, as narrativas, as lendas, os apólogos, já havidos como corréctos á luz dos métodos científicos e os fazerem, como seus, correr mundo, ilustrados ou não, mantidos os *esqueletos* em cada caso e respeitadas os *atributos* de cada Mito, evitando outras que a fantasia os altere ou erie interpretações e correlações baseadas em muitas ilusões dos Folk-loristas de Lobishomens, Mulas-sem-Cabeça, Póreas Móles, &

FICHA N.º 199 — 1, 2, Bahia — 3, Reconcavo — 4, Capital — 5, A CANTIGA DO JARDINEIRO — 6, Conto — 7, 8, Chibamba, Princesas, Príncipes, Rei, Mensageiros, Adivinhos, Soidados, Seres de transformação — 9, Feição Afro-negra — 12, O sobrenatural nas vitórias do amor — 22, Sub-ciclo de Chibamba — 23, Cherife do Taboão — 26, Souza Carneiro.

A CANTIGA DO JARDINEIRO

Numa terra cujo nome não me lembro mais, havia uma senhora que perdera todos os parentes, só lhe restando um filho. Sentindo que ia morrer, chamou o rapaz, deu-lhe uns conselhos e cantou, até que ele aprendesse uma cantiga muito linda de um jardineiro que era amado por uma princeza também muito linda. E, por haver empobrecido, a mulher outra coisa não pôde legar ao filho senão um Chibamba que lhe apparecêra dias antes.

O moço, vendo-se só no mundo, resolveu deixar a terra assim que a senhora morreu, vestido, sobre a sua de príncipe, uma roupa de trabalhador. O passarinho, que vivia solto, acompanhava-o, pulando de galho em galho, saltando em cima das frutas que lhe podessem servir de alimento, espantando também a tristeza da viagem com o seu canto alegre e harmonioso.

Depois de andarem muitos dias, deram num lugar muito bonito e alegre. Fosse o moço como jardineiro do palácio de uma princeza muito linda, noiva de um príncipe que tinha fama de ser o homem mais feioso que já havia nascido na terra.

A princeza entretanto, — apreensiva com o destino do pai, empenhado numa guerra de muitos anos, — não ligava importância ao jardim, nem ao jardineiro e talvez nem mesmo se lembrasse de suas existências bem perto dela. Aconteceu, porém, que um medico muito velho, de passagem por aqueles lugares, indo visitar a princeza e achando-a muito triste e acobardada, aconselhou-a a despertar bem cedo, antes do nascer do sol, e respirar o ar puro, mesmo que não saísse do quarto.

A moça, com medo de morrer tão na flor da idade e tão formosa, fez o que o medico mandou. Ao cantar

dos galcos, postava-se á janella, horas e horas, sem se importar com o sol que a queimava, a contemplar o jardineiro, com pena dele ser tão bonito mas entregue a um serviço tão bruto, o que não o embargava de viver sempre feliz, cantando uma cantiga cujas palavras ella não ouvia mas aprendia o tom.

Assim ella começou a querer bem ao jardineiro e a esquecer-se do príncipe feioso.

Um dia, — e o jardineiro não se levantava ás horas do costume, — Chibamba cantou, — como que para ella ouvir, — do alto de um arvoredo, repetindo, em seus tralados, a cantiga que tanto a fizera amar o moço em vez do príncipe feioso. Quiz logo ser dona do cantozinho e botou toda a gente do palacio para pegalo. Tão cedo umas gargalhadinhas, debicando dos que o perseguiram, desapareceu.

Quando ella voltou ao quarto, depois dessa carreira atrás do que não alcançou, viu o jardineiro bem de seu, como si nada houvesse acontecido, regando as plantas e cantando para deante. Invejou a felicidade daquelle homem e lastimou a sua sorte de ser noiva de um príncipe malvado e estúpido.

Dias depois, abriado a janella, viu Chibamba pousado no ombro escuro do moço, cantando, em musica, a Cantiga do Jardineiro e este contente de o ouvir. Ficou tão encantada que nem se podia mover do lugar nem balbuciar palavra, tanto mais por lhe parecer ter visto, debaixo das roupas do trabalhador, seu fado de príncipe. O passarinho bateu as asas, deu uns estalidosinhos com o bico e foi cantar nas arvores do pomar, enquanto ella, fechando os olhos e suspirando, sentiu que amava o jardineiro, — e a mais ninguém.

Na tarde desse mesmo dia chegaram os embaixadores do príncipe feioso em camelos arreitados de prata.

Traziam a nova de o casamento dever se realizar dentro de seis semanas e por ocasião da coroação do noivo, que ia passar a rei de seu paiz. Ela recebeu a noticia tão fora de si mesma que nem perguntou coisa alguma.



FIG. 30

Chibamba, o Principe Jardineiro e a Princesa

Na manhã seguinte, quando abriu a janela, a princesa viu o jardineiro cantando uma canção muito triste e as flores que ele regava murcharem, acompanhando

do assiu o sentimento de sua voz que parecia vir de muito longe. O passarinho, sem se mover de um galho seco todo encarujado, tambem cantava, por musica, a cantiga de dôr do filho da princeza pobre.

Ela comprehendeu tudo, mas a fama do noivo, de não e deshumano, corria mundo. E chorou.

No palacio, não se sabe como, a mesma hora, todos choravam, até os embaixadores. E estes, vendo que tambem as paredes choravam a elcra e os moveis a solagar, resolveram partir para o seu paiz.

E meteram-se na estrada, todos macambuzios, levando a puxar um canec e um pobretão-esmolér que eles não sabiam ser Chibruza que se encantara em honra.

Por onde passavam, as plantas choravam e morriam. Os bichos tambem. As aguas borbulhavam e sumiam-se. A sêca ia com eles, torrando tudo, fazendo impossivel o cumprimento da palavra do principe feioso.

Por não haviam os embaixadores se aproximado do palacio de seu futuro rei e todos eles e os de sua comitiva perderam a fala. Deante do principe, só o pobretão conseguiu, por meio de gestos, dar a entender estarem mortos de sede e de fome. Dias depois, quando poderam falar, nada conseguiram dizer, pois se haviam esquecido de tudo.

A sêca ia esturricando todas as terras do feioso até que elle, empobrecendo a galópe, resolveu reunir os adivinhos para que lhe dissessem a razão da impiedade de um ta castiga. No dia combinado, ma a um entrava e, em segredo, pois o principe os separou para não se communicarem, todos disseram a mesma coisa: —

— Desde ó dia em que uma princeza muito linda amou um principe que se fez jardineiro, que o Destino, vestido de pobretão, leva, por onde passa, a tristeza, a fome, a sede, a ruína e a morte.

O príncipe feioso interpretou aquelas palavras a seu modo e acabou por mandar prender o pobretão-esmolér que viera das terras da princeza sua noiva, recomendando que reforçassem as guardas e o tivessem a sete chaves.

Enquanto isso se passava, o jardineiro cantava e as tochas que ele molbava riata-se e as flores tocavam uma linda musica de encantar. A princeza foi ver de perto aquelas coisas maravilhosas, mas ele fingiu não a ter visto. Ela cantou a cantiga d'ele, pois já a havia aprendido. As flores dançavam á sua voz e ele continuou a fingir que não a vira, prostrando de onde vinha tanta harmonia.

E isso todas as manhãs, sem se falarem, sem se olharem. Numa delas, porém, Chibamba, que chegára das terras do príncipe feioso, assim que a princeze chegou ao jardim, cantou em companhia dos dois. As plantas cresciam, tomavam corpo e viravam em pessoas. As que tinham somente folhas, em moços muito bonitos e muito bem vestidos. As que tinham flores em moços lindas, dos olhos azuis e dos cabelos de ouro. Toda essa gente cantava e bailava ao som da Cantiga do Jardineiro, mas quase nem punha os pés no chão como se tivesse asas invisíveis.

A moça pensou estar souhando, tão pobremente vestida que se achava diante daquela riqueza que nascera a seus olhos e sem igual no mundo.

Nesse ato, o passarinho cantou, falando e trinando, a vida do moço e, quanto mais ia dizendo, mais iam caindo os pedaços da roupa do jardineiro e aparecendo as do príncipe que ele era.

A moça não pensou mais. Correu, mudou a roupa e casou-se com o filho de princeza pobre, cantando os trez a cantiga que os viu.

Dias depois Chitamba appareceu nas terras do principe feioso vestido de cantor de rua. Riu-se muito de ainda se procurar o pobretão que fizera das sete chaves da cadeia do palacio do rei ainda não coroadado e "abriu o bico" despertando a quella gente que parecia ir morrerdo. Tudo voltou á vida e á alegria. Ao pé de quem chegasse, espantava as tristezas e servia de encanto. Adivinhava até o que os adivinhos iam dizer.

A fama do cantor chegou até os ouvidos do principe feioso que não se demorou em mandar convidá-lo para um banquete para eles dois somente. Depois dos "comens e hébes," o futuro rei daqueles lugares quiz saber o que deveria estar fazendo a princeza sua noiva.

—Está casada e bem casadinha com o moço mais bonito e mais feliz que já nasceu na terra.

O principe esbugalhou os olhos, brado da vida, mas Chitamba foi logo cantando a *Cantiga do Jardineiro* que era tambem a historia da princeza pobre que a ensinara ao filho ante de morrer.

O feioso entendeu, nas palavras do cantor, a historia dos amores de sua noiva e não ponde conter a raiva. Quiz gritar pelos guardas para prenderem Chitamba, mas sua boca entortou-se. A furia cresceu mais. Quiz arrumar-lhe um casêto que estava no alcance de sua mão, mas o braço secou e tornou-se como de pedra. Resolveu então atirar-se com todo o corpo sobre Chitamba, mas tambem não ponde: -- tinha se virado em um sacco de carnes e de ossos.

Os moradores do palacio, depois que o cantor se foi, foram ver o principe e ficaram muito desolados deante do seu estado. Mandaram chamar os adivinhos e estes, sem pestanejarem, disseram todos ser aquillo passageiro, mas obra de um homem que se banqueteara com o futuro rei, um ser encantado, ou antes, a alma da mão do prin-

cipe mais formoso que havia na terra e marido de uma princeza muito linda que se esquecera do compromisso que havia contraído com "sua alteza".

Juntaram-se todos, inclusive o principe feioso, que voltou ao que era e logo foi coroado rei, para matarem o cantor, que havia desaparecido, e prenderem o principe jardineiro e sua formosa mulher.

Quando iam se fazendo a caninhão, — muitos soldados, muitos animais, muitas armas, camêlos e elefantes carregados de mantimentos, — uma tempestade de raios separou as terras do feioso das outras terras, fez d'ela uma ilha que os ventos levaram para o meio do mar, longe, bem longe, onde ainda hoje se ouve, de bem distante, levada pelos ventos, a cantiga do Jardineiro que faz as folhas rirem-se, as flores cantarem e tudo dançar de alegria e de felicidade.

Chegamos ao fim desta segunda parte e não ao termo deste livro, inicial de outros que virão a seu tempo.

A época das ilusões já passou. Nina Rodrigues e Artur Ramos abriram caminhos novos á Ciencia do Folklore e Silva Campos forneceu muitos elementos para estudo. Assim a obra do Folklorista Brasileiro evoluiu: illumineu-se muito no Passado, mas agora se volta ao Passado para illumina-lo. E' porque de tudo isso resalta uma verdade:

— *O Folk-lôre Afro-negro e o Folk-lôre Amerindio são quase as unicas fontes dos Contos Tradicionais Brasileiros.* Não ha "mestres", nem "escolas" e nem "autoridades" que resistam a força e a abundancia das provas que ajuda virão a lume.

TERCEIRA PARTE

ELUCIDARIO

NOTA

Não busque o Leitor, nas paginas do ELUCIDARIO, materia já explicada ou comentada no texto da obra, nem o que se encontra dito por Nina Rodrigues e Arthur Ramos.

Tambem não nos crimine por havermos preferido a ordem dos assuntos em vez da ordem alfabetica:

1.º — ha palavras que, podendo ter sentidos diversos, teriam interpretações diferentes das que tivemos em mira;

2.º — jogando com termos de linguas diferentes e afins que ás vezes se opõem, não queremos ser dos que confundem, mas o que evita confusões;

3.º — a disposiçãõ anõla certas repetições: — o que é desenvolvido ou tem apenas um ou sentidos determinados, si figura no ELUCIDARIO de um Capitulo, não necessita ser referido em outro;

4.º — o trabalho do escritor é parafrasear a sua obra e não mastiga-la para o lexicógrafo;

5.º — a este cabe dispôr em ordem alfabetica os termos "dicionarizados" ou não e inclui-los onde achar conveniente.

* * *

A grafia dos termos afro-negros que se encontram no texto é a portugêsa, a exceção de muito poucos em que entram k e w. Geralmente empregamos, em vez de chi, e para evitar a duplicidade de pronuncia, qui e chi, nos vocabulos de nossa Língua.

* * *

Silva Campos reuniu 81 peças folk-lóricas, das quais 75 colhidas no Recôncavo Bahiano, sem que nessas se achem, como ele mesmo diz, nem um dos contos coligidos por Sílvio Romero sinão sob diferente versão.

* * *

Procedendo a um balanço nas paginas anteriores deste livro, — que não tem propriamente o caracter de coletanea, — o Leitor encontrará 55 peças folk-lóricas entre contos, lendas, apólogos e fabulas, sendo:

(a) transcritas ou resumidas	14
(b) renovadas ou refundidas..	2
(c) nunca referidas.....	39

* * *

Mais de quinhentos Termos Afro-negros estão registados e vistos em suas origens e accepções nas partes deste livro.

As vezes nos insurgimos contra os etimos apresentados por outros que nos precederam no conhecimento do Leitor, mas essas divergencias apoiam-se em estudos e verificações num tesouro abundante e precioso que é o *Recomeço Bahiano*.

Já esse fato se accentuara antes de nós com a publicação da obra de Jacques Raymundo, *O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa* (1933) e com a de Renato Mendonça, *A Influência Africana no Português do Brasil* (1933) que logrou uma segunda edição como parte da *Bibliotheca Pedagogica Brasileira* (1935), — obras essas especializadas quanto aos etimos dos vocabulos de que tratam, muitas vezes mais valiosas do que outras anteriores sobre *Termos Brasileiros*.

* * *

As fábulas de Esopo foram coligidas por Demétrio de Falero pelo ano 320 antes da era christã. Quase todas que nos vem hoje são de autoria do monje Planudo, que viveu no seculo XIV. Tem tida a mesma sorte em todo globo: — versões diferentes de paiz a paiz, de epoca a outra.

O Folk-lore e a Linguagem Popular sofrem no Brasil as mesmas variações, — motivo por que os devemos buscar nas fontes mais antigas.

ELUCIDARIO

I. Nucleos da Linguagem Popular

CLASSIFICAÇÃO. — Somos dos que se insurgem contra todos os modos de classificar e contra as classificações que não se autorizem em dados firmes e em grupos de formas definidas de igualdade e semelhança de caracteres. — daí o opormos duvidas sobre as que, seja qual for o assunto, apparecem no Brasil sem a subordinação a uma certa ordem de matrizes que devem constituir as linhas nêstras a que se assoeiam as ordens e os grupos sufficientemente determinados.

Somos assim, na maioria dos casos, partidarios das classificações rudimentares, proprias á infância dos conhecimentos scientificos applicados á vastidão de nosso paiz, pois apenas separam, em grandes classes, o que futuramente, aos sábios e especialistas cabe organizar e dividir.

Adotando esse criterio do mais simples, cada um evitaria o perigo, que sempre nos assedia, do assalto da erudição dos que, sem contacto com os meios nacionaes extensos e quase não saindo dos ambitos das bibliotecas, se arrojam a crear doutrina, amparando-a com um "piólho de cõbra" de nomes estrangeiros e mascarando o toxico de suas conclusões com os elixires de exhibição negativa de amor patrio.

O trabalho de tais "classificadores" de coisas que lhe são alheias tem sido, a pretexto de orientação scientifica, quase sempre o de semear utopias e dirigir opiniões

e análises falsas. — subordinando o Norte e de a maioria dos estudos pode ser feita com firmeza e abundância em bastas e admiráveis fontes de primitividade e de evolução, ao tristíssimo e renegado papel de agregado ou de escravo das opiniões sulistas.

Assim, não raro se verifica o mesmo que no século XVIII acontecia aos naturalistas que esboçavam árvores de famílias, gêneros e espécies e nelas incluíam as "pedras", as "terras", os "metais", os "gases", os "minerais" e os "fósseis" como subordinados ao estudo da Botânica. — ou serão, como nesse e no século anterior, e ainda no passado, com os sábios que se esqueceram do que era real e estabeleceram hipóteses e doutrinas sobre aberrações, divagando assim á farta sobre assuntos estrangeiros e versos dos primeiros poetas.

Longe da maioria dos nossos estabelecer os pontos de contacto dos assuntos nacionais com as ciências que os explicam e esclarecem e subordinar as classificações ao critério de uma, misturam os métodos de todas e os aplicam, dando assim a "ecletico" uma acção nada razoável e em nada filosofica.

Em questões de Dialectologia, por exemplo, ninguém de bom senso se aventura a contestar as palavras de Virgilio de Lemos em *A Língua Portuguesa no Brasil*. — "A dialectologia ainda não se constituiu entre nós uma disciplina autonoma, com objecto, programma e estudos proprios".

Estudioso dos assuntos atinentes ao Calão Brasileiro, Rodolfo Garcia não deixou de reconhecer essa realidade antes ou depois que Virgilio a dissésse, tanto que afirmando não corresponderem á realidade dos fatos, estabeleceu possíveis *zonas dialectologicas*.

I. *Norte*: — Amazonas, Pará, Maranhão.

II. *Norte-oriental*: — Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas.

III. *Central-marítima*: — Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro.

IV. *Meridional*: — São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

V. *Anti-plana-central*: — Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso.

Não ha duvida que essa classificação é rudimentar, distribuída em *zonas*, estabelecida sobre o criterio geográfico, ou antes subordinada aos meios geograficos, correspondendo assim ao ideal de uma classificação dialetologica sob esse ponto de vista, mas nem uma critica é lealmente possível deante das proprias palavras de Rodolfo Garcia.

Estamos com João Ribeiro nesse particular. É no criterio historico-cultural que assenta, em nosso paiz, qualquer classificação dialetologica rudimentar. E por isso chamamos *Arco Historico* ás suas "cinco células fundamentais que por multiplicação formaram o tecido do Brasil antigo": — Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo cujas capitais foram centros em que se fusionaram e agiram com mais intensidade as línguas portuguesa, africanas e brasileira e onde mais se accentuaram a evulção dos catequistas, a catiquése das terras selvagens e a penetração do paiz, fatores indispensaveis, com outros raciaes e linguísticos ameríndios, á formação dos dialetos.

Rodolfo Garcia foi muitas vezes mais feliz, logrando, no criterio geográfico, uma classificação menos sujeita a contestação do que a de Antenor Nascentes, — e mesmo cuja autoridade repelimos para dizer da legitimidade da terminologia mineralogica, geologica e palentologica, igual a por nós adotada e publicada em 1905-1907, que

os nossos colegas professores de escolas superiores e engenheiros dos serviços geológicos e mineralógicos entenderam de fazer oficial, em 1921, isto é, o mesmo que, em 1932, publicando o seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, fez-se alheio a tudo que ele mesmo aprovava e aclara bem como "espanhól" e como filólogo.

Antenor Nascentes aparece com os seus quatro sub-dialetos:

a) *nortista*: — Amazonas, Pará e litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia;

b) *fluminense*: — Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas Gerais e zonas da mata, Distrito Federal;

c) *sertanejo*: — Mato Grosso, Goiás, norte de Minas e sertão do Nordeste;

d) *sulista*: — São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro.

Pelo menos nós, os do Norte, podemos rir, e muito, desse sub-dialeto *nortista* e desse sub-dialeto *sertanejo*, vendo, sem dialetica, neles dois, o filólogo que, não conhecendo o Norte nem o Sertão, ainda misturou Mato Grosso com o Nordeste, o Espírito Santo com o Sul de Minas e São Paulo com o Rio Grande do Sul.

II. Fichas Folclóricas Brasileiras

FOLK-LORE. — O nosso Folk-lore tem sido, no geral, lixo em torno do qual giram questionculas quanto a *origens* das peças, si brancas, si vermelhas, si negras, si pitadas. O bom, o melhor, a mata, no meio de quarentena, mantém-se livre dos *sobrinhos de tia rica* como bem nos descreveu um garimpeiro pernambucano:

O Sobrinho da Tia Rica. Um moço, certo dia, despediu-se de todos por estar cansado de morar no Recife. E abriu os pés no mundo, para a Córte, sem mandar noticias pra ninguem. Quando chegava alguém de lá e que se perguntava pelo Ciço, a resposta era logo:—

— Que mal lhe vem? Na bôa roda, gosando a vida.

Outro chegava e dizia diferente:—

— Na calaçaria, c'as francêsas. D'aqui uns dias tá é podre.

Os parentes foram morrendo e só ficou um tia "unha de fome", ricona de verdade. A velha, D. Firmina, — que Deus lhe fale n'alma, recebeu uma carta toda cheirosa em papel que os entendidos disseram que só Dom Pedro II seria capaz de usar igual. Era do sobrinho. Dizia que tava riquissimo, com "calôve" e casa propria "dêle", mas inda solteiro. A solteirona aí engordou de alegria. Gente rica gosta de ter parentes tambem ricos. Deixe lá que tem rasão: — pobreza "de pobre" é coisa mesmo ruim. Daí pra cima foi carta pra lá, carta pra cá, que até parecia namôro. (Sei lá, mea senhor, o diabo que jure).

Gente da Córte, hum, é escovada. Um dia D. Firmina recebeu um telegrama toda apressado:—

— Seu sobrinho bastante doente. Doutor Fulano dos Anzóis.

A veiôta não cuspiu:—

— Imbarque êle no prêmoro vapor. Quero Ciço aqui.

Aqui pra nós: — O bicho tava tocado de moltestras ruins até o pêlo da alma lá dele.

A recepção foi aquilo que se sabe, mas o tal do sobrinho parecia já morrendo de canseira. "Despacha-logo" fazia o bicho encovado, tossindo mais que cachôro languenza quando está de "ronca-ronca". D. Firmina "garceu-se" com todos os santos e fez prémessa até aos que ainda não de vir. Não desamarrava a saia da cintura e ia gastando os vintentinhos na esperança do "desabusado" ficar bom e casar com ela, ou si morresse, ela ficar com a bolama, pois Ciço dizia a toda horinha:—

Não faça sovineza não, minha gente. Meu testamento é gôrdo. Está ali na mala.

Doutor, botica, remedio, carinho, noites perdidas, valeram de nada não. Quando Deus marca, ninguém se livra. Pra semente ele não havia de ficar. Nem ele, nem nem-um. O Cigo morreu, confessado, ungido e sacramentado, tendo até o vigário dito que ele era um santo.

O testamento foi aberto para todos os convidados, diante do corpo, saberem quais eram as últimas vontades do morto. Nada. Era pra saírem batendo a língua pelo Recife todo, cantando a fartura da riqueza. Assim que o "leitor" cantava, *deixe isto pra minha tia*, D. Firmina abria numa prantina desesperada, inventava um ataque, e depois gritava "*arrepita, arrepita*", pra poder "berrar" mais e lastimar, soluçando pra se acabar — *Coitado de meu Cigo. Deus tome conta dele*. O povo todo respondia: — *Amen*.

.. Mas era casa pra nunca mais se acabar, em cada rua de nome "difícil" que todo mundo ficava jejuando, e não "arrepita" certo nem por Deus Padre. Nem sei como se bota tanta palavra "arrelviada" lá pela Corte e os moradores não se perdem. Dinheiro n'era patáca, nem cruzado, nem sêlo. Aos "contão" de réis. Aos "milo" de contos pra rir. Agora as casas de negocio que ele era dono.

A tia "esperneava", mas era de trêta. Gente rica, quando herda, chora da festa pra rir. Si até o pobre é assim. Enterrão de "promêra", com todo luxo. Até o presidente da provincia foi.

— Ele merecia

Ora que bem. Depois da missa do sétimo dia, D. Firmina "s'aperparou" toda e "s'embarcou" para o Côrte. Não bota-fora até no Lamáreo.

Qui nada, nem nada. Nem casa, nem negocio, nem "milo" de contos, nem uma camarinha no quarto que ele morava. Um infeliz carregado de esteiras velhas.

Os companheiros riram-se muito do testamento do Cigo e disseram á velha que aquilo foi sonho de "tisco". Quando essa "mulestra braba" arriba e dá num "ingente" dá pra fazer sonhar.

Tá o senhor vendo como se pôde ser graúdo quando "hai" uma tia ririca e hôba como D. Firmina?

E o nosso Folk-lore, D. Firmiana, tem tido mesmo muitos desses Ciénts de esteiras velhas, muitos "tísicos" folk-loristas de Lobisomens, Mulas-sem-Cabeça, &.

III. A Feição Brasileira

FEIÇÕES BRASILEIRAS. — Rodrigues de Carvalho, nos entusiasmos de sua "teoria do hibridismo", depois de apresentar Varnhagen como precursor de Silvio Romero, disse: — 'Não justifico Silvio Romero quando afirma a origem de cada conto em tanto de suas coleções. Das dez raças ha apenas reminiscências estampadas no tipo, nas ações, nos costumes do brasileiro actual'.

Silvio Romero classificou assim as peças folk-loristas ou tradições populares:

- a) oriundas do elemento português (raça branca);
- b) originárias do elemento indiano (raça vermelha);
- c) de origem negro-africana (raça negra);
- d) derivadas dos elementos mestiços (mulatos, cafusos, &.).

Para essa classificação, Silvio Romero entrou com os elementos folk-loreicos por ele recolhidos especialmente em Sergipe e Pernambuco, onde essa "separação" lhe pareceu presumidamente possível de se fazer, mas o fato é que a isso sempre se opuzeram causas muito mais poderosas, cujos efeitos se verificaram tempos adiante e ainda se verificam sempre que os seus partidarios se metem a descobrir *origens*.

Isso porque não se estabeleceu um critério científico de investigação, de exames e de diferenciação. Tudo se arrematou por "indícios" e "sainetes", muitas

vezes presentes nas peças de encaustamento ou de interpolação, quase todas colhidas em fontes suspeitas ou na bôca das dormideiras de crianças. Demais, Silvio Romero não dispoz de um campo vastissimo como lhe pareceu, nem mesmo proenrou os miolos que ainda não se tinham destruido. Silvio Campos, aparecendo muito tempo depois (1928), revelando um meio farto de tradições, fugiu de classifica-las, mas ainda permaneceu do lado de fóra do tesouro que lhe seria muito mais facil penetrar. A obra de Nina Rodrigues, vindo a luz (1932) vinte e seis anos depois de sua morte, mostrou que ainda se poderia revolver o Passado e de lá tirar muito do que se iria perder. O metodo científico applicado pelo eminente professor da Faculdade de Medicina da Bahia, — e foi o que justamente faltou aos Folkloristas de 1932 para traz, — abriu novos caminhos á penetração das idéas não realizadas de Silvio Romero.

Na época do eminente poligrafo sergipano o elemento racial estava em móda, mas o fato é que, salvo em relação á Amazonia, a determinação das *origens* das peças falhu no Brasil. Ninguem foi beber (senão Nina Rodrigues), nas fontes riais e possiveis de manifestação, elementos de comparação e de estudo. Todos penetraram num passado hipotético sem acharem o passado deante dos olhos. Viram *côr*, — branca, vermelha, negra e *mestiça*, — ou antes a *raça* ou a *origem*, ponto de alcance antropológico logo tornado de todo falho.

Ninguem, deante de uma caveira, deixa de saber a que raça pertenceu o seu dono: — geralmente o angulo facial o denuncia. Foi essa caveira vestida, a *feiçào*, que os Folkloristas não procuraram e não acharam. Foi deante da *feiçào*, sem que se abstraissem dela, que os Folkloristas não viram o *esqueleto racial*, as intumescências e as depressões ósseas que fazem avultar

instintos e faculdades que não se manifestaram em nossa época, porém que a Ciência nos indica terem existido.

As raças, na classificação de Silvio Romero são imutáveis nos seus caracteres antropológicos: — seus instintos e suas faculdades não evoluem com as épocas nem com os meios. Entre o século XVI e o século XX, os seus adeptos não acharam períodos. O elemento mestiço é só o que se móve, é só o operário que vai buscar a matéria bruta nas outras *trez raças* e a transforma... Mas essa *materia* os Folkloristas não trouxeram para que se a percutisse.

Daí os erros. Daí o recurso ás “variantes”. Imaginemos um exemplo. Um índio refêre, em sua lingua, um conto qualquer, muito simples, em que são personagens o guará e a eumhan. Ouvem o narrador e entendem a sua “historia” um branco, um negro e um mulato. O português, usando termos de seu paiz, a reproduzirá como sua: — o lobo e a rapariga. O negro: — o quibungo e a mutamba. O mulato: — o gaará, ou o lôbo, e a menina, ou mesmo a moça. Ninguém procura caracterizar os personagens: — a *origem* é determinada pela *raça* do narrador ou somente pelos termos em tal ou qual lingua que a peça apresenta...

Uma serie de combinações de elementos, — linguisticos, syntaxicos, artisticos, etnologicos, &c., — além dos attributos e metamorfoses dos Mitos e dos personagens folkloricos proprios a cada tipo de ideação, de imaginação e de invenção combinadas, determinam a *feiçào*, cujos caracteristicos são assim complexos, variados, mas definidos, subordinados a uma ordem scientifica.

Instituindo as *feições* no Folklore Brasileiro, em substituição ás *raças* ou ás *origens*, procuramos fazer evoluir, até a actualidade e por algum tempo, a obra de Silvio Romero. A *feiçào*, de um modo geral, é o arran-

jo, a disposição, a fisionomia, a "cara", umas tantas sa-liências e particularidades próprias a um grupo de casos e de transformações. Não se poderá dizer o mesmo das raças ou das origens.

Pela classificação de Silvio Romero, o vermelho seria eternamente ameríndio; o negro, eternamente africano; o branco, eternamente português. Só o mestiço seria brasileiro. Há entretanto muita diferença nas peças folk-lóricas do tabaréu e do ameríndio, do nosso crioulo e do africano que nos veio como escravo, do branco brasileiro e do português colonizador.

Como se distinguir, á primeira vista, um caboclo das seivas de um outro que, passando pelo eadinho da civilização, nos aparecem? A raça, integralmente a mesma, é considerada *pre-existente* ou ameríndia. A *feição*, e somente ela, os distingue. *A feição é o sempre existente*, a inteligência, a forma, os instintos, mas é também o *existente*, o *fenomenal*, o *reflexivo*, o *cósmico*. Como se ha de distinguir o Bororo do Camacau ou o Botuendo do Cariri? Pela *feição* que, em tais casos, determina a *raça* e não pela *raça* que varia em feições morais, sociais, espirituais, linguísticas, &.

Queremos com isso dizer que, dentro das raças que serviram de base á classificação de Silvio Romero, ha *feições folk-lóricas* muito diferentes. No curso da segunda parte deste livro apresentamos a *feição afro-negra* distribuída em outras distintas: - a conguêsa, a iorubana, a angolêsa e a haussá, esta evoluída ao ponto de rivalisar com a árabe, em que se embebeu por efeito de conquista, mesmo religiosa, e com a européa, á qual nada tem a dever.

A *feição* é plastica, seja qual for o ponto de vista etnográfico ou etnológico em que se a considere. As denominações raciais que parece ter são apenas *provisórias*, indicativas dos meios de formação étnica necessa-

rios de investigação por parte dos Folkloristas á busca de Mitos e de peças coloniais que não vieram á publicidade e no afan de reconstituir as nossas Tradições Populares tirando-as da confusão em que se encontram.

A *feição* ríal é a *Brasileira*. As outras, *luzas*, *ameríndia*, *afro-negra*, *cabocla*, *creoula* e *mestiça* são a "moda" folk-lórica, ou antes as modalidades características do "meio" folk-lórico colonial evoluído ou conservado, ou mesmo regredido ou transformado, na actualidade.

As subdivisões da *Feição Brasileira* hão de necessariamente obedecer a outros predicados e a outras condições. Nos cultos afro-negros do Brasil ha distinctamente caracterizadas trez feições: — a pernambucana; a bahiana e a carioca. No Tupi, ha tambem feições diferentes: — o do Amazonas, o do Pará, o da Costa e o do Sul do Brasil. A dança negra oferece muitas feições definidas: — a do tambôr, de Maranhão, o *maracatú*, de Alagoas e Pernambuco, o *caudomblé*, da Bahia...

Feição é literatura, estílo, arte, seja em que sentido, ríal ou figurado, ou em que grárs, desde o proteseo e o primitivo até o actual e o classico.

IV. Os Problemas do Indianismo

CAIPIÁU — É necessario não se confundir *caipiáu*, termo exclusivo do Norte de Minas Gerais, com *Caiapiáu*, Mito Ameríndio.

V. A Feição Afro-Negra

FOLK-LORE. — A febre do Indianismo despertou a do Abolicionismo. — mas o Indianismo foi efeito de

outra causa: — a vitória dos Bahianos, a 2 de Julho de 1823, de sua e da liberdade de todo o Norte do Brasil do “jugo português”, simbolizada num caboclo matança com a ponta de sua flecha, a “serpente luzitana”.

O negro ficara escravo num paiz “livre”...

Essa ironia sacudiu mais tarde a alma brasileira. Os Abolicionistas surgiram de todos os cantos e venceram-se uns aos outros em livrinhos, em retórica, em “figuras”, em campanhas. Separados, e as vezes confundindo-se com eles, os Republicanos, “como que ouvindo” os écos quase centenários da *Marselhesa*, alimentaram a hidra do perigo de um príncipe estrangeiro vir a ser imperador do Brasil...

Liberdade, Igualdade e Fraternidade, — bandeira dos dois grupos, nem sempre os uniu. Um apontava o ser humano torrado alimária do seu semelhante. O outro fazia crescer o vulto futuro de nossa inferioridade política como povo e como nação.

Os Abolicionistas estarreceram-se a 13 de Maio de 1888: — os negros eram alforriados para sempre.

Os Republicanos, com o golpe de 15 de Novembro de 1889, não se consolaram com a liberdade dos escravos: — fizeram-nos irmãos dos outros Brasileiros e a estes iguais em direitos e deveres. — mas, para isso, — apagaram, incendiaram, consuniram os arquivos seculares do Tráfico Negro.

Os elementos para estudos antropológicos perderam-se assim. Sobejavam, — e foi o que se articulou, — a imortalidade de Castro Alves e as glórias de vultos proeminentes da Campanha Abolicionista.

A Republica por si mesma se bastava. Morto o Abolicionismo, o Indianismo aguçava. Destruí-lo os “fócos” de informação acêrea do concurso das tribus afro-negras na formação étnica nacional, o Africanis-

mo abortava antes de ser gerado... E antes (1888), Silvio Romero já os via.

Deante de tais ruínas, a voz de Nina Rodrigues ergueu-se com um lamento. A época propícia do Africanismo havia passado, mas ainda, sobre os remanescentes da raça afro-negra, se poderia constituir um outro, embora de "vestígios", de "linhas mestras" não perdidas, de "transformações" no meio brasileiro.

Ao proprio Nina Rodrigues coube ser o iniciador dessa campanha de todo patriótica e honesta, em que a Ciência é a alma, alheia á idéa de fantasia, mas adstrita ao registo, á comparação, á análise, á possível coordenação dos elementos. E ele, mais do que ninguém, teve a certeza de não haver penetrado a fundo no "misterio a'ro-negro" que o rodeava. Sua obra, *Os Africanos no Brasil*, deixa transparecer claramente que registou o que pôde. — não no suficiente para o que imaginou, — num tempo relativamente curto em relação ao necessario para fazer á luz pelicia abundante sobre o espólio etnográfico e etnológico do africano trazido ao Brasil como escravo.

E' justamente nos terreiros, nos *condoblés*, nos *sarás*, que os Mitos se encontram velados á maioria dos que os frequentam. E só adquirido o conhecimento dos poderes, da historia e dos atributos dos "orixás" e dos deuses é que se pode chegar á confiança, cu autes, á autoridade para pesquisar os meios fetichistas gêge-nagós e bantos, alem dos malês, autoridade que se torna maior si o que os pesquisa tem a fortuna de cultivar as linguas faladas ou cantadas pelos pais e mães-de-santo, babalorís, chefes, alufás, &c.

Os cultos bantos, que oferecem uma teogonia mais simples e *parecem* facilmente veledos no Brasil; não diferem dos sudanêses nesse particular, afogados ou ab-

sorvidos por estes, ou independentes, pois se fecham também á constante penetração no seu Folk-lore.

A exposição de certos Mitos Afro-negros é uma parte de determinadas ceremonias dos cultos, narrações de sucessos, reais ou fictícios, de acontecimentos, desnaturalizados ou não pela fantasia, mas tidos como ensinamento moral para os que mais assiduamente as frequentam.

Dáí se poderá concluir porque as Tradições Negras vindas da Africa que Silvio Roméro pensou achar, sempre lhe fugiram, como aos seus sequazes, mas puderam, na Bahia, ser familiares a Nina Rodrigues e Artur Ramos, que os viram sob feição científica, e Manoel Queirino, mais reporter do que Africanista como se supunha.

Na verdade o negro é, por índole, fanático por "historias", muito mais amigo de conta-las do que ouvi-las, mas certo que os acaólis se utilizam de um Novellario havião por profano, e assim possível de ser transmitido em qualquer occasião, e de outro que apenas podem reproduzir como parte de ceremonias tradicionais ou religiosas a pessoas que lhes inspirem confiança.

VI. As Quimeras Afro-negras.

MODELAGENS. — Nina Rodrigues e Artur Ramos demonstraram que algumas peças colhidas por Silvio Roméro em Sergipe são "modelagens" de outras ainda correntes no Sudão e em Angóla, si bem que sejam haviças, pelos Folk-loristas Brasileiros, como ...amerindias...

Dessas "modelagens" é rico o nosso Fabulario, como também a nossa Novellistica, especialmente quando a peça é haviada por "profana" nos meios afro-negros.

Sirvam de exemplo, sem que se possa encontrar ou precisar o paradigma. *O Quibungo e o Homem*, coligido por Nina Rodrigues, *O Quibungo e a Menina*, por Silva Campos, e o *Bicho Pouquê*, por Lindolfo Gomes.

VII. O Sacrifício e a Divinisação dos Totens Afro-Negros

LEIS DOS SACRIFÍCIOS. — Não importa que essas "leis" fossem, em virtude do sincretismo religioso ou da ignorância que substituiu a "sabeçoria" dos africanos, transformadas, modificadas ou alteradas de uns trinta anos a essa parte. Servirão para se demonstrar que a Antiguidade transferiu-se até os nossos dias, que os cultos, no Brasil, chegando até o sétimo tipo sincretico determinado por Artur Ramos, — "gêze-nagô-mussulmibanto-e-budo-espírito-catolico", — as modificaram e as entreteceram ainda com as da Feitiçaria e da Magia, — e que se marcha, a passos agigantados, para a transformação da fé, já havida como tradição, num divertimento puramente brasileiro, resultado da evolução que vai tendo o "samba", — até em "escolas", — e do "materialismo" que invade as camadas proletárias.

A Magia visava submeter as potências superiores á vontade do homem. A Feitiçaria, nascida na Tessalia e espalhada até a Grécia e a Roma, provocava a intervenção dos genios maleficos para produzir o amor e a morte.

Com o Cristianismo, a Feitiçaria, invadindo toda a Europa e espalhando se com ele pelo mundo, limitou-se exclusivamente ao Demonismo.

Muito diferente do que se dava com o *equéji* ou pai-de-santo afro-negro, o feiticeiro christão fez pacto

eterno com o Diabo, dando-lhe a alma em troca de poderes terrenos, entregando-se á preparação de filtros amorosos, de elixires da morte, a "subats, a evocaçõs de finados, a missas negras...

N. Idade Média, o terror contra os poderes infernais dos "magos", das "ságas", dos "buehiques", das "bruxas", dos que se tinham entregue "em vida" a Satanaz, chegou a tal ponto que a Feiticeira foi havida e punida como um *crime*. A verdade porem é que até frades eram mestres de "misteries", fabricantes de hipnantes afroasiáticos e de pós de olhos de coruja torrados a fogo branco para tirarem a invenção católica do *Diabo no Coupo* desobediência dos exorcismos redigidos e mandados obedecer pelos P. ps que chegaram a se dizer representantes de Deus na Terra e, como tal, poderem fazer tudo quanto Deus fizesse...

No século XVI, a autoridade de civil substituiu a autoridade eclesiástica de todo impotente para reprimir esse *crime*. Os Católicos haviam apontado o *Lobishomen* como o infelicitado pela heresia ou pela frequência ás "Casas de Demenio". Os Feiticeiros não se demoraram na resposta espalhando a *Mula-sem-Cabeça* na credulidade e na ironia populares...

(E os nossos Folkloristas ignoram tais coisas quando vão, catolicamente, buscar lobis-homens cristãos no *Quibunço* angolês...).

N' *A Feiticeira*, de Micalelet, a Feiticeira é um grido de revolta contra a sua opressão na Idade Média, apogeu de seu desenvolvimento e de seu prestígio na Europa, especialmente nos territórios hoje chamados latinos, e época de mais "endemoninhados" e de mais gente levada, por "feiticeira", ao suplício, ao garróte, ao squartejamento...

É' necessario, pois, que não se confunda *sacrifício e divinisação de totens afro-negros* com Feitiçaria, termo que o vulgo, por ignorancia disseminada pelo Catholicismo, por sua vez confunde com *Feticchismo*, — nem religião afro-negra, seja ela qual fôr, com Demonismo que nasceu paralelo com a Igreja, deu-lhe força e acabou perseguido por ela se julgar enfraquecida sem o Diabo, a espada que o outro chamara sua.

No sacrificio e na divinisação dos animais e das plantas nasceram todas as religiões antigas, desenvolveu-se o culto da que nasceu o Christianismo. Não ha, pois, motivos para se ver, nas *leis da Oghoni*, sociedade iniciática dos mysterios do culto gôge-iorubano, comuns e quase iguais ás que servem de base a outros sistemas religiosos, diferenças e diminuições quando todos foram beber, nas escolas da Africa, o esoterismo que illuminou os santos depois destrouados nos dois primeiros seculos de nossa era.

VIII. Mitos Brasileiros

LOBISHOMEM. — Mito que nos veio com os Portuguezes e os Padres, — edição correta, aumentada e refundida do outro, centenario e europêu, com que o Catholicismo se arroçou contra a Feitiçaria para rehver o Demonio.

Vamos ver o Lobishomem na crendice popular e demo-lo de presente aos Folkloristas que o pretendem achar nos Mitos Afro-negros.

Desgraçado de quem, tendo seis filhos, não promete á Santissima Trindade "dar" o nome de mulher ao sétimo si nasce homem; e vice versa. No fim de sete anos justihos (?) um deles vira Lobishomem si o ultimo

não for batizado José Maria, ou Maria José, conforme o sexo.

Desgraçado do feitiçeiro que envelhecer fazendo "maleticos". Sua sina é virar Lobishomem.

Lobishomem é um bicho cabeludo, com a cara amarela, lobo verdadeiro e homem verdadeiro, com a barriga estufada e a cara bem afunilada, as orelhas bem grandes e eridas e os pés de cachorro.

Ninguém nasce Lobishomem, mas vira. A pessoa, geralmente homem, vai amarelhando e inebando. A cara se comprida, as orelhas se alargam e os pés começam a erentar. As unhas afilam-se e aguçam-se. A barriga parece de mulher "para cada hora". Os cabelos crescem e se encaracolam ou se apinham, sem que haja vontade nem lembrança de se os cortar. E, como o destino é o destino, ninguém atenta nessas coisas. A pessoa dá para ter um sono pesado e todas as da mesma casa e até das vizinhanças são atingidas pelo mal do sono de pétra. O infeliz as evita, anda sempre afastado, apreensivo, curse sem dizer palavra. E todos respeitam esse seu estado jurando que nunca foi outro.

O "mal" dá sempre na primeira "sexta-feira depois da quarta-feira de Cinzas", mais ou menos á meia noite, e repete-se todas as semanas até o desenganço ou a morte do "bicho".

A pessoa acorda, olha para um lado e para o outro e, sem que se veja e nem se ouça, vai sorradeira, ras pontinhas dos pés, abre a porta e... no chiqueiro, no meio dos suínos. Espoja-se até perder a forma humana e ganhar a de pôreo. Espoja-se de novo, "roncando" sempre, e então vira Lobishomem.

Sua figura faz arrepiar os cabelos, tão medonho e horrível de é. Dois dentes, como os de caietú, saem-lhe da mandíbula inferior. A roupa é de cabelos ama-

rêlos com "fraujas" brancas, podendo ser toda preta si é velho no officio. Anda a dois pés, os braços levantados, mas ao se defender a coçadas, põe as mãos no chão, e, sem olhar para traz, é piô: que burro "viejado".

Saindo do chiqueiro e tomando a estrada, perseguem-no as malthas vadias. Defende-se rapida e violentamente. De instante a instante um *cu-en cu-en* rompe o silencio. Uns morrem-lhes nas garras. Outros desfalecem, saugrados. Rares escapam a furia do seu ataque.

E são justamente os cães os primeiros que dão sinais da presenca de um Lobishomem. Alambados, tristes, as caudas entre pernas, os olhos assombrados, tímidos até de sua propria sombra. Na semana seguinte o malfetor : proxima-se das casas. Os galos cantam alvoroados e o galinheiro todo se assombra, bradando como se vissem cõbia: — *cocó-cocó!* Os porcos grunhem e os bueirinhos guincham como si alguem os sangrasse. E todos o bichos que não tem chifres assanham-se, annuciam o perigo de suas vidas, despertam o dono, mas este, ouvindo suas vozes desesperadas, nem se levanta do leito. Volta-se para o outro lado, resmungando:

— E' o Lobishomem. D'aqui pra mais umas semanas, desencanta.

O "monstro" afasta-se e, ao cantar do gálo annucianção o dia, volta ao chiqueiro, espoja-se e torna-se em pôreo. Espoja-se de novo e vira homem, veste a roupa que deixou pendurada na porteira, entra sorrateiramente no seu quarto e dorme até meio dia, a bõca suja de sangue e de cabelos de suas victimas.

Para desencantar Lobishomem é chamar os anjos, os arcanjos, as postetades do céu, os poderes da Santa Madre Igreja Catolica Apostolica Romana, benzer-se trez vezes com a mao direita e trez com a esquerda, fa-

zer um signo-sinão com os pés, meter-se dentro, rezar o Crêdo em cruz e marchar pro "infeliz", meter-lhe o cacete bem no topete da cabeça, "de boa força" pro "mal" descer em "riacho". Volta pra casa, trata das feridas e não morre nem que a cabeça se abra e os miolos "saltem pra lóca". Uma facada ou um tiro que apotes lhe raspe o corpo é morte instantanea.

O caçador, ao primeiro sinal de presença do Lobishomen, corre para o mato, enfia o chapéu num tóco de pau e esconde-se. Quando os galos cantam e o "eujo" vem "tirando" pra casa dá de frente com a "marmóta" e assombra-se, parando antes de poder correr. Aí o cacete: "arrumam-lhe as brazas" e é uma só.

Enterra-se o Lobishomen no mesmo lugar em que morreu. Só depois do sétimo dia é que a família dá por falta do que virou bicho e logo atribue o desaparecimento a um assassinato. A "justiça" vai direitinho na cova e volta com as mãos abanando:

— Só la enterado um cachorrão.

Todos baixam a cabeça e, saindo cada qual para seu lado, rezam um padre-nosso, trez ave-maria, uma salve-raínia e sete eréos por alma do infeliz...

O nosso Folklóre já apresenta incursões do mito do Lobishomen em outros, dos quais sabentamos a Cai-pora e o Mapiaguari. Um tiro certoiro no umbigo os mata...

MULA-SEM-CABEÇA. — Os Peiticeiros responderam aos Padres com a Mula-sem-Cabeça em que se vira "toda" mulher de sacerdote católico nos mesmos dias e as mesmas horas que o Lobishomen e com o qual se encontra para se entregar e, quando não o acha ou este não a quer, vai aos pastos e ás cavalariças satisfazer es cavalos rufiões...

A emenda foi pior lo que o sonêto, mas o nosso Folk-lore apresenta a *malu-de-padre* de um modo mais "elegante" e atraente. No *Rancho da Burrinha*, do Recreio do Bahiano, que alguns Folk-loristas pretendem achar um "rei-cavaleiro" não ha mais do que uma ironia vestida num folgado popular.

A Burrinha é encargo para um *Mestre-sala*, ou antes, para um dançarino dextro, capaz de servir como *arigôfe* ou balisa de rancho, e, além disso, sabendo cantar, sem "rachar" a voz.

O homenzinho enfia-se até a cintura num balão ou tanto acatado dos lados ou numa armação de arame ou de talas de bambú, de qual saem o pescoço e a cabeça da Burrinha e, do outro lado, a cauda. Nesse "corpo", ou antes, nessa "saia" que vai até o chão, vêem-se figurados o côr do animal, — branco, mulato ou preto, — o selim, as montas, as silhas, o rabicho, o peitoral e as pernas do "cavaleiro" metidas em calções e botins com esporas. A mascara do homem é substituída por um chapéu de pêlo.

Dançando ruas afóra ao som de instrumentos de cordas e de sôpro, o Rancho vai bater ás portas fechadas da casa de "alguem" para *tirar o Reis* ou cantar deante de alguém presépe, depois do que o cavaleiro da Burrinha dança e canta no limiar das portas já abertas:

Minha burrinha bébe vinho,
 Bébe tambem aguardente.
 Arrenégo deste bieho
 Que tem vicié feito gente

O rancho finge espantar as mutúas que sũgam os animais de montaria:

Chô! Chô!
 Chô, bichinho,
 Chô, ladrão:
 Cadeado de meu peito,
 Chave do meu coração.

O arrieiro canta ao som da charanga, enquanto os outros do Rancho dançam o "arrojado":

Bota a Burrinha pra dentro
 Pro sereno não molhá.
 O silim é de viludo,
 A manta de tafetá.

O côro vai repetindo o *chô! chô! chô, bichinho, d'*, e a Burrinha entra na sala dançando até a musica parar depois de repetidas todas as estrofas primeiras.

Tomados uns "pedaços de hostia" e umas "bebidas de sangue", mais danças, mais estrofas, e o Rancho, a Burrinha á frente, — vai saindo a dançar e a cantar:

Cambrainha é-vem, é-vem,
 Cambrainha.
 É-vem da banda de lá,
 É-vem da banda de cá.

Cambrainha, na Linguagem Popular, era coisa boa, nova, — e, no caso, convites, pedidos para o Rancho ir bater a outra porta.

A crendice afirma que "mulher-de-padre vira Mula-sem-Cabeça e corre sete freguezias".

Na caracterização da Burrinha, o Padre é figurado no cavaleiro que nunca vê a *mula* sem cabeça, (pois a tem nas rédeas), embora que ela, castigada por Deus,

(participando das festas de Natal e Reis), e pe'o Diabo, (a mutueca), e ainda pelo mundo, (o côro), saia escouceando. (dançando), para todos, (o Rancho), a verem de porta em porta das sete matrizes ou igrejas, (da casa de um para a de outro).

O simbolismo, apesar de parecendo não existir nas peças bahianas, é bem perfeito. À letra de Chichorro da Gama, juntou-se a musica de João da Veiga Murici. Continuemos.

Mulher de padre, como outras mulheres, *bêbe vinho*, e até *aguardente*, mas o Padre a exconjura: — *Arrenégo deste bicho que (sendo mula) tem vicio feito gente*. Isso porque se diz que o Padre exconjura a companheira assim que se benze, ao despertar, e em diversas partes do officio da missa.

O côro debêcha dos dois, mas finge que se interessa por afastar o demonio (a mutueca), falando carinhosamente pelo Padre á mulher: — *cadeado do meu peito, chave do meu coração*.

O sacristão, figurado no arrieiro, é todo euidados com a "dona". O lugar dela é oculta aos olhos do povo: — *Bota a Burrinha pra dentro*. Na rua, onde ela se acha, a abelludez humana, *o sereno*, vai tudo escandalizar, *molhar*. As razões desses euidados são bem claras: — O Padre tratava a mulher com tantos mimos e me-deixes que não era para o mundo lhe ver o corpo, *o selim*, *aveludado*, *de veludo*, e as roupas, *manta* por *mantilha*, *de panos fivos*, *tafetá*.

Cambrainha materializa-se agora: — E' a mula-do-padre que ansiosamente se procura ver, pois dizem que ela vem e vem n.esmo, *da banda de lá, da banda de cá*, dançando e cantando.

Está aí um exemplo de como se veste a ironia e até os ironizados não na percebem, e de como o povo, inconscientemente, ridiculariza os sacerdotes de sua religião...

IX. Ciencia Brasileira

CIENCIA BRASILEIRA — Não é uma ilusão.

Os Folk-laristas Brasileiros apresentam-se em dois grupos bem definidos:

1.^o — dos que se dedicam ao Folk-lore em geral ;

2.^o — dos que se dedicam ao Folk-lore especializado, — amerindio ou afro-negro.

Os primeiros subdividem-se em duas correntes ainda hoje dominantes :

a) dos coligidores à moda antiga de peças que concertam e estilizam, partidários de fontes, de origens, de escolas, de mestres, de versões, de variantes, de fantasias científicas ;

b) dos classificadores contemporâneos, alguns com o rango dos primeiros, outros também coligidores, todos girando em torno de paradigmas estrangeiros para o Folk-lore Brasileiro, que ora os defende e ora os acusa ou critica, mas todos querendo diretrizes novas, científicas, no estudo das peças folk-lóricas.

No Folk-lore especializado, — o amerindio, — quando a fantasia não entra em jogo, a linguística vem quase sempre enriquecer o cabedal de conhecimentos do leitor, mas, agora isso, nada mais o recomenda sob o ponto de vista científico.

No outro ramo, — o afro-negro, — tudo é cientificamente encarado e exposto, sem preocupação de escolas estrangeiras, mas de investigação e pesquisas por pessoas que se entregam a essa obra pondo em fôco todos os meios modernos de restabelecimento ou de indicação de elementos que se supunham perdidos ou que apenas deixaram vestígios, isto é, por homens de ciência que, depois de alguns anos de contacto com os meios fetichistas, vêem o Folk-lore como se fosse *materia* sujeita a exame e estudo num laboratório e, como se fosse *palavra*, para interpretação por todos os meios possíveis.

Os primeiros, isto é, os á moda antiga, lutaram sempre com a hipotese e com a ilusão, — que se esforcaram por fazer passar como verdade, exalaram preconceitos raciais, diminuindo uns e elevando outros. — quase sempre ao contrario da realidade, — e é comum esbarraram perplexos deante da interpretação dos Mitos nas peças folk-loreicas, ou auxiliaram a confusão, confundindo-os mais, por não saberem ou não poderem penetrar nas fontes e nas origens de que se fizeram arautos.

Os segundos, isto é, os classificadores contemporaneos, tangidos espontanea e inteligentemente para o campo das bases scientificas necessarias ao estudo do Folk-lore, acastelaram-se de pronto em deluções a que chegaram e constituiram-se em novos arrumadores de acervo de velharias, na mór parte desarticuladas, remendadas, ou em distribuidores de novas e velhas mobílias no vestibulo de um palacio de que ainda não se conheciam os compartimentos nem os habitantes.

No Folk-lore Amerindio, ou especializado, ora latente por falta de investigadores, verificam-se fatos deveras revoltantes. A literatura vem correndo, a seu geito "historias" tendenciosamente christãs, fraudando assim a propagação das verdadeiras peças ou explorando uma

parte interessantíssima do nosso *Novelario* com toda sorte de nuances que desfeiam e aléijam os contos publicados desde ha algumas décadas.

No *Folk-lore Afro-negro*, também especializado, seus pesquizadores não se tem por infalíveis, pois nem tudo é avião como em definitiva, possível é se chegar, por outras investigações e outros estudos, a series de elementos ainda não expostos ou não conhecidos que se tornem principais ou basicos no estudo do *Folk-lore*.

Daí se vai, sem esforço, á necessidade da *Ciência Brasileira do Folk-lore*, que renovará a *Arte Brasileira do Folk-lore*, apoiada nas seguintes verdades :

1.º — O caminho seguido pelos *Folk-loristas* do século passado e seus adeptos, isto é, o da coleta generalizada á particularização posterior das origens raciais, fallou quase que totalmente sempre que as peças exigiram penetração ou contacto com os meios *folk-loreicos* coloniais ;

2.º — O ideal dos contemporaneos, definido em seus trabalhos de 1920 para cá, é o da submissão do *Folk-lore Brasileiro* ao resultado das investigações científicas sobre o nosso paiz. — o que é altamente significativo. — com ou sem alheiação a qualquer das três escolas, mitologica, historica e antropologica. — ideal nascido ora do exame feito sobre a tradição popular ecletada, ora, e mais seguramente, como resultado das conferencias que João Ribeiro realizou em 1913 na Biblioteca Nacional ;

3.º — O estado actual do *Folk-lore Amerindio* é o de quise paralisia, não sendo difficil nem impossível, embora com muito esforço em alguns casos, analisá-lo e recompe-lo e mesmo enriquecê-lo com elementos novos científicamente estudados ;

4.º O estado actual do *Folk-lore Negro* é o de adstrito a um criterio científico rigoroso, pois as vezes se verifi-

com correlações e correspondências e, com muita raridade, semelhanças de algumas peças brasileiras com outras ainda correntes na África Negra, — o que permite se afirmar que somente no Brasil interessa o *Estudo do Folk-lore Afro-negro* que nos vem com os escravos ou aqui, por eles, foi produzido :

5.º — Sendo os *Folk-lores* Ameríndio e Afro-negros os quase totalizadores e os que mais enriqueceram e produziram a Tradição Popular Brasileira, — servindo o *Folk-lore* Luso, em muito pouco utilizado, de apenas modelo ou correctivo desde ha muito abandonado, do *Folk-lore* Brasileiro, — não ha como nem por onde se possa renegar a necessidade de se ver o *Folk-lore* Brasileiro sob um ponto de vista científico todo particular e todo seu, tanto mais quanto, por meio dele, lucrarão abundantemente a Ciência e a Língua :

6.º — O *Folk-lore* Brasileiro, fusão quase que exclusiva de outros vindos de algumas dezenas de tribus ameríndias e de tribus africanas, em nada se compara, nas dit cobradas de sua recomposição e de sua reconstituição, com qualquer outro.

X. *Gonga*

LENGUÍSTICA. De agora por diante quase só trataremos de assuntos linguísticos ligados ao texto da segunda parte deste livro, (Capítulos X a XXII), realçando quanto possível termos afro-negros constantes das peças folk-lóricas expostas e não tratados anteriormente.

DAXONÉ. Engenho de assucar movido a agua como os dos tempos coloniais. Padióla composta de duas varas e um estrado de varas ou de taboas, — ou mesmo de duas varas maiores e duas menores, sendo a mês

de cipós ou de embiras. — especie de máca, as vezes com pés, mas sempre com guias ou varais.

Os escravos transportavam em *banquês* os produtos das lavoutras, as cargas dos senhores, enfim tudo em que hoje se transporta em carrinhos de duas rodas tirados por homem, e tambem os cadaveres dos animais e dos escravos:

Negro nagô quando morre
Vai na tumba do *banquê*.

Banguê, — o *v* súa como em *guêla*, — dizem ter vindo do quinhão, *mbanguê*, com essas significações.

Isso nos obriga a passear.

Bangolar é verbo levado pelos Nordestinos á Amazonia, vagamundeiar, andar á toa. E', sem tirar nem pôr, *Mangolar*, *Pangolar*, o mesmissimo *Margonar*, *Mangancar*, aos Portuguezes, preguiçar, valear, de que fizeram *Mangona*, preguiça.

Bangolar e *Mangonar* nasceram Norte-Brasileiros e deram a *Mangalaca*, manecbia, &c., a accepção de vida de vadio, de desocupado, e apresentaram *Manganão* na mais completa identidade com *Mandrião* portuguez.

De *Bangolar*, *Pangolar* e *Mangolar* vieram *Bangoleiro*, *Pangoleiro* e *Mangoleiro*, vagabundo, preguiçoso, desocupado, desordeiro, &c. que, por apócope, produziram *Bangulê*, *Pangulê* e *Mangulê* e os substantivos *Bangá*, *Pangá* e *Mangá*, este quase em desuso, correspondentes a centro ou reunião de vagabundos, preguiçosos, desordeiros, desocupados, &c.

Dal' nos vem a certeza de não haver somente o Norte, da Bahia para cima, mas tambem o Sul, Rio de Janeiro, e o Centro, Minas Gerais, concorrido para a formação desses termos.

Macedo Soares, cuja erudição muitas vezes o desviou do campo da realidade, deixou-se levar pelas origens angolanas de *Banguê*, *Banguêla*, *Banguelê*, *Banguêla* e *Banguêlê*.

Banguelê, briza, desorden., vem de *Banguê*.

Banguêla, garoupeira no Sul da Bahia e *calungueira* nas costas do Espírito Santo, — é substantivo derivado de *Bangolar*. Os garoupeiros de então eram pescadores adventícios, indivíduos que nada faziam fora das épocas de pescaria das garoupas, preguiçosos a maior parte do ano, mas absolutamente não o faltamos ser *Banguêla* um termo congênito — também querubando, arruinar, destruir, modificado em *calungueira*, que envolve dois dos muitos sentidos do termo *ambundo*, *kalunga*, preguiçoso, vagabundo, e também o mar, donde *calungueira*, ajuntamento de pescadores adventícios, malandros.

Banguêlê, substantivo, é dança de negros (Rio de Janeiro); adjetivo, brigão, desordeiro, o que, nos *candablis*, nos sambas, nas festas, provoca desordens (Bahia.)

Não duvidamos que alguns desses termos viessem a ser incorporados ao Português do Brasil pelos próprios escravos africanos, mas por efeito da Língua Geral Africana que os reconheceu não primitivamente congêneses nem angolêses, mas ainda existentes fóra do Continente Negro.

Banguêla, *Panguêla*, descantado.

Pensaria o Leitor que nos espetaríamos diante desse termo fazendo-o diminutivo de *Banguê*?

Nem sempre se faz etimologia sem Língua e sem História.

— Que belida recebera Helena de Polimnéstos?

— Que bebida Helena, em casa de Meneláu, dera a Telemaco para se esquecer dos males que o perseguíam?

— Qual o misterioso remédio das mulheres de Diápolis?

— Lembra-se o Leitor do nepenthes de Homéro?

— E da velha lenda do Príncipe do Libano, o velho desdentado da montanha?

Construiu palácios e jardins para os que lhe jurassem fidelidade. Em paga, ainda lhes dava *haschich*, que era feito com *Bangue*, *Bhang*, *Bango*, canhamo da India, *Cannabis Indica*, &c.

Adornceidos que fossem, eram transportados em palanquins para os aposentos de formosas mulheres (*Bonéjas*, meretrizes) cujos talamos (*Banguéjos*) eram mais tentadores do que os *Banquêtes* do velho *Banguéla*.

Veja-se bem que, no Brasil, as accepções de *Bangué* portuguez não mudaram e lembram toda a historia do Príncipe do Libano, o velho *Banguéla*: — padióla, esquite, cordão em que só se poderá viajar deitado, deposito ou lugar em que se fabricaram bebidas que embriagam, &c.

Quanto a *Banguéla*, substantivo esquecido pelos etimologistas e glossaristas e empregado pelos Bahianos no sentido de ato de escangalhar, verbo portuguez, applicado aos cachos de côco em vez dos de uvas, veio de *Ey-banguélar*, preparar o *Bangue* para fabricação do *haschich*, significando tambem a pessoa que trata da *planta da felicidade*, isto é, o *Banguéla*, que pode ser meço ou velho, desdentado ou não.

Bangué e *Banguéla* não vieram ao Portuguez por intermedio da Africa, mas certamente que o Leitor perguntará a razão por que separamos esses vocabulos dos outros do que vinhamos tratando. Somente porque o

efeito do canhamo não é só adormecer fazendo sonhar. Pode também embriagar as iras dos indivíduos.

Senhor dos segredos das linguas asiaticas e africanas, como depois das brasileiras, o Português preferiu suavisar ou alterar os etimos antigos a adotar os dos povos conquistados.

Apreçie o Leitor como, fugindo raramente a essa regra, embora guardasse nesses termos o fundo do que é o *haschisch*, deixou intactos, nos vocabularios afro-negros, os correspondentes ao canhamo fumado, ou bebido: — *Diamba*, *Kamba*, no Congo, *Makonic*, *Makiah*, *Mucáia*, &c. em outras antigas possessões.

Mucáia, — e não percamos a oportunidade, — vem provar que ha palavras comuns a linguas diferentes podendo significar coisas diferentes, correlatas, semelhantes, opostas e até iguais.

Em tupi, *Mucáia*, de *uhar-cáia*, — a luz fosforescente, a que se queima por si e fogo-fátuo.

Essas duas *Mucáias*, ambas presentes na Linguagem Popular Brasileira, nos levam a apresentá-las confusas ou antes se envolvendo uma á outra. *Mucáia*, fumo de última qualidade em São Paulo, é a folha que se queima por si, tendo de afro-negra o ser fumo ou folha, e, de amerindio, o queimar-se por si mesma desde que se a recuda. *Pitar mucáia*, morrer, na Linguagem Popular, é lembrar-se a função violenta do hypnotico e narcotico *Bangué*, ou canhamo, que é toxico, ou eminentemente toxico, por ser a hosciamina o seu principio ativo.

Tambem *Makonic*, *Makiah* e *Mucáia* apresentam relação intima com o *Mekon* dos Gregos, ou papoula, que é hypnotico.

Não queremos nem pretendemos enveredar por esse terreno, nem entrar na ação e na transformação de *bng*

nos vocabulos de Brasil e Portugal, mas evidenciar a sua persistencia em alguns termos alem dos referidos e que interessam o Folk-lore e a Linguagem Popular.

Bonga, — mesa farta de bons pratos e excellentes vinhos, — era raramente um *banquete* em que a lubricidade e o debôcne enzoavam tudo. Ainda hoje, na Bahia, *Bongas*: — eóias de rapazes e meretrizes antes do amor e do prazer.

Bongo, — tambem na Bahia, — diz-se do individuo que, sempre cantando ou murmurando um canto, cáta as migalhas todas de qualquer coisa, -- ou que, nos púios, depositos, celeiros, monturos, &c., limpa o chão, os cereais, as carnes, ou qualquer coisa, sem deixar fêlpa, cabêto, &c. E tambem restos de assucar, cereais e massas que, misturados, as mercearias vendem. Ou ainda: — coisas coletadas nos depositos de lixo que a industria compra.

Como se vê, o termo, *Bongo*, parece não ter ligacões com *Bangué*, mas vir do quimbundo, -- *bonga*, procurar, — que nos deu *Bongar*, procurar, achar, logo elevado a procurar nos ares, achar nos ares, de assalto, *Pongar*, tomar um veiculo em movimento, donde *Ponga*, o ato de *Pongar*, que se enquadram bem em *apongo*, sapo, tambem quimbundo. *Pongar*, saltar como o sapo. *Ponga*, o salto do batraquião. Daí, provavelmente, o emprego desses termos, *Pongar* e *ponga* em sentido duplo, subir e descer, subida e descida do vehiculo em movimento. Na Bahia, onde esses vocabulos formaram-se e são communs, apparecem uns bobos querendo que se diga *Despongar*, *Pongar*, *Ponga*, mas se insurgem contra *Desponga*. *Ponga*, *Pongar*, *Desponga* e *Despongar* equivalerem ainda, na Bahia, a ajuda, ajudar, lôgro, engano e lograr, enganar.

Bongo, *Pongo*, triste, e *Morgo*, preguiçoso, de movimentos retardados, — tambem na Bahia, — guardam

um que de *Bangué* e, em tal caso, são o mesmo *Samango* que ŕeu, no Sul do Brasil, *Sambango*, *Sarangó*, *Sarambê*, *tolairão*, *atoleimaço*, *simplovio*, — ou modificaram os sentidos de antigo *Sarangue*, piloto de embarcação, de *Saramba*, adulteração de *sarabanda*, musica e dança com meneios indecentes do corpo, e de *Sarambêque*, penteado, dança de negros, — e formaram, com estes, compostos como *Bongo-Sarangue*, marinheiro novo, sem pratica, sujeito a repreensões constantes do mestre da embarcação, *Bongo-Saramba*, ensaio de dança lasciva de negroes, dos quais são excluidos os que rão dão para o officio, e *Bongo-Sarambêque*, dança de negros em que os dançadores vão saindo um a um da rona, termos estes que sãõ em muitos lugares ditos abreviadamente, *Sarangue*, *Saramba*, *Sarambêque* que, por sua vez, são empregadas na accepção brasileira de *Sarabanda*, repreensão, castigo.

Essa idéa de repreensão, castigo, que prevalece em tais compostos e se estende aos termos com que *Bongo* os formou e ainda a *Sarabanda*, tem em *Bongo*, *Pongo*, *Mongo*, uma explicação. Diz-se na Bahia, imitando os velhos africanos, — *dar um Bongo*, ou *Pongo*, ou *Mongo*, — dar um carão, repreender de tal modo que o reprehendido nem se anime a levantar a cabeça, nem dizer palavra, fique imóvel, obediente até a surra, muito embora que o *Bongo* seja qualquer *não faça isso, menino*.

Mongo evoluiu: — souso, culpado, o que foge sorrateiramente, o que parece imóvel, indifferente. Conserva as características de immobilidade da raiz *mom* ou *mum*, podendo assim parecer um termo independente.

Bongo, *Pongo* e *Mongo* não affirmam o que diz a maioria dos etimologistas e glossaristas.

De *Beaque*, canhamé da India, ou *Pango* na Lingua Geral Africana creada pelos Portuguezes, mas dito *Bango*, *Pango* e *Mango* pelos Negros, as folhas são usadas

na África como fumo para cachimbo e chamam-se *Liamba*, *Diamba*, *Riamba*, dando, pelo abuso que se faz delas, idéa de infelicidade, desgraça.

A propósito, — procure o Leitor interpretar o sabinha que reproduzimos á pagina 101 de *Meu Menino*:

Macaco me lamba
 Si eu vi você,
 Cheirando a mutamba
 Seu zabelê.

Não vá a um desses sabichões de Língua Portuguesa, a menos que não queira ter a surpresa de vê-lo dizer, anteriormente, que tudo está direito, mas falta a crase, pois *Mutamba* é a *Guazuma ulmifolia*, &c., com que se mistura óleo ou banha para cabelo.

No final de contas, em materia de Folk-lore, o Bahiano tem alguma coisa de Pitagoras.

Mutamba é moça casadeira em quimbundo, donde, em alguns pontos do Brasil, sua idealidade com *Mucamba*, na acepção de escrava donzela. *Lamba*, de um verbo nascido no nosso paiz, *Lambar*, derivado de *Lamba*, da Língua Geral Africana, desgraça, desventura, magna, dor, castigo, infelicidade, termo de muito uso na linguagem Popular que, em comum ou não com *Lamber*, português, deu outros vocabulos seculares na Bahia e em Sergipe: *Lambada*, *Lambança*, *Lambanceiro*, *Lambancear*. — O termo que parece menos é o mais importante para o Folk-lorista: — *Macaco*, o velho, o pai, o avô, e, por extensão, o entusagado da selva, um dos personagens da "historia" d'*O Navio de Pedro* que, para satisfazer a curiosidade do Leitor, incluímos no Capítulo X deste livro — *Cheirar*, beijar afagado com o rosto. — *Zabelê*, sujeito que se faz bonto, muda roupa,

escova-se, para namorar. — E' o caso de se traduzir o que parece Português clarissimo. Português de Brasil, mas é Linguagem Simbólica: — *Meu pai me castigue, seu moço bonito, si ex lhe vi beijando a namorada.* (Mas vin).

Bangh, indiano, deu *Pango*, afro-negro, e, alem de alguns vocabulos já referidos, outros de menor interesse para o Folk-lore Brasileiro.

Bango, agora ter dado ao Português *Banzo*, *Banzeiro*, ainda creem *Mango*, que tambem significa mentiroso, na Linguagem Popular Brasileira, — do quimbundo *manga*, — o quanto *Bongo* passou a ser *Bungo* para designar o bagre moleirão e farofeiro, em allusão talvez ao *Quibungo*.

Banguê vem nos arrastando até bem longe. Paremos aí. *Bang*, *Bangh*, *Banguê*, indianos, de *Beng*, persa, — meimeudro. cenhano, — *Banguêjo*, leite, cama, talamo, ao Português antigo, derivado de *Banguê*, e mais ainda *Bangaló*, casa de campo na India que servia de habitação e tambem de fabrica de bebidas. — são os responsáveis pelo consideravel numero de vocabulos angolêses, portuguezes e brasileiros applicados até a rios, territorios, &c.

GONGA. *Gonga* ou *Gunga* é uma ave africana, *Nisocetes opilogaster*, Trv., mas é bem provavel que seja outra e não esta a que diz a lenda ter "voz" semelhante a do sino e ser a alma de *Gonga* ou *Gunga*, o primeiro homem que aprendeu a arte de fazer o bem e o mal.

Gunga, do quimbundo, *ngunga*, sino, — o maioral, o chefe, o mais importante, e, como tal, em todo Brasil é assim havido.

Entemos, pois, nesse assunto que interessa os *Gungas* de nossas letras.

Ninguém contestou, nem ha quem conteste a origem afro-negra do termo, mas sobre ele nunca se disse o bastante para satisfazer os interessados em assuntos brasileiros.

Nosso campo de pesquisas tem sido, de preferencia, o Recôncavo Bahiano, onde encontramos *Guanga*, *Ganga*, *Danga*, *Gongo*, *Gonga* e *Guanga-Muquize*, alem de alterações que procuramos lembrar ou registrar.

Cio ga, emporia, e escravos á margem do rio Cuanza, em Angóla, serviu para designar o novato que de lá chegava. Quando vinham as dúzias para um mesmo engenho, ou para uma mesma propriedade agricola, sem que existissem outros, mais velhos, o senhor lhes dava o direito de escolha de um chefe, ou *Danga*, que havia de ser ativo, diligente, expert, calmo, rigotoso e sobretudo, ávido e sincero para os seus deus.

Os filhos desses *Dangas*, si lhes herdavam as qualidades e se ainda destinados, chamavam-se *Danguinhas*. Os dois termos entraram na Linguagem Popular. *Danga*, todo sujeito, forte ou livre, capaz de resolver situações dificeis e, por extensão, inteligente e instruido. Os filhos que saiam a tais pais, *Danguinhas*.

Ganga applicava-se ao escravo que sabia todos os caminhos e despachava-se bem nas dificuldades e nas incoherencias, cuidava dos animais, pondo-lhes o *ngunga* e soltava-os no pasto. Tambem *Ganga* era o que tocava o sino, *nganga*, chamando os escravos para o trabalho ou para o descanso.

Havia porem um outro que tocava o sino para as orações e chamava-se *Gongo*, embora que *Gonga* fosse outra coisa: — o oraculo, o pai-do-terreiro, o *babala-ô*, do culto gôge-iorubano, o *limono*, do culto malê, &c., a quem todos obedeciam e consultavam, protegição escandalosamente pelo senhor e sua familia supersticiosa, talvez

com medo de algum "malefício", quase sempre elevado a *Dunga*, absorvendo logo as funções do *Gunga*, para se tornar em verdêgo, distribuindo os castigos mais severos como imposição dos poderes de que se dizia o interprete. E assim *Gonga* e *Gunga* confundiram-se.

Gongo, rei, imperador, soberano, para os Malês, passou a significar, na Bahia, o mesmo que *Gunga*, denominação dada, também na Bahia, ao sumo sacerdote do culto banto, que se tornava poderoso, forte, capaz de enfrentar todos os perigos e dificuldades a que o senhor o expozesse pela lealdade e o valor dos seus *Malungos*, -- do quimbundo, *malungu*, n. embarcação, -- isto é, dos seus companheiros de viagem. irmãos na mesma causa ou no mesmo infortunio ou na mesma felicidade, compatriotas embarcados á força ou vendidos para o Brasil.

Gongo, entretanto, era um termo bastante elevado para os Malês quando o empregavam descobrindo-se e levantando-se. Lembravam assim o imperador Gongo Musa que reinou em Mali pelo seculo XVI e ainda hoje é considerado como um dos maiores espiritos de iniciativa que o mundo já viu na Africa Negra e de cujo governo ainda existem os mais formidaveis testemunhos nos edificios que mandou construir e nas obras que ficaram dos gramaticos, dos legisladores, dos poetas, dos musicos, dos artistas em geral, todos trabalhados pela Civilização Arabe, de cuja lingua tomaram os caracteres da escrita e muitos vocabulos ainda em uso.

A confusão estabelecida na Linguagem Popular não se justificava. A Língua Geral Africana adotara *Gonga*, do quimbundo, *ngongo*, feiticeiro, e *Gunga*, tambem do quimbundo, *ngungu*, sivo, -- e mais ainda *Quingongo*, o primitivo feiticeiro, o primeiro que se dedicou á Feitiçaria, e *Chigonga*, a feiticeira.

Gunga, entretanto, absorveu *Gonga*, preferindo a acepção bahiana a qualquer outra, e appareu como o maior dos oráculos e o maior sacerdote dos bantos a exercer *Moquisia* ou *Moquixia*. — termo da Língua Geral Africana, — como os *Gongas*, isto é, a arte de predizer o passado, o presente e o futuro pelas coisas de uso de pessoa: — a tanga, o tórso, qualquer parte do vestuário, dos instrumentos de trabalho. &c. E a esse a quem *Nzambi* fez poderoso e maioral no seu culto, todos chamaram, em vez de *Gonga-Mungaria*, *Gunga-Muquize*, ou simplesmente *Muquize*, pelo mais seguro para *Murique*, rei n. Língua Geral Africana ou alguns bôbos, amigos da "puresa do Português do Brasil", erravam emendando para *Buquize*, feiticheiro europêo...

Na Bahia, Nagôs vindos da Nigéria depois que os anglêses ali dominam, riem-se quando se diz *Gunga-Muquize* e fazem um trocadilho: *dunga-munchill*. Em inglez verdadeiro é: — *The mungos munch and eat*, — o innocente mastiga e engole. Os Nagôs, com isso, não esquecem o *oçio* velho contra os Angolêses e, como ainda fôsse como nos tempos d. escravidão, acham que os *Gungas* não se livram das bordoadas dos *Dungas* nem de serem castigados e "engulidos" pelo *Mungo*, o innocente, totem iorubano.

O fato é que todos esses termos são de uso corrente na Linguagem Popular Brasileira, em todos os Estados.

Na Bahia e em todo Norte, *Dunga* ficava tal qual já expuzemos e com alguns atôntos de *Gunga*, mas *Gunga* subia de ponto: — illustre, sabio, o "mestre", o pensador.

Lat. Termo nagô. Pô que o feiticheiro fabrica de ervas e raizes, como tambem de cabelos, ossos, penas, urtus e outras partes dos animais, para dar sorte a

quem o leva ou espanta, ou para ser atirado ás costas de alguém a quem se deseja governar ou fazer qualquer mal.

O *Ibá* é feito dentro duma *Quenga*, — do abundo, *Kicnga*, casco de côco, — nome hoje applicado a qualquer vasilha que o guarde.

Aí encontramos *Cingambá*, — *kicnga-ibá*, cuja-pó, vasilha cheia de pó, de pó de *Ebá*, de pó do espirito do mai, — isto é, o odor forte do pó de *Ebá*, o odor da mulher prostituta, ou antes, da vulva da mulher prostituta, e, por extensão, a coisa fedorenta, o feçalento. *Ebá* é o mesmo *Eybá* ou *Elegbá*, o diabo, *Ezú*, cujos sentidos daremos em artigo adiante.

Os nossos Indianistas são admiráveis. Fugem do *Cangambá*, *Mephitis suffocans*, &, com medo do "perfume" e agarram-se no *Gambá*, *Didelphis marsupialis*, &, arranjando logo *guá-ubá*, o ventre aberto, a barriga óca... E ainda ha quem os aplauda contra Beaurepaire-Rohan que acertoza em dizer que a origem do termo é africana. No Continente Negro tambem ha um masurpio, semelhante ao nosso, chamado *Gambá*, como ha tambem, dentre outros, *cajú*, *cajú*, que os amerindios pronunciam *cay-ú*.

Gambá é aférese de *Cangambá*, — e as afereses em certas linguas exprimem partes do corpo ou qualidades menores, — sendo *Miquira* ou *Micra* e *Sarigué* ou *Serigué*, os seus correspondentes em Tupi.

Ibá não se deve confundir com *Ebó*, "despacho", oferenda a *Egbá*, posta nas encruzilhadas e constante de aves, bôdes, vélas, pipôcas, trapos, &. Nesse *Ebó*, — do iorubano, *egbó*, milho cozido, — ha de sempre existir milho, mas *Ebó* é tambem uma iguaria feita de milho cozido e feijão fradinho torrado, cozidos em agua e

sal e temperados com azeite de dendê, — *eri*, de que trataremos adiante.

EFIFAN ou **EFIFÁ**. Termo nagô. Pó de besouros terrados, chama-lo *pó de Ifan*, ou do grande revelador das coisas perdidas e protetor das relações sexuais e dos bons partos. *Ifan* é um dos tres grandes orixás do culto gôge-iorubano.

MALAMEA. Do quimbundo, *ma*, muitas, *lamba*, dificuldades, desventuras, infelicidades. Já nos referimos a *Lamba* no artigo sobre *Bangucé*, linhas acima.

CANDIMBO. Do quimbundo, *ca*, diminutivo, *mbindi*, lebre 1-bresial. Entes divinos muito pequenos, deuses pigmeus.

PICÁ ou **PÁ**. Do nagô, *peji* ou *pigi*. Har, capela.

ORIXÁ. Do nagô, *orisa*, que se pronuncia *ôri-dra*, imagem, — e, por extensão, divindade. Os *orixás* são muitos, mas queremos dar, com alguns, uma rápida noticia das divindades principais do culto-gêge iorubano na Bahia, o mais organizado dos cultos tradicionais afro-negros no Brasil. Começemos pelos três grandes: — *Obatalá*, *Xangô* e *Ifan*.

Obatalá. Do nagô, *obá-ti-ati*, rei da pureza e da fecundidade, — o primeiro e o maior de todos os seres creados por *Olofin*, o rei dos *Orixás*, divindade andrógina figurada com ídolo bi-sexual.

Xangô. Do nagô, *shungo*, deus das uvens, das tempestades, do trovão, (cu. cujos casos é chamado *Dzacutu*, ou simplesmente *Jacutu*, o que atrai a Humanidade ao castigo ou á salvação), — ou mais geralmente, o *deus benéfico*, o deus protetor de quem o adora ou de quem o serve, o deus da abundancia.

Ifãu ou *Ifé*. Do nagô, *ifó*, o revelador de tudo que é occulto ou perdido, do que se deseja saber do passado.

do presente e do futuro, o patrono dos namoros, das conquistas amorosas, do amor carnal e do parto. — O espírito dos grandes *Orizás*, espécie de IEB dos hebreus, o que foi, e o será.

O espírito do bem é figurado no carruero, *Agbo*, do nagô, em cuja língua, também significa velho, pai-de-gente, e corresponde ao *aga'á* dos Haussás, também sudaneses, porém os sulmatos. O espírito do mal é em nagô, *Egbá*. Esse *Egbá* pode ser evocado ou aparecer espontaneamente, *Egum*. Tornado em divindade do mal é *Ezá*, o diabo, correspondente a *Elegbá*, também na língua iorubana e a *Élégbará*, da mesma língua, mas com cada um atributos um tanto diferentes. *Egbá* ou *Egbá-Egum*, ou melhor, *Ezá*, é o espírito-maligno, deo, bi-sexual, impossibilitado de ação carnal e, por isso mesmo, causador de todas as desgraças, e especialmente as do amor, o responsável por todas as que vem da virgindade humana. *Elegbá* é o espírito maligno feito homem, a feição ou sentina de *Egbá*, o menos maligno dos três. *Eleguá*, no nagô, *Égbá*, o diabo, *caá*, o que espanta, o que espelha o mal, o espírito-maligno *raulier* o multiplicador do malefício, o capaz de se transformar em homem.

Ogun, do nagô, *ogù*, deus da abnegação, da coragem, da intrepidez, da guerra.

Iamujá, do nagô, *Oyá*, deusa do rio Niger, mãe, mãe, — a deusa do rio Niger com a coroa de *ya* ou *yan*, mãe ou deusa.

Os bantos, especialmente angolêses, dizem *Iamangá*, em vez de *Iamujá* como os que frequentam o culto gêge iorubano. De *Iamangá*, nasceu *Iamujá*, na voz do povo. Os etíops quimbundos para essa formação foram *yayá*, mãe e ao mesmo tempo moça donzela, e *mangangá*, poderosa. Daí a controversia na fabula de

Iemanjá. A dos nagôs e gêges teve quinze filhos. A dos angolêses é donzela.

Outra sereia é *Janaina*, a mesma *Iemanjá* dos angolêses, provavelmente a que substituiu *Qui-ximba*, a primeira que nasceu e cuja lenda se encontra no Capítulo XI deste livro. *Janaina* é hoje confundida, quanto ao culto e ao nome, com *Iemanjá* gêge-iorubana. Vem do quimbundo, *yayá*, mãe e ao mesmo tempo moça donzela, *nene*, grande, mais velha e ao mesmo tempo mais formosa, que os creoulos bahianos aformosearam em *idnana-ina*, *Janaina*. Esse *nene* nos deu *nene* e *nerena* e também *nane*, a irmã ou o irmão mais moço em contrario da significação primitiva do termo. E *Janaina* é o nome mais novo da mãe-d'agua na Bahia.

Oxum, do gêge e do nagô, *oxí* ou *oxum*, deusa das aguas. Viudo á terra, veste-se com apenas uma saia de folhas de bananeiras ou de palhas, para não parecer que é deusa e sim mulher como as outras. Diferente de *Iemanjá* ou *Janaina*, em que todos admiram a perfeição de sua beleza e a nudez de seu corpo, *Oxum* mostra apenas sua corôa aos homens. *Oxum-marê*, mais correctamente *Oxum-maurê*, a corôa de *Oxum*, o arco-iris, cuja festa, a de *Oxum-maurê*, é uma das mais importantes do culto gêge-iorubano.

Ossonhe, do nagô, *oxê*, sacerdote possuido por *Xangô*, e *sonhe*, castigado por *shungo* ou *Xangô*, — deus castigado por *Xangô*, deus de uma perna só, deus dos capengas, dos aleijados das pernas, dos mutilados, dos cegos de uma vista só, dos surdos de um ouvido só, enfim, de todos os defeituosos fisicamente, dos totalmente privados de movimentos, de qualquer sentido ou das faculdades mentais. No Capítulo XIV deste livro o Lector o encontrará fantasiado em *Dudu Calunga*.

Oxossi, o mesmo *Ossonhe*, o castigado por *Xangô*, que depois se faz novamente *orê*, sacerdote de *Xangô*, — deus disforme, aleijão, vêsgo, deus da caça.

Xaponan, do gêze, *orixa-ponam*, deus da bexiga, dos varíolosos, o que dá a vida aos atacados de varíola, deus das molestias da pele.

Omalá, — *omalí*, deus malê, deus de Mali, deus protetor dos malês, deus da bexiga semelhante a *Xaponan*.

Obaluayê, do nagô, *obá*, rei, protetor, defensor, *Iiú-ayê*, a : lícia grande ou Nigeria, o deus da bexiga, semelhante a *Xaponan* e a *Omalá*.

Frizemos que os afro-negres *crearam*, — (e não substituiram pelos dos seus deuses) — nomes para alguns deuses e santos da Igreja Católica.

Oxólfun, — deus ao mesmo tempo *Oxum*, protetor das que andam sobre as aguas, *Obaluayê*, protetor dos enfermos, e *Ifan*, o grande protetor do lar, — Senhor do Bomfim o velho, o que andava apoiado num bordão, — Esse é havido como anterior ao crucificado, isto é, como o pai do Senhor do Bomfim, naturalmente um deus supremo.

Oxalá. O deus no culto gêze-iorubano desse nome vem de *o(rí)xa-nlá*, o grande orixá, — bi-sexual, deus das forças creadoras e transformadoras da natureza. O outro, o da Igreja Católica, liga-se á lenda de *Xangô*. *O-xan-lá*, *Oxalá*, o deus *Xangô* o grande, ressuscitado: — Senhor do Bomfim, o crucificado. O vulgo chama de *Mulato Velho* ao Senhor do Bomfim, mas o *Mulato Velho* é *Oxólfun*. Enfim Jesus só ficou mulato na Bahia, e, sendo, como foi, moreno triguceiro, hoje aparece louro, branco e de olhos azuis. . .

Iarvan, também do nagô, *yan*, senhora, moça deusa, *shango*, *Yangô*, — a deusa com todos os attributos de *Xangô*, — Santa Barbara.

MATOMBO. Do quimbundo, *matumbo* plural de *ritumbu*, cômoro, do d'côrô.

MACUCO. Do quimbundo, *macuca*, coção. Não confundir com a ave brasileira *Macuco*, *Tamias Brasiliensis*, Lath., do tupi, *ma-cú-cú*, coisa muita para comer.

CAQUICO. Do quimbundo, *kakiko*, toguinho de borralho.

MACAIA. Do quimbundo, *macala*, carvão.

SAMBA. Do quimbundo, *samba*, verbo e substantivo, adorar e adoração, invocar e invocação, queixar-se e queixame. &c. eis o que não se quíz ver na dança dos negros feita sempre em honra aos *Oricós*, por algu. a motivo religioso, por alguma causa de alegria ou de pesar.

Samba. -- o assunto mais palpitante para os Brasileiros.

Isso de que *Samba* nasceu do fato de após anos de ausência de um filho que roubara o pai ser, por intercessão de outros afi. anos da Bahia, perdendo por haver entregue a quantia roubada, exclamado para um *sam*, significando *pague*, e para o outro *ba*, no sentido de *receba*, é muito infantil e invenção cariôca.

Tambem no Rio de Janeiro se diz e se escreve que o *Samba* veio dos sertões para a capital da Bahia ainda nos tempos da Colôcia e que o Bahiano o aperfeicou. Não discutiremos essa bobagem de *Sambia* sertanejo, pois é com essa justificação que os sambistas cariôcas ingabelam o Brasil fazendo acompanhar as cantigas "africanas" com instrumentos que só os sertanejos usam e cantigas "sertanejas" com instrumentos somente usados pelos negros. Seria admitirmos uma inversão histórica, isto é, que a Civilisação houvesse vindo do interior para o litoral e tambem o não ter sido o esera-

vo, antes de vir para o Brasil, um sambador consciente e adestrado.

Os Brasileiros dos primeiros seculos do descobrimento acharam no *Samba* alguma coisa de mais "humano" do que ficar circunscrito aos cultos fetichistas. Só o lhes correr nas veias o sangue português bastava para o *Samba* prostituir-se saindo dos *candomblés* para o meio da rua e para prostituirem as *Mulambas* ou filhas de santo, *yavós*, — do uagô, *ya*, abrir, *i-ro*, tu, — *novetas*.

Esses Bahianos foram logo chamados *Quiabos*, — do qu'ri uido, *quiah'aba*, "vagalundo". — Logo logo inteligente, gente transferido ao *Quingombó*. Hibiscus esculentus, &, *quinzoalbe* na mesma lingua, que muita gente supõe dizer "o que se abre", quando é "a lingua comprida".

Entre "sambista" e "vagabundo" não houve diferenças atravez dos seculos XVII a XIX, e mesmo XX, pois qualquer d'elles expunha desordeiro, deflorader, &, — o que não nupedia de concorrerem aos *Sambos* e *Candomblés* quanta gente de posição houve e quanto ptegador de moral a Bahia teve.

Das linguas africanas em que eram cantados os *Sambos*, a letra vindo do mundo profano, passou a Brasileira, ou melhor, Lusoana, quase toda mascarada, em versinhos e quadras com reitros, mostrando que o pagãoista e o poeta, associados, cuidavam de sua nacionalização, sem contudo intervir o "amor" em coisas dos cultos que ainda mantem os cultos afro-negros mais ou menos estropiados.

O *Samba* serviu nos tempos de antanho para as "malifras" nos dias grandes, isto é, para o que chamamos "criticas" proprias a certos dias do ano, — das quas a segunda-feira do Bonfim é um exemplo, —

para os galanteios dos homens e as respostas das mulheres aos que as requestavam dentro ou fóra da ródá do "batu-bate".

Aqui vai a letra de um "cortado" da Preguiça, dos bons tempos em que os escravos andavam de jaqueta atrás de seus donos trêbeliaes e a "guerra" do Sabino nem se esboçara, isto é, de mais de cem anos:

(Ele) Eu sou do léva,
Da coisa bôa: —
Saus pés me levam
Lá pra Gambêa.

(Ela) Eu sou levada
Da levadir: —
Vivo roubada
Na pescaria

(Ele) Dentro do samba,
"Como" é encheço: —
Moçita bamba,
Milha desgraça.

(Ela) Fico tentada,
Seu Melancia,
Voêê relação
De cortezia.

Na "ródá do samba", a *chula* sempre existiu na Bahia onde "cantar chulas" e "dançar chulas" equivaleram a "sambar". — Lançar e cantar lascivamente, denotando lascivia nos olhares, nos gestos, nos movimentos, "provocando excitações amorosas".

E o *Samba da Bahia*, esse *Samba Chulado*, chamou-se *O Bahiano* no Brasil inteiro. Aparece no auto

popular do *Bumba-meu-Boi* de Alagôas, Pernambuco e Nordeste até na letra, ou antes, nas letras, pois são alguns, mas todas circunvolvem em torno do *Bahiano*.

Dá para os Cariocas haverem "inventado" o *Samba Chulado*, em pleno século XX, depois que o Bahiano "inventou" o *Samba Corrido*, vai muita mentira, mesmo que não houvessem registos centenários a respeito.

O sambista cariôca teve outra missão mais importante do que parece, o que não nos desobriga de alguns reparos.

O *Samba* e a *Modinha* agonizavam desde antes das picarétas demolirem quarteirões inteiros do Rio de Janeiro. A cidade vesti-se de novo, mas, pelas ruas, nos dias de Carnaval, viam-se "ranchos" de Índios" dançando e cantando monotamente. A alegria do "mestiço", especialmente do Nortista, não se ajeitava a semelhante "moçambique" regado a "canto-elão", — embora, e isso é um parentesco, o "moçambique" não se justifique ainda hoje nos passos lentos das figuras deanteiras dos "ternos" e "ranchos" cariôcas.

O *Samba* falava muito mais alto á alma brasileira do que o "moçambique" dos "cordões" enfeitados de penas a se moverem como lagados, e a *Modinha* também mais, muito mais do que o regouzo de tanta gente que parecia sepultada nos dias de loucura, nos dias alegres de Momo.

O Cariôca levou o *Samba* e a *Modinha*, ambos agonizantes, não á Pretoria, nem á Igreja, mas para perto do céu, para os mortos, pra Favéla, pra São Carlos, pro Querozone, para os outros, sem que os maístros e os gramáticos os vissem.

A *Chula*, que era a alma do *Samba*, fez a *Modinha* viver para ele, por serem um e outro adoração, queixu-

me, prece, &, mas a *Modinha*, feita *Cambonda*, — do quimbundo, *ca-mbonda*, mancêba, amersia, — do *Samba*, não despediu seus velhos amantes: — O *Cisco*, o *Chô*, e outros cascaillhos que o entoxicaram fingindo-se felizes com os amores novos de sua sentimental e euante lora *Quecu*, — da *Lingua Geral Africana*, amante, que o povo traduziu por prostituta, termo tirado do âmbrudo, *kicnga*, tacho, vasilha.

O *Samba*, filho da Bahia, havia de ser mesmo desejo, *cuica*, — do quimbundo, *vóica*, desejo, voto. — uma *orgia* de ritmos, de ironias, de surpresas, um que de selvagem, de primitivo, uma *tribuna* das sérias, uma *glorificação* do passado, uma *releição* da vida nacional aludida nas téias de tudo que era classico e de tudo que se chamava arte e artifício. — desejo de tudo que o nêgro queria, voto de tudo que de mais Brasileiro o nêgro podia aspirar.

O *Cariôca* abriu então as portas das *Mucumbas*, — do quimbundo *mucumba*, plural *vicumba*, encadeado, — que entesouravam os iniciados e neófitos dos cultos bantos e es ceixou, em grupos inidos, enfrentarem usos e tropêos misturados com afro-negros e ameríndios, honrando o Carnaval para o transformarem numa festa de *Tenebres de Cariacemba* e doutros diabos que se substituíram por Momo.

Infelizmente o Cariôca, o ser mais feliz e mais espirotuoso do mundo, iludiu-se com as *Mumbas* — do quimbundo, *mumba*, velhaezca, france, — de uns tantos de seus chamados "príncipes do Samba" que, ao contrário dos Bahianos de todos os seculos, fazem questão cerrada, como si possuidos por *Nzumbi-a-npongo*, de letras sem gramatica e de musica estropeada e sentimental, — não de versos e sons barbaros e rebeldes que lembram o Brasil do seculo XVI, motivo porque, no seu vasto e admiravel repertorio ha, infelizmente, temas de

ruffias, de gigolôs, de cabarés e de quantos generos de exploração ha da mulher por aí afóra.

Samba em Carnaval. — convençam-se os seus irritados e paranoicos cronistas do Rio de Janeiro, — é moderno e brasileiroamente, o *Candomblé*, — do quimbundo, *candombe*, a dança sagrada, — na dança profana, — ou, como dizem os Bahianex, o *Afoxé*, do nagô, *afô*, espirante, lingua de vaca, *axexé*, exequias, — exequias dos vivos, do que vive, ajuntamento, rancho, pagodeira de gente sem juizo, com a letra e a musica inteiramente afro-negras. Na Cidade Maravilhosa ha de ser a *Macumba* no Carnaval, dança iós que frequentam feiticeiros e que a leva para sua afin de que se veja como a alegria se manifesta em letra e musica que devem exprimir a liberdade de se euloguetecer durante três dias, expandindo a loucura em musica afro-negra evoluida já em brasileira dos morros do Pinto, do Salgueiro e de outros.

Em *Turandango*, pagina, 275. *Macumba* tem três acepções. Dues diretamente tiradas do quimbundo *macumba*. Una, a do tambor com esse nome. A outra, de andacia, ousadia. Dissimos, nesse livro, que "o termo cariôta pretende assaltar o Brasil todo, mas é tão quimbundo que não vemos por onde se o crimine como proprio á evoluçõ do *Candomblé* até as praticas de hoje em dia". A Lingua Geral Africana o creou com outros étimos: — *Macaja*, fumo, e que já falamos, e, por extensão, fedôr de fumo, ou de suor, ou, em linguagem científica, de acido pierico. e em linguagem Popular, de catinje de nêgro. e *Bamba*, tambor, ou, figuradamente, batucue. *Macumba*, festa, solenidade de gente que fôde a suor. *Macumba*, exaltaçõ de animos nas festas afro-negras em que entra a *macumba*, tambor.

O *Samba* do Rio de Janeiro é uma grande mistura de tudo quanto nasceu, creceu ou modificou-se na A-

ma Brasileira, em letra, em musica e em dança, mais afro-negras do que ameríndias: — o ebôre, a modinha, o cisco, ... o batatão, o marinbundo, o corti, o tatú, o cururú, a piranha, a sariba, o saruê, ... o recortado, o miudinho, o corta-jaca... o moçambique, o alujá, o je-guedê, o jarê, o sorongo, o quinabête, o eixambû, o jongo, o côco, o samba, o bahiano, a macumba, o maracatú, o caudomblé...

E paremos com esse *Samba*: — o Caribóca está fundindo as velhas tradições coreograficas brasileiras, fazendo-as aparecer ao som de todos os instrumentos afro-negros e ameríndios e de outros que nos vieram de além mar, embora não raramente vitima de um sentimentalismo doentio e injustificavel.

QURUTU. Do quimbundo, *lututu*, o que é bom, agradável, excelente: — comida saborosa, bem temperada, excelente. Para pronunciar-se *cututu* como alguns negros, cobra-se a lingua tocando o céu da boca e assim, sem a desdobrar, enfilem-se rapidos os sons das três silabas.

XI. Chibamba

ALÔ. Do nagô, *alô*, conto, historia, fabula. Quase sempre o acalô começava dizendo: — Vou contar a vocês um alô que me contou... Hoje é muito raro se ouvir quem assim fale.

CAMBUTO. Do quimbundo, *kum-bêtu*, negróide, anão, filho do "paiz" das Cambátas, no Congo.

QUIZONGA. Do quimbundo, *quizonga*, reunião, congregação, ajuntamento. Em alguns contos publicados pelos Folkloristas da "escola" velha apparecem, embora sem nexos e sem motivo, *zonga*, *quizonga*, *bizonga*, &

CAMONDONGO. Da Língua Geral Africana que tirou o termo diretamente do quimbundo, *ka-mundongo*, ratiho, diminutivo de *mundongu*, rato. Não emendamos o termo, na peça coletada, por haver o acalô insistido que era mesmo *ka-mundongu*. Tratando-se de bichos “encantados” deve ser *Quimondongo*.

Camundongo, que também se ouve comumente, é vocabulo muito mais aceitavel do que o em apreço. Pelo menos torna-se mais português. Entretanto, passemos um pouco.

Canongas dizem eruditos sabedores de coisas da Língua que é termo sem origem conhecida. Os Africanistas acharam no quimbundo alguma coisa que os assombrou: — *ka-ndonga*, diminutivo de *ndonga*, o negro de Angola. Os termos “carinhosos” appareceram logo enfileirados: — *Canonga*, *Canongar*, *Canongueiro*, *Canonguice*, *Acanongar*.

Em Portugal, *Canonga* passou a ser contrabando de generos alimenticios e *Canongueiro*, mentiroso, intrigante.

O fato é que o termo é considerado em desuso: — amor enganoso, meiguice afetada, arceirices, feitiçarias, manhas, tentações...

Agora falamos nós.

Não ha, na Língua Portuguesa, “benzinhos” “amorzinhos”, “belezinhas” e semelhantes que equivalham a *Canongas*.

Leia-se a chula de Chichorro da Gama cantada durante as festas do Ano Novo de 1827:

Ai de mim, ai de nós,
 Todos mundongos,
 Nos nós de seus bracinhos,
 Minhas canongas.

Veja-se bem. *Canongas* e não *Canlongas*.

Naquelles bons tempos era mudo poeta o que rimasse *sarubosa* com *chivirosa*. Não se queria somente acentuação, mas sílabas com as mesmas letras. Assim, *Canongas* rediria *Manongas*; e *Mondongos* *Canlongans*.

O povo corrigiu o "erro" de seu poeta. E assim, *Canlongas* e *Canongas* entraram em luta no Recôncavo Baiano, pronunciando-se uns pelo primeiro desses termos e outros pelo segundo, aliás não registado nos lexícos, termos tímidos que agradam a quem os dizem e cacha de encanto a quem são corrigidos. Nelles, o amor é entusiasmo, alto, meitante, calvo, poesia.

Mondongos, afro-egypcio autêntico. Nada de tripas nem meudos de vóca, hóde, carneiro, &c., nada de sordidez, de desmazéas, &c., de bróças, elagadicos, &c., caracterizam o termo empregado pelo velho Chichó, o Cê Jagtaripe, mas, — *bonéco* de peno, sem governo, Homens que, nos braços de suas *Canlongas* ou *Canongas*, — ainda não as distinguimos, — "teriam como bonécos em mãos de crianças amorosas.

Esse *Mondongo*, em vez de *ka-mondonga*, é o mesmo *Calunga*, do amando, *kalunga*, de que já falamos, em uma de suas accepções: — idolo, fetiche, quitéte, maniparço, bonéco.

Os *Mondongos* diqtoes tempos tinham suas *Canlongas*, creoulas ou mulatas chivirosas a *Canongas*.

Agora é necessaria uma advertencia. No Recôncavo Baiano, conservador de Termos e pronuncias antigas, ainda, em vez de *na* ou *não*, ouve-se na boca das populações incultas, *non*, a terrivel palavra de Vieira. Deí *Canonga* em vez de *Canongta*.

Não resfoleguem os Indiaristas, pois não ha aí nada de tupi. Não se trata da *Guianensis*, *Myristica macrophylla*, Benth., arvore aromatica do Amazonas.

Cananga era o perfume predileto dos Portuguezes desde o seculo XVII e dos Baltharos até o XIX.

Canangas são arvores anonaceas verdejantes, das quaes a mais importante é a *Cananga odorata*, conhecida por *ylang-ylang*, que foi muito cultivada na Bahia até o principio deste seculo. Das flores, grandes e de rosas, extrah-se um perfume, e das sementes, um óleo. O nome é malaio.

Canangas, em vez de *Cananga*, tornou-se em *Canangas*, admitindo assim o plural para seguir a regra a que outras plantas exóticas haviam obedecido. — *álacs*, *boldroégas*, &c.

Canangas trouxe, pois, a primeira condição: — o ter o perfume da *Cananga*, o que "realça" o suavissimo perfume "natural" da carne da mulher ou da eremita. Dá todos os amores, todos os enlevos, toda a angustia, caricias aléctos, tudo que os poetas ensinaram como sendo venturas, atractivos, fidelidades.

Canangas nada tem de amor enganoso, mas sincero, entusiástico vivo. Nem de affectada meiguice que um pai possa ter por um filho, um irmão por outro menorzinho. Nem de arteirice onde a atração domina. Nem de feitura, bruxaria, magia negra, quando ha feitiçação, seducção, sem o concurso de elementos extranhos. Nem manias como as do proprio amor, muito mais mandioso do que todas as manias juntas e mais tentador do que todas as tentações, ao ponto de fazer, dos seres mais graves, os mais ridiculos.

Não se hesite o Leitor de não ter vivido em 1827 para ouvir a resposta que tambem é da autoria de Chichorro:

Ai de si, mulato,
De mais ninguém: —
Cá nos meus braços,
Você não vem.

LUNDÚS. Povo da Africa. *Lundú*, dança das *Lundús*, deu o termo quimbundo *ka-lundú*, donde o brasileiro *Calundú*, de que falaremos. *Lundú*, a dança dos seios, em que as donzêlas *Lundús* se exhibiam com tangas curtas de folhas de bananeira, ou um simples adorno de cordas feitas das fibras da mesma musácea, cantando versos curtos e repetidos, — era havida por obstena, o que não impedia os senhores de engenho de ordenarem ás *Mutambas* não a esquecessem em certos dias de visita de amigos, o que muito agradava aos negros congo-angolêses.

Calundú, do quimbundo, *ka-lundú*, diminutivo de *lundú*, resguardo de mulher recentemente parida. no qual é a dança o *Xinguilê*, ou seja uma dança em que a "possuída" faz toda sorte de loucuras, põla, corre, deita-se no ebão... (*Xinguilê*, a dança do *Caxinguilê*, — *Kaxinghi-angile*, — esquilo, pequeno saltador).

Gregorio de Matos nos deixou:

Que de quilombos que tenho
Com mestres superlativos
Nos quais se ensina de noite
Os calundús e leitigos.

Calundú é aí puramente afro negro, mas Silvio Romero registou, em *Cantos Populares do Brasil*, o *Calundú* brasileiro:

Vou eriar as minhas raivas
 Com meus calundús
 Pra fazer as coisúrias
 Que eu bem quisér.

Quilombo, sítio em que se acoitavam escravos fugidos, nada tem de afro-negro, nem de ameríndio. E' palavra muito bem posta pelos Portuguezes. Nos documentos antigos encontra-se a mendo referencias a *quil-lomba*, *quillomba*, mas ha uma particularidade que chama a attenção: — a pronuncia primitiva, *cuil-lomba*, *cuil-lombo*, ainda : a boca do povo ineulto do Recôncavo Bahiano. *Quil* ou *cuil* era um furão que se domesticava na India e depois fugia e se acoitava na planície da serra ou do morro. — *lomba*, — onde se os acitavam aos bundos. D. Francisco de Souza, em informações ás Cortes Portuguezas, diz, referindo-se aos *Quilombas* — “são mesmo sumidoures de carnis de lombo grosso os do Paragoagu”. Al temos *quil* ou *cuil*, e *lombo*, que tinha duas significações: a de carne sem osso tirada do espiuço dos animais e a de *lomba*, *lombada*, sendo que o adjetivo *grosso* nos dá a idéa de gordo. *Lóla*, — o que justifica o termo *Quilombóla*, habitante do *Quilombo*, o animal que engrossava o lombo. *Lombeira*, preguiça, e *Lombeiro*, preguiçoso, da linguagem Popular, nasceram de *Quilombo* e *Quilombóla* e somente eram applicados aos escravos, embora que hoje tenham sentido mais lato. A fantasia des pte procuram no topi tudo que não acham nos lexicos enegoti a buscar *fugido* e *fugitivo* em *canhembara*, *canhembara* e não o nome do lugar a que iam parar. . .

Depois de certeza de ser *Quilombo* termo portuguez, vejamos *Calundú* na acepção que lhe deu Gregorio de Matos.

Nos *Quilombos* e terreiros, os *Lundús* tinham seu lugar. Dançar *Lundú* era um *gôso* para os assistentes... Si em tais ocasiões chegasse o "santo" da dançarina, ela entrava no *Calundú*. Ninguém imagine ser isso a mesma coisa que a farsa do Espiritismo quando um "espírito mau" se encosta ao "medium" e fa-lo praticar toda sorte de obscenidades e queimar uma carretilha de nomes imorais. O fato não assumia, nem assume proporções tamanhas. "O santo" é muito mais generoso e sobretudo um artista perfeito e acabado: — obedece ás ceremonias do rito afro-negro proprio a ele. As faces da pessoa, geralmente mulher, não atingem a ira nem o "deceito" dos "espíritos perturbados" nem dos "espíritos de boca-suja". Os gestos são regulados pelo murmúrio de um canto que o "pessuão" entôa, si não está cercado de músicos e de cantores. A imoralidade nela sempre afluê e quando vem, não explôde em termos pornográficos nem no fúria com que os "espíritos atrozados" rompem e arrebanam as vóstes dos "apoderados" no intento de "expor-lhe" a nudez física aos escandalos da assistencia. Ao contrario. A lubricidade é que domina nos movimentos, nos frenezis continuados, na naturalidade com que o tomado pelo "santo" vai arregaçando ou aliviando as roupas por causa do suor ou por assim exigir a dança. As mais das vezes a pessoa não se enudêe e, quando tal ocorre, o que é rarissimo, ninguém se escandaliza: — a inconsciencia da dançarina é tão completa que o "santo" a peza para mostrar o seu corpo reflecto no dela.

Nem só os negros eram e são levados ao *Calundú*. Os povos ainda no periodo de semi-civilização, como os outros que não o alcançaram, entregam-se, por meios até provocados, a essa embriaguez espiritual. Assim, por exemplo, os nossos ameríndios, e tambem os ciganos, usavam e usam larenticos e entorpecentes quando davam

e dão festas ou praticam ceremonias com o fim de verem "coisas bonitas e mundos fantasticos".

Não queremos entrar nesse assunto, pelo que voltamos a *Calundú*. Nem se busquem origens desse termo em *acumandú gnar*, ni dôr de cabeça, febre, maleitas, de que nos falam Batista Caetano e Augusto de Carvalho.

Na outra accepção, isto é, na registada na cita que fizemos de uma estrofe colhida por Silvio Romero, *Calundú* é consequencia de um estado de embriaguez repentina, arreflecta mais ou menos consciente, ou de todo inconsciente, sem que o alcool seja fator, — a menos que se manifeste ou mais se exalte por meio desse veiculo. Ou um estado de irritação ou de zanga provocado por má digestão, mau dormir, estado nervoso, molestia mental incipiente, ou qualquer causa fisiologica ou defeito de educação.

O *Calundú* nasce de um aborrecimento, de uma raiva, de um má estar, de crimes, até mesmo de caprichos facilmente corrigíveis. As vezes a pessoa acorda mal humorada e dispara por um nada, arrelia-se a que biter hora e repiza um assaulo por muito tempo, com ou sem razão, mas sempre disposto a aborrecer ou zangar os outros.

Em tais e outros casos *Calundú* envolve a idéa de insistencia obstinada, de persistencia de uma idéa, de um pensamento. O piór deles é o *Calundú de Zumbi*. Alguns escriptores que ignoram ser *Zumbi*, do quimbuudo, *nzumbi*, o diabo, — espirito que vagueia dentro das casas, dizem tratar-se de uma apócope de *zumbidor*, ou senão o confundem com *Zambi*, de que já tratamos no texto da Segunda Parte desta obra.

O *Calundú de Zumbi*, quando se torna em habito sobre um mesmo assunto, chega a produzir a melancolia, a tristesa, o enfraquecimento organico e molestias resultantes desse abatimento, a alucinação, a loucura. Hoje,

com o Espiritismo que attribue tudo a "atuações", o *Calundú de Zumbi* tem sido mais fantasiado do que nunca e constitue uma grande exploração por parte de alguns conjuges e namorados que, por tal meio, conseguem ou procuram conseguir o que desejam. Quando não premeditado, leva a vítima de seus males a revoltas que nascem no curso das reerminações e a caminhos talvez nunca imaginados. Separações. Perfidias. Suicídios. Crimes.

Os cerebros desses individuos passam a centros mórbidos em que se realiza o *Lundú* dos pensamentos, pelo que agrados, mimos, carinhos, &c., podem ser riscados dos Dicionarios. Também arrufos, ciúmes, &c., causas mas absolutamente não *Calundú*.

— Um Zumbi a noite inteira, pelo corredor, dando muchôchos, falando sosinho. (*Muchôcho*, do quimbundo, *mufozu*, estado de enfado).

— Quase não dormia. A cara fechada pisando em ovos, procurando em que pegar.

— O calundú veio forte.

PUTA. Do quimbundo, *kipúta*, — tambor feito de um cilindro de madeira, cu mais comumente de um tronco de cone de madeira, tapado por uma pele somente numa das bases, ou mais no segundo caso. A acentuação é na primeira sílaba, entretanto a pronuncia brasileira accentua o *i*.

MACONGA. Do quimbundo, *makonga*, cantiga.

CAFUNGE. Do quimbundo, *canvafúsi*, moleque desavergonhado, moleque ladrão, negrinho desassuntado, o que mora em lugares ermos, distantes, escuros, *Cafundós*, do quimbundo, *ka-afunda*. O termo intercorreu com outro de formação perluenga, *Cafungo* em que entram o *ca*, porque é, e *fungo*, homem estúpido, accepção esta desusada. De *Cafungo* vieram *Cafuagar*, *Cafungagem*

e *Cafundão*, este feito *Cafundó*. Embora haja identidade de sentidos desses com os mesmos havidos como decorrentes de *Cafunge*, a forma *Cafundó* obedece mas a regras portuguezas do que a quimbundas: — *grijó*, por *egregio*, *pragó*, em vez de *capenga*, &. *zoró*, umas vezes em substituição o *zorro*, arteiro astuto como o zorro ou raposa, outras por ataque de *zorda* nos ouvidos, sem de nenhum modo se confundir com *zorro*, do gêge, iguaria feitas com camarões e quiabos.

AÇA. Do quimbundo, *hasa*, alvação, albino.

MUNGANGA. Do quimbundo, *munganga*, abobora grande, abobora gigante.

HENGILÓ. Do quimbundo, *h'ougotó*, arco iris.

BENGO. Rua quase intransitavel e tortuosa como as de Bengo, em Angóla.

MUZAMBÊ. Do quimbundo, *muzambê*, forte, vigoroso, o que fortalece, o que revigora. O termo conserva-se perfeito em Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e outros Estados Brasileiros, a exceção da Amazonia onde se diz comumente *Mujangá*, — refeição de ovos crus, farinha e assucar.

Em Mimos Gerais ha *Muzambo*, nome de um rio, e *Muzambinho*, de uma cidade. *Muzambo*, da Lingua Geral Africana, que o tirou do quimbundo, *muzambu*, adivinho, adivinhação. Cabe aos Mineiros o resto, pois nem conheceram o rio nem a causa de seu nome. *Muzambinho* não parece, no caso, diminutivo de *Muzambo*, mas de *Muzambê*, — o lugarzinho em que a pessoa se fortalece. Em Bahia e Sergipe, *Muzambinho* é lugar saudavel em que se anda de ares.

QUENGA. Do quimbundo, *kiengu*, tacho, gamela, tijéla feita de metade duma casca de côco. O termo é empregado em outras accepções. — guisado de galinha com quiabos, coisa inutil ou inaprestavel, meretriz. E

assim dea *Quengáda*, *Quengagem*, *Quenguice*, *Quengueiro* e *Quengar*. Separamos *Quengo*, que também veio de *kienga*, cabeça, cranco por não lhe serem proprios esses derivativos e também por ser apenas o vocabulo empregado no sentido mais alto: — talento superior, intelligencia brilhante, grande lucidez de espirito.

ANEXÊ. Do nagô, *axxê*, exequias, — officio funebre antes de completos sete, — *ejê*, — dias depois do enterro do defunto.

GONGOLÔ Do quimbundo, *ngongôlu*, miriapodo. O termo é applicado ao "piolho de cobra", *amboá* ou *ambuá* em tupi, a lagartixa, o aressor. Alguns eseritores e mesmes certas pessoas chamam *Gongolô* ao *Caranguji*, o miriapodo que se enrola quando se lhe toca, — o que é erro. *Gongo*, por *ngongo*, é sinonimo de *quitungo*, a morte, si bem que *ngongu* e *quitungu* signifiquem também esto, qualquer armação de madeira, donde serem empregados no sentido de choupana, casebre, &c. *Caranguji*, do quimbundo, *karanga-dju*, mais arrastado. A lagartixa é também, figuradamente, *kalanga*, ou *rikalanga*, na mesma lingua, mas os Portuguezes preferiram chamar *Calango* a uma especie de lagartos brasileiros, mantendo assim "lagartixa" com as acepções que tinha, embora que alguns "filologos" achem que os Colonisadores supuzeram ser o *Calango* o macho da "lagartixa". Talvez não seja essa a origem de *Caranguji*, — com permissão dos Africanistas. Si bem que *kalanga* dê idéa de arrastado, *Caranguji* vem direto de *karanga-dju*, m. is dotado de pernas. No *Caranguji* não ha ação ofensiva como no *Gongolô*, nem como no *Karanga-ngongo*, também quimbundo, (senão *ngongu* o mesmo acina dito), — dotado de pernas da morte, escorpião, *Carangonjo*, na Bahia *Carangonço* em Minas Gerais.

Gongôlo, e não *Gongolô*, isto é, o termo como os negros pronunciam, do quimbundo, *ngonga-ngolu*, "piolho

de cobra", é também applicado aos feiticeiros. A regra é: — onde apparece *ngongo* estão o bem, o mal e a morte. Assim em *Gongo, Gonga, Gunga, &. Quingongo, Chingongo, &c.*, essa idéa subsiste. E *ngongo* também significa gemcos.

IROCÓ. Do quimbundo, *irócu*, remédio indicado ou ministrado pelos pais-de-santo para dar sorte ou saúde ao consulente. A planta africana que dá o *irócu* é o *Lóco*, *Plumbago scandens*, L., ou *Caa-pomonga, Cau-jandiuape*, dos ameríndios, de qual nos fala von Martius em seu *Systema Medicæ Medicæ Vegetabilis Brasiliensis*. *Iróco*, dos angolêses, logo feito *irócu* pelos nagós e chamada *Lóco* pelos gêges, foi substituída pela gamoeira branca, *Ficus doliarica*, Mart., e por outros *Ficus* brasileiros, tornatos sagrados.

CARUMBÚ. Do quimbundo, *kahumbú*, diminutivo de *kumbú*, pedaço. Desse termo nasceu o nosso *Cacumbú*, no sentido do que não cresceu e do que perdeu as dimensões: — instrumentos de corte, peccos, animais.

CAXINGÓ. Do quimbundo, *kaxinji*, tóco de arvore decapada bem perto do sólo. O termo angolês nos deu *Caxinge, Caxinze e Caxingó*, pessoa de pouca altura. Na zona caçaveira, Ilhéus, Itabuna, Tacaré, Belmonte, Canavieiras, &c., *Caxinze* tornou-se *Caxize*, ação de homem baixo, indigno, que, por meio de fraude, embuste e lógras rouba aos pobres e a quem mais, terras, dinheiro, moveis, imoveis, para enriquecer ou fazer meio de vida, donne *Caxizada, Caxizeiro, &c.*

OCATA. Do quimbundo, *ú-cai*, mulher que já conheceu homem.

SUNGA. Do quimbundo, *ku-sunga*, puxar, — ato da mutamba levantar a súa de folhas de bananeira para mostrar o corpo da cintura para baixo, pois da cintura para cima fica descoberto. *Sunga* tem hoje sentido differente: — roupa de banho que deixa grande parte do

corpo a descoberto ou senão especie de colête ou de camisa curta que adêre ao corpo.

QUEREQUEXÉ. Onomatopéa angolêsa para exprimir o som do *Canzú*. *Quêréquexé* ou *Quêréquêsé* entrou na Linguagem Popular designando orquestra, filarmónica, banda de musica, &c., ora em lugar de *Tarataxiu*, ora em lugar de musica ordinaria ou mal tocada.

GÊSO. Do quimbundo, *nguzo*, força, compasso.

MARÚFO. Do quimbundo, *maluvu*, vinho ou bebida feito de bromeliaceas ou de palmeiras. Tambem se diz *Malúfo* e *Malúvo*, como os angolêses. Na Linguagem Popular, *Marúvo* ou *Marúfo* é bebida em geral, e *Marrúfo*, vinho zarrápa. *Marrúfo*, leigo barbato. — pois este *Marrúfo* nos veio de Portugal, — é todo o homem, especialmente cigano ou turco, que deixa a barba crescer muito, ou senão, bôde pastor. No Folklore Creoulo. — que o Leitor ainda não conhece. — *Doa Marrúfo* é o bôde, como tambem pode ser o gato.

MANGALÔ. Do nagô. Feijão vindo da Costa d'África desde os tempos coloniais e muito apreciado na Bahia.

OLURUM. *Olorum*. *Olorung*. Do nagô, *olohroun*, deus do céu, senhor do céu, mestre do céu. — deus abstracto, sem culto de especie alguma, a propria alobada celeste, a maior das divindades por ser a creadora de todas as dos iorubanos.

BAMBA. No texto, deixamos *Bamba* na acepção de valente, temivel, forte, respeitado, oriundo de *Mbamba*, tudo que ha de sabio e de bom. Agora veremos o termo sob outros aspectos.

Bambas e *Bambares* são gentios que habitam as margens do Zaire ou Congo.

Os *Bambaras* uns cinco para mais milhões de de muhometanos, distinguem-se pela robustez, pela fortale-

za, pelo amor ao trabalho e também pela agressividade. São grupos de raça *manzilingo* sob o domínio francês e que se encontram em Karta, Beledugu, Badkunn, Segun, Uassali, &.

A proposito do nome *Bambaras*, diz Whitney: — “An artificial term, differing from *barbara* only in having the names of the major and premises transported. The name was invented by Jodoc Trutseder”.

Os *Bambas* foram uma nação de raça banta á margem lo Zaire ou Congo com diversos dialetos conhecidos por Loango, Kacongo, Ngolo, &.

As linguas principais do Congo hoje portuguez-francês-belga são o Kiseú-Congo, o Ki-congo e o Kimbundo.

Esta ultima, o Quimbundo, foi, como temos dito, a *Lingua que os Portuguezes fizeram Geral*, levando-a de Angola para Mossamedes, Benguéla, Congo e ilhas de São Thomé e Príncipe. Assim, alem de outras causas, foram e ven. sendo modificados e alterados pelo quimbundo seus proprios dialetos: — Louanda, Mbaea, Kisata, Lubolo, Ilakn, Songo, Mbargala, Mbondo, Ngola, *Mbamba*, &.

Bamba, na accepção em que o temos no Brasil e como nos foi transmitida pelos afro-negros, não consta de lexico alguma portuguez nem mesmo de brasileiros, mas ha quem diga, — embora não admitindo o fator historico indispensavel a tal afirmativa, — que o termo nasceu na America, vindo do Quichúa, lingua que se falava desde o Selimões até o Perú e mais alem. . .

Bamba, como nos transmitiram os Portuguezes, e *Pampa*, como nos trouxeram os Esparthóis, são, como o *Bamba* afro-negro, idéa de grandeza, de extensão, e de força, confundindo-se todos três na propria Africa: —

troncos iguais (florestas), terras iguais (planos ou llanos), homens iguais nas florestas e nas planícies, déxtros, guerreiros, fôrtes.

Entre os *Bambas* da Amazonia, planície coberta de maravilhosos encantos e de assombrosos segredos, os *Pampas* do Rio Grande do Sul, planície em que se manifesta a força da natureza ao lado da atividade do homem que o Colonizador encontrou, e os *Bambas* de Angól., planície fertilíssima cheia de arvores e animais silvestres e do homem selvagem. — Si as etimologias podem diferir, não ha differença de sentidos: — rico de majestade, de forças creadoras e transformadoras, de segredos assombrosos que o homem tem a seu serviço.

BAMBÊ. Do ecuguês, *mbombi*, ou do quimbundo, *mbamba*, renque de nativos que servem de divisória ás propriedades.

Que nativos serviam e servem de divisória na outra India Portuguesa, mais tarde na Africa Portuguesa e, por fim, na America Portuguesa?

Bambê é o mesmo *Bambuê*, apócope de *Bambuêira* português, rebento que brota da raiz do *Barbú*.

BAMBERÊ. Termo afro-negro, quimbundo, renque de nativos, — não de bambú, — que servem de divisória ás propriedades. O sufixo indica substituto de, succedaneo, diferente na composição mas igual nos resultados.

Bamba-, Chibamba,
Barbê, Barberê-ô

oferecem tradução immediata: — Sou o Bamba, o Chibamba. Mõro, ou te levo, pra dentro das cereas divisorias de nativos, sejam de bambú ou de outras arvores?.

PIRRICHICHINHO. Do *ambundo*, *fehilitu*, pequeno. O termo veio por intermédio da Língua Geral Africana. Na Bahia ha *Pichilito*, *Pichirricho*, *Pirrichicho*, pequenino, que ainda tomam comparativos e superlativos. *Pichilito* é comum e velho em Portugal. *Pichito*, *Pichicho* e *Pichichinho*, *Pichichinhosinho* são correntes desde a Bahia até Pernambuco.

GÔLO. Do conguês, *ngolu*, forte. O termo influuiu em *guloso*, tornando-o *Gólôso*, no sentido de gordo e forte, embora que *Gólôso* seja : forma antiga de *Gulôso*.

TONTÃO. Do conguês, *tontolu*, fraco. *Tontolo*, na Língua Popular, é creança até dois anos, mas fraca, raquítica.

MABÁÇAS. Do quimbundo, *babaça*, gemeos.

ZANGA. De conguês, *muzanga*, lagrimas.

CRICÚLA. Do conguês, *chicúla*, soluços.

MUMBO. Do conguês, *mumbo*, musica. Tambora tocador, musico.

CONGA. Do conguês, *conga*. invenção, descoberta. *Deizar-se de conga*, deixar-se de boatos, de palpites, de suspeitas.

MÁLA. Do conguês, *mala*, barriga. *Mala cheia*: — barriga cheia. *Mala vazia*: — barriga vazia.

MIRONGA. Do quimbundo, *ni-onga*, segredo. Ainda encontramos: *Mironga*, tambem angolês, de *mironga*, contrariedades, dificuldades na vida, lutas com parentes, — nome de uma princeza desventurada; *Milonga*, tambem do quimbundo, *milonga*, plural de *mulonga*, obscenidade, nome sujo, nome pôreo. E tambem *Miranga*, do quimbundo, *miranga*, lugares saudaveis, mas sêcos.

XII. Aquilão Grilo

TABÁQUE. Do persa, *tabak*, também. Porque se emenda para *Atabáque*? Um é o grande; o outro, o pequeno: — *A-tablak*. O medio, *Tabak*.

CANZÁ. Do quimbundo, *canza*, instrumento de música. — um tubo de taquara, ou de bambú, em cuja superfície, sobre ranhuras transversais, corre uma varinha, geralmente metálica, que produz um ruído particular conforme as dimensões do instrumento e a profundidade e a largura dos côites.

Quando nos referimos a *Granguazá*, cangaceiro, (pág. 270 de *Furundango*, apontamos também *Cancanzú* e *Cancanza*, termos estes do Recôncavo Bahiano e de Sergipe que originaram aquele de grande expansão no Brasil, pelo menos desde o Nordeste até São Paulo. E explicamos a origem do outro *Canzá* ou *Ganzá*: — “A gente ordiária, desocupada, viciada, preguiçosa era havida sob a designação de *canzúal*, de cães. Aliás, esse sentido de *canzúal*, não é bahiano, nem serripino, mas português. Armava-se o *canzú* de espingardas e trabúcos velhos, que eram chamados *cans*, (do feminino de *cano*, no Português antigo, branco). Os *canzú*s passaram a *cancanzú*s, — gente ruim com armas velhas. A sineope havia de ser necessariamente para acompanhar *canzá*, que por sua vez nada tem de africano como instrumento do *canzú*. Hoje pronunciado *ganzá* por muita gente”. — *Ganzá* pode ser o *Canzá* angolês: — “qualquer instrumento. *Granguazá* também pode se referir ao filho da tribo de Ngeranganja, do reino de Barua ou Baruba.

ACOCÔ. Do nazô, *aqoyô*, sino. Uma vara de metal com uma serie de campainhas, es vezes com duas, que são tocadas com uma varinha de metal.

BANDA. Do quimbundo, *nbanda*, barrête.

CHINGO. Do quimbundo, *chingu*, pescoco. Daí nasceu mais uma aceção para *Chingar*: — ter alguma coisa tão comprida ou tão saliente ou importante que chama atenção — A feitura dela chinga as caveiras.

BÁNGALA. Do quimbundo, *bângula*, pau torto. Na Bahia ha a rua do Bângala.

TUMBA. Do quimbundo, *tungu*, pancada, — homem que sabe fazer tudo, páu para toda obra, cuja ação, rial ou figurada, é dar *Tungudas*. *Tunga* em algumas bôcas e *Tumba* em outras, sinónimos de *Dunga* e *Gunga*.

CAMBAR. Do quimbundo, *kamba*, mudar a vèla da embarcação de um para o outro lado, volta a dama. Não é sineope de *Cambiar* como dizem muitos, inclusive mestres da Língua. *Cambaio*, o de pernas arqueadas para fora firando os joelhos unidos, — *joelhos valgos* como dizem os Portuguezes, — *Cambaio*, como chamaram os Brasileiros dos tempos coloniais, deu origem a dois termos usados pelos americanos e ainda em uso: *Camba*, negro, e *Cumbai*, negrão, justamente pelo caracter que a maioria apresentava das pernas defeituosas, arqueadas. *Canôa Cambaia* é a em que as vergas das vélas estão em sentido contrario. No Português, a raiz *amb* dá sempre idéa de mudança, ou de troca. Assim *Cambêtu*, em vez de ser o passo do *Cambaio*, é o do *Bebedo*, enquanto que, no Brasil, *Cambê* ou *Cambêta* é o mesmo *Cambaio*, como tambem o seu andar. *Cambiar*, trocar, é o antiquissimo *Cambhar*, mas os "mestres" caem de sineope sempre que, não sabendo como se applica o negro *Cambar*, dizem-no sineope de *Cambiar*...

CUCHICA. Do quimbundo, *cuchica*, tocar instrumento.

CUBABÁ. Do quimbundo, *cubabata*, bater com a mão, apalpar, bater palmas.

NGUNÇA. Do quimbundo, *ngunza*, soldado. Deste termo nos veio *Gunçar*, agarrar, pegar para não fugir, e dar paucadas. Já explicamos isso em *Parundungu*, pag. 353. Ha um verbo, praiçiro e bahiano, cujo i é quase imperceptível, *Gu-inçar*, formado de *guinda* e *çar*, — levar á fôça de braços a guinda e çar a vêr. Este vocabulo nada tem com *Ngunça*. Um outro vocabulo que tem produzido dores de cabeça a muita gente é *Mugunzá*, *Munguzá*, e, para quem o procura em *Mucunzá*, do ambundo, milho cozido. E' que te-los vão á busca da etimologia do termo e não acham o porque do milho cozido... no entretanto arvoram-se em remendões da Linguagem Popular dizendo que o certo é *Mucunzá*..

Em Linguistica, o *c* transforma-se muitas vezes em *g*, mas os casos inversos são raríssimos. Desde pelo menos dois seculos que não se dizia nem se escrevia *Mucunzá*. Não fosse um sabichão do Rio de Janeiro que pretendeu mostrar que a Bahia andava "errada" e o termo não voltaria como verdadeiro, aliás filho de uma lingua que só acidentalmente, serviu ao Português para a formação da Lingua Geral Africana.

Mugunzá, ou *Mungunzá*, comida de soldado, — o de se partir, — deleite de soldado, — o de se beber. O quimbundo *Ngunza* está aí inteiriño.

Nos outros tempos, quando ainda não se fabricava pão, o alimento matutino era esse. As familias e as tropas alimentavam-se do mesmo modo, com o *Mugunzá* ou *Mungunzá* de partir. Somente aos domingos, dias santos e de gala usava-se o de bebêr, a menos que as pessoas não o fossem procurar, em qualquer dia, onde se o fazia para venda ou esperar que as vendeiras ambulantes o mercassem.

Esse habito nas tropas era verbo e quase só desapareceu depois que se instituiu o uso do pão, embora que

ficasse o do *Munguzá* ou *Mungunzá* de beber nos dias de festa. Os mapas de despezas e os pedidos de fornecimento ás forças armadas de mar e terra ainda não desapareceram dos arquivos. Neles se encontra mais *Mungunzá* do que *Munguzá*.

Mungunzá, ou *Munguzá*, — o verdadeiro, — bôlo chato ou sôpa de milho branco cozido com côco ralado e leite de côco ou de vaca, com ou sem assucar. Comida ou regalo de soldado, nada mais. Depois, comida ou regalo de Brasileiros: — o milho nem sempre é o branco. A culinaria augmentou es "dentes" de cravo da India, canêja em pau, herva-doce, &.

MIXINGA. Do quimbundo, *mixinga*, açoite. No quimbundo é *Muzinga*, que tomou, alem de suas accepções de surra, açoite, as de chicôte, vergalho, sipô cabôlo, azorrague, & e, modernamente, trançado de fios de cobre com que os cobardes arvorados em autoridade mandam surrar os presos pelos seus inconscientes e servís *Muzingueiros*. Todos tres vocabulos de uso corrente no Brasil.

XIII. Gunocô

BAMBARÁ. Do quimbundo, *bambara*, bêsta, bodô-que, arco.

BAMBARÉ. Do quimbundo, *bambare*, zoáda, ruido, barulho. O termo é bem estudado pelos que se tem occupado dele. Vozeria, barulho, arruaça.

ACUXÓ. Bôlo feito com restos de pôlpa de dênê fibras, &, para se acender fogo.

Um termo que muita gente bôa diz ser... afro-negro.

A traços largos descrevamos como se prepara o azeite de dendê ou de cheiro.

Cóse-se, — ou melhor, enpreguemos os termos dos fabricantes, — esônam-se os dendês logo depois de escangalhados os banguelados, isto é, tirados dos cachos, e assim que perfeitamente esôdos, pisam-se o mais possível.

Os caroços eram pelos nagôs escolhidos para servirem de fetiche de *Ifá* ou *Ifan* e substituíam os basios dos *Babalu-ôs* depois de usado o *Opelê-Ifá*, rosario ou *colar de Ifá* ou *Ifan*, com que prediziam e ainda predizem o passado o presente e o futuro. Os dendês em formação, os mais próximos do penduento, mais ricos de polpa e menos de caroços, são chamados *Cajunês*, do quimbundo, *ka-junc*, sadio, agradável, ao contrario de *Cajife*, da mesma lingua, azarento, desenhada, que são os sem polpa gostosa ou pobres de oleos. *Cajife* nos trouxe *Eucastifar*, *Cajifec*, & *Cajuné*, o outro, o estalo com que se finge matar piôlhos na cabeça de alvum, vem do conguês, *nêufano*, estalo, pancada, golpe.

Prossigamos. A' proporção que as porções saem prontas do pilão, vão sendo pôstas num tacho com agua e bem remexidas. O azeite que sobrenada é logo recolhido a uma panela. O bagaço é novamente pisado e levado ao tacho para se apurar mais um pouco de azeite. A panela é posta em fogo bem ativo, porém, como o liquido contém muita agua, entumeece ao calor e espouca, pelo que se o chama *Aguáche*.

Esse *Aguáche*, — agua cheio, cheio d'agua, — lembra o arabe *Alguaza*, donde o espanhol *Aguaça* e o portuguez *Ajuáçu*, — tumor que dá por cima dos cascos das hêstas. Daí, do arabe ou do espanhol, nasceram o verbo sul-brasileiro *Aguaçar* e o substantivo norte-brasileiro *Agráze*, amole no Rio Grande e este na Bahia, correspondentes a *aguar os cascos* e *agua nos cascos*.

O *Aguáche*, o do azeite, que escrevemos com *ch* para distinguir do outro, o do casco das montarias, que grafamos com *x*, — o *Aguáche* vai “perdendo a força”, antes e aqua, até que se metendo um tálo verde de aroeira dentro da panela e levando-o a fogo brando não “estrále”. Deixa-se o azeite ferver mais e, horas depois de frio, sem que se toque nem levante a bôrra, se o remove para os “cascos” ou garrafas. Tem-se então o *Ouri*, azeite de cheiro especialmente si feito de dendê-sombra, uma das variedades mais estimaças do *Eleis guineensis*, — do quimbundo, *ouri*, cheiroso.

O residuo ou bôrra chama-se *Bambá*, do quimbundo, excellente, que alguns bôbos do sul do paiz acharam de emendá-lo para *Mambá*. . . O *Bambá* altera-se dentro de alguns dias, tornando-se azêdo e insupportavel. Proenre-o agora o leitor na forma ão de alguns termos indicando “alteraçõe”: — *Bambaré*, *Bambuqueré*, *Bambalá*. . .

Vejamos as aguas que ficaram no tacho, Tem o nome de *Enzoáda*, a respeito á morrinha do *Aguáze* nos cascos dos animais. Português que não se adaptou ao Brasil no sentido proprio. *Enzoada* corresponde áquele citado *Ajuáya* posto á margem pelos Brasileiros. A *Enzoada* que deu aquelle *Aguáche*, torna-se em agua morrinhenta ou azêda em virtude da demora de ser tratada, isto é, em *Aguaxe*, ou, si já adquiriu o odor de pódre, em *Aguachó*, agua chóea.

O operador coléta os restos do azeite que sobrenadam nas aguas do tacho e tambem as “peles” e fibras de dendê que encontra nelas e faz bôlas do tamanho de uma laranja. Comprime-as entre duas taboas. Até aí as bolas ainda são *Aguache*, por estarem húmidas, ou *Aguaxe*, por conservarem o odor da *Enzoáda*. Postas no sól e depois de sêcas, enxútas, recebem o nome de *Aguzó*, — *Aguaxe sêco*, *Aguaxe enxúto*.

No termo, parece haver de estranho a terminação, por isso que tem iludido muita gente que o dá por afro-negro, ignorando que os Bahianos, como os Sergipauos substituem o *ú* por *ó*, e vice-versa, nos termos que formam, no sentido de aproxima-los mais, óra das terminações Afro-negras, óra das Brasileas.

XIV. Dudú Calunga

CÓRA. Do quimbundo, *kóra*, instrumento de cordas feito com uma cabaga. Especie de harpa muito usada pelos négros Mandingas. Termo da Lingua Geral Africana.

CUBÁTA. Da Lingua Geral Africana, *cubáta*, choupana de negros na Africa. O termo foi tirado do arabe, *kubbah* ou *kubbch*, mausoleo de forma cubica encimado por um zimbório. *Kubbah* deu *Cubáta*, casa em que sómente ha uma porta. *Kubbch* ficou n'ausoléu, termo que apparece, em peças folk-loricas bahianas: *Cubá*.

BARANGANDANS. O termo é Bahiano, composto de termos afro-negros de duas linguas diferentes, uma sudanesa, o *nagô*, e a outra banta, o *ambundo*. *Baran*, do *nagô*, *abarani*, separar, — os separados, distintos, berloques, enfeites. *Ngan*, do *ambundo*, *angina*, senhora. *Ndan*, do *ambundo*, *ndengue*, manhoso, caprichoso, melindroso, afetado, dengoso, pois *ndengue*, substantivo, nos deu *Dengo*, *Dengue*, *Denguice*, *Dengoso*, *Dengueiro*.

Baran-gan-dan está aí formado: berlôques-mulher afetada.

Alguns Bahianos, aliás com todos os meios de verificação, escreveram e escrevem *Balangandans*, não sabendo ou não podendo dar a razão porque assim grafam senão a bôba de tais enfeites *balangorom*...

Barangandans, no plural, e nunca no singular, são todos os ornamentos de ouro, de prata e de metais que as creoulas e as mulatas usam no pescoço, na cintura, nos pulsos. Beaurepaire-Rohan, não conhecendo bem a extensão do termo, limitou-o, embora o fizesse no singular: — “coleção de ornamentos de prata que as creoulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bom-Fim”. Macedo Soares, apesar de sua cultura, caiu redondamente: — “Onomatopéa do ruído que fazem, como chocálio, as missangas, anéis, figas, rosários, etc. que constituem essa peça de enfeite”. Macedo Soares completa Beaurepaire-Rohan quanto aos ornamentos da cintura, mas a tal *onomatopéa*...

Banien, do árabe, *banian*, mercador do Oriente que viaja a África com tropas de camelos, — *Gan-dan*: — mulher dengosa, melindrosa, de homem rico. *Banan-gan-dan*: — *barangandan*. E esta é a etimologia certa.

XV. Calunga-ngombe

BÊBE AÍ, BOI! Grifamos essas palavras quando tratamos do *Tutú-Gombê* e reproduzimos o emto da “dormideira”, para agora termos a satisfação de apresentar o registado por Basilio de Magalhães, (1928), á pagina 94:

“O’ tutú-zambê,
Vem papá yayasinha!
Bebe aí, boi,
Yayasinha está dormindo,
Tutú, vá-se embóra!”

Embora se trate do *Tutú-Gombê* e não do *Tutú-zambê*, esse *Bebe aí, boi* denuncia o *Calunga-ngombe*, além da necessidade de uma revisão completa no nosso

deturpado Folk-lore para serem recompostos e reconstituídos os Mitos, — ideal por que nos vimos batendo.

XVI. Manhangombe

MARRUÁ. Nesse do *Rancho do Boi* estão os sentidos de três vocabulos dignos de registro: — *Aráá*, *Arruciro* e *Arruar*.

Aráá, barato, sem grande valor. Temos certeza de que esse adjetivo, termo da linguagem Popular, referido ao *Aluá*, — do arabe, *haluab*, e depois do quimbundo, *ulauá*, bebida fermentada, — com ele se confunde e é havido como substantivo, no que, no final de contas, se tornou. *Aráá*, entretanto, não é defeito de pronuncia como se está vendo e se vai ver.

Arruar dos classicos e *Aruar* dos Brasileiros iluminam o caminho.

.. *Arruar*, na linguagem commum, é dispor a cidade ou o campo em ruas, alamedas, avenidas. Nos sertões e no geral onde se fala como os Portuguezes ensinaram, berrar, mugir, &c., de animal que se perde dos outros: — a vitéla "arruou".

Desta ultima accepção se poderá chegar a alguma coisa interessante.

Marruá, ou *Marruás*, talvez não tenha as origens vaseônicas que lhe dão, — *marroa*, — donde os nossos *Marrar*, *Marrado*, &c. Os sertanejos de Simão Dias, — Sergipe, — e de Geremoábo, — Bahia, — dizem *Amarruá*, — e isso basta para se descobrir o termo primitivamente vindo ao Brasil, pois essa região não foi infestada pelos reformadores que vem inconscientemente adulterando os vocabulos e seus sentidos. Em outros pontos do Bahia e de Sergipe, *Marruá* e *Amarruá* apparecem ditos indiferentemente.

Amarruá apresenta todos os característicos de formação luza e independente de *marrôa* vascôno. *Arruar*, no sentido de berrar, mugir, traz em si a idéa de *rua*, ou melhor, de *rupta* latino, aléa, estrada, renque, mata, onde os bois se perdem e aragem. O prefixo latino *am* dá precisamente a significação de *Amarruar*, que até os Portuguezes se esqueceram de incluir nos seus lexicos. — *lungir* em rola. — por se haverem perdido em *Amarruar*, bater com marrão ou martelo com que, nos vellos tempos, se quebravam pedras, verbo que, perdendo o sentido de outraora, hoje significa: figuradamente, andar aquebrado, abatido, doente, needitabundo, ser teimoso, arrelento. O *Amarruá* dos sertanejos, ou o *Marruá*, não vem desse termo antigo, mas do outro, *Ameruar*, que é de boa origem portugueza e muito mais perfeito.

No litoral, desde Belem até o Rio Grande do Sul, *Arruar* tinha outro sentido: — passear ou andar, sempre montado, pelas ruas da cidade. Daí *Cadeira de Arruar*, *Liteira de Arruar*, *Cavalo de Arruar*, &c., e tambem *Arruciro*, hoje apenas *Ruciro*, individuo que, montado, não parava em casa. A idéa de *Arruido* prevaleceu em *Arruar*, namorar as moças, debiear com as mulheres, exhibir meios de transporte.

O povo tem seus defensores, seus criticos. Essa grandêsa de *Arruar* teve as ironias do *Aruar* da gente pobre, da que andava a pé: — perambular fazendo *Arruido*. E o *Muá*, a bebida mais barata de todas, tão preferida pelos que *arruavam*, deu o nome de sua vendeira: — *Aruá*. E tambem, por ser ordinaria no prego, *Aruá*, — talvez de *ruá*, do haussá, — chuva, agua.

Queira o Leitor ver o modo por que as mulatas cheirosas, todas carregadas de barangaudans, metidas em elinclinhas caras, panno amarrado á cintura, os seios quase á mostra bamboleando dentro das camisas bordadas,

iam pelas ruas da Bahia, chamando a atenção dos "Mogós", a mercar *Arúá*, coisa que não lhes dava nem o café e que muita gente bôa bebeu sem discentir si era mesmo *Alúá* mas dizendo palavras ternas e agradáveis

Ó seus amores,
 Porque chorar?
 Mate essa paixão
 Sem se afogar.

Gritavam depois, chamando á janela ou ás portas dos estabelecimentos os "senhores de maior":

O'i o arúá
 Pra se gabar.

E voltavam a cantar, rua abaixo, ou acima pregoando:

Arúá de canéla,
 Sem ser de panéla,
 Coisinha gostosa
 Pra gente forrósa.

Esses casos de dois sentidos das palavras são muito comuns na Bahia, especialmente na produção popular.

XVII. Os três Mandús

ZARÉ. Do chinhungue, *azêre*, cego do olho esquerdo, nos deu *zerê*. O Português *zargo*, *zarêlho*, alterou o sentido de *zerê*, tornando-o *zerê*, defeitoso de uma vista. Nos sertões de Alagôas e Pernambuco ouvimos *Caólho*, termo brasileiro em que entra o antigo prefixo português *ca*, indicativo de defeito ou falta.

CACUNDA. Do ambundo, *kakunda*, costas pequenas, costinhas, giba, corecova, diminutivo de *ri-kunda*, costas.

O termo interfere com *Carcunda* português, *caróva*, giba ou gôca, de origem grega, do qual nasce *Corciunda* por efeito de *Coróva*. O povo diz *Cacunda*. Os letrados querem *Corciunda*. Os velhos chamam *Carcunda*. No final de contos, *Cucunda* tem páis conhecidos e pode lutar abertamente com os outros dois.

ÉTÉ. Do nagô, *eté*, yaga.

OROBÔ. Do nagô, *orobô*, fruto de *yorúba*, fruto de Yorubá, Nigéria, fruto de uma variedade de kôla pequena. A nóz de kola africana, a que têm frutas maiores, é o *Oróbí*, vulgarmente chamada *Obi*.

MEANA. Do nagô, *mutna*, negrinho.

CONICA. Do quimbundo, *makoríca*, calvo, calvieio. *Corica* deu *Caréca* a Portugal e Brasil, embora que os etimologistas sejam como os cegos e os surdos da Escritura: — reconheçam origem afro-negra e não na apresentação. Os dois termos estão em uso no Brasil. *Carépa* não é afro-negro. Velho na Língua, vem do grego, *karé*, cabeça, superfície, *palhos*, grossura, côdea, caspa, caseão, casa de arvore, &

ILÚ. Do nagô, *ilú*, talaque grande.

BERIMBÁU. Do quimbundo, *mbirimbau*, instrumento de metal que se applica contra os dentes fazendo vibrar uma lingueta de aço entre seis dois ramos. Ha tambem o de corda: — um arco mortado numa cabaga, da qual se tira uma colét: para poder ser applicada em torno da região umbelical do tocador e dar sons diferentes de uma corda só. Ainda ha uma terceira forma em que a cabaga é substituida por um cone truncado de folha de Flandres. Ha diversas formas de *Berimbáus*. Não salemos porque se admite o termo como corrutéla de *Marimbáu*, quando *Merimbáu* é pura criação dos etimologistas e coisa muito diferente de *Berimbáu*. A *Marimba* dos Cafres era um cabaga com taboinhas. Hoje

essas lamínas são de vidro ou de metal e a cabeça é substituída por uma caixa de madeira ou de metal. A *Marimba*, do ambundo, *marimba*, era e é tocada com duas varêtas, ao passo que o *Berimbáu* é com as felangêtas do indicador direito. *Marimbáu* é nome nascerdo no Brasil para acompanhar *Berimbáu*, mas aplicado à *Marimba* mal feita ou mal tocada. O fato de Macedo Soares haver dito que *Berimbáu* é corrutela de *Marimbáu* não isola a pesquisa. *Berimbáu* é uma coisa e *Marimbáu* é outra. Quando o *Berimbáu*, o que tem a cabeça como ressoador, tem duas ou mais cordas, chama-se *Urucungo* ou *Orucungo*, porém, verdadeiramente *Oricungu*, — ganho, meio de vida dos "tangas", — *ori*, — de *Cungu*, isto é, de negros que, vestidos de tanga, faziam vida cantando, dançando e tocando *Berimbáu* de mais de uma corda nas ruas de Cunga, porto comercial de Argóla, á margem do rio Cuanza, de onde nos vieram muitos escravos.

Artur Ramos, — *O Folk-lore Negro do Brasil*, pag. 156, — diz com muita precisão: — "Restou-me falar no *urucungo*, também chamado *gôbo*, *bucumbumba* e *berimbáu-de-barriga*, que é o mesmo *rucumbo*, descrito por Dias de Carvalho entre os Lundas".

RUCAMBO. *Rucumbo* dá idéa mais perfeita do meio de vida dos "tangas", — *ori*, — que mais se dedicavam á dança, — *cumbe*. — *Rucumbo* é, pois, o mesmo *Urucungo* que, em vez de ser tocado com o indicador direito, sua corda ou suas cordas são vibradas por uma varinha. (Na Bahia ha a vila do Cumbe).

QUISSAGÁ. Do ambundo, *kisusa*, mato ralo, vegetação fraca. Quando em 1914-1915 nos encontramos com esse termo que dá nome a um sitio entre as cidades de Nazareth e de Aratuípe, tivemos oportunidade de verificar sua origem, confiados como nos foram os archi-

vos centenários de Jaguaripe, Nazareth e Aratuípe. Antigo cemitério de índios, *sambaqui*, para o lugar foram mandados, em princípios do século XVII, alguns Haus-sás. Os registos dizem: — No *Caissá*. Não dando as lavouras, os negros foram removidos. Sobreveiu a “guerra dos Aymorés” aos “barbaros christãos do Recôncavo”. A horda invasora, depois de arrasar a Aldeia, hoje Aratuípe, descerçou no *Caissá*. Depois atacou Nazareth. Chegados reforços, os “selvagens” foram bastante dizimados no *Caissá*. Registos deante trazem a ultima sílaba duplicada, *Caissássá*. Nas linguas indígenas da America e da Africa a reduplicação dá idéa de multiplicidade. No século XIX, alguns índios foram aldeados ali, mas bem cedo abandonaram o local, voltando ao que é hoje Aratuípe, passando a escrever-se *Quissacá*. Estamos, pois, deante de um problema interessante.

Quissacá está de acordo com o *lisasa* abundo: — mesmo matto ralo, vegetação raquítica. O nome do Lugar não veio d'aí, pois, com os Haus-sás, chamou-se *Caissá* e, mais tarde, com a mortandade dos Aymorés, *Caissássá*. Admitido *Quissacá*, não se duvida que a pronuncia rapida de *Caissássá* obrigasse a substituição de *Cai* por *Qui*. Toda a questão, porém, gira em torno de *Cai*. Efectivamente ha, na lingua dos Haus-sás, *Caissá*, isso, esqueleto, o que está muito bem com o cemiterio de índios no *sambaqui* encontrado por eles. A reduplicação diz: — muitos ossos, muitos esqueletes.

Está lá como duas linguas diferentes, uma sudanêsa, *haus-sá*, e outra banta, *abundo*, geram termos iguais com sentidos diferentes, podendo entretanto qualque deles ser havido como exato.

Como *Quissacá* anda sempre perto de outra localidade ex. s'io chamado *Caissara*, ou cercado por topeni-

mos ameríndios, os Indianistas dão sempre com os burros n'agua.

QUIBANDO. Do quimbundo, *quibandv*, peneira, *urupema* ou *gurupema* em tupi.

XVIII. Tutú-Zerê

QUÍBA. Do quimbundo, *quiba*, pelúdo, corpolento, forte (Pronuncia-se *cuíba*).

CATENDE. Do quimbundo, *katende*, lagartixa. Está aí porque os Portuguezes não chamaram a lagartixa de *Calanga*. Este nome foi dado pelos Brasileiros á femca do *Calango*.

SUNGAR. Do quimbundo, *ku-sungv*, puzar o catarro para dentro do nariz.

BUANCA. Do quimbundo, *nbuanca*, bravata, manha.

GANGENTO. Do quimbundo, *ngangv*, soberba, presunção, — deu também *Engangento* com os mesmos sentidos: — presumido, vaidoso, soberbo, cheio de si. Ambos são mais vulgarmente havidos como sinónimos de rabujento, impertinente.

CASIOTE. Do quimbundo, *casiotu*, pano velho com que se envolava trouxa, por extensão, bavi velho: — *Casióto*, *Casióte*.

MULAMBO. Do quimbundo, *mulambu*, pano de entrepernas. O leitor conhece bem todas as accepções do termo e de seus derivados.

CURIAR. Do quimbundo, *kúria*, comer. Tornou-se verbo corrente no Folk-lore e na Linguagem Popular, mas vai desaparecendo. *Curiá*, substantivo, amolda-se a qualquer conversação, sem sentido definido: — Um dia destes, *curiá*, havemos de ir ao Rio de Janeiro.

XOXÔ. Do quimbundo, *xoxu*, óleo que se faz da amendoa do côco de dendê, e, por extensão, beijo que não estala. *Xoxô-muzinga*, beijo de chicôte, — lambada em individuo vestido. *Muxoro*, do ambundo, *muzôxu*, estalo de enfado.

IUÊ. Do ambundo, *aiué*, interjeição de espanto, de admiração, de insulto.

GOMBO. Do quimbundo, *ngombu*, adivinho.

COCÁ. Da Lingua Geral Africana, *cocã*, galinha de Angóla, *guiné* ou galinha de Guiné, pintada, galinha da Índia, *conqueu* (onomatopáico), *Sacué* (onomatopáico). Os negros chamam *Cocá* e raramente *Guiné*. Em sentido figurado: — mulher a quem os homens não querem e que tem officio de adulaçeira.

QUEREQUEXÉ. De que já tratamos. Adjetivo: — Pessoa que fala muito alto, escandalosa quando fala.

BAMBAQUERÊ. Do quimbundo, *mbamba-querequezé*. No caso trata-se do adjetivo. Desordeiro, barulhento, acaba-fêsta, manda-o-páu, brigador. O substantivo é muito conhecido: — dança de negros em que entra o canzá como instrumento principal, — *querequezé*, — e acaba em desordem, confusão, barulho, pancadaria. O *Bambaquerê*, fêsta de negros, tem hoje o nome popular de *Caga fumo*...

CAMBA. Do quimbundo, *camba*, camarada, amigo, amante.

XIX. Tutú-Moringa

MORINGA. Do quimbundo, *muringi*, bilha. Na Lingua Geral Africana tambem é *Moringa*, o que está bem de acôrdo com as regras portuguezas. Alguns "filólogos" defendem *Moringue*, não baseados no quimbundo, mas numa pretensa origem franceza do termo...

XX. Quibungo

OGAN. Nome dado pelos B'iancos a qualquer protetor de caudonabê, como se usava a *Ogan* ou *Ogham*, inventor da escrita, guarda dos segredos e mestre de cerimoniaes dos antigos Irlandêses ou Celtas.

SAMBANGA. Termo de que já tratamos. — como si fosse convidado.

OICALUME. Do quimbundo, *oka-ndimba oca-lume*, o coelhinho ou a lebresinha macho.

OACAI. Do quimbundo, *oka-ndimba oca-kai*, a coelhinha ou a lebresinha femca

MONGO. Do quimbundo, *mongu*, monte, coreôva.

MONGONGO. Do quimbundo, *mongongu*, espinhaço.

QUICÔLO. Do quimbundo, *quicolu*, forte.

ALAIÉRU. Do nagô, *elaiéru*, intrepido, destemido.

ALABÔ. Do nagô, *alabô*, defensor, protetor.

ERÚ. Do nagô, *erú*, medo, terrôr.

JAGUNÇO. Do nagô, *djagún*, guerreiro. Toda a poesia etimologica sobre os *Jagunços* de Canudos morre deante dessa simplicidade: — *Djagún*, guerreiro.

CASSANGÉ, QUILUNGUE, BANGUELA. Povos afro-negros conquistados pelos Portuguezes.

POMBEIRO. As origens desso termo andam muito confusas entre os nossos etimologistas. Uns querem vinda do ambundo, *pumbelu*, vigiar, espreitar, outros de *pombe*, da mesma lingua, que dizem significar mensageiro. Outros encontram relações entre *Bombear* e *Pombeirar* e ainda alguns vão buscar etimos que nada tem com o caso.

O facto é que *Pombeira* e *Pombeiro* são muitos vellos na lingua.

Pombeira, a prôa das embarcações de alto bôrdo, semelhante ao pescoço da pomba. As oscilações do navio davam a idéa do movimento do referido pescoço.

Pombeiro. Vieram chamou assim aos "línguas" do Maranhão que iam pelo interior a comprar e resgatar escravos.

Na Africa, os que, fôrros ou escravos, iam ao sertão comprar ou vender por conta propria ou de terceiros, chamavam-se *Pombeiros*.

Rodolfo Garcia regista *Pombeiro* em Pernambuco como sendo o escravo que comprava para revender ou que vendia peixe ou outra qualquer coisa por conta do senhor, ou mesmo vendia o que lhe mandassem.

No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e nas grandes capitães do Estados, *Pombeiro* é o individuo que viaja constantemente para os lugarejos proximos e compra, para si ou por conta de terceiros, frutas, legumes, cereais, aves e óvos e os revende ou distribue.

Pombeiro é termo veuissimo na Língua, afirmamos.

Os Portuguezes levaram-nos a todas as suas antigas colonias, até ao Japão, — e os Españhóes o tem, *pomba*, desde ha seculos, em seus dominios.

Pombeirar é exercer a profissão de *Pombeiro*.

Mas, de onde teria vindo *Pombeiro*?

De *Pombe*, sertão, interior do paiz, região agricola, *Apombe* em diversas línguas bantas. *Pombeiro* enquadrou-se bem aí. É nos sertões que as pombas, especialmente bravas, tem vida errante. É nesses sertões que se bébe um licôr feito de milho fermentado, *Pombe*, que os nossos etimologistas foram buscar para origem de *Pombeiro*, mas no sentido de mensageiro...

E porque appareceu *Sertão* em nossa Língua?

Os antigos diziam vir de *Serra*, montes, penedias, picos, e *Souto*, bosque, mata. Isso explica, mas é arranjo.

A fantasia creou *Ser*, ente, e *Tunga*, alguma coisa que cobre as partes pudendas. *Sertão*, onde os habitantes usam tanga... O termo deve ter vindo de *Serra*, montes, penedias, picos, com tudo que neles se encontrem, e mais *Tão*, o antigo *Tanto*, do egípcio *tanso*, multiplicar, ou do latino *tantus*, grande numero, — pelo que poderíamos dizer, em Português antigo, *Serra-e tão*, *Sertão*, serra e tanto, serra em quantidade.

ABATÁ...Do nagô, *abata*, feira, mercado.

DUDÚ...Do nagô, *dú-dú*, negro.

FUNFUN. Do nagô, *funfan*, branco.

GBÔ. Do nagô, *gbô*, *uybo*, velho.

BATÁ. Do nagô, *batá*, sapato, calçado.

ORI. Do nagô, *ori*, cabeça.

OIMBO. Do nagô, *oyumbo*, homem branco.

XXI. Misôsoz de Itambi

MISOSO. Do quimbundo, *misosu*, conto popular.

ITAMBI. Do quimbundo, *itambi*, funerais, exequias.

Alguns nomes de localidades entre Pernambuco e Rio de Janeiro, *Itambi* ou *Itamby*, não tem a origem tupi que os Indianistas lhes emprestam : — *ita-mbi*, pedra levantada, penedo em pé.

VÉLAS CREPITANTES. Os negros dos *candomblés* ajuntavam, á cêra ainda pastôsa, percevejos, pílgas, mosquitos, carrapatos, &c. e com éla fabricavam vélas que, ao serem acêsas, crepitavam, ou melhor, ouviam-se estalidos miúdos e diferentes uns sobre os outros. O mesmo faziam com o azeite de luz, de mamona ou de baleia.

CU-BANDAMA. Do quimbundo, *cu-bandama*, uuir-se. Já falamos a respeito da *Cu-bandama* no texto. (Capítulos XVI e XXI).

ABILECÓ. Do *nagô*, *abil-òhkoò*, mulher casada.

OCÓ. Do *nagô*, *òhkoò*, marido.

PADÊ. Do *nagô*, *padê*, despacho de Exú, bôdes, grilos, pipóens, farófas.

NGOMBO. Do quimbundo, *ngombu*, feiticheiro.

ELERÊ. Do *nagô*, *elere*, o que se aproveita, o que acha pronto, o herdeiro de todos os bens.

MUTUMBI. Do quimbundo, *mutumbi*, cadaver.

OLORIM. Do *nagô*, *olorin*, cantor.

OZIM. Do *nagô*, *orin*, canto.

CUMBÃ. Do *nagô*, *cumban*, parte da cunisu que fica sobre os seios da mulher e que os mostra dentro das rendas ou dos bordados largos.

IALÊ. Do *nagô*, *yalê*, favorita, — a que, no culto, é a mandante, a mestra de cerimônias.

INFUNICADO. Do chinhungae, *ku-funica*, transfigurar, deformar, cobrir, transfigurar-se, deformar-se. *Infunicar* está consagrado na Linguagem Popular.

IUMBI. Do *nagô*, *iumbí*, fcmem que se incumbe do "morto" ou novo pai-de-santo por ocasião do enterro do outro a quem substitue.

CAMBONDA. Do quimbundo, *mbondu*, amasio, amante.

QUIJILA. Do ambundo, *quijila*, jejua. O termo tem muitas outras acepções, mas foi empregada nessa.

ZUNCÚ. Do ambundo, *ri-zungu*, carcassa, carapaga, cova, buráco.

DEMBO. Do quimbundo, *odembu*, chefe da tribo dos Dembos, em Angóla. Hoje tocos são Dembos.

CARIAMPENBE. Do quimbundo, *cariampembe*, *cariampembe*, o demonio, o espirito que entra no corpo dos angola-conguêses ou os persegue: — Nzumbi-cari-

mpembe, Zuubi-cariampembe. Artur Ramos registou *Zuubi-Cariapemba* na Bahia; Pereira da Costa, *Cariapembê*, em Pernambuco. Na linguagem Popular, *Peaba* quer dizer diabo, feitiço, mentira, pó de feiticeiro, penis, &c. Os escravos, segundo Pereira da Costa, chamavam á possessão *Mudu-gua-Cariapemba*, o que também é confirmado por Arthur Ramos.

CUCUMBI. Do conguês, *cucumbre*, comida dos conguêses, — é a origem que dão ao termo quase todos que se occupam dele. O *Cucumbi* da Bahia é o mesmo *Congo* do resto do Brasil, o mesmo *Cacumbi* ou *Cacumbi* do Rio de Janeiro. *Cucumbi* era também o manceante do "ritmo do canto e da dança, sendo ao mesmo tempo dançarino e cantor" de que nos fala Melo Moraes Filho. Manoel Querino diz: — "Com muita-se de numerozo agrupamento: — uns armados de arco e flecha, capacete, braços, pernas e cintura enfeitados de penas, sêite e camisa encarnados, cornos, missangas e dentes de animais no pescoço, a feição indigena. Outros, porem, trajavam corpete de fazenda de côr, saietta de setim ou cambraia, com cafeites de velbrina azul e listas brancas, num estilo bizarro, acomodado ao *divertimento*. Os instrumentos consistiam em pandeiros, cauzás, echechêres ou chocallhes, tamborins, marimbas e pianos de cûin (cabaça enfeitada de contas)".

Registamos, no Recreio Bahiano, como termos conguêses: —

Cumba, — homem robusto, forte, ligeiro e mago; dançarino léxtro.

Cacumba, — dança dos Cumbas, dança de negros "bem vestidos".

Cumbe, Cumbé, — o mesmo que *Cacumba*.

Cucumbi, Cucumbé ou *Cucumbi*, — o mesmo que *Cacumba*.

No acto dos *Cucumbis* não ha coçadas. Donde desprezamos a origem *Cacumbre*. Ha dança, ha canto, logo ha instrumento predominante. E' naturalmente esse instrumento que dá o nome ao grupo. A sílaba *cu* ou *cuc* res leva ao *Oricungo*, *Orucungo* ou *Rucumbo*.

M. Querino, apesar do muito que escreveu e colleccionou sobre o nêgro, não tinha illustração bastante para interpretar coisas que ele mesmo poderia ter explicado si não visse tudo dentro de sua illusão de maior sabio do que se referia aos africanos. Muitas vezes chamamos sua atencão para assuntos que ficavam obscuros ou que necessitavam pesquisa. A vaidade o venceia e, não raro, suas obras, simples registos, tem falhas consideraveis. Assim, por exemplo, agora, em relação aos *Cucumbis*, notamos que ele usou do metodo das informações e das deducções, ou que, embora em contacto com feiticeiros e pessoas que frequentavam *candomblés*, achou *Chêcherés* em vez de *Chêquerés* e não deu o nome do piano de cuia, *Agé*. Quando-lhe contas em vez de búvios. Esse *Agé*, ou piano de cuia, é entretanto uma variedade de *Oricungo*, *Orucungo*, *Urucungo*, ou *Rucumbo*.

Em *Meu Menino*, pagina 159, descrevemos um *Cucumbi* numa festa da Boa-Morte no adro do Bomfim. — “A musica, africana: canzás, chererés, agogós, tabaques, berimbãos”. Tambem não vimos *Cacumbis* vestidos de penas: — “Os barretes multiplicavam-se: — todos vermelhos. As roupas destoavam: — azuis, verdes, amarelas, sillerinas. Saietas. Calções. Meios casacos. Os adôrnos, variados. Nas cinturas. Nos punhos. Nos joelhos. Nos pescocos. Nas cabeças. Nos tornozêlos. Contas. Búvios. Penas. As caras, pintadas.”

Berimbãos dissemos nós, mas o Leitor já sabe que á familia dos *Berimbãos* pertencem os *Oricungos*, *Orucungos*, *Urucungos*, ou *Rucumbos*, — instrumentos estes

predominantes nos *Cucumbis* da Bahia: — a dança e o canto dos *Cumbás* do Congo ao sem do *Rucumbo*, dança que se chama *Cumbe*, *Cumbé* ou *Cumbi*.

Acassá. Bôlo de milho ou de arroz, com ou sem leite, envolto em folhas de bananeira.

Moutoya, como Barbosa Rodrigues que o seguiu, define: — *caa-ã*, coisa cozida ou assada. Braz da Costa Rubim dá-lhe origens guaranis. Bouche, um artista de *Côte des Esclaves*, nos vem dizer que esse *Acassá* é africano e provem de *ccô*, bolo de massa de farinha de milho fermentada (?), *agidi*. Macedo Soares ajunta:

“E' o prato nacional da Costa dos Escravos na Africa Occidental”.

Será possível que o termo *Acassá* promana de *ccô-agidi*?

Akassá, perto de mar na foz do rio Niger, ou antes, no cêta do Niger, onde se embarcavam escravos. Quando muito o “prato nacional” encontra a “patria”, mas isso nada autoriza a origem *ccô-agidi*.

Acassá com s duplo, e não com ç, porque? Simplesmente pela intereurencia com *Akassá* e pelo fato de não ser a cedilha comum a muitas linguas européas dos conquistadores e colonisadores do Continente Negro.

No Capitulo IX lembramos que os navegantes gregos haviam levado da Africa mitos que aperecem hoje como Helenos, mas certo que deixaram tambem alguns traços de suas visitas.

Acassá é o mesmo *Acacy* dos gregos e, por *Acaci*, se chega a saber que chegou, por intermedio dos Helenos á Africa, onde existem muitas especies silvestres de *Acacia* que dão “goma arabica”. *Akakiá*, acacia, deu *Akakoz*, que se decompõe em *a*, privativo, e *kakoz*, mau, prejudicial, ou antes, o que não é máu nem prejudicial.

Acassá, de *Acuey* grego, *Acuey* de *Akakoz*, *Akakoz* de *Akalia*, — bom, saudavel, innocente.

MASSA. Do quimbundo, *massa*, milho. Substituído o milho pelo trigo na alimentação geral, pão, bolachas e biscoitos são chamados na Bahia, — *Massa*.

LUANGO. Do quimbundo, *luangu*, peixe de agua doce correspondente ao nosso surubim do São Francisco. Ouvimos pronunciar *ruango*, sendo o *r* brando como em *caro*.

MARO. Do quimbundo, *maffa*, folha.

BUNDO. Do quimbundo, *bundu*, herba.

MARINBUNDO. Do quimbundo, *ma-rimbundu*, vés-pas.

QUICHINGE. Do quimbundo, *quichinghi*, ponte. Temos tambem ouvido *Quichingo* e *Quichinga*.

CACHINGUE. Do quimbundo, *quichinghi*, ponte. O mesmo termo que o precedente. Tambem *Cachingo* e *Cachinga*. Na Bahia significa pinguela. *Cachingar* é andar se agarrando com medo de cair ao atravessar uma pinguela e, por extensão, o reumático que se vai arrastando pelo caminho ou quem anda como ele. (Não confundir com *kazinghi*. Vide *Cazingó*).

QUINJINDU. Do quimbundo, *quinjindu*, marióla, carregador de frêre, homem estúpido.

HOCU. Do quimbundo, *h^ochi*, tirano, déspota, opressôr.

QUIAH'BU. Do quimbundo, *quiah'bu*, vagabundo, malfetor, — de que já falamos.

QUICUSA. Do quimbundo, *quicusa*, gago, pegado da fala.

CUCHICA. Do quimbundo, *cuchica*, tocar instrumento. *Cuchicar*, voz de grilos, — na Linguagem Popular.

MUMBU. Do quimbundo, *mumbu*, música.

XXII. Contos Haussás

Revendo netas e confrontando-as com os vocabulários colhidos por Nina Rodrigues e constantes de *Os Africanos no Brasil*, podemos oferecer ao Leitor alguns Termos Populares em uso no Recôncavo Baiano que encontram correspondentes ou origens em vocabulos das Línguas Haussá, Gêge, Kamuri, Tapa e Grúce: —

TOCÁ. Do haussá, *toká*, ciuza: — borrallho.

RUÁ. (*R. brando*). Do haussá, *ruá*, chuva. agua: — chuva rala de muitos dias. Talvez esteja aí o fio para se explicar também *Aruá*.

CHURUÁ. De haussá, *kizuruá*, sede: — caetaga; choramingas.

CAÇUAR. Do haussá, *kaçua*, chão: — brincar no chão, espojar-se.

GULHIAR. Do haussá, *gulhi*, rio: — bebericar saboreando a bebida.

DADÁ. Do haussá, *da*, filho: — inocente, inexperiente.

IAIÁ. Do haussá, *iaia*, filha, moça.

GACHA, GACHINHA, GACHINGA. Do haussá, *gachi*, cabelo: — cabelo rapado de mulher que usa tórso, cabelo de homem rapado á navalha ou a ponta de tesoura. Modernamente: — cabelo estirado.

CAPA. Do haussá, *kafa*, perna: — pernas de recam: e aseido.

CAUFÁ. Do haussá, *kaufá*, pé: — calçado grande nos pés. Por extensão, qualquer parte do vestuário muito frouxa.

ALUFÁ. Do haussá e do tapa, *malufá*, chapéu, e não de *alufá*, suni sacerdote malê: — chapéu móle, de feltro.

MARRÉCO. Do haussá, *marreki*, bezêrro: — menino magro mas estrioulento.

DÓCA. Do haussá e do tapa, *doki*, caválo: — caválo que tem um olho defeituoso ou cêgo. Por extensão, todos que tem uma vista só ou enxergam pouco.

FADARIO. ALFADARIO. Do haussá, *alfadari*, burro: — sôrte de burro velho.

JÉQUE, JÉQUE. Do haussá, *jaki*, jumento.

TURUCÁ. Do haussá, *tururá*, formiga. O termo sofre a influencia de *teriguá*, vespa em tupi.

EDÊ. Do gêge, *edê*, lingua: — palanfrorio, fanfarroada. Em nagô, *edê* é caranguejo.

KUENTO. Do gêge, *kuento*, inimigo. Sinónimo de desalmado. Também se diz *Cuento*.

CEZIMBRA. Do gêge, *cezimbra*, sêde: — cachaga.

ONOCUM. Do gêge, *onokun*, olhos: — oftalmia.

ATAN, ATEN. Do gêge, *atan*, barba: — buço de mulher.

GUDÓ, OCUDÓ. Do gêge, *kogudó*, pescoço.

ODÓ. Do gêge, *odó*, barriga.

FUFÓ. Do gêge, *fu*, ôsso: — ôsso móle, eosido, que se rói facilmente. Intereorre com "fôfo" tratando-se de ôsso. *Fuar*, — roer ôssos mólés. *Fuar* ou *Fufuar*.

AGBÓ. Do gêge, *agôabô*, carneiro: — carneiro, velho. Dominante o nagô: — *agbo*, de que temos nos ocupado em capitulos anteriores.

GARÔA. Do kanuri, *karou*, vento: — vento frio da madrugada.

BURÚ, BURUM. Do kanuri, *burum*, rio: — rumor da corrente. A fala do negro de Danga, de Moçambique, deu *Burundanga*: — palavriado confuso. No plural: *Burundangas*, ninharias.

CANDIÊ. Do kanuri, *kandiê*, fumo: — fumaça.

SÓBA. Do kanuri, *sôba*, amigo.

CORUMBÁ, CURUMBÁ. GORUMBÁ, GURUMBÁ. Do kanuri, *gurumbá*, chapéu: — chapelão de palha. *Corumbá*, réz dos enfiões curtos ou partidos. *Corumbá*, velho castanho, velho papão.

GABOLIM. Do kanuri, *gaboli*, milho: — espiga sem quase grão de milho.

BUSUM, BUUNÇO. Do kanuri, *bugun*, cinza: — coisa ruim, imprestável. Daí nasceram *Bugunços*, coisas mendas de gente pobre, farélos de carne das coxilhas, farélos de cereais, carne ruim de agongue, partes duras da carne, residuos de qualquer coisa; *Bugunço*, depois transformado em *Bagunça*, mistura de restos fermentáveis em que uns apodrecem antes dos outros e nada se aproveita do todo; *Bragunçeiro*, o que aproveita ou possui ou procura *Bugunços*; *Bugunçeiro*, o que faz ou gosta da *Bugunça*. Macedo Soares registou *Bragunçios*, termo que nunca ouvimos no Norte, nem mesmo no São Francisco.

GENOCÔ. Do tupa, *gônacô*, trovão: — coisa ou pessoa que aparece de repente ou de surpresa. Vide Capítulo XIII.

LICANAN. Do tapa, *licanan*, areia: — areia micácea.

SABACÓ. Do tapa, *zabucó*, velho. Interferindo a ave brasileira *Sabacú*.

MUSSUM. Do tapa, *nunçun*, boca: — boca suja. Interferindo o peixe brasileiro *Mussim*.

SECO. Do tapa, *suku*, osso: — caldo em que cozuram ossos na panela.

BICUNGO. Do tapa, *bikunghi*, bóde: — bóde preto de ou para feiticeiro.

NHONHÔ. Do grunçe, *unhonó*, senhor.

CHITA. Do grunçe, *zita*, mel: — todo animal enjo pelo é da cor do mel de abelhas.

QUELLÉ, JAQUELLÉ, PEQUELLÉ. Do grunçe, *dja queléca*, baixo: — gente á toa.

TENTUMÁ. Do grunçe, *tuntumá*, trabalhar: — bater, percutir.

Elementos para a Etnica Brasileira

Depois d'isso podemos fazer um resumo sobre as nações e as linguas afro-negras de que se tem noticia no Norte do Brasil, especialmente na Bahia, valendo-nos das maiores autoridades etnograficas, etnologicas e linguisticas, como sejam, alem de outros, R. N. Cust, — *Modern Languages of Africa*, — Fried. Muller, — *Grundriß der Sprachwissenschaft*, — Dr. Lepsius, — *Grammar of Nuba*, — Th. Burns, — *Africa*, especialmente o primeiro e o ultimo havidos como sendo os mais notaveis entre todos que tem escrito sobre o Continente Negro.

As linguas faladas na Africa estão classificadas pelos etnologos e linguistas modernos, — que adoraram R. N. Cust e Th. Burns, — do seguinte modo: —

I. Línguas puramente africanas: —

a) *Línguas negras*:—

1. Bantas, puras;
2. Nigriticas ou sudanêsas, misturadas ou mixtas;
3. Nuba-fulah ou Pul, misturadas ou mixtas.

b) *Línguas bátna*: —

1. Khoïn-khoïn;
2. San;
3. Dos pigmeus.

c) *Línguas hamíticas*: —

1. Egípcia;
2. Líbica ou Berbérica;
3. Etiópica ou Kuslítica.

II. Línguas extra-africanas: —

a) *Línguas semíticas*: —

1. Arabica, em seus dialetos do Egito, de Maghreb, de Suçmi e de Muscat.

b) *Línguas maláias*. —c) *Línguas arianas*: —

1. Inglês, no sul da África e na Libéria, e Francês, na Algéria;
2. Dialetos creoulos: —
 - Língua franca do Mediterrâneo;
 - Inglês creoulo;
 - Português creoulo,
 - Holandês creoulo.
 - Alemão creoulo;
 - Italiano creoulo.

Os nomes (puramente africanos) de tribus, línguas e regiões vem quase sempre subordinados a prefixos ou

sufixos que distinguem "homem" de "povo", "povo" de "língua" e "língua" de "terra".

Cust e Burns dizem que esses prefixos e sufixos são a tal ponto numerosos e que, sendo considerável o numero de tribus e de línguas, uma regra geral linguística seria de todo imperfecta.

Nas línguas hotentotes, hamitas e algumas nigríticas ou negro-sudanêsas, as sílabas iniciais permanecem e empregam-se sufixos.

MANDI ou MANDE, com o sufixo *ngo* ou *nga*, tribu, povo, forma *Mandingo* ou *Mandinga*, cujo reino succumbiu, em 1500, ás investidas de Mossi, Twariek e Sonrhai. (Alguns autos de Cagaugas de Mouros referem-se a esse fato). Sua capital era Mali, sobre o Niger. (E assim se vê como nasceu o nome de Malês na Bahia). Os principais dialetos e as principais tribus são chamados Soningos, Malingos e Bambarás. As menores, Cabunga, Toronga e Jalunga. A Língua Popular enriqueceu-se com os nomes das tribus dando-lhes acções brasileiras. De *bambará* já falamos quando nos referimos a *Gunocô*. *Cabungo* é a femina do *cabungo*, de que temos tratado muitas vezes, mas é também mulher parideira, isto é, que todo ano p'ra. *Soningos*, escrôtos. *Malingo*, bezêrro chibanteador. *Toronga*, ou *torongo*, mulher alta e corpulenta, ou homem alto e corpulento, também espêque de madeira que sustem as embarcações para o trabalho dos calafates. *Jalunga*, bouéca de pano, pessoa displiente.

Os HOTENTOTES empregam de preferencia o prefixo *qua*, povo, tribu: — *Namaqua*. O nome Hotentote não é africano, mas dado pelos colonisadores aos naturais do Cabo da Boa-Esperança, isto é, aos KHOINKHOIN. Os vizinhos bantos chamam-nos Balawa ou Balfes. Os principais caracteristicos de sua lingua são:

— Os sons brandos que formam uma parte integrante das palavras;

— os tons musicis monossilabicos;

— raizes monossilabicas;

— três generos e três numeros;

— letras indicativas do masculino e do feminino identicas ás das linguas hamitas;

— o uso de posposições como nas linguas hamitas.

Ai estão os negros *Balaio*s de que falam algumas cronicas e documentos de arquivos da Bahia e de Lisboa.

Lepsius classifica os Hotentotes, Bushmen e Pigmeus numa só raça, com os Bantos, mas considera a lingua dos Hotentotes e dos Bushmen entre as da familia hamitica. Os antropologistas admitem duas raças.

Bushman, no dialeto do Cabo *Barjesman*, são os antigos SAN que os Portuguezes trouxeram, embora em pequena parte, para São Vicente, Pernambuco, Bahia e Maranhão, no seculo XVII. *San* é um terrao banto que Th. Hall quer se acóte como geral, pois ainda hoje é geral em toda a Africa para designar os Bushmen.

Os San tem nomes de acordo com as tribus, mas, pela intercorrência das linguas bantas com as hamitas, ha, ás vezes, dois e mais nomes para uma só, mas todas sem suffixos: Ama-Xosa ou Aba-tua. Ba-kuandu, Ba-kuise, Ba-suto ou Ba-rua. Ba-tua, Ba-kua, Ba-tshua, — todos os San e Pigmeus que habitam a terra de Gala, os antigos *Galinka* da Bahia, cuja denominação, como se verá adiante, foi depois dada aos Guranees, & Balaia. de Bechuana, tambem, como os Khoia-Khoia, chamados *Balaio*s. Ma-detassana, escravos dos Ba-mangwato, de Chuana. Ma-serva, do deserto de Kalahari. Ba-kankala, no vale do Kikene. Ba-kasekele, aos nordeste dos Bakankala. Ha ainda tribus em mistura com angolezas: — Ba-kuise, de que já falamos, Ba-kuandu, a

que também nos referimos, e Ba-koróka. Do nome desta ultima e Linguagem Popular tirou o termo *coró*, sifilitico. *Sílico*, mal venereo que, na opinião dos napolitanos, era proprio ao exercito francez, entrou facilmente em nosso vocabulario como sifilis dos negros de Gala ou *Galinhas*. *Corócu*, velha sifilitica, coberta de chagas.

Os Pigmeus formam uma raça africana conhecida desde os tempos de Homéro e Hesiodo, que d'ella tiveram noticia como existente no Egipto. Encontram-se desde aí até o Cabo da Bôa Esperança e do Kamerun á Zanzibar pagando tributo aos Bantos ou aos chefes hamitas.

Nomades, caçadores ou pescadores, vivem em bandos. Podem ser ciseriminados conforme Hahn, *African Ethnography*. Doko, na Abissinia. Sienietye, no Nilo Azul. Waramia ou Watua, em Gala. Akka e Wambutu, no rio Arwimi. Obongo e Bakhe-bakhe no Congo Francez. Bachwa, no Kuangu. Batua, Batekke ou Bayekke, em Lulur Sankuru e parte do rio Congo. Wadilikino, nas montanhas de Nguru, perto de Zanzibar. Wanena ou Wapanga, nas nascentes do lago Nyassa.

Os Bahianos chamam aos Pigmeus **CAMBUTOS** e ás terras de onde vieram *Cambútas*. Os nossos etimologistas tem rodado em torno de *Cambuto* e de *Cambutas* cambio, cambio, cambito, cambixo, cambado, &c. Nada disso. *Cambuto* e *Cambutas*, de *Wambutu*, *Uambutu*, pigmeus do vale do Arwimi, afluente da margem direita do Congo. E tambem **OBONGOS**.

Falavamos sobre sufixos e prefixos e nos referiamos a Cust e a Buris. Voltemos ao assunto.

As regras differitau-se quando se trata de certas linguas, especialmente bantas, nas quais os nomes tem um prefixo para o singular e outro para o plural.

Nos casos gerais: — *Mu* é pessoa, isto é, homem, mulher, criança; — *Bu* ou *Wa*, *Ua*, povo; *U*, paiz, região, território; *Ki*, lingua. Exemplo: — *Ma-gogo*, *Ua-gogo*, *U-gogo*, *Ki-gogo*.

Quando ao plural, nos casos gerais, os prefixos designam povo, tribo. *Arua*, usado pelos Kaffirs. *Ova*, entre Benguelá e a baía de Walfish. *A* ou *Akua*, de Loanda a Lunda. *Eshi*, *Ezi*, *Bashi*, *Bazi*, *Bena*, desde o Congo (Angóla) até o léste de Nyangwe. *Ba*, na baía do Congo e em grande parte da Africa Central. *Wa* *Ua*, no Leste Africano.

Os prefixos de maior emprego são dignos de nota. Homem: — *Mu*, *Um*, *Am*, *Mo*, *M*; *Ki*, *Tshi*, *Ka*, *Mushi*, *Mukuu*... Povo: — *Ba*, *Wa*, *Ua*, *Ovo*, *A*, *Va*, *Ama*; *I*, *Tu*, *Eshi*, *Ezi*, *Bashi*, *Bari*, *Bena*, *Akua*... Língua: — *Ki*, *Tshi*, *Chi*, *Shi*, *Si*, *Se*; *U*, *A*, *Li*, *Di*, *Lu*... Terra: — *Bu*, *U*, *Le*...

Exemplos:

	Homem	Povo	Lingua	Terra
Ganda	M-ganda	Ba-ganda	Lu-ganda	Ba-ganda
Luba	Mu-luba	Ba-luba	Ki-uba	U-luba
Gogo	Mu-gogo	Wa-gogo	Ki-gogo	U-gogo
Gwamba	Mo-gwamba	Ma-gwamba	Shi-gwamba	Le-suto
Suto	Mo-suto	Ba-suto	Se-suto	
Mbangala	Ki-mbangala	I-mbangala	U-mbangala	
Mbundu	O-tshi-mbundu	Ovi-mbundu	U-mbundu	
Lango	Mushi-lange	Bashi-lange	Kishi-lange	
Ngola	Mu-sua-ngola	Ak-aa-ngola	Di-ngola	

Excetuado o território dos Bátua, as linguas bantas são faladas na area cujos vertices são Kamerum, Zanzibar e Cabo da Boa Esperança. Em todas elas, *bantu*, *ova-ndu*, *ba-tu*, *a-tu*, significam "povo", "raça", embora que povo e raça sejam coisas diferentes. São centenas de linguas, ou melhor de dialetos, que provem de uma mesma "lingua-mãe", com a mesma gramatica,

si bem que diferentes, ou proximas, ou semelhantes, quanto aos vocabulos.

As grandes ou verdadeiras linguas bantas são: — o Kafir e o Zulu, o Se-chuana, o Shi-gwamla, ao sul da Africa; — as caracterizadas pelos prefixos *ora* ou *ovi*, ao norte e ao sul do rio Kaugene; — a lingua de Angóla, de Leanda ao rio Kuangu; — a do Congo, do rio Lifuate a Sette Kama e do Atlantico a Stanley Pool; — a lingua de Lunda; — o Kibokue ou Kioko, da confluencia do Kassai ás suas nascentes e circunvisinhanças; o Kishi-lange ou grande Iuba, da confluencia de Kassai e do Luebo ao lago Banguéolo; — o Kilofo, no delta do Congo; — o Xi-tele, do Equador até Stanley Pool, a 7° Lat. S.; — o Fan, do Gabun franceês ao out'ora Kamerum alemão; — o Lu-ganda, em Vitoria Nyanza; — o Ki-nianjr, em torno do lago Nyassa; — o Ki-snaili, de Zamzibar para o sudéste e nordéste; o *Kua*, de Moçambique, da qual o Norte do Brasil parece que não recebeu influencias, mas o sul, de Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais.

Kafir é um termo arabe que significa *infidel* e nós traduzimos, desde seculos, CAFRE. Era simplesmente um povo pagão composto, como ainda hoje, das tribus Xosa, Pondu e Tembu ou Dembu e cujo territorio recebeu o nome de *Cafária*.

Os Ingleses usam *Kafir* ou *Kaffir* em dois outros sentidos. O primeiro para designar Zulús e Cafres como distintos dos Bechuana, Hotentotes e negros do Sul da Africa. O segundo, em lugar de familia bantã ou de todos os negros abaixo do Equador.

Esta observação, como a outra que faremos adiante sobre *Guiné*, não deve escapar aos nossos Africanistas.

O primitivo nome de Angóla foi *Nyola* ou *Ndongo*. Os Portuguezes chamavam-na *Jinga*, mas esse nome era comum á *Guiné*, ou, nas línguas africanas, *Gin-nie* ou *Jin-nie*. Tambem GUINÉ' era todo o territorio sobre o Atlantico um pouco acima no Cabo Roxo, a uns 12° Lat. N. até o Cabo Negro, nos limites de Angola, ou, aproximadamente, a 16° Lat. S., — territorio esse fronteiro a toda nossa costa desde Belmonte, no Estado da Bahia, até o Cabo Orange e ainda até a Guatemala. Nas portos dessa *Guiné* embarcaram 99% dos escravos destinados a toda a America, pelo que *escravos de Guiné*, nos escritos antigos, podem ser de qualquer parte compreendida nesses 28° e não simplesmente da Guiné de hoje, como tambem podem não ser os que foram trazidos de portos do Golfo de Guiné.

A lingua principal de Angóla é o *Ki-imbundu*, que escrevemos QUIMBUNDO, levada pelos Portuguezes a Lunda e Lubuen e depois a Moçamedes, Benguela, Congo, S. Tomé e Príncipe, tornando-a, com alguns termos de outras línguas bantas, *Lingua Geral Africana*, sobre o que temos nos referido neste livro.

Tambem de termos de seus dialetos é rica a nossa Linguagem Popular, mas infelizmente ainda está tudo por se fazer quanto á colêta e etimologia dos vocabulos angolêses entrados e correntes no Brasil e em Portugal.

Conhecidos, — neste e nos casos adiante, os nomes das tribus e das línguas e seus dialetos, os Africanistas e Etimologistas poderão emprender obra segurissima em beneficio da Antropologia e da Linguagem.

Alem do Quimbundo, as línguas de Angóla nos trouxeram "milhares" de vocabulos ainda sem etymologia afro-negra definida e na maior parte não d'equipalizados, não só na Bahia, onde os Africanistas teimaram em afirmar que a *lingua geral* (sic) era o Nagô e, ao

contrário, temos trazido, linhas atrás, centenas de termos e provas da predominância da *Lingua Geral Africana* dos Portuguezes, como em todo Norte do Brasil, ou melhor, em todo nosso paiz.

Desses dialetos e povos podemos assinalar os seguintes: —

O *Umbundu* ou *Ambundu*, lingua dos Ovibundu, entre Benguela e o rio Kuangu. As tribus principais que o falavam e falam ainda hoje são Bailundo (*Ombundu*) e Bobó (*Oviyé*).

O *Kisumu*, lingua falada entre os rios Kuangu e Longa.

O *Inholu*, da tribu desse nome, entre Dongo, Pungo Adongo e Bailundo.

O *Huhu*, da tribu desse nome, falada entre os rios Kuanza, Ngangu e Kutatu.

O *Ochidonga*, ou lingua dos Ndonga ou Ondonga, entre as terras dos Herrero e os rios Kumeuc e Kubangu. Ndonga, Matamba e Ndanji formaram antigamente o territorio dos Ngola, nação que deu o nome a Angéla. Os Herrero chamam aos Ndonga *Ovambu* e á sua lingua *Olyambe*, ou seja lavradores e lingua de lavradores. As principais tribus de Ndonga de que nos vieram escravos são: — Unkuambi, Ongandyela, Unkualuze, Imbalantu, Ondombozóra, Unkuuianyama, Evale, Ekanda, Okagima e Ombadya.

O *Ndombe* ou *Bandombe*, lingua da tribu desse nome, entre Benguela e Mossamedes.

O *Ngambue* ou *Bangambue*, lingua da tribu desse nome no rio Kakulavare.

O *Ngangela*, *Bangangela* ou *Ovangangela*, lingua da tribu desse nome, á leste do alto Kunene e do Kuanza.

E, dentre as linguas tambem comuns ao territorio do Congo: —

O *Songo*, entre Malange e as cabeceiras do Luandu.

O *Mbamba*, entre os rios Mibidji e Logi.

O *Umbangala, Imbangala*, ou, impropriamente *Kassange* ou Cassanje, entre o Kuangu e Tala Mungongu. *Kassanji* é título do principal da tribo: — termo usado no Brasil no sentido de lingua incompreensivel. — *cassange*

A lingua do Congo, ou antes da antiga nação de uma e da outra marrens lo Congo de que nos vieram muitos escravos, interessa vivamente os Brasileiros.

O CONGUEZ nos oferece duas variantes: — o *Kishi-congo*, ou lingua da elite e dos que falam bem, e o *Ki-congo*, ou lingua vulgar. Isso não importa que se o tenha como semelhante ao Quibundo como o Portoguez e o Espanhol, ou como o Tupi e o Guarani. A christianização, fosse por meio de catholicos, fosse por meio de protestantes, preferiu o Ki-congo ao Kishi-congo, tornando aquelle uma grande e moderna lingua africana.

Os dialetos, *hangu*, das principais tribus, Mbamba, Sundi, Pangu, Songu ou Souhu, Batta, Pemba, & são chamados *Mbamba hangu, Sundi-hangu, &*. Ao norte, as tribus falam dialetos, *hangu*, de Lurangu, Kagongu e Ngoio, todos com mistura de Ki-congo e Kishi-congo.

Spix e Martius, — *Reise in Brasilien*, — falam em Macuas e Angicos, ou negros de Moçambique trazidos como escravos para o Brasil. A proposito, diz Nina Rodrigues, — *Os Africanos no Brasil*, — "não encontro vestigios dos que eles chamam *Angicos*", mas estes eram os mesmos Macua que apresentavam a pele vermelha e assim receberam uma denominação brasileira e alusiva ao *angico*, *Acacia Angico*, &.

A lingua dos negros de Moçambique, *Konde* ou *MACONDE*, sendo KUA ou *Macua*, parece, como já disse mos, não ter influido na Linguagem Popular do Norte do Brasil, da Bahia para cima, mas, de algum modo, na

do Sul, especialmente do Rio de Janeiro para Minas Gerais, onde o povo chamava a esses escravos *Mozambiques* e não *Makúas*.

Com esses negros da Contra-Costa Africana vieram também *Hovas*, de Madagascar, então conquistada pelos Portuguezes, que falavam MALAGASI.

E' bem possível que houvesse importação de *Mozambiques* na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão, onde os navios negreiros de contrabandistas facilmente conseguiam despejar escravos e onde, especialmente na Bahia, aportavam navios que faziam a rota do Cabo da Boa Esperança vindos dos domínios portuguezes da Africa e da Asia, como se poderá ver em documentos dos Arquivos de Marinha e Ultramar de Lisboa.

Os *Konde* ou *Makonde* que vieram para o Brasil, onde se os chamou de *Makúá* menos do que de *Mozambique*, tatuavam-se por si mesmos. As mulheres usavam o *pilili*, ou *piléle*, lamina de madeira branca enfiada no labio superior, o que as disfigurava sobremodo. *Piléle* é hoje, na Linguagem Popular, exgravatador de unhas feito de pau de laranjeira.

A *Nigricia*, nome generico e eradito do Sudão, canalizou os seus negros mais para a Bahia do que para todo o resto do Brasil.

Ha muita gente que confunde *Nigricia* com *Nigeria*, que é parte da *Nigricia*, sem atentar que *Nigéria* é de formação barbara, embora que ambos os nomes venham do mesmo etimo latino *niger*, negro.

Nigritia, *Nigricia*, — a terra dos negros. *Nigéria*, o territorio que forma o vale do rio Niger, perto da Costa dos Escravos, hoje sob dominio inglés: — *Jaliba* ou *Kworra*.

Linguas nigriticas ou *sudanésas*, são pois as linguas da *Nigricia* ou do Sudão, compostas somente de elementos sudanéses.

A lingua sudanêsa mais corrente na Bahia, ou, pelo menos a que mais influia nos meios afro-negros e creoulos como lingua commum ao culto fetichista e tambem maior numero de vocabulos trouxe á Gria Culinaria, foi o NAGÔ, africanamente cham da YORÚBA e tambem YARIBA, sendo esta ultima designação rarissima nos escritos antigos e de todo esquecida nos dos Africanistas Brasileiros.

Os Nagôs ou Iorubanos perderam desde muito seu antigo território, no que jamais se conformaram, e foram tangidos pelos conquistadores negros para as proximidades da Costa dos Escravos, — o que tem dado lugar a muitos erros dos que neles acreditaram, — erros que procuraremos corrigir linhas adiante.

Hoje estão circunscritos, na Costa dos Escravos, entre Dahomey e Benin e pelo Niger acima. Chamam-se a si mesmo *Eyo* e, na Serra Leão, tomam o nome de *Aku*. Sua antiga capital era Oyo, mas hoje sua principal cidade é Ibadan ou Lágos.

Os *Ibo* ou *Ibo*, tambem escrito *Egbo*, são havidos como Iorubanos pelos nossos creoulos, mas, na realidade, sempre formaram uma nação distinta.

Note-se EGBO, — que tem sido causa de toda a confusão, — e assinale-se a particularidade de ser *Egbo* o nome da sociedade secreta dos Effik, do Calabar, que usam mascaras, pintam os próprios corpos e sacrificam animais, especialmente bois, e falam o Iboko e o Ibdio.

Nina Rodrigues, a proposito de *Egbá*, que ele tambem considerou uma pequena nação iorubana, diz que “muitos negros não pronunciam o *g*, donde vem encontrar-se em documentos do trafico e da escravidão a designação dos negros de *Ebá* ou simplesmente negros *Bá*”.

O fato desses BA falarem nagô no Brasil não os faz iorubanos. Seu território ia do vértice do delta de Niger e se estendia para norte e leste. Sua lingua prin-

cipal era o IBO, mas a que se fez mais importante e mais falada foi a dos Isoama, pela preferéncia que lhe deram os Missionarios Ingleses. Aléu dessas ha o Eludgu, o Abadja e o Abo.

No déltá do Niger moram ainda os Idzo, que falam Idzo, com os dialetos das tribus de Benny, Novo Calabar, Akassa e Oarika.

Entre o Ibo e o Binue, na margem leste do Niger, ha os Igara ou Igala, cuja lingua, Igara ou Igala, é uma mistura de Yomba com a lingua nativa Akpotto. Sua cidade principal é Ida ou Idda.

Des Igara, tribu das margens de Binue, cuja cidade principal é também Igbira, nos vieram os Igbira, que apresentam mais afinidades com os Nupe ou Tapa e os Yomba de que com os Igara ou Igala. Na Bahía, os escravos e a lingua foram chamados EGBA, PANDA, ou FANDA, e raramente *Igbira*.

Outra nação que os creoulos chamam iorubana é a dos Nupe, Nife, ou TAPPA, aliás separada por Nina Rodrigues, mas por ele mesmo havida como iorubana.

Os Nupe, Nife, ou Tapa como chamavam os Hausás e os Bahianos adotaram, formavam um reino independente no vale do Niger até a confluéncia do Binue, tendo por cidades mais importantes Bida, Rabba, Egga e Ilorim.

As principais linguas dos Tapa são o Basa-Komi, o Gbedeghi e o Biui, todas com os tons musicais do Iorúba e do Ibo.

Do nome dos Gbedeghi nos veio o Termo Popular *bedegúns*: — que parece mas não é; que parece mas não serve; que parece bonito mas é feio; que devia ser alto e é baixo; que parecia bonito e é feio; que parecia uma coisa e é outra. O termo ainda tem outras acepções: —

berlôque barato; figa; qualquer objeto pequeno cujo nome não se sabe; bolsinha de couro para niqueis; caderninho ou livrinho; dinheiros poucos.

Na primeira parte deste livro nos referimos aos **SUSSU'** ou So-so, como também, lihas acima, quando falamos sobre sufixos, aos **MANDINGAS**, á cuja familia linguistica pertence o dialeto daqueles, sendo uns e outros nigriticos ou sudaneses. Também, em *Furundungo*, paginas 290 e 353, nos referimos a *mandinga* como Termo Popular.

Os Ewe, Ebuê, ou, como dizem os Brasileiros, **GÊGE**, viviam entre os rios Volta e Yorúba, numa região a que chamavam, como ainda hoje, *Ewe-wo*, o domicilio, a casa, as terras, a patria dos Ewe.

Suas tribus principais contribuíram para a formação ethnica do Brasil e também para a riqueza de nossa Linguagem Popular, mas é necessario que as separemos para que o Leitor não se confunda como até agora.

As crônicas falam bastante dos **MAHY** ou **MAH**, do alto Volta, sempre muito perseguidos pelos outros Gêge. O nome é, conforme a religião mahometana, Mahdî ou Mehdee, — o mediador temporal e espiritual que ha de apparecer nos dias finais ou de juizo.

Os Dahomey, cujo nome verdadeiro é **FON**, vão hoje da Costa dos Escravos aos limites das colunas militares da Africa Francêsa. Sua lingua é bem proxima da geral, ou dos Gêge. No seculo XIX, a maior parte dos escravos dessa nação, Ewe, era dessa tribu. Os creoulos os confundem com os seguintes.

Os Wets, ou Whidah, ou **POPO**, eram da Costa dos Escravos, por cima da Costa do Ouro. Whidah ou Whidah den, em portuguez, *Ajudá*, S. João de Ajudá, de onde nos vieram muitos escravos do Grande Popo, que hoje pertence á França, e do Pequeno Popo que, me-

na le & Alemanha, esta o perdeu com a Grande Guerra. Wets, Whydah e Popo eram uma só tribu e uma só lingua. Os CAMARÕES vieram do Pequeno Popo.

Os Anfoe são os EFAN dos Bahianos. Ficavam entre os Popo e os Ashanti.

Os Anlo, conhecidos na Bahia e em Pernambuco por ANDRA, foram os que tomaram parte saliente na guerra contra os Holandêses.

Do norte da Costa do Ouro nos vieram os ASHANTI, Ashantes, ou Sianti, SANTÉ dos Bahianos. Sua lingua, que não tinha os mesmos limites do reino, mas era falada entre os rios Asano e Tino, no Volta e no alto Congo, — chamava-se *Otahi*, comumente dita *Ashenti*. Na Côte falava-se a lingua dos Akan. As mais disseminadas eram o Akwapim, de grande preferencia dos naturais, o BRON, que certamente foi falado na Bahia, pois recebeu escravos dessa tribu, e o FANTI, dialeto dos FANTIS a que se referem documentos antigos, o Coude dos Arces e Nina Rodrigues.

Os Portuguezes foram realmente os maiores negociantes de escravos da Costa d'África e tambem os maiores dominadores das terras litoraneas dos Bantos e dos Sudanêses, das quais, sem exceção de uma só, trouxeram escravos, em maior ou menor numero, para o Brasil.

Das terras que formam a actual Libéria, figuram, em escritos nacionaes, como Gê ou *Gebe*, e tambem como *Gêge*, escravos GREBO ou Gedebo que occupavam ambos os lados do rio Cavala, — o que vem salientar outro engano de alguns dos nossos Africanistas.

Alinda a lingua dos Kru ou Croo, a dos Grebo, como a destes e dos Bessa, é havida por Fried. Muller como um dos ramos dos Mena, dizendo tambem os ethnographos que essa tribu emigrou do Centro para a Costa da Africa.

Ha tambem outro ponto digno de nota. Os Kru, tribu da Liberia, entre os Bassa e os Grebo, se orgulham de nunca terem sido escravos. Modernamente falam, em comum com a sua lingua, o Ingles Creoulo, mas submetendo os termos ás regras de sua gramatica.

Não ha *Negros Minas* nem sob o ponto de vista etno-grafico, nem, particularizando sob o ponto de vista linguístico, mas simplesmente em *Mina* ha uma referencia a El-Mina ou Mina que se tornou um grande emporio de escravos.

Tambem não ha motivo para se os apresenta como negros das linguas Tshie e Ge da Costa do Ouro, o que vai ser facil ao Leitor verificar comparando as linhas adiante com as linhas acima sobre Achantis, Gêges, Nagôs e Gebros.

Nina Rodrigues distribue os Minas ajuntando que, no Rio de Janeiro, os Bantos assum denominação "todos os negros das Cestas do Ouro, do Marfim e dos Escravos. Essa denominação corresponde, aliás, a dos documentos dos arquivos que raramente dizem: — tantos Minas de Dahomey, tantos minas de tal ou qual parte.

Dest'arte, os Minas eram somente sudanêses, mas, num dos lapsos de Nina, referindo-se só aos escravos da Nigricia, diz que "o forte de El-Mina, ou da Mina", "foi emporio de tal ordem" "no comereio de escravos em grosso" "*que chegou a tornar sinonimos os termos africano e mina*". "Africano" está aí empregado no sentido de negro ou de escravo, mas atinge Bantos e Sudanêses, o que estava de accordo com a Linguagem Popular que amplia inconscientemente os sentidos dos termos.

No Maranhão, o grande mestre dos Africanistas Brasileiros encontrou como sendo Minas, uma velha *gêge* e outra *nagô*. Na Bahia, achou a tradição "conservada": — *Minas-Achantis* e *Minas-Popo*. Referim-se

a Debret que menciona, no Rio de Janeiro, *Minas-Nejós*, *Minas-Mahyis* e *Minas-Cavalos* e considerou "provavelmente" Gêge-Mahyis os segundos, Nagôs os primeiros, sem nada dizer sobre os últimos.

A "lei de expressão" não deixa dúvidas: — *Mina* antecede o nome da nação ou da tribo.

Minas Achantís, — ou *Minas Santés*, — negros do reino dos Achantís ou Santés.

Minas-Popos, — negros da tribo dos Wets, Whidah ou Popo da nação Gêge.

Minas Nejós, — negros da nação Nagô, Nejô ou Najô, nomes que os Brasileiros tomaram aos francezes.

Minas Mahis, — negros da tribo dos Mahyis da nação Gêge.

Minas-Cavalos, — negros da nação Grebo, oriundos das margens do rio Cavala.

Minas e Negros Minas, não sendo raça, nem povo, nem nação, nem tribo, nem lingua, nem dialéto, não merecem particularização por parte dos Africanistas.

Restabelecendo e ordenando as nações, as tribus, as linguas e os dialétos dos escravos que o Brasil recebeu, não nos cabe encher paginas sobre historia, etnografia, linguistica, &c., mas limitar os paragrafos a um minimo que permita aos novos Africanistas uma direção segura e sobretudo inteligente.

Demais, — não fosse esse o nosso proposito, — somos avêssos ás provas futeis de erudição illusória que se marca pelo cumulo ou pela exposição de materia sem interesse ou sem applicação no assunto estudado ou tratado, — e, — por sermos assim, preferimos reproduzir, como estamos fazendo, "servilmente", palavras alheias, mas autorizadas, ao lado das nossas, produto de investigações pessoais.

Examine o Leitor os pontos em que divergimos ou nos distanciamos dos que nos antecederam e veja que o

arrastamos a um criterio scientifico de mais alta significação para a conquista rapida de obras e publicações, gerais ou especializadas, sobre assuntos afro-negros, — o que lhe permitirá, com mais prestez e muito menor esforço, chegar a conhecimentos altamente perfectos sobre o que interessa a tais estudos em nosso paiz.

Volte, pois, suas vistas para as paginas anteriores, desde a em que iniciamos este resumo sobre nações e linguas dos escravos que nos vieram da Africa, e certifique-se de que ha alguma coisa a considerar. As linguas e povos BATUA, que pareciam separados ou isolados de nossa Historia, apparecem nos *Balaies*, nos *San* e nos *Cambitos*. As linguas e povos BANTOS apresentam somente o que deve ser de mais immediato interesse conhecer e pesquisar. As linguas e povos puramente SUDANESES ou misturados entre si ficaram lidas acima para não se confundirem com outros, tambem do Sudão, mas de origens diferentes, que vão ser apreciados, tambem em resumo, no grupo NUBA-FULAH ou PUL.

Friedrik Muller e, como ele, o dr. R. N. Cust e muitos outros, classificaram, sob o nome de NUBA-FULAH, um grupo de linguas que não formam uma familia e um grupo de tribus que não formam uma raça.

A esses grupos, como um deles, pertencem os Nuru-ma ou N'buli, conhecidos na Bahir por GURUNNIS, Gurmeis, Gruncis, Guresi, Grunsi e tambem GALLINIAS. Designação esta que foi anteriormente dada aos escravos de Gu.a.

As linguas dos Nuba são geralmente misturas dos dialetos das tribus Maha ou Sukhed, Kenis, Dongola e Fadish. Embora que a estrutura dessas linguas seja nigritica, os Nuba são, quanto a raça, mistura de Hamitas e Nigriticas, — o que não entargou Lepsius de admitir fossem descendentes dos antigos Haau.

Os Nuba-Fulah compreendem Nuba, Koldaji, Fumale, Konjara, Kwafi, Masai, Berta, Kamamil, Funji, Greg, Nyam-nyam, Mombuttu e os Fulahs do oeste do Sudão.

Os Fulah, os Masai e os Kwafi são mais próximos dos Hamitas em raça e costumes. Os Nyam-nyam e os Mombuttu, mais dos Nigríticos.

Os FULAH, Fitani, Fulbi, FULO, Peúl, ou PUL, falavam a lingua FULFULDE e espalhavam-se, como nação, no territorio sudanês, desde o Senegal até o Wadai e ao sul até Adamawa, nome este mais conhecido na Bahia por *Adamaná*, ao qual Nina Rodrigues attribuiu uma raça de Bornús, — pag. 167 de *Os Africanos no Brasil*, quando esta é a mesma dos *Kanuri*, de que ele trata em paginas 212 e 217 a 220 da mesma obra. (Deve-se, pois, substituir a palavra *Adamaná* pela verdadeira *Kanuri*, á referida pag. 167).

As grandes linguas Fulah são as dos Futa-Zalon, Futa-toro, Sokoto, Haussá e Bornú ou Kanuri, usando todas a escrita arabica, o que aliás é comum a todas dos grupos Nigríticos e Nuba-Fulah.

Os Futa-Zalon, ou FULAH-FULAH, ficavam ao sul da Senegambia e tinham Timbo como cidade principal. Pretos de raça branca eram também chamados, na Bahia e em Pernambuco FULAH-PURO.

Os Futa-Toro, ou *Toucouleur* dos Francêses, PRETOS-FULOS dos Brasileiros, havidos como sendo os mais intolerantes mahometanos da Africa, mas excellentes lavradores e ceradores, viviam ao norte da Senegambia e eram uma mistura de Fulah e Woloff ou Joloff e não de Fulah e Banto (?), como se tem dito algumas vezes, nem de Fulah e Mandingo, como pensavam os Portugueses.

Os Sokoto, também chamados Kano, donde a sua confusão com os Kanuri, vivem entre Ganda e Bornu e eram chamados, na Bahia, FULAH-VERMELHO em alusão á cor de cobre, e, em alguns pontos do Recôncavo Bahiano, FULAH-CABOCLO.

Os HAUSSA', no Norte dos rios Niger e Benue, no Sudão Central, formam a nação mais importante de todas as nigríticas ou sudanesas e nuba-fulah ou pul. É um grupo nigrítico da raça banto-negra misturada com elementos hamíticos. Conforme a tradição, aliás repetida na Bahia, descendem de pais negros e mães berberes. Sua lingua, vulgarmente chamada *Haussá*, é o KATSE-NA, haviãa como literaria por excellencia e na qual se encontram os melhores escritos deles e de toda a Africa Negra. Alem delas falam-se, no território de sua antiga nação, o Kano, ou Sokoto, de que já tratamos acima, o Gober e o Daura. Os Fulah penetraram, no seculo XVI, em seu territorio, mas, somente em 1802, Othman dan Fodio conseguiu fundar o grande e sonhado imperio Fulah.

Os KANURI viviam perto do lago Chad no Sudão Central. Sua lingua é bem distinta das Haussá e uma boa parte de seu vocabulario foi recolhida por Nina Rodrigues na Bahia. São muito semelhantes aos Kanembu, seus vizinhos, mas guardam a tradição de que descendem dos Tibbu ou Teça do deserto da Libia. Islamitas, subjurgaram as tribus vizinhas, sem muito conseguirem dos Beda, Pyea e Ayoc, adeptos do Paganismo. Depois do advento do reino de Bornu, que elles fundaram, o KANEM tornou-se lingua official, embora se falem outras como o Munio, o Gazir, o Nguru, esta composta dos dialéto das tribus Wanguru, Wahumba, Weehambada. O Kanem é lingua do nordeste do lago Chad, hoje sob a influencia dos Francêses.

Os *Walef*, *Waloff*, *Woloff* e os *Yalof*, *Yaloff*. *Jalof* ou *Ja'off*, ou, como dizem os Brasileiros, **VOLOFOS** e **JALOFOS**, formaram uma importante nação entre os rios Senegal, Fulemé e Gambia, cujos portos de São Luiz e Dakar serviam aos territórios de *Walof*, *Cayor*, *Baol* e *Jalof*, cada qual com o seu dialéto, mas sendo o *Walof* lingua comum, bastante rica em formas gramaticais, embora isolada no conjunto linguístico africano.

Assim, em vez de dizermos *Bantos* e *Sudanêses*, como elementos étnicos, devemos dizer, **BATUAS**, **BANTOS**, **SUDANÊSES** e **NUBAS-FULAH**.

Com esses poucos elementos sobre nações, tribos, linguas e dialétos da Africa, resumidos e precisos como são, qualquer que traduza de preferença francês, alemão, mas especialmente inglês, está franca e positivamente habilitado a penetrar, com exito absoluto e por meios simples, immediatos e baratos, nos mais delicados assuntos relativos ao passado do Negro Brasileiro.

Não aconselhamos enverêde o Neofito, em suas pesquisas linguisticas, no emaranhado dos "palavras-afins", *Leitworte* dos alemães, em busca do parentesco das linguas filiaças pelos escravos, pois esse trabalho, alem de afanoso e possivelmente sem autoridade linguistica, seria prematuro ou improficuo na atualidade brasileira. Antes busque, por mais proveitoso e necessario, nos vocabularios dos idiomas acima assinalados, — bantos, nigriticos, nubas-fulah e batusas, — os étimos dos termos correntes em nossa Linguagem Popular que, ou figuram como de indeterminada procedencia africana, ou ainda estão por ser coligidos ou "dicionarizados".

Aos etnografos nos dispensamos do aviso. Sabem onde buscar tudo que o tempo esqueceu ou não registou e estabelecer as variações proprias aos meios e á Civilização.

Conclusão

Vimos ao Folk-Lore encarando-o sob um prisma independente e como elemento ou fonte de Linguagem Popular.

Não fomos, nem podíamos ser, quizessemos ou não, um artista ou um estéta.

Nas obras de divulgação, a simplicidade deve preferir tanto quanto possível o emprego de termos complicados e fugir ao tentador encanto das derivações para o campo literario.

Nem-uma surpresa nos dep.rou chegado ao termo deste livro: — Não comporta ele outras peças esligidas, nem mesmo as de produção creoula, pois sua feitura não obedecen a fins meramente recreativos.

Relêve o Leitor a extensão desta obra. Procuramos sintetiza-la o mais possível para nao se tornar, pelo grande cabedal de materia nova, velha sob qualquer aspecto ou repetição do que outros já disseram. É certo que isso conseguimos.

Tambem nela cabia, como coube, a *Primeira Parte*, basica para a obra subsequente e, possivelmente, para outras que, si o tempo não nos faltar e a idade permitir, serão redigidas e publicadas.

A obra posterior, companheira desta, será — AS TRADIÇÕES AFRICANAS NO BRASIL.

* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Xavier de Toledo, 72 -- São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em setembro de 1937.

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Batista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Paulo de Castro: O Maracá de Parícuta — 2.ª edição.
- 3 — A. L. de Sá: A Índia de Alberto Torres e o Brasil — Com índice remissivo. — Olinda, 1921: Hagel e A. S. — Edição — 3.ª edição (aumentada).
- 4 — A. L. de Sá: De Saint-Ilhéus: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Tradução de prof. de Afonso de E. Taunay.
- 5 — Batista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 6 — Batista Pereira: Dietetiza do Itua Emboua — (Segunda Viagem com João de Sá).
- 7 — Osório de Almeida: Populações Meridionais do Brasil — 3.ª edição.
- 8 — N. de Albuquerque: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Fernando de Azevedo). Profundamente estudado — 2.ª edição.
- 9 — Oliveira Vianna: Evolução do Novo Brasil — 2.ª edição (revisada).
- 10 — Luis da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. ilustrado.
- 11 — Wanderley Pinha: Cartas do Imperador Pedro II ao Marão de Cásterpe — Vol. ilustrado.
- 12 — Vicente Licínio Coelho: A margem da História do Brasil.
- 13 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 14 — Pandiá Calógeras: Da Recuperação à queda de Roraima — 2.ª edição (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 15 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 17 — V. cond. de Taunay: Pedro II.
- 18 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sécs. XVI-XVIII).
- 19 — Alberto de Faria: Mauá (com três ilustrações em cores do texto).
- 20 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 21 — E. Rodrigues: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 22 — Evaristo de Mornis: A escravidão africana no Brasil.
- 23 — Paulo Calógeras: Problemas de Administração.
- 24 — Manoel Marinho: A Região do Nordeste.
- 25 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 26 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 27 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 3.ª edição.
- 28 — João de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Calógeras.
- 29 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. ilustrada.
- 30 — Ary de Sá: O Brasil na crise atual.
- 31 — C. de Melo-Lestão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. ilustrada. (com 19 figuras).
- 32 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 33 — Anygma Costa: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
- 34 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada.
- 35 — Alfredo Calógeras: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 36 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Possuidores do Brasil — Ed. ilustrada.
- 37 — Rui Portugal: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas, Prefácios e apontamentos por Américo Jacob da Lacerda) — Ed. ilustrada.
- 38 — E. Poncet d'Arto: Roraima — 3.ª edição (revisada e ilustrada).
- 39 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.ª edição — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição.
- 40 — José Maria Belo: A inteligência do Brasil.
- 41 — Pandiá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 2.ª edição (com 3 mapas fora do texto).
- 42 — A. Sá de Sá: Alberto Torres e sua obra.
- 43 — Paulo Pinto: Os indígenas do Nordeste (com 12 gravuras e mapas) — 1.ª edição.
- 44 — História de Maranhão: Exposição Geográfica do Brasil Colonial.
- 45 — Alfredo de Mesquita: A influência africana no português do Brasil — Ed. ilustrada.
- 46 — Manoel Bandeira: O Brasil — Contos e poemas selecionados de Carlos Mauá.
- 47 — Oliveira Vianna: Bandeirantes e sertanistas lusos.
- 48 — Carlos Burattini: História Militar do Brasil — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 49 — Manoel Teixeira: Projéctio Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calógeras — 2.ª edição amplificada.
- 50 — Oliveira e Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 51 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.

